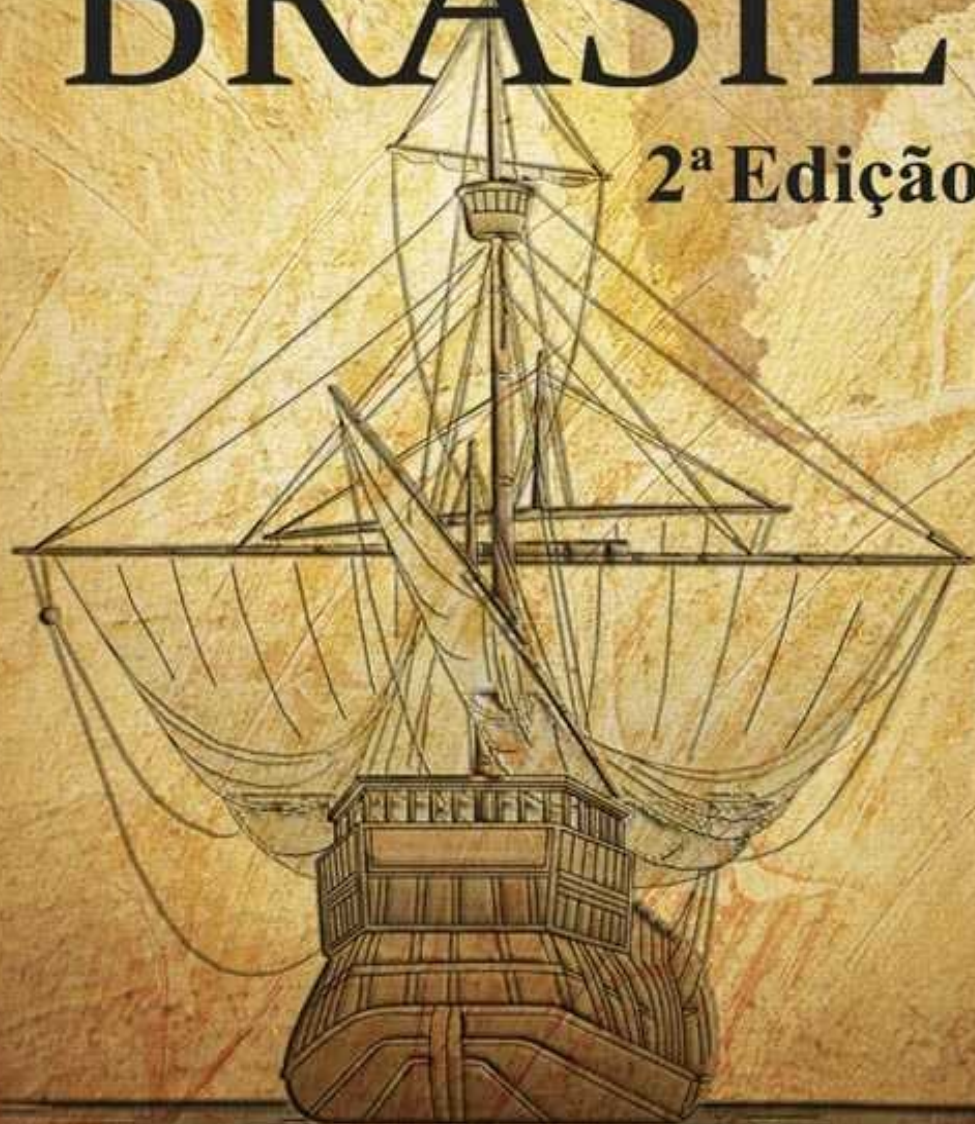


Luiz Antonio Giraldi

História da Bíblia no BRASIL

2ª Edição

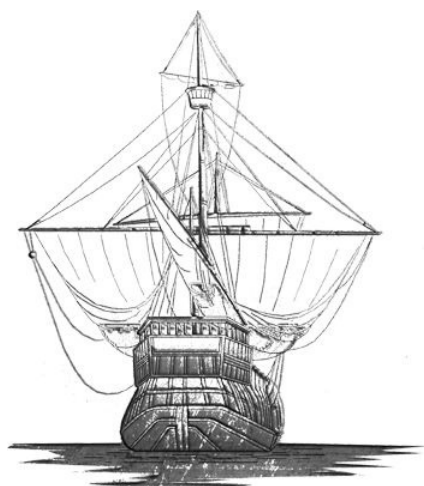


Sociedade Bíblica
do Brasil



Luiz Antonio Giraldi

História da Bíblia no BRASIL



2ª edição

Sociedade Bíblica do Brasil

Missão da Sociedade Bíblica do Brasil:

Promover a difusão da Bíblia e sua mensagem como instrumento de transformação espiritual, de fortalecimento dos valores éticos e morais e de incentivo ao desenvolvimento humano, nos aspectos espiritual, educacional, cultural e social, em âmbito nacional.

G433h

Giraldi, Luiz Antonio

História da Bíblia no Brasil / Luiz Antonio Giraldi. Barueri, SP : Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

ISBN:

978-85-311-1341-3 (formato ePub)

978-85-311-1473-1 (formato Mobi)

Contém índices, cronologias, bibliografia e galeria de fotos.

1. Bíblia Sagrada 2. História da Bíblia 3. A Bíblia no Brasil

I. Título

220.81

O conteúdo do texto é de inteira responsabilidade do seu autor e não reflete, necessariamente, a posição da Sociedade Bíblica do Brasil, que publica a presente edição no intuito de servir o Senhor Jesus Cristo e ajudar o leitor a conhecer a história do Livro Sagrado no Brasil.

História da Bíblia no Brasil

© 2008 Sociedade Bíblica do Brasil

Av. Ceci, 706 – Tamboré

Barueri, SP – CEP 06460-120

Cx. Postal 330 – CEP 06453-970

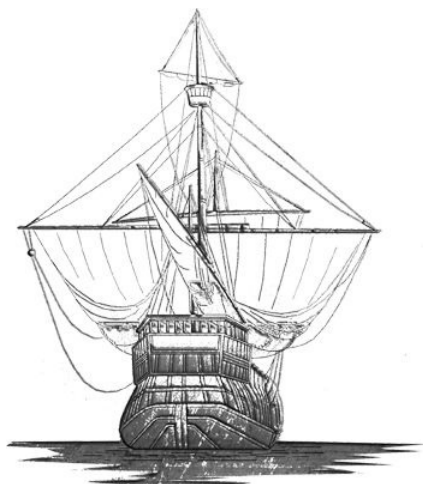
Visite nosso site www.sbb.org.br

Todos os direitos reservados

Projeto gráfico, revisão e edição:

Sociedade Bíblica do Brasil

Sumário



INÍCIO

FOLHA DE ROSTO

COLOFÃO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

I. COMO A BÍBLIA CHEGOU AO BRASIL 54-1808

1. O livro dos milagres
2. A Bíblia no início da era cristã
3. A Bíblia antes da Reforma
4. O martírio de um tradutor da Bíblia
5. A Bíblia depois da Reforma
6. As primeiras Bíblias no Brasil
7. A tradução protestante de Almeida
8. A tradução católica de Figueiredo
9. “Só aceito se for uma Bíblia católica”
10. A fundação da primeira Sociedade Bíblica
11. O escravo que se tornou Bispo

II. A BÍBLIA NO BRASIL IMPÉRIO 1808-1889

1. A Igreja e o Estado no Brasil Império
2. D. João VI abre os portos do Brasil

3. As Sociedades Bíblicas enviam as primeiras Bíblias
4. Os protestantes chegam ao Brasil
5. O primeiro representante da SBA no Brasil
6. Os primeiros agentes da SBA no Brasil
7. A primeira Igreja Evangélica no Brasil
8. A SBA consolida seu trabalho no Brasil
9. Os agentes da SBBE
10. Como a Bíblia chegou a Guarapuava

III. D. PEDRO II E A BÍBLIA 1840-1889

1. O grande monarca brasileiro
2. Seu amor pelo Brasil e pela Bíblia
3. Sua amizade com o agente da Sociedade Bíblica Americana
4. Seus conflitos com a Igreja
5. A libertação do colportor
6. Sua visita aos Estados Unidos
7. Seu apoio aos evangélicos e às Sociedades Bíblicas

IV. A BÍBLIA NO BRASIL REPÚBLICA 1889-1948

1. O Brasil República
2. A Encíclica do Papa Leão XIII
3. A Versão Revista e Corrigida de Almeida
4. A Tradução Brasileira da Bíblia
5. A primeira Bíblia do Presidente
6. O Movimento Pentecostal
7. Telford, o grande Agente da SBBE
8. A tradução católica de Matos Soares
9. Os Novos Testamentos enviados pelo Correio

V. TUCKER, MEIO SÉCULO NO BRASIL 1886-1934

1. Tucker, no início do Brasil República
2. O livro do escravo
3. Os imigrantes italianos recebem a Bíblia
4. A SBA e SBBE definem suas áreas de trabalho

5. As dificuldades durante a 1ª Guerra Mundial
6. O Rev. Tucker recebe a Ordem do Cruzeiro do Sul
7. A SBA constrói o primeiro Edifício da Bíblia
8. Ministério longo e abençoado
9. O Evangelho enlameado

VI. AS SOCIEDADES BÍBLICAS SE UNIFICAM NO BRASIL 1934-1948

1. O Rev. Turner enfrenta tempos difíceis
2. As Sociedades Bíblicas e a 2ª Guerra Mundial
3. Os batistas publicam a Bíblia
4. A unificação das Sociedades Bíblicas no Brasil
5. A Encíclica do Papa Pio XII sobre a Bíblia
6. A SBA constrói o segundo Edifício da Bíblia
7. Um punhal por uma Bíblia

VII. A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL 1948

1. Circunstâncias favoráveis
2. A eleição da Diretoria
3. A eleição do primeiro Presidente
4. A cerimônia de fundação
5. A palavra do Secretário Executivo da SBA
6. A palavra do Secretário Executivo das SBUs
7. A palavra do Secretário Executivo da SBBE
8. A palavra do Secretário Executivo da SBB
9. A palavra dos representantes das Igrejas
10. A palavra do Presidente da SBB
11. O termo de inauguração
12. O Evangelho varrido

VIII. O RENASCIMENTO DA COLPORTAGEM 1948 E 1960

1. O Brasil nos anos 50
2. O selo comemorativo do Dia da Bíblia
3. Liberada a importação de Bíblias
4. As primeiras Bíblias impressas pela SBB no Brasil

5. A contribuição do Rev. Lewis M. Bratcher Jr.
6. O Concílio Mundial das SBUs no Brasil
7. O Rev. Benjamim Moraes é eleito Presidente
8. Os colportores profissionais
9. Tudo começou com a visita do colportor
10. Os colportores das Igrejas
11. O Instituto Francisco Penzotti
12. As campanhas de colportagem
13. As novas Secretarias Regionais
14. O salto na distribuição de Bíblias
15. José Araújo, o colportor cego

IX. A VERSÃO REVISTA E ATUALIZADA DA TRADUÇÃO DE ALMEIDA 1943-1959

1. Como a revisão começou
2. A organização da Comissão
3. Os redatores da Comissão
4. A Bíblia do Rev. Gonçalves
5. Os membros da Comissão de Tradução
6. O final da revisão
7. O lançamento da nova Versão
8. Analfabeta, porém leitora da Bíblia

X. NASCE O PROJETO LUZ NA AMAZÔNIA 1961-1970

1. Período de grandes mudanças
2. Brasileira vence o Concurso Bíblico Internacional
3. Sociedades Bíblicas Unidas retiram seus Secretários
4. A chuva de Evangelhos
5. A necessidade de um barco da Bíblia
6. A doação da Sociedade Bíblica da Escócia
7. A inauguração do Barco *Luz na Amazônia*
8. As primeiras viagens do Barco *Luz na Amazônia*
9. Surge o projeto social
10. Os títulos recebidos pela SBB

11. O 1º Concurso Bíblico Nacional
12. Cresce a distribuição de Porções Bíblicas
13. A Bíblia achada no baú

XI. CRISE E SUPERAÇÃO 1971-1980

1. Nasce o Movimento Neopentecostal
2. O segundo Concurso Bíblico Nacional
3. O Edifício da Bíblia em Brasília
4. O Pr. David Gomes é eleito Presidente
5. A SBB perde seu líder no Amazonas
6. Crise e superação
7. Os monumentos e praças da Bíblia
8. Os Sócios Intercessores
9. As igrejas adotam as Seleções Bíblicas
10. A Seleção Bíblica lida na prisão

XII. O NOVO TESTAMENTO NA LINGUAGEM DE HOJE 1966-1973

1. O Seminário de Tradução no Rio de Janeiro
2. Os princípios de tradução do TLH
3. A escolha do tradutor
4. O trabalho da Comissão de Tradução
5. Um chamado de Deus
6. O lançamento do TLH
7. O Novo Testamento na Linguagem de Hoje é sucesso de vendas
8. A reação à nova tradução

XIII. LIDERANÇA NA DISTRIBUIÇÃO DE ESCRITURAS 1980-1989

1. O retorno da democracia
2. A Bíblia de Jerusalém
3. Aposenta-se o Rev. Quintanilha
4. As exposições da Bíblia
5. O Dr. Clayton Rossi é eleito Presidente
6. A Bíblia Personalizada
7. Aposenta-se Leonor Raeder

8. O Homem da Bíblia
9. O Sócio Evangelizador
10. A SBB tem novo Secretário-Geral
11. O Rev. Rodolfo Garcia Nogueira é eleito Presidente
12. Primeiro lugar em distribuição de Escrituras
13. Aposenta-se o Rev. Ewaldo Alves
14. O Projeto 2000
15. A Sede da SBB é transferida para Barueri
16. O Novo Testamento Português-Japonês
17. Cooperação com outros países
18. A Encadernadora própria
19. O Edifício da Bíblia em Alphaville
20. O Barco *Luz na Amazônia II*
21. Dobra o número de Bíblias distribuídas
22. A Bíblia desaparecida

XIV. A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE 1966-1988

1. As principais traduções da Bíblia em português
2. A Comissão de Tradução da BLH
3. Os saudosos colaboradores da BLH
4. As fases da tradução
5. O final da tradução
6. A palavra dos tradutores
7. O lançamento da Bíblia na Linguagem de Hoje
8. A tradução é bem recebida

XV. A GRÁFICA DA BÍBLIA 1995

1. A necessidade de uma Gráfica própria
2. O projeto inicial
3. Um projeto de Deus
4. O dia decisivo
5. O levantamento dos recursos
6. O lançamento da pedra fundamental
7. A construção

8. A administração
9. A inauguração
10. A Encadernadora se transforma em Gráfica
11. O presente certo na hora certa

XVI. A CONQUISTA DO AUTOSSUSTENTO 1991-2000

1. Dobra o número de evangélicos no Brasil
2. O Dr. Aldo Fagundes é eleito Presidente
3. Daisy Liepin Calmon
4. O painel ecológico do Edifício da Bíblia
5. Ivan Ávila, o admirável semeador
6. A conquista do autossustento
7. A Bíblia da Polícia Militar
8. O Barco *Luz na Amazônia III*
9. O Rev. Guilhermino Cunha é eleito Presidente
10. A primeira Bíblia eletrônica em português
11. A integração das Sociedades Bíblicas Lusófonas
12. A celebração do Jubileu de Ouro
13. A Revista *A Bíblia no Brasil* completa 50 anos
14. O primeiro NT em áudio, dramatizado
15. A aposentadoria do funcionário mais antigo
16. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje
17. Liderança mundial na distribuição de Bíblias
18. O fiel semeador

XVII. A PRODUÇÃO PARA OUTROS PAÍSES 2006

1. As primeiras exportações
2. A Gráfica da Bíblia produz Bíblias em espanhol
3. A produção para a Nigéria
4. A produção em árabe para o Egito
5. A produção para outros países
6. Cumprindo sua missão

XVIII. OS PROJETOS SOCIAIS DA SBB 2006

1. Missão e natureza da SBB
2. Ação social nas escolas
3. A Bíblia nos hospitais
4. Ação social pela paz
5. Ação social em situações de emergência
6. Incentivo à cultura
7. Inclusão do deficiente visual
8. Luz na Amazônia
9. Títulos recebidos pela SBB
10. Uma bela lição de vida

XIX. A BÍBLIA NO SÉCULO XXI 2001-2006

1. O Brasil no século XXI
2. O 1º Seminário de Ciências Bíblicas
3. Décadas a serviço da Causa Bíblica
4. A primeira Bíblia em braile-português
5. Surgem novas Editoras de Bíblias no Brasil
6. A oficialização do Dia da Bíblia
7. A SBB recebe a Ordem do Mérito Cultural
8. O Pr. Enéas Tognini é eleito Presidente
9. Novos Testamentos para as Forças Armadas
10. O Centro Cultural da Bíblia
11. A NTLHD recebe o imprimatur
12. A SBB tem novo Diretor Executivo
13. O sucesso das Bíblias de afinidade
14. Os Gideões Internacionais
15. As Bíblias de Estudo
16. Uma vida dedicada à tradução da Bíblia
17. O novo portal da SBB
18. O organograma da SBB
19. A distribuição no início do século XXI
20. Distribuição de Bíblias e população evangélica
21. De detento a sócio-evangelizador

XX. O MUSEU DA BÍBLIA 2001-2007

1. A história do Museu
2. A parceria com o Município
3. A construção e a organização
4. A inauguração do Museu da Bíblia
5. As exposições permanentes
6. As exposições rotativas
7. A Biblioteca da Bíblia

APÊNDICE

1. Índice de abreviaturas
2. Cronologia da história da Bíblia no Brasil
3. Cronologia das traduções da Bíblia em português
4. Bibliografia
5. Bibliotecas
6. Índice de fotos ilustrativas
7. Diretorias da SBB 1948-2006
8. Mensagens dos Oradores na Cerimônia de Fundação da SBB

Rev. Rúbens Lopes

Presidente da Convenção Batista Brasileira

Rev. Elias Escobar Gavião

Representante da Igreja Metodista do Brasil

Rev. Salustiano Pereira César

Representante da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil

Rev. Antônio Corrêa Rangel de Alvarenga

Presidente do Sínodo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

Brigadeiro Ricardo Christensen

Secretário-Geral do Exército de Salvação no Brasil

Sr. R. A. Butler

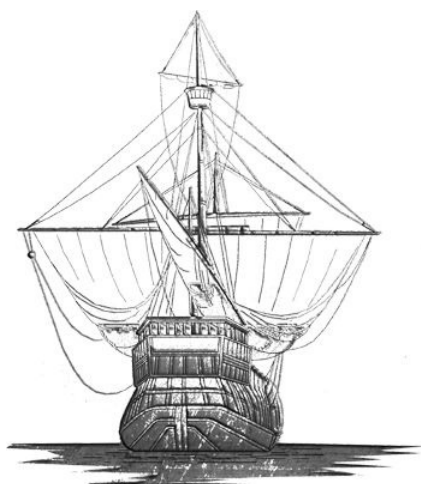
Representante da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rev. D. Hermann Dohms

Presidente do Sínodo Riograndense da Igreja Evangélica

Revmo. Bispo William M. M. Thomas
da Igreja Episcopal Brasileira

Prefácio



O livro que temos em mãos, “História da Bíblia no Brasil”, da pena autorizada do Rev. Luiz Antonio Giraldi, prefaciá-lo, além de bênção, é uma honra para mim. Em nossas estantes, havia um lugar vazio, aguardando o momento oportuno para ser preenchido. Tal lugar estava reservado para a “História da Bíblia no Brasil”. E veio a tempo para alegria nossa, de nós que amamos de todo o coração a Palavra de Deus e nos deleitamos nela, como faz o rei Davi no Salmo 119:

“Quanto amo, Senhor, a tua lei;

É a minha meditação, todo o dia!

Guardo no coração as tuas palavras,

para não pecar contra ti.” (Sl 119.97,11)

Há dois séculos, no País de Gales, surgiu a primeira Sociedade Bíblica e, hoje, o número passa de 140. A nossa Sociedade Bíblica, a do Brasil, em 2008, comemora seus 60 anos. Temos abundância de materiais alusivos ao Livro Santo. Mas ainda faltava alguém que fosse capaz de escolher, de reordenar esse acervo considerável e o colocasse na forma de livro, relatando o jornada da Palavra de Deus nas cidades, nas vilas, nas aldeias, chegando até às populações mais pobres, os nossos ribeirinhos. E quem estaria à altura de tão grande empreendimento? E como a Estrela d’Alva brilha no horizonte, anunciando um dia de sol, de vida e de esperança, esse homem é o Rev. Luiz Antonio Giraldi.

O Rev. Giraldi militou na Sociedade Bíblica do Brasil nada menos do que 48 anos. Começou como um simples colportor, com treinamento no México. Cresceu, cresceu, passou por diversos setores da Sociedade Bíblica, inclusive, como se chamava na época, Supervisor de Finanças, e chegou ao posto mais alto, o de Secretário-Geral, posto hoje denominado Diretor Executivo.

Em Hebreus 11.27, no memorável capítulo dos heróis da fé, a Palavra afirma que Moisés, “pela fé, deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível”. O Rev. Giraldi viu o invisível muitas vezes nos seus sonhos.

Como Executivo, o Rev. Giraldi percorreu as Sociedades Bíblicas do mundo, entrando em contato com as suas mais renomadas autoridades. Era portador de cursos

especializados de administração e chegou aos pontos mais elevados nesse âmbito. Além da teoria, era um homem prático e sonhava com uma organização bíblica que pudesse não somente colimar o lema “Dando a Bíblia à Pátria”, mas que também fosse além, muito além e alcançasse um alvo bem mais abrangente: o mundo todo.

No segundo quartel do século XX, a nossa Sociedade Bíblica limitava-se, num primeiro momento, a receber Bíblias do Exterior e, depois, a imprimir o Livro Sagrado nas gráficas existentes no País. A distribuição anual era de menos de um milhão. E isso é pouco para o apetite do leão.

O Rev. Giraldi sonhou com uma gráfica, o que importaria em milhões de dólares. Não tínhamos um tostão sequer. Mas o Rev. Giraldi lutou, não deixando que o sonho se apagasse. Bateu em muitas portas, todas fechadas. Convenceu, por fim, as Sociedades Bíblicas Unidas a favorecer-nos com um vultoso empréstimo. Não era tudo. Faltava um terreno, que conseguiu num lugar nobre, no Centro Empresarial do Tamboré, no Município de Barueri. E ainda não era o suficiente. O empreendimento carecia de técnicos especializados. Conseguimos. E, finalmente, veio a gigantesca e moderníssima encadernadora, seguida da primeira impressora rotativa e da primeira máquina de dourar. Em tudo contou com a bênção de Deus e a colaboração de uma eficiente e dedicada equipe.

E o sonho transformou-se em realidade. Hoje, a Gráfica da Bíblia imprime milhões de exemplares das Escrituras Sagradas para o Brasil e para mais de 90 países e territórios. Aos 12 anos de existência, a Gráfica da Bíblia alcançou a marca de 60 milhões de Bíblias e Testamentos impressos. É um recorde mundial de produção, ajudando a Sociedade Bíblica do Brasil, já há alguns anos a, figurar em primeiro lugar em distribuição de Bíblias entre todas as 141 Sociedades Bíblicas.

Além da Gráfica da Bíblia, em parceria com a Prefeitura de Barueri, o Rev. Giraldi organizou o Museu da Bíblia, parte do complexo conhecido como Centro Cultural do Município de Barueri, em edifício construído pela Prefeitura de Barueri. No mesmo complexo, também em parceria com a prefeitura, o Rev. Giraldi instalou a Biblioteca da Bíblia, com um acervo de mais de quinze mil Bíblias e Testamentos, em mais de duas mil línguas, acervo esse gentilmente cedido pela Sociedade Bíblica Americana.

O Rev. Giraldi é o homem que construiu esse arsenal que honra a Causa de Cristo no mundo. É o homem que Deus escolheu para escrever a presente obra, “História da Bíblia no Brasil”, em que o autor dispõe copioso material sobre a Bíblia, conhecimento acumulado durante os 48 anos em que militou na Sociedade Bíblica do Brasil.

O autor escreve num estilo simples, claro, atraente, persuasivo. Assentou-se em meio a um dilúvio de recursos e redigiu a presente obra. Seu trabalho, como verá o leitor, é abrangente. Quase nenhum detalhe escapou. É obra de um perito, escrita com autoridade e profunda fidelidade.

Os testemunhos que aparecem em muitos capítulos levam-nos às lágrimas. Quando li os originais, muitas vezes chorei; outras vezes, agradei a Deus a bênção desse livro. Fui grandemente abençoado com a leitura. Estou certo de que a contribuição do Rev. Giraldi enriqueceu nossas bibliotecas e enalteceu a Causa da Bíblia no Brasil e no mundo.

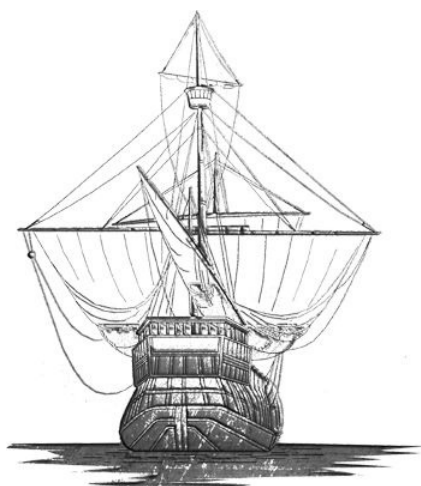
Parabéns, Rev. Giraldi, por tão nobre contribuição! Parabéns, povo brasileiro, por tão

grande presente! Eu o abraço, Rev. Giraldi, e o saúdo pelo inestimável trabalho, “História da Bíblia no Brasil”.

Enéas Tognini

São Paulo, outubro de 2007

Introdução



Até o final do século XVIII, a Bíblia era um livro praticamente desconhecido no Brasil. O fechamento dos portos brasileiros aos navios estrangeiros e o controle rígido que as autoridades religiosas exerciam sobre a entrada de todo o tipo de livro mantiveram essa situação inalterada até o final do século XVIII. Alguns poucos exemplares da Bíblia em francês e holandês chegaram ao País durante os séculos XVI e XVII, nas caravelas dos calvinistas franceses e holandeses, integrantes das expedições invasoras que desembarcaram nos Estados do Rio de Janeiro e Pernambuco.

A situação somente começou a mudar no início do século XIX, quando foi liberada a importação de livros, e as primeiras Sociedades Bíblicas começaram a enviar Bíblias na língua portuguesa para o Brasil. Mas a distribuição regular das Escrituras só começou mesmo a partir da segunda metade do século XIX, quando as Sociedades Bíblicas enviaram seus representantes e instalaram suas Agências bíblicas no País. E elas permaneceram no Brasil até meados do século XX, quando foi fundada a Sociedade Bíblica do Brasil. Durante os 140 anos em que estiveram no País, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a Sociedade Bíblica Americana realizaram uma obra notável, imprimindo e distribuindo a Bíblia na língua portuguesa a preços acessíveis à população brasileira, incentivando as Igrejas evangélicas a distribuírem as Escrituras e inspirando a Igreja Católica a fazer o mesmo.

No dia 12 de junho de 1948, reuniu-se no templo da 1ª Igreja Batista do Rio de Janeiro um grupo de destacados líderes evangélicos para participar da cerimônia de fundação da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Durante a cerimônia, foi estabelecido como objetivo da nova organização “*tornar a Bíblia o Livro do Brasil*”.

Aqueles líderes cristãos alimentavam grandes esperanças no desenvolvimento da Obra Bíblica no Brasil. O Rev. Antônio Augusto Varizo Jr. era um deles. Hoje, ele é o único sobrevivente daquele grupo de fundadores. Além de membro da primeira Diretoria da SBB, ele foi, mais tarde, Secretário Regional em Brasília e Redator da Revista *A Bíblia no Brasil*, publicação institucional da SBB. Em 2007, com 93 anos de idade, ele está agradecido a Deus pelo que aconteceu com a Sociedade Bíblica do Brasil.

Ao longo desses 60 anos, a SBB distribuiu no Brasil mais de 65 milhões de Bíblias e 4 bilhões de Escrituras (Bíblias e partes da Bíblia). Em 1949, seu primeiro ano completo de

atividade, a SBB distribuiu 105 mil Bíblias. E, no ano de 2006, chegou a 5 milhões e 500 mil, ou seja, 52 vezes mais do que no ano de sua fundação. Em 2006, a SBB foi líder, entre as 141 Sociedades Bíblicas nacionais em atividade ao redor do planeta, tanto em distribuição de Bíblias completas como de Escrituras.

Além dessa distribuição no Brasil, a Gráfica da Bíblia, braço industrial da SBB, produziu e exportou, durante o ano de 2006, 2 milhões e 700 mil de Bíblias, em 17 idiomas, para 93 países. E, naquele ano, a SBB foi a maior produtora de Bíblias das Sociedades Bíblicas em todo o mundo.

Esses números revestem-se de maior significado espiritual quando nos lembramos de que grande parte dessas publicações bíblicas foi lida por pessoas que não conheciam o evangelho. Elas leram a Palavra de Deus pela primeira vez e conheceram Jesus e sua mensagem salvadora. Milhões de leitores foram impactados pelo poder do evangelho e tiveram sua vida transformada pela ação regeneradora do Espírito Santo. Por isso, passaram a ser pessoas mais bondosas, mais honestas, mais pacíficas e mais educadas. E, no convívio familiar, esses novos leitores da Bíblia que foram alcançados pela graça salvadora de Cristo se tornaram melhores pais, melhores mães e melhores filhos. Tornaram-se melhores profissionais e melhores cidadãos e passaram a dar uma contribuição maior para o futuro do Brasil.

Os 200 anos de atuação das Sociedades Bíblicas em nosso país e os 60 de existência da Sociedade Bíblica do Brasil escrevem uma história que revela o amor dos brasileiros pela Bíblia e o esforço incansável de milhares de pessoas para tornarem realidade o sonho dos seus fundadores de “tornar a Bíblia o Livro do Brasil”. Essa é a história do maior movimento surgido no Brasil para introduzir a Bíblia nos lares brasileiros.

Grande parte dessa história inspiradora que comemoramos em 2008 foi escrita por semeadores voluntários. Milhares deles dedicaram anonimamente seus dons e seu tempo para tornarem a Palavra de Deus conhecida do povo brasileiro. Muitos outros semeadores, profissionais ou voluntários, se tornaram conhecidos pela sua grande contribuição à Causa Bíblica neste país. Durante os 48 anos em que servi a Sociedade Bíblica do Brasil, tive o privilégio de conviver com muitos deles. Agradeço a Deus a vida deles e o que fizeram em favor da divulgação da Bíblia em nosso país. Infelizmente, por falta de espaço, só me foi possível mencionar neste livro os nomes dos presidentes da Sociedade Bíblica do Brasil e dos executivos que ocuparam cargos em sua Sede Nacional. Pretendo, em outro livro, homenagear outros pioneiros da Obra Bíblica no Brasil.

Agradeço às pessoas que me ajudaram na pesquisa histórica e na revisão deste livro: ao Dr. Carlos Wesley e ao Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira, Diretores da SBB, que colaboraram na pesquisa sobre a história da Bíblia no Brasil; ao Dr. Robert G. Bratcher e ao Dr. Werner Kaschel, membros da Comissão de Tradução da SBB, que me auxiliaram na revisão dos capítulos sobre tradução da Bíblia; à minha esposa Selma Junia Vassão Giraldi e à minha filha Alice Helena Vassão Giraldi, que me ajudaram na revisão final desta obra; e ao Pr. Enéas Tognini, Presidente da SBB e escritor consagrado, que me honrou com seu belo e generoso prefácio.

Espero que este livro seja uma fonte de informação e de inspiração para os estudiosos da Bíblia no Brasil e que ele seja usado por Deus como um instrumento de divulgação de

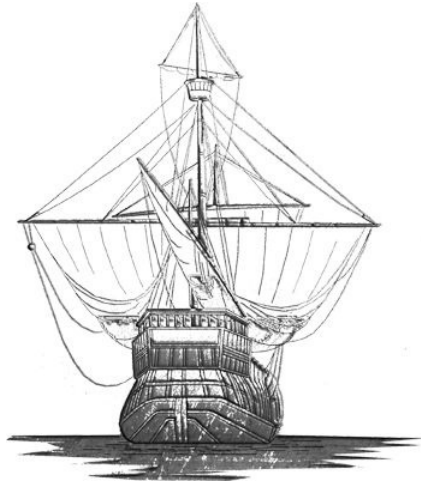
sua Palavra em nossa Pátria.

“E agora, que a glória seja dada a Deus, o qual, por meio de seu poder que age em nós, pode fazer muito mais do que pedimos ou até pensamos!” (Ef 3.20)

Luiz Antonio Giraldi

Barueri, novembro de 2007

CAPÍTULO I



COMO A BÍBLIA CHEGOU AO BRASIL

54-1808

1. O livro dos milagres

100-1800

Sua unidade — Os primeiros livros do Antigo Testamento foram escritos no final do século XIII a.C., e os últimos livros do Novo Testamento, no final do século I d.C. Apesar de terem sido escritos em um período tão longo, de cerca de 1400 anos, por autores que viveram em épocas diferentes, existe uma coerência impressionante na mensagem desses livros. Embora o Antigo Testamento tenha sido escrito por judeus, e o Novo Testamento, por cristãos, portanto, por autores de diferentes correntes teológicas, os livros da Bíblia concordam perfeitamente entre si no que se refere a Deus e à sua ação em favor da humanidade. Essa unidade é considerada um verdadeiro milagre e só pode ser explicada pelo fato de os escritores dos livros sagrados terem sido inspirados por Deus, o verdadeiro Autor da Bíblia.

Sua transmissão — Para chegar ao Brasil, a Bíblia percorreu um caminho longo e sinuoso, que começou no século II d.C. e terminou no início do século XIX d.C. Nos primeiros anos da era cristã e na Idade Média, ela foi copiada à mão em rolos de papiro e de pergaminho e escondida em cavernas para não ser queimada. A história da transmissão da Bíblia até o século XIX revela a experiência de mártires que foram perseguidos, lançados na prisão e sacrificados em praça pública por traduzirem e divulgarem o Livro Sagrado. A Bíblia foi o livro mais perseguido e mais destruído no decorrer dos séculos. Porém superou todos os obstáculos, foi o primeiro livro impresso por Gutenberg, em 1456, foi traduzida em mais de 2400 idiomas e é o livro mais distribuído e mais lido no mundo. Sua caminhada através dos tempos, desde os primeiros séculos da era cristã, até chegar ao Brasil no tempo do Império, é também um verdadeiro milagre que atesta sua inspiração divina.

2. A Bíblia no início da era cristã

54-405

O papiro — Os materiais usados para escrever ou copiar os livros bíblicos foram o papiro e o pergaminho. O papiro (*cyperus papyrus*), nome originário de uma planta cultivada às margens do rio Nilo, no Egito, foi o primeiro material usado pelos escritores bíblicos. O material era preparado da casca dessa planta. A casca era cortada em tiras, e essas tiras eram embebidas em óleo, coladas uma às outras e expostas ao sol para secarem. Nos tempos bíblicos, a indústria do papiro desenvolveu-se, e sua técnica foi aperfeiçoada. Havia vários tipos de papiro: o *hierático* ou sagrado, usado nos documentos religiosos; o *emporético* ou comum, usado no comércio; e o *liviano*, de qualidade superior, assim chamado em homenagem à esposa do Imperador Augusto, chamada Livia.

O pergaminho — O pergaminho foi criado no século II a.C., na cidade de Pérgamo, na Ásia Menor. O historiador Plínio, o Moço (61-114 d.C.), conta que o rei Eumenes II (197-

159 a.C.), de Pérgamo, resolveu criar em sua cidade uma biblioteca tão grande como a de Alexandria, no Egito. Porém o rei Ptolomeu Epifâneo, do Egito, reagiu a essa ameaça de concorrência proibindo a exportação de papiro. Isso obrigou o rei Eumenes II a desenvolver a indústria do pergaminho, material feito de pele de animais. O pergaminho era feito de preferência de couro de carneiro, de cabra ou de boi. As peles eram lavadas em água com cal, selecionadas e raspadas com pedra-pomes, até ficarem lisas o suficiente para receberem a escrita. Embora o pergaminho fosse mais caro do que o papiro, ele era um material mais resistente e de melhor qualidade. Por isso, tornou-se o material preferido para o registro dos decretos reais e papais.

O códice — No mundo greco-romano, o livro era escrito em forma de rolo, e seu manuseio era difícil. Somente no final do século I, o seu manuseio foi facilitado com o aparecimento do *códice*, nome usado na época para designar o livro na sua forma atual.

Os originais da Bíblia — Não existe mais nenhum livro da Bíblia escrito originalmente pelo próprio autor. Quando os originais escritos à mão ficavam velhos, eram copiados e substituídos por cópias mais novas. Os exemplares originais dos livros da Bíblia, chamados de manuscritos originais, tanto do Antigo como do Novo Testamento, foram queimados pelos inimigos da Palavra de Deus ou destruídos pelo manuseio ou pelo tempo. Mas existem ainda milhares de cópias antigas, feitas à mão, de todos os livros da Bíblia. Quando as primeiras Bíblias foram impressas, em 1456, havia mais de 2.000 desses manuscritos na forma de rolo ou códice. Hoje, com as descobertas arqueológicas mais recentes, esse número aumentou muito e é mais do que suficiente para garantir cientificamente a autenticidade da Bíblia.

Os principais manuscritos — As cópias da Bíblia mais antigas que existem hoje foram escritas a partir da primeira metade do século II. Os quatro manuscritos mais importantes pela sua antiguidade e integridade são o *Sinaítico*, o *Alexandrino*, o *Vaticano* e o *códice de Efraim*. O manuscrito *Sinaítico*, conhecido como *códice Alpha*, foi escrito no século IV e encontra-se *hoje na Biblioteca de Leningrado, na Rússia*. O *Alexandrino*, conhecido como *códice A*, foi escrito em grego no século IV, fez parte da antiga biblioteca de Alexandria e está hoje no Museu Britânico, em Londres, na Inglaterra. O manuscrito *Vaticano*, conhecido como *códice B*, foi escrito no século IV, contém todos os livros da Bíblia e faz parte da Biblioteca do Vaticano, em Roma, na Itália. E o *Códice de Efraim*, escrito no século V, contém o Antigo Testamento e parte do Novo Testamento e está hoje no Museu do Louvre, em Paris, na França. [1]

A Bíblia é queimada — Durante quase 300 anos, desde o tempo do Imperador Nero (54-68) até a época do Imperador Diocleciano (284-305), os cristãos foram impiedosamente perseguidos pelo Império Romano. Nesse período, foram construídas as Catacumbas de Roma, vastas galerias subterrâneas, de 2,60 m a 3,30 m de largura, por 1,30 m a 2,00 m de altura, que se estendem por milhares de quilômetros no subsolo da cidade, onde os cristãos se refugiavam, realizavam suas reuniões, sepultavam seus mortos e escondiam seus exemplares das Escrituras Sagradas. A última grande perseguição aos primeiros cristãos se deu no Império de Diocleciano (284-316), quando eles foram caçados pelas cavernas e florestas, queimados e lançados às feras. Com o objetivo de destruir a Bíblia, que Diocleciano considerava ser uma das razões da sobrevivência do Cristianismo, ele ordenou que fossem queimados publicamente todos os exemplares

encontrados.

A Bíblia é restaurada — Depois de Diocleciano, surgiu o Imperador Constantino I (272-337). Diz a tradição que, no decorrer de suas guerras para firmar-se no poder, na véspera da batalha de Ponte Mílvia, em 27 de outubro de 312, ele viu no céu, acima do sol poente, a figura de uma cruz e sobre ela as seguintes palavras: “Por este sinal vencerás.” Constantino I resolveu então lutar sob a bandeira de Cristo e venceu a batalha. Após essa experiência, ele se converteu ao Cristianismo e mandou publicar o Édito de Tolerância, no ano 313, concedendo “aos cristãos e a todos os cidadãos liberdade de seguirem a religião que lhes aprouvesse”. Deu também apoio integral aos cristãos, isentou a Igreja do pagamento de impostos, dispensou os sacerdotes do serviço militar, auxiliou as igrejas na construção de novos templos e ajudou de muitas maneiras a propagação do Cristianismo e a divulgação das Escrituras Sagradas.

A maior edição manuscrita — Um dos atos principais de Constantino I foi mandar preparar, sob a direção de Eusébio, Bispo de Cesárea (264-340), 50 exemplares da Bíblia para uso das igrejas de Constantinopla, hoje Istambul. Eusébio narra esse fato em seu livro *Vida de Constantino*. Ele era historiador da Igreja, havia sido preso durante a perseguição de Diocleciano e depois se tornou o principal conselheiro religioso de Constantino I. Sob sua competente direção, hábeis copistas prepararam os 50 exemplares da Bíblia. Eles foram copiados em pergaminho fino e durável e em forma de livro e não de rolo. Terminado o trabalho, foram transportadas em carruagens reais, da cidade de Cesareia para Constantinopla, então capital do Império. Foi o seguinte o pedido histórico de Constantino a Eusébio, encomendando a maior edição de Bíblias completas de que se tem notícia antes da descoberta da imprensa:

Tenho pensado na conveniência de instruir vossa prudência no sentido de serem encomendadas 50 cópias das Sagradas Escrituras, que são muitíssimo necessárias para a instrução da Igreja. Elas devem ser feitas em pergaminho especial, escritas de modo legível por copistas bem práticos em sua arte e dispostas de forma cômoda e portátil. Dou-lhe também autorização, através desta carta, de usar duas carruagens públicas para o transporte desses livros, de modo a facilitar que, uma vez executado o trabalho com esmero, sejam elas trazidas para o meu exame. Um dos diáconos de sua igreja poderá ser encarregado desse serviço e, quando ele aqui chegar, gozará da minha liberalidade. Deus o guarde, amado irmão. [2]

A tradução usada por Eusébio — Hoje, não existe mais nenhum exemplar dessas 50 Bíblias preparadas pela equipe de copistas de Eusébio. Por isso, não é possível saber exatamente qual foi a tradução usada por ele. Porém, como Eusébio havia estudado com Pânfilo, discípulo de Orígenes, é muito provável que essas Bíblias tenham sido copiadas da Hécapla, uma Bíblia de Estudo em seis colunas, elaborada por Orígenes, no século III. [3]

O cânon do Novo Testamento — O documento mais antigo que define os 27 livros do Novo Testamento foi escrito no ano 367 pelo Bispo egípcio Atanásio. Todos os anos, por ocasião da Páscoa, ele enviava uma carta às igrejas de sua região, instruindo e animando os cristãos. Na Páscoa do ano 367, ele escreveu e enviou esta carta histórica:

Como os hereges estão citando escritos apócrifos (falsos), um mal que já era comum

até mesmo na época em que São Lucas escreveu o seu Evangelho, julguei importante identificar claramente quais são os livros aceitos por nós como pertencentes ao cânon, os quais nós consideramos livros divinos.

A seguir, ele listou em sua carta os livros do Antigo Testamento e também os 27 livros do Novo Testamento, de Mateus a Apocalipse. E concluiu dizendo:

Esses livros são as fontes de salvação para saciar aqueles que têm sede com as palavras vivas que eles contêm. Somente nesses livros se encontra a doutrina da piedade. Que ninguém adicione ou tire nada deles.

Com essas palavras, Atanásio não estava expressando apenas a sua opinião, mas também a posição tomada pela Igreja nos Concílios de Hipona, em 393; de Cartago, em 397; e também de Cartago, em 419. [4]

A Bíblia dos godos — No final do século IV, *Úlfilas* (311-383) traduziu a Bíblia para a língua gótica, uma antiga língua germânica, a partir da *Septuaginta* (tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego, do século III a.C.) e do Novo Testamento grego. Originários das regiões meridionais da Escandinávia, os godos, povo de origem germânica, se distinguiram pela fidelidade a seus reis e por usarem espadas pequenas e escudos redondos. Nos séculos III e IV, eles invadiram e dominaram Roma e Atenas e passaram a exercer sua influência na Europa através do Império Romano.

Úlfilas é conhecido como o *Apóstolo dos Godos* pela sua notável contribuição à evangelização da Europa no início da Idade Média. Ele converteu-se ao Cristianismo ainda jovem e se dedicou à carreira eclesiástica. Mais tarde, tornou-se Bispo e manteve estreito relacionamento com os cristãos e com o clero do Império Bizantino, no tempo de Constantino I. Antes de traduzir a Bíblia, teve de criar um alfabeto para a língua gótica. A cópia mais antiga da Bíblia traduzida por *Úlfilas* é o *Códice Argenteus*, do século V, feita pelos ostrogodos, ramificação dos godos que habitava nessa época o Norte da Itália. Essa cópia da Bíblia foi feita com letras douradas e prateadas sobre um pergaminho de cor púrpura. O *Códice Argenteus* encontra-se hoje na Biblioteca de Upsala, na Suécia. Essa antiga tradução da Bíblia para a língua gótica teve um papel importante na evangelização da Europa, a partir de onde a Bíblia seria, mais tarde, divulgada para o mundo todo. [5]

A Vulgata Latina — No século III, surgiram diversas traduções da Bíblia em latim na Europa, na Ásia e na África, pois o latim havia tomado o lugar do grego como a língua do povo. No ano 382, o Papa Damásio convocou o Padre Eusébio Sofrônio Jerônimo (340-420) para preparar uma revisão dos Evangelhos da *Vetus Latina*, tradução feita a partir do texto grego da *Septuaginta*. O Papa queria um texto uniforme dos Evangelhos para ser usado nas igrejas.

Jerônimo iniciou esse trabalho em Roma, mas, após a morte de Damásio, no ano 385, resolveu mudar-se para a Terra Santa. Em Belém, ele se instalou numa gruta próxima da caverna onde Jesus teria nascido. Ali, a partir de 389, resolveu também abandonar a revisão da *Vetus Latina* e fazer uma nova tradução do Antigo Testamento para o latim, diretamente do texto hebraico, que havia sido preservado em manuscritos pelos judeus da Palestina. Dezesesseis anos depois, no ano 405, ele terminou sua tradução da Bíblia para o latim. No início, ela foi mal recebida pelos leitores, acostumados com a *Vetus Latina*, que estava em circulação entre eles há 200 anos. Mas, com o correr do tempo, a tradução de

Jerônimo foi ganhando terreno e, a partir do século XIII, passou a ser chamada de *Vulgata Latina*, devido à grande aceitação que alcançou. No Concílio de Trento, em 1546, a *Vulgata Latina* foi adotada oficialmente pela Igreja Católica e, a partir daí, passou a servir de base para muitas traduções da Bíblia, inclusive para o português. Quase todas as traduções católicas da Bíblia para a língua portuguesa foram feitas com base nessa tradução latina. [6]

Surge o nome *Bíblia* — A palavra grega *bíblia*, no plural, deriva do grego *bíblos* ou *bíblion*, que significa *rolo* ou *livro*. *Biblos* era o nome de uma cidade fenícia onde eram produzidos os rolos de papiro usados para se fazerem livros. No latim medieval, a palavra *bíblia* era usada no singular e significava uma coleção de livros ou a Bíblia. A palavra *bíblia* não aparece na Bíblia. Foi São Jerônimo, tradutor da *Vulgata Latina*, quem chamou pela primeira vez de *biblioteca divina* o conjunto dos livros do Antigo Testamento e Novo Testamento, que formam a coleção de livros divinamente inspirados dos cristãos, também chamada de *Escrituras Sagradas* ou *Livro Sagrado*.

3. A Bíblia antes da Reforma

862–1517

A tradução de Metódio e Cirilo — No ano 862, o Príncipe da Morávia (atual Eslováquia) enviou a seguinte carta aos líderes da Igreja em Constantinopla:

Muitos cristãos chegaram à nossa cidade. Nós oramos para que vocês nos enviem alguém capaz de nos ensinar a verdade completa.

Nessa época, havia missionários alemães trabalhando na Morávia, mas com pouco sucesso. E a principal razão disso era que esses missionários liam a Bíblia e realizavam suas cerimônias religiosas em latim, uma língua que os moradores dali não entendiam.

Os líderes da Igreja em Constantinopla enviaram, então, para a Morávia os irmãos Metódio e Cirilo, sacerdotes da cidade de Tessalônica, na Grécia, que haviam sido muito bem preparados para essa missão. Como os moravianos não tinham ainda uma língua escrita, Metódio e Cirilo tiveram de criar, antes, um alfabeto, para, depois, começar a traduzir a Bíblia e algumas cerimônias religiosas para o idioma daquela gente. E os cristãos da Morávia ficaram encantados por poderem ouvir a Bíblia e participar das cerimônias religiosas em sua própria língua.

Porém os missionários alemães que já estavam ali não concordaram com a celebração do culto na língua do povo. Eles argumentaram que, como o letreiro na cruz de Cristo havia sido escrito em hebraico, grego e latim, somente essas línguas poderiam ser usadas pela Igreja. Para decidirem o conflito, os missionários alemães apelaram ao Papa. E este respondeu:

Nós agradecemos o alfabeto criado por Metódio e Cirilo para louvar a Deus, pois aquele que criou as três línguas principais, hebraico, grego e latim, também criou as outras línguas para o seu louvor e glória.

Cirilo morreu prematuramente, aos 42 anos, mas seu irmão Metódio terminou a tradução da Bíblia para a língua eslava. Porém, 15 anos depois da morte de Cirilo, surgiu um novo Papa, que proibiu o uso da língua eslava nas cerimônias religiosas. Com isso, os

seguidores de Metódio e Cirilo foram obrigados a deixar o país. E, saindo da Morávia, se espalharam pela Europa Oriental, levando a Bíblia e suas cerimônias religiosas na língua eslava. Assim, Metódio e Cirilo estabeleceram, no século IX, os fundamentos para o avanço do Cristianismo nos países de língua eslava, como a Bulgária, Sérvia e Montenegro, Romênia e Rússia. [7]

A Bíblia dos valdenses — Pedro Valdo era um comerciante bem-sucedido na cidade de Lion, na França, e nunca havia se preocupado com sua vida espiritual até o dia em que um de seus convidados morreu repentinamente em uma de suas festas. Ele sentiu, então, a necessidade de buscar a Deus e tornou-se um estudioso das Escrituras Sagradas. Em 1173, decidiu vender tudo o que possuía, com exceção do necessário para o sustento de sua família, e dedicou-se exclusivamente à pregação do evangelho. A principal contribuição de Valdo para a divulgação do Cristianismo na França foi a sua tradução da Bíblia da *Septuaginta* para o provençal, língua falada naquela época na França.

Os seguidores de Valdo foram inicialmente chamados de *Os Pobres de Lion*. Ele e seus seguidores afirmavam que a Bíblia era a única fonte de autoridade eclesiástica e que todo crente tinha o direito de ler a Bíblia em sua própria língua. Os seguidores de Valdo, praticavam o batismo por imersão e celebravam a Santa Ceia uma vez por ano. No início, eles pregaram seus princípios inovadores dentro da própria Igreja Católica. Porém, em 1184, foram rechaçados e excomungados. *Os Pobres de Lion* passaram, então, a ser perseguidos, mas continuaram com seu movimento, mesmo depois da morte de Pedro Valdo, em 1217, quando passaram a ser chamados de *valdenses*. No século XVI, os *valdenses* apoiaram a Reforma Protestante e, nos séculos seguintes, expandiram seu movimento a outros países. [8]

Capítulos e versículos — Até o século XIII, a Bíblia não era dividida em capítulos. A divisão em capítulos foi introduzida em 1227 pelo professor universitário parisiense Stephen Langton, que viria a ser eleito mais tarde Bispo de Cantuária. E a divisão em versículos só foi introduzida em 1551 pelo impressor parisiense Robert Stephanus. Ambas as divisões tiveram como objetivo facilitar a consulta e as citações bíblicas e foram aceitas tanto pelos cristãos como pelos judeus. [9]

A primeira Bíblia em inglês — No século XIV, John Wicliffe fez a primeira tradução da Bíblia para a língua inglesa e promoveu a sua distribuição na Inglaterra, dando o primeiro passo para preparar seu país para assumir, nos séculos posteriores, a liderança na difusão da Bíblia no mundo. John Wycliffe nasceu em 1320, na Inglaterra, estudou na Universidade de Oxford, tornou-se pároco de Lutterworth e um dos maiores líderes cristãos do seu tempo. Por declarar que a Bíblia era a única autoridade suprema em matéria religiosa, acima mesmo do Papa, ele foi condenado pelo Concílio eclesiástico de seu país. Suas maiores contribuições para o avanço do evangelho na Inglaterra foram sua tradução da Bíblia para a língua inglesa, feita a partir da *Vulgata Latina*, e seu esforço pioneiro para divulgar a Bíblia ao povo inglês.

Os precursores dos colportores — Para divulgar a Bíblia na Inglaterra, Wycliffe organizou a *Ordem dos Sacerdotes Pobres*, conhecida também como *Irmãos Lolardos* ou *Murmuradores*. Essa ordem era formada por estudantes da Universidade de Oxford e também por gente simples de sua paróquia. Os membros dessa ordem se vestiam de maneira simples, andavam descalços, usavam um cajado e viviam de ofertas. Para

divulgarem as Escrituras Sagradas, eles percorriam a Inglaterra levando suas Porções bíblicas manuscritas e liam a Bíblia para o povo. A *Ordem dos Sacerdotes Pobres* cresceu de maneira extraordinária e se constituiu numa força poderosa na obra de divulgação do evangelho na Inglaterra. Criada na segunda metade do século XIV, ela foi muito perseguida no século XV, mas resistiu e continuou seu trabalho de divulgação da Bíblia até a época da Reforma, no século XVI. Os *Irmãos Lolardos* foram os precursores dos colportores bíblicos dos séculos XIX e XX. [10]

D. João I e Dona Leonor — Fernão Lopes, cronista português do século XV, afirmou que D. João I (1385-1433), um dos sucessores de D. Dinis no trono português, traduziu os Evangelhos, Atos dos Apóstolos, as Cartas do apóstolo Paulo e o Livro de Salmos para o português. Afirmou também que seu sucessor, D. João II, mandou gravar no seu cetro a parte final do versículo 31 de Romanos 8: “*Se Deus está do nosso lado, quem poderá nos vencer?*”

A primeira harmonia dos Evangelhos em língua portuguesa foi preparada em 1495 pelo cronista Valentim Fernandes. Intitulada *De Vita Christi*, essa publicação teve seus custos pagos pela esposa de D. João II, a rainha Dona Leonor, fundadora da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em Portugal. Em 1505, Dona Leonor mandou imprimir também o Livro de Atos dos Apóstolos e as Cartas de Tiago, Pedro, João e Judas, que haviam sido traduzidos do latim para o português pelo Frei Bernardo de Brinaga.

Outras traduções em português — Outras figuras da monarquia de Portugal também fizeram ou mandaram fazer traduções parciais da Bíblia. A neta do rei D. João I e filha do Infante D. Pedro, a Infanta D. Filipa, traduziu do francês os Evangelhos. No século XV, foram publicados em Lisboa o Evangelho de Mateus e Porções dos demais Evangelhos, um trabalho realizado pelo Frei Bernardo de Alcobaça, que pertenceu à escola de tradutores portugueses da Real Abadia de Alcobaça. [11]

A primeira Bíblia impressa — A invenção da Imprensa por Gutenberg, no século XV, revolucionou a comunicação escrita, dando grande impulso à divulgação da Bíblia. Johannes Gutenberg (1397-1468) nasceu em Mogúncia, na Alemanha, em 1397. Ele era ourives e inventou a Imprensa a partir dos seus conhecimentos sobre fundição de metais. A Bíblia foi o primeiro livro impresso, em 1456. Por ser um método de copiar livros muito mais prático e econômico que o manuscrito, a Imprensa impulsionou a produção e a divulgação da Bíblia. A rápida difusão das Escrituras Sagradas depois da invenção da Imprensa despertou dentro da Igreja Católica Romana o interesse pelos estudos bíblicos. E o interesse pelo estudo da Bíblia fez surgir o movimento religioso que culminou na Reforma Protestante do século XVI.

O NT grego de Erasmo — O filósofo Desidério Erasmo, mais conhecido como Erasmo de Roterdã (1466-1536), nasceu em Roterdã, na Holanda, estudou na Universidade de Sorbonne, em Paris, e foi professor de grego na Universidade de Oxford, na Inglaterra. Em 1504, então com 40 anos de idade, leu o livro do humanista Lorenzo Valla, *Anotações sobre o Novo Testamento*, apontando erros na tradução *Vulgata Latina*, e ficou tão impressionado, que mandou reeditar esse livro. Erasmo decidiu, então, dedicar-se à tarefa de revisar o Novo Testamento grego à luz dos últimos manuscritos gregos descobertos na época. Em 1516, publicou sua edição revista do Novo Testamento grego e também uma Versão corrigida da *Vulgata Latina*. Essas obras receberam críticas dos

líderes da Igreja e aplausos de muitos estudiosos da Bíblia. Publicadas um ano antes da Reforma, elas fortaleceram o movimento protestante. E o Novo Testamento grego de Erasmo serviu de base para a tradução da Bíblia de Tyndale para o inglês, feita poucos anos depois. [12]

4. O martírio de um tradutor da Bíblia

1494-1536

A Bíblia para o povo — William Tyndale nasceu em 1494, na região oeste da Inglaterra, e graduou-se na Universidade de Oxford em 1515, onde estudou as Escrituras em hebraico e grego. Aos 30 anos, tomou a decisão de fazer uma nova tradução da Bíblia para o inglês usado na época, pois a tradução de Wicliffe, feita quase dois séculos antes, já estava envelhecida. Seu sonho era que todo o povo inglês, desde os camponeses até os membros da Corte, pudesse ler e compreender a Bíblia. Nessa época, a Igreja Católica proibia severamente qualquer pessoa leiga de ler a Bíblia. Segundo o clero, o povo simples não podia compreender a Bíblia sem a ajuda do pároco.

Tradutor da Bíblia — Em 1523, Tyndale partiu para Londres com esse propósito e pediu ao Bispo Suthbert Tunstall permissão para iniciar o seu trabalho de tradução da Bíblia. Mas seu pedido foi negado. O Bispo temia que a Bíblia na língua do povo viesse a fortalecer o movimento da Reforma, iniciado por Martinho Lutero (Lutero havia sido excomungado dois anos antes). Tyndale não desistiu do seu propósito e, com o apoio financeiro de um rico comerciante de tecidos, mudou-se para a Alemanha, país que considerava mais seguro para ele realizar seu trabalho de tradução da Bíblia.

Tradução e impressão — Na Alemanha, Tyndale foi morar na cidade de Hamburgo, onde iniciou a tradução do Novo Testamento com base no texto grego revisto, em 1516, por Erasmo de Roterdã. Em 1525, ele terminou a tradução do Novo Testamento e resolveu imprimi-lo. A impressão foi iniciada na cidade de Colônia, mas a Gráfica que iniciou o trabalho foi atacada, e a impressão foi interrompida. Finalmente, ele conseguiu imprimir 6 mil exemplares na cidade de Worms, na Alemanha. Esses Novos Testamentos em inglês foram enviados para a Inglaterra por comerciantes, escondidos em barris de farinha e em peças de tecidos.

Tradução do AT — As autoridades da Igreja Romana na Inglaterra reagiram imediatamente a essa publicação, ordenando que todos esses Novos Testamentos fossem confiscados e queimados. Mesmo assim, não conseguiram interromper a entrada dos Novos Testamentos, que chegaram a ser vendidos até na Escócia. William Tyndale foi imediatamente declarado fora da lei e impedido de voltar para a Inglaterra. Mas ele não se intimidou e respondeu a essa condenação com as seguintes palavras:

Se Deus poupar a minha vida por alguns anos, farei de tudo para que até um menino que corre atrás do arado saiba mais sobre Bíblia do que vocês.

Corajosamente, ele iniciou a tradução do Antigo Testamento e conseguiu traduzir os livros de Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio, Josué, 2 Crônicas e Jonas. Mas não viveu o bastante para terminar a tradução da Bíblia toda.

Perseguido e preso — Perseguido pela Igreja e por agentes ingleses, Tyndale passou a

mudar-se constantemente de endereço. Porém, na Antuérpia, foi enganado por um agente inglês que disse estar apoiando o movimento protestante. Quando entraram num beco estreito, o agente fez sinal para que dois soldados que o esperavam ali o prendessem. Eles pegaram Tyndale e o levaram para uma prisão estadual situada a 16 quilômetros de Bruxelas. Nessa prisão, ele escreveu a seguinte carta em latim, destinada a uma autoridade desconhecida, mostrando que pretendia continuar a traduzir a Bíblia:

Eu imploro a vossa senhoria que peça ao comissário que tenha a bondade de me enviar, das minhas coisas que estão com ele, um gorro mais quente, porque sinto muito frio na cabeça. Peço também que ele me envie um casaco mais quente, porque este que eu tenho é muito fino. Peço ainda que me mande um pedaço de pano para que eu possa remendar as minhas calças. Mas, acima de tudo, imploro que mande minha Bíblia em hebraico, meu dicionário de hebraico e minha gramática de hebraico, para que eu possa continuar o meu trabalho.

O martírio — Em maio de 1535, Tyndale foi preso e levado para um castelo perto de Bruxelas, onde permaneceu durante um ano e meio. Durante esse tempo, um de seus amigos, Miles Coverdale, terminou a tradução do Antigo Testamento iniciada por ele. Tyndale saiu dali para ser julgado e condenado à morte como herege, pelo crime de traduzir a Bíblia para o povo inglês. No dia 6 de outubro de 1536, ele foi estrangulado e, em seguida, queimado na estaca, em praça pública. Suas últimas palavras antes de morrer foram:

Abre, Senhor, os olhos do rei da Inglaterra!

Liberada a Bíblia em inglês — Naquele mesmo ano, as coisas mudaram na Inglaterra. O Papa negou o pedido do rei Henrique VIII para se casar com Catarina de Aragão, e este, revoltado, se afastou da Igreja Católica. Um ano depois da morte de Tyndale, as Bíblias traduzidas por ele começaram a ser distribuídas na Inglaterra com a aprovação do rei. Dois anos depois, quase todas as paróquias da Inglaterra tinham um exemplar da Bíblia em inglês. E, cinco anos mais tarde, as paróquias que não tinham a Bíblia em inglês passaram a ser multadas. [13]

5. A Bíblia depois da Reforma

1517-1808

A Bíblia na Europa — A invenção da Imprensa tornou possível a produção rápida da Bíblia, permitindo que ela fosse, em menos de 40 anos, traduzida e publicada nas principais línguas da Europa. Em 1462, a Bíblia foi publicada em alemão; em 1471, em italiano; em 1474, em tcheco; em 1477, em holandês; em 1478, em francês; em 1490, em espanhol; em 1491, em russo; e, em 1495, em sérvio.

A Bíblia de Lutero — Em 1534, foi publicada na Alemanha a 1ª edição da *Bíblia de Lutero*, que viria alcançar grande sucesso, a ponto de ser reeditada sem interrupção até o século XXI. Ela não foi a primeira tradução das Escrituras Sagradas para o alemão. Desde a invenção da Imprensa, em 1456, até o lançamento do Novo Testamento de Lutero, em 1522, haviam sido publicadas, na Alemanha, 18 edições de uma Bíblia alemã completa. Mas a *Bíblia de Lutero* tornou-se a mais popular da Alemanha pelo método inovador de tradução adotado por ele. Lutero não seguiu o costume tradicional de traduzir o texto

original hebraico e grego literalmente, ao pé da letra, palavra por palavra, respeitando até mesmo a ordem em que apareciam os vocábulos nos originais. Ele também preferiu não usar a linguagem erudita; pelo contrário, procurou transmitir a mensagem bíblica na linguagem falada pelo povo alemão da época.

Lutero foi o primeiro tradutor da Bíblia a se preocupar não apenas com a fidelidade da tradução aos textos originais, mas também com a fidelidade à língua falada pelo povo. Embora não conhecesse os princípios linguísticos de equivalência dinâmica ou funcional, usados nas traduções modernas, ele conseguiu traduzir a Bíblia para o idioma alemão falado pelo povo alemão de seu tempo. Foi ele o precursor das traduções da Bíblia em linguagem popular ou “na linguagem de hoje”, feitas pelas Sociedades Bíblicas a partir da segunda metade do século XX.[14]

Proibida a leitura da Bíblia — Em 24 de março de 1564, o Papa Pio IV publicou a bula *Dominici Gregis*, determinando que, a partir daquela data, as Bíblias traduzidas do latim só poderiam ser lidas se fossem de edição católica e, assim mesmo, com licença por escrito do pároco responsável. Essa bula dizia, na linguagem da época:

Como tem mostrado a experiência que, se as Versões da Sagrada Bíblia em língua vulgar forem permitidas a cada passo e sem diferença de pessoas, mais é dano do que utilidade: esteja-se nesta parte pelo juízo do Bispo ou do inquisidor, a fim de que, com o conselho do pároco ou do confessor, possam conceder licença de ler a Bíblia vertida em vulga, por autores católicos àqueles de quem eles entenderem que desta lição podem receber não dano, mas sim aumento da fé e da piedade. Essa licença deverá ser dada por escrito.

Liberada a leitura da Bíblia — Só em 1757, 193 anos depois, a proibição de ler a Bíblia na língua vulgar sem a licença por escrito do pároco foi suspensa pelo Papa Benedito XIV, com a publicação do seguinte adendo à bula *Dominici Gregis*:

Porém, se essas Versões da Bíblia forem aprovadas pela Sé Apostólica ou publicadas com anotações tiradas dos santos padres da Igreja ou de varões doutos e católicos, concedam-se.

Esse decreto do Papa Benedito XIV liberou a leitura da Bíblia pelos fiéis em qualquer língua, desde que a tradução fosse aprovada pela Igreja Católica. Permaneceu, porém, a proibição de ler as edições da Bíblia que não tivessem a aprovação ou *imprimatur* da Igreja Católica Romana. [15]

6. As primeiras Bíblias no Brasil

1557-1712

Calvinistas no Rio de Janeiro — Em 1555, o calvinista francês Villegaignon conquistou a baía da Guanabara e realizou o primeiro culto calvinista no Brasil. Entusiasmado, Calvino enviou para o Brasil quinze missionários, liderados por Jean de Lery. Esse grupo de missionários calvinistas só permaneceu no Brasil durante oito meses. Mas, durante os cinco anos de ocupação francesa no Rio de Janeiro, Villegaignon continuou a realizar cultos calvinistas que incluíam a leitura da Bíblia, provavelmente na edição francesa de 1478.

Calvinistas em Pernambuco — Em 1630, os holandeses conquistaram a Província de Pernambuco e, durante 24 anos, dominaram 14 capitanias no Nordeste do Brasil. Com a chegada do Príncipe Maurício de Nassau, eles iniciaram os cultos calvinistas na região. Durante o tempo em que os holandeses estiveram no Brasil, foram organizadas 24 igrejas e congregações protestantes, que também usavam a Bíblia em suas cerimônias religiosas. Alguns historiadores afirmam que em uma reunião dos líderes calvinistas no Recife foi aprovada a seguinte resolução:

Fica decidida a requisição de 20 Bíblias grandes para que cada um conheça a nova tradução.

A experiência calvinista no Nordeste do Brasil terminou com a expulsão dos holandeses em 1654. [16]

O primeiro Evangelho em português — O Rev. Antônio de Campos Gonçalves, Secretário de Tradução das Sociedades Bíblicas Unidas e da Sociedade Bíblica do Brasil, de 1943 a 1981, conta em artigo escrito para a Revista *A Bíblia no Brasil* que as primeiras Porções da Bíblia na tradução de João Ferreira de Almeida chegaram ao Brasil em 1712. Foram 150 exemplares do Evangelho de Mateus, impressos em Amsterdã, na Holanda, publicados pela Sociedade Promotora da Religião Cristã. O destino desses Evangelhos era a Colônia portuguesa de Goa, na Índia, mas o navio holandês que os transportava foi surpreendido por uma esquadra francesa e veio parar no Brasil. E esses Evangelhos, que eram destinados à Índia, acabaram ficando no Brasil. [17]

7. A tradução protestante de Almeida 1645-1753

A mais usada no Brasil — A tradução da Bíblia para o português feita por João Ferreira de Almeida no século XVII e publicada no século XVIII foi a preferida dos evangélicos brasileiros durante os séculos XIX e XX. E no início do século XXI ela mantinha essa preferência, sendo publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil em três Versões: a Edição Revista e Corrigida de 1898, a Versão Revista e Atualizada de 1993 e a Edição Revista e Corrigida de 1995.

O tradutor — João Ferreira de Almeida nasceu em 1628, em Torres de Tavares, Portugal. Em 1644, com apenas 16 anos de idade, converteu-se ao Protestantismo e foi morar em Málaca (Malásia). Lá, ele iniciou a tradução do Novo Testamento do texto latino de Beza, de 1557, com a ajuda de Versões da Bíblia em espanhol, francês e italiano. Começou pelos Evangelhos e depois traduziu algumas Cartas paulinas. Em 1645, Almeida enviou cópias manuscritas do seu trabalho de tradução da Bíblia para as congregações de Málaca (Malásia), Batávia (Indonésia) e Ceilão (Sri Lanka).

Na Batávia — João Ferreira de Almeida permaneceu em Málaca até 1651, quando se transferiu para o Presbitério da Batávia, na Ilha de Java (Jacarta, Indonésia). Lá, exerceu a função de capelão e iniciou seus estudos de Teologia. Durante os três anos seguintes, trabalhou na revisão da tradução que havia feito do Novo Testamento. Depois de passar por um exame preparatório e de ter sido aceito como candidato ao pastorado, Almeida acumulou novas tarefas: dava aulas de português a pastores, traduzia livros e ensinava religião a professores de escolas primárias. Em 1656, Almeida foi ordenado pastor e

iniciou seu ministério no Presbitério de Ceilão, no Sul da Índia.

Casamento — No Ceilão, Almeida casou-se com Lucretia Valcoa de Lemmes, com quem teve dois filhos. Em 1663, ele voltou para a cidade de Batávia, onde permaneceu com sua família até o final de sua vida. Ali, Almeida continuou a exercer o pastorado e retomou o trabalho de tradução da Bíblia. Nessa época, ele já falava a língua holandesa e estudava grego e hebraico. Passou, então, a usar como base de sua tradução a 2ª edição do *Textus Receptus*, publicada na Holanda em 1633. O *Textus Receptus* era, com pequenas variações, o mesmo Novo Testamento grego publicado por Desidério Erasmo em 1516.

A tradução do NT — Em 1676, Almeida comunicou ao presbitério que o Novo Testamento estava pronto. Aí começou sua batalha para ver o texto publicado. Era necessário obter a recomendação do presbitério, e ela só seria concedida após a aprovação da tradução por revisores indicados pelo próprio presbitério. Sem essa recomendação, a Companhia das Índias Orientais, na Holanda, não daria a licença para a publicação.

A revisão do NT — Escolhidos os revisores, o trabalho se desenvolveu vagarosamente. Em 1670, depois de esperar quatro anos pela revisão e irritado com a demora, Almeida resolveu não esperar mais e mandou o manuscrito para a Holanda, por conta própria, para ser impresso lá. Mas o presbitério conseguiu interromper o processo de impressão.

A 1ª edição do NT — Finalmente, em 1681, foi impressa a 1ª. edição do Novo Testamento de Almeida. Um ano depois, o Novo Testamento chegou à Batávia, mas apresentava erros de tradução e revisão. O fato foi comunicado às autoridades da Holanda, e todos os exemplares que ainda não haviam saído de lá foram destruídos por ordem da Companhia das Índias Orientais. As autoridades holandesas determinaram que fossem destruídos também os exemplares que já estavam na Batávia. Apesar das ordens recebidas da Holanda, nem todos os exemplares recebidos na Batávia foram destruídos. Alguns deles foram corrigidos à mão e enviados às congregações da região. Um desses exemplares encontra-se hoje no Museu Britânico, em Londres.

A nova revisão do NT — Diante disso, as autoridades holandesas pediram ao presbitério que fosse iniciada o mais rápido possível uma nova e cuidadosa revisão da tradução. Porém o trabalho de revisão e correção do Novo Testamento demorou dez anos.

A tradução do AT — Em 1670, Almeida passou a dedicar menos tempo ao pastorado para poder dedicar-se mais à tradução do Antigo Testamento. Durante os longos anos de espera pela revisão do Novo Testamento, ele trabalhou na tradução do Antigo Testamento. Em 1683, completou a tradução do Pentateuco. O presbitério de sua Igreja iniciou, então, a revisão dos livros do Antigo Testamento. Enquanto o presbitério revisava o Novo Testamento e os livros do Pentateuco, Almeida continuou a trabalhar na tradução dos demais livros do Antigo Testamento.

A morte de Almeida — Porém, a essa altura de sua vida, sua saúde já estava abalada, e ele não conseguiu concluir a grande obra de sua vida. Em outubro de 1691, oito anos depois de entregar a tradução do Pentateuco, Almeida faleceu, deixando o Antigo Testamento traduzido até Ezequiel 48.21. Somente dois anos depois de sua morte, em 1693, a segunda edição revista do Novo Testamento foi finalmente impressa e distribuída na Batávia. A tradução do Antigo Testamento foi completada em 1694 pelo Rev. Johannes op den Akker, pastor holandês da Igreja da Batávia na Ilha de Java.

A publicação da Bíblia — Somente 48 anos depois, entre 1742 e 1751, a tradução de Almeida foi revista pelo Rev. João Mauritz Mohr e o Rev. Lebrecht Augusto Behmer, na Batávia, e aprovada pelo presbitério. E, finalmente, em 1751, ela foi publicada na Batávia, em dois volumes. A obra de tradução da primeira Bíblia para a língua portuguesa durou 106 anos desde o seu início, em 1645, até a sua conclusão, em 1751. [18]

8. A tradução católica de Figueiredo

1778-1790

A primeira tradução católica de toda a Bíblia para a língua portuguesa foi feita pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo, no final do século XVIII.

Figueiredo — Antonio Pereira de Figueiredo (1725-1797) nasceu na cidade de Tomar, nas proximidades de Lisboa, e tornou-se um respeitado historiador, latinista e teólogo. A Encíclica do Papa Benedito XIV, publicada em 1757, reconhecendo a importância da Bíblia para a edificação espiritual dos fiéis, o motivou a dedicar-se à tradução da *Vulgata Latina* para a língua portuguesa. Ele começou sua obra em 1772 e terminou-a em 1790, aos 65 anos de idade. A 1ª edição da tradução de Antônio Pereira de Figueiredo foi publicada em Portugal, em 1790, em 23 volumes, sendo 6 do Novo Testamento e 17 do Antigo Testamento. Em 1819, a Bíblia completa de Figueiredo foi publicada em 7 volumes e, em 1821, ela foi reeditada pela primeira vez em um só volume.

Bem recebida — A tradução da Bíblia feita por Figueiredo foi bem recebida pelos estudiosos da época, tanto católicos como protestantes. Autor da obra *Tentativa Teológica*, Figueiredo era um escritor elegante e primoroso, de larga erudição. A linguagem bonita e fluente de sua tradução caiu no gosto dos leitores portugueses e brasileiros, a ponto de muitos protestantes preferirem sua tradução à de João Ferreira de Almeida.

Segunda Edição — Em 1804, foi publicada em Portugal a 2ª Edição da tradução de Figueiredo, revista pelo próprio tradutor. As notas de rodapé das duas primeiras edições da tradução de Figueiredo foram condenadas pela Igreja Católica Romana por defenderem o direito de os reis interferirem nas questões religiosas.

Publicação no Brasil — Somente em 1864, a tradução de Figueiredo foi publicada no Brasil sem as notas condenadas nas primeiras edições e foi bem aceita pelos católicos e protestantes. Foi essa a primeira Bíblia impressa no Brasil. Em 1904, ela foi reeditada em Portugal com novas notas escritas pelo Padre Santos Farinha. [19]

9. “Só aceito se for uma Bíblia católica”

A partir de meados do século XIX, as Sociedades Bíblicas passaram a usar vendedores ambulantes, chamados de colportores, para distribuírem suas Bíblias de edição protestante. Quando os colportores visitavam uma pessoa que só aceitava a Bíblia católica, eles ofereciam como alternativa um exemplar da Bíblia na tradução de Figueiredo. O Prof. Luciano Lopes, conhecido líder evangélico, contou, em artigo publicado na Revista *A Bíblia no Brasil*, a experiência de sua conversão a Cristo lendo uma Bíblia na tradução do Figueiredo, recebida de um colportor, no interior de Minas Gerais, no começo do século XX:

Sou filho de modestos fazendeiros da cidade de Caratinga, no Estado de Minas Gerais, e me dediquei, desde menino, aos duros trabalhos da lavoura. Estudei só até o segundo ano primário. Eu sempre fui uma pessoa religiosa. Quando tinha 19 anos, fui para Aimorés, em Minas, cidade situada às margens do Rio Doce, com a intenção de me tornar, um dia, um fazendeiro. Comecei, ali, a trabalhar na construção de uma estrada.

Um dia, passou por ali um colportor, chamado Vitorino Moreira, e me ofereceu uma Bíblia de edição protestante. Eu disse a ele:

— Eu só aceito se for uma Bíblia católica.

No dia seguinte, ele voltou com uma Bíblia católica, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, com aprovação do Arcebispo de Lisboa.

Comecei, então, a ler aquela Bíblia com avidez. Os ensinamentos de Cristo e, especialmente, as parábolas me deixaram encantado. Eu só havia estudado até o segundo ano primário, mas não tive dificuldade em compreender a mensagem bíblica. À medida que ia lendo, sentia crescer dentro de mim um misto de alegria e inquietação, que eu nunca havia sentido antes.

Um dia, li no Evangelho de João as palavras de Jesus: “E tudo o que vocês pedirem em meu nome eu farei, a fim que o Filho revele a natureza gloriosa do Pai. Eu farei qualquer coisa que vocês me pedirem em meu nome.” (Jo 14.13-14)

Elas calaram fundo no meu coração. E, tomado de forte emoção, eu orei a Deus, dizendo:

— Senhor, se é verdade o que acabo de ler, eu lhe peço uma prova: abra uma porta para eu poder estudar. Se isso acontecer, eu lhe prometo falar do evangelho a outras pessoas durante toda a minha vida.

Essa foi a primeira oração que eu fiz na vida.

E Deus ouviu a minha oração. Poucos dias depois, recebi uma carta do Diretor de um colégio da cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, que dizia:

— Soubemos que você é um jovem trabalhador e honesto. Se você deseja estudar, pode vir para o nosso colégio. Nós lhe daremos trabalho, para que você possa pagar suas despesas.

Era o que eu estava esperando. Liquidei meus negócios, paguei minhas dívidas e parti para Vitória, onde me matriculei, com 20 anos de idade, no terceiro ano primário e comecei a trabalhar de dia e estudar de noite.

E, desde aquele dia em que Deus me provou que sua Palavra era verdadeira, jamais parei de anunciar o evangelho. E, como resultado das minhas pregações, centenas de pessoas se converteram a Cristo, entre elas o Rev. Antônio Augusto Varizo Jr., um dos fundadores da Sociedade Bíblica do Brasil e, atualmente, redator da Revista A Bíblia no Brasil. Isso aconteceu durante uma série de conferências na Igreja Congregacional do Encantado, no Rio de Janeiro, em 1934. [20]

10. A fundação da primeira Sociedade Bíblica

1804

Movimentos missionários — No final do século XVIII e princípio do século XIX, floresceram na Inglaterra e nos Estados Unidos os movimentos missionários e surgiram as primeiras sociedades cristãs empenhadas na distribuição da Bíblia para o mundo inteiro.

O sonho de Mary Jones — Em 1792, Mary Jones, uma menina de oito anos de idade que morava numa pequena vila chamada de Llan, no país de Gales, começou a acalantar um sonho: ter sua própria Bíblia. Ela queria ler em sua própria casa aquelas histórias tão bonitas que costumava ouvir na Igreja. Esse desejo, no entanto, parecia impossível de ser realizado. Mary ainda não sabia ler e, infelizmente, não havia escolas nas redondezas. Além disso, naquele tempo, as Bíblias, assim como os demais livros, eram muito raras e caras. Só poucos privilegiados podiam possuir um exemplar das Escrituras Sagradas. E este não era o caso da menina, cuja família era muito pobre. Mesmo assim, Mary Jones fez uma promessa a si mesma: um dia teria sua própria Bíblia.

Mary aprende a ler — Ao completar dez anos, surgiu uma oportunidade para ela aprender a ler. Seu pai foi vender tecidos numa vila próxima, chamada de Aber, e soube que ali seria aberta uma escola primária. Quando a escola começou a funcionar, Mary foi uma das primeiras crianças a se matricular. Muito motivada, ela logo se tornou uma das primeiras alunas de sua classe. Em pouco tempo, aprendeu a ler.

Mary começa a economizar — Enquanto isso, ela continuava firme em seu propósito de conseguir a sua Bíblia. Agora que já sabia ler, o próximo passo seria conseguir o dinheiro para comprá-la. Mary começou, então, a perseguir seu novo objetivo: juntar dinheiro. Para isso, fazia pequenos serviços, com os quais ganhava alguns trocados. Apanhava lenha na mata para pessoas idosas e cuidava de crianças. Depois, com a intenção de ganhar um pouco mais, ela comprou algumas galinhas e passou a vender ovos.

Os dois primeiros anos — Passado o primeiro ano, Mary abriu o cofre para ver quanto havia guardado. E chegou a uma triste conclusão: havia conseguido economizar apenas uma pequena parte da quantia de que precisava para comprar sua Bíblia. Durante o segundo ano em que estava juntando dinheiro, Mary aprendeu a costurar. Com isso, conseguiu guardar uma quantia maior, embora ainda não fosse suficiente para ela concretizar o seu sonho.

O terceiro ano — Porém, no terceiro ano, Mary teve de enfrentar um imprevisto: seu pai ficou doente e deixou de trabalhar. Por isso, ela teve de dar tudo o que havia economizado durante aquele ano para sua família. Naquele ano, Mary não pode colocar nada no cofre.

O quarto ano — Mary não desanimou e continuou a trabalhar com o objetivo de comprar a sua Bíblia. E, finalmente, no quarto ano, conseguiu completar a quantia de que precisava para comprá-la. Nessa época, Mary já estava com 15 anos de idade. Agora, ela já podia comprar sua tão sonhada Bíblia. Mas onde encontrá-la? O pastor de sua igreja lhe informou que não era possível comprar Bíblias em Llan, nem nas vilas vizinhas. Ela só conseguiria encontrar um exemplar na cidade de Bala, que ficava a 40 quilômetros dali. Na cidade de Bala, morava o Rev. Thomas Charles, que costumava ter em sua casa alguns exemplares das Escrituras Sagradas para vender às pessoas da região.

Viagem à cidade de Bala — Com essa informação, Mary foi para casa e pediu a seus pais para ir à cidade de Bala. No início, eles não queriam que ela fosse sozinha. Mas ela insistiu tanto, que seus pais acabaram concordando. A longa viagem de Mary Jones foi feita a pé. Pensando em poupar seus sapatos durante a longa caminhada, ela resolveu ir descalça. Mary caminhou o dia todo e, no início da noite, chegou à casa do Rev. Thomas Charles. Ali, no entanto, mais uma dificuldade a aguardava: o Rev. Thomas havia vendido todas as suas Bíblias. Ele ainda tinha alguns exemplares em sua casa, mas já estavam todos vendidos.

O sonho é realizado — Ao receber essa notícia, Mary começou a chorar. Depois, mais calma, contou sua longa história ao Rev. Thomas. Então, o pastor, comovido, dirigiu-se até um armário, tirou de lá uma das Bíblias vendidas e a entregou à Mary.

História comovente — Comovido com a história de Mary, o Rev. Thomas Charles resolveu contar o que tinha ouvido aos Diretores da Sociedade de Folhetos Religiosos. Profundamente tocados com a luta de Mary Jones para conseguir seu exemplar da Bíblia, os Diretores daquela organização chegaram à conclusão de que uma experiência como aquela não deveria acontecer mais e que eles deveriam fazer alguma coisa para tornar a Bíblia mais acessível à população pobre do seu país.

A fundação da SBBE — Alguns meses depois, um grupo de cerca de 400 pessoas, motivadas pela experiência de Mary Jones, se reuniram em Londres para organizarem uma sociedade com o propósito de traduzir, imprimir e distribuir a Bíblia para o país de Gales. Porém, durante a reunião, alguém se levantou e propôs:

Se vamos produzir Bíblias para o país de Gales, por que não para o mundo todo?

A proposta foi aceita. E, assim, no dia 7 de março de 1804, foi fundada em Londres a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, com o propósito de traduzir, imprimir e distribuir a Bíblia para o mundo todo, sem notas nem comentários, em uma linguagem que todos pudessem entender e ao preço que todos pudessem pagar. Foi este o início do maior movimento ocorrido na história da Igreja Cristã com o propósito de divulgar as Escrituras Sagradas no mundo.[21]

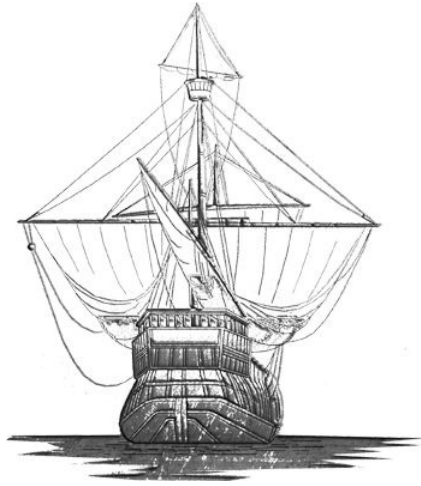
11. O escravo que se tornou Bispo

1809-1892

Capturado como escravo — Quando tinha 13 anos, Samuel Aiavi Crowther, nascido em 1809, em Oxogun, no reino de Oyó, na África, foi capturado e levado para ser vendido como escravo na cidade de Lagos, na Nigéria. Porém o barco em que viajava foi interceptado por um cruzador britânico da esquadra de repressão ao tráfico de escravos, e ele foi libertado. Crowther foi, então, levado para a cidade de Freetown, em Serra Leoa e ali foi educado pela Sociedade Missionária Cristã. Crowther converteu-se a Cristo e decidiu seguir a carreira religiosa. Estudou Teologia em Londres, foi ordenado ao ministério sagrado e retornou à Nigéria para ser pastor em sua terra. Em 1864, foi nomeado Bispo da Igreja Anglicana, o primeiro Bispo africano de sua Igreja. No período de 1860 a 1870, trabalhou na tradução do Novo Testamento para o iorubá, a língua mais falada na Nigéria. O Novo Testamento em iorubá foi publicado em 1870, e a Bíblia completa, alguns anos depois.

A língua iorubá — O iorubá é uma língua falada também no Brasil pelos descendentes de escravos oriundos da Nigéria. É usado nas cerimônias do candomblé pelos descendentes das nações Nagô-quetu, Jeje e Angola. Muitas palavras em iorubá, como acarajé, jabá e axé foram incorporadas ao idioma português. Quase todas as Bíblias em iorubá são hoje produzidas no Brasil. De 2001 a 2006, a Gráfica da Bíblia produziu mais de um milhão de Bíblias em iorubá para a Sociedade Bíblica da Nigéria. [22]

CAPÍTULO II



A BÍBLIA NO BRASIL IMPÉRIO

1808-1889

1. A Igreja e o Estado no Brasil Império

1500-1889

A Igreja e o Estado — De 1500 e 1889, a Igreja Católica Romana foi a religião oficial no Brasil. As relações entre o Estado e a Igreja no Brasil Império foram herdadas de Portugal. Para recompensar os reis portugueses por sua luta contra os mouros e por espalhar o catolicismo pelo mundo, a Igreja Católica Romana lhes concedeu o padroado, isto é, o direito de indicar Bispos e de ter outros privilégios na área da administração eclesiástica. Dois desses privilégios assumiram grande importância no Brasil Império: o direito de recurso ao Governo em questões de disciplina eclesiástica e o *direito de placet*, isto é, de censurar os documentos provenientes de Roma, inclusive as Encíclicas. No Brasil Império, os Padres e os Bispos eram funcionários públicos pagos pelo Governo brasileiro. No sentido material, a Igreja Católica no Brasil era mais dependente do Estado do que de Roma.[1]

Casamento ilegal — Até meados do século XIX, apenas o casamento feito pela Igreja Católica era reconhecido pelo Governo imperial. Assim, os protestantes que se casavam no Brasil eram considerados amasiados, e seus filhos, tidos como ilegítimos. Só em 1863 foi concedido aos pastores evangélicos o direito de celebrar o casamento com efeito legal, através do Decreto Imperial n°. 1.144.

A Bíblia com imprimatur — Em 1757, o Papa Benedito XIV havia liberado a leitura da Bíblia pelos fiéis em qualquer língua, desde que a tradução fosse aprovada pela Igreja Católica. Porém foi mantida a proibição de ler as edições da Bíblia que não tivessem o *imprimatur* da Igreja. Essa recomendação vigorou durante todo o Brasil Império e foi um grande obstáculo para as Sociedades Bíblicas, pois elas só publicavam Bíblias de edição protestante, que não tinham o *imprimatur* da Igreja Católica.

Apesar disso, a maioria dos católicos brasileiros aceitava a Bíblia de edição protestante, o Novo Testamento ou um dos Evangelhos. E, no caso de essas publicações serem recusadas, os colportores das Sociedades Bíblicas ofereciam um exemplar da única Bíblia católica em português disponível na época, a Bíblia na tradução de Figueiredo.

A Igreja e a Bíblia — Durante todo o período do Brasil Império, a Igreja Católica não mostrou maior interesse em estimular a posse e a leitura da Bíblia entre os seus fiéis. Muitos líderes católicos acreditavam que a divulgação da Bíblia poderia favorecer o avanço do Protestantismo no Brasil. Essa situação só começou a mudar no início do Brasil República, com a publicação, em 18 de novembro de 1893, da Encíclica *Providentissimus Deus*, do Papa Leão XIII, que recomendou aos fiéis a leitura e o estudo das Escrituras Sagradas. [2]

2. D. João VI abre os portos do Brasil

1808

O ultimato de Napoleão — No dia 12 de agosto de 1807, Napoleão Bonaparte mandou um ultimato ao ministro dos Estrangeiros de Portugal, Antônio Araújo de Azevedo, o Conde de Barca: ou D. João VI fechava seus portos aos navios ingleses e considerava prisioneiros os cidadãos ingleses residentes em Portugal, confiscando seus bens, ou Portugal seria invadido pelo exército francês. Imediatamente, os ingleses advertiram que, caso D. João VI cedesse ao ultimato francês, eles destruiriam os navios portugueses ancorados no Rio Tigre e invadiriam o Brasil. Entre dois fogos, D. João VI preferiu assinar com a Inglaterra, em outubro de 1807, os tratados de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação e transferir sua Corte para o Brasil.

A vinda de D. João VI — No dia 29 de novembro de 1807, um dia antes de o exército francês invadir Portugal, D. João VI partiu para o Brasil com toda a sua corte, em uma frota composta de oito navios, oito vasos de guerra e trinta vasos comerciais. Em 22 de janeiro de 1808, D. João VI chegou com sua Corte a Salvador, na Bahia, onde foi recebido calorosamente.

Abertura dos portos — No dia 28 de janeiro de 1808, uma semana depois de ter chegado ao Brasil, estando ainda no Estado da Bahia, D. João VI decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Finalmente, estava liberada, a partir daquela data, a entrada de livros no Brasil. A partir dessa decisão histórica de D. João VI, foram abertas as portas para a entrada da Bíblia em nosso país.

A Bíblia de D. João VI — Um mês depois de haver chegado à Bahia, D. João VI embarcou com sua Corte para o Rio de Janeiro, aonde chegou no dia 7 de março de 1808. D. João VI trouxe com ele uma grande biblioteca, que foi transformada, mais tarde, na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro e, depois, na Biblioteca Nacional. Em sua biblioteca, havia um exemplar da Bíblia de Gutenberg, impressa em latim, em dois volumes, em pergaminho, editada na cidade de Mogúncia, em 1462, pelos editores Johann Trust e Peter Schoeffer, sucessores de Gutenberg. Esse exemplar raro da Bíblia, passados dois séculos, ainda se encontra na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.[3]

3. As Sociedades Bíblicas enviam as primeiras Bíblias 1809-1838

A SBBE envia Testamentos — Com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, em janeiro 1808, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), sediada em um país aliado de Portugal, se animou a produzir Escrituras Sagradas na língua portuguesa e enviá-las para a Colônia portuguesa nas Américas, então Sede do Império Português. Ela iniciou imediatamente a produção de Escrituras em português e, em 1809, cinco anos depois de sua fundação, lançou a 1ª edição, de 12 mil exemplares do Novo Testamento em português, na tradução de João Ferreira de Almeida, Versão de 1773. Como a primeira Edição não foi suficiente para atender os pedidos recebidos, dois anos depois, em 1811, a SBBE imprimiu mais 7 mil exemplares desse Novo Testamento. Parte dessas duas Edições foi enviada ao Brasil a partir de 1809.

Outras Sociedades Bíblicas — Em 1814, foi fundada a Sociedade Bíblica da Holanda e, em 1816, a Sociedade Bíblica Americana (SBA), ambas com o mesmo propósito, o de traduzir, imprimir e distribuir as Escrituras Sagradas, sem fins lucrativos, em todas as

línguas e a todos os povos. Logo depois, surgiram outras Sociedades Bíblicas nacionais na Alemanha, Suíça, Suécia, França e Canadá.[4]

A SBBE publica sua Bíblia em português — Em 1819, dez anos depois de haver publicado o Novo Testamento em português, a SBBE publicou sua primeira Bíblia completa em português, também na tradução de João Ferreira de Almeida, Versão de 1773. Ela foi impressa em um só volume para facilitar o transporte, reduzir o custo de produção e tornar possível a sua venda a um preço menor, ao alcance de um número maior de leitores. Essas Bíblias foram enviadas para Portugal e suas colônias na África, na Ásia e nas Américas.[5]

Recife recebe NTs — Em 1821, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira enviou mais 2.000 Novos Testamentos em português, na tradução de João Ferreira de Almeida, Versão de 1773, para a cidade do Recife, em Pernambuco.

SBBE envia as primeiras Bíblias — O Rev. Arnoldo Canclini, ex-Presidente da Asociación Sociedad Bíblica Argentina, diz em seu livro *La Bíblia en la Argentina* que James Thompson, o primeiro colportor da SBBE na América Latina, então sediado em Buenos Aires, enviou, em 1821, 10 exemplares da Bíblia em português ao capelão da cidade de Salvador, na Bahia. Essas Bíblias, publicadas pela SBBE em 1819, na tradução de Almeida, Versão de 1773, seriam as primeiras Bíblias completas em português enviadas ao Brasil pelas Sociedades Bíblicas.

Em uma carta escrita em Buenos Aires, Argentina, e dirigida à SBBE, em Londres, datada de 26 de fevereiro de 1821, James Thompson acusa o recebimento das Bíblias e dos Novos Testamentos em português e manifesta seu desejo de enviá-las ao Brasil:

Tenho o prazer de informar-lhes que as caixas contendo 100 Bíblias e 200 Novos Testamentos em português chegaram aqui há duas semanas. Espero que Deus abra as portas para que esses exemplares das Escrituras possam ser distribuídos no Brasil, um dos países menos acessíveis ao evangelho na América Latina.

Essas Bíblias faziam parte da 1ª edição da Bíblia em português, Versão de 1773, publicada em 1819. Thompson, provavelmente, tinha enviado também para o Brasil os exemplares restantes do lote de 100 Bíblias e 200 Novos Testamentos em português que recebeu da SBBE.[6]

4. Os protestantes chegam ao Brasil

1819-1855

Os colonos suíços — Em 16 de maio de 1818, D. João VI, sentindo a necessidade de uma colonização planejada no Brasil, baixou um decreto autorizando o agente do Cantão de Friburgo, na Suíça, Sebastião Nicolau Gachet, a estabelecer uma Colônia de cem famílias suíças na Fazenda do Morro Queimado, no Distrito de Cantagalo. Esse local, situado na região serrana do Rio de Janeiro, tinha o clima e topografia parecidos com os da Suíça. Entre 1819-1820, chegaram ao Brasil 261 famílias de colonos suíços, 161 a mais do que havia sido combinado nos contratos, totalizando 1.686 imigrantes. Esses imigrantes suíços fundaram a cidade de Nova Friburgo, na Província do Rio de Janeiro. Por imposição da Igreja Católica, esses colonos foram contratados com a condição de que

fossem todos católicos.

Os anglicanos — Em 1819, para atender o desejo de numerosos cidadãos ingleses que moravam na cidade do Rio de Janeiro, foi iniciada a construção na cidade de um templo anglicano, com aparência externa de uma residência comum. O uso de torre, cruz ou sinos só era permitido à Igreja Católica Apostólica Romana. Em 1820, foi concluída a construção desse templo e iniciados os serviços religiosos. Os cultos aos domingos, dirigidos pelo pastor anglicano Robert Syngne, eram frequentados por funcionários de embaixadas, comerciantes, marinheiros e viajantes de passagem pela cidade. Essa congregação de religiosos não católicos era considerada pelas autoridades como uma capelania e não como uma igreja protestante.

Os luteranos — Em 1824, por influência do Ministro José Bonifácio de Andrada e Silva, o Imperador Dom Pedro I decidiu promover um programa de imigração de alemães para trabalharem no Brasil. O argumento apresentado por José Bonifácio foi a necessidade de povoar o Sul do Brasil por motivo de segurança nacional, diante das sucessivas disputas territoriais na fronteira com o Uruguai e a Argentina.

No acordo de imigração feito por D. Pedro I, desapareceu a cláusula religiosa presente anteriormente no documento da imigração de origem suíça, sendo aceitos também os colonos protestantes. Os imigrantes luteranos vieram em dois veleiros, o “Argus” e o “Caroline”, acompanhados pelo Pr. Friedrich Oswald Sauerbronn, que anteriormente havia sido pároco em Becherbach, na Alemanha (1809-1821). O próprio Imperador contratou esse pastor, com salário pago pelo Governo imperial, para dar assistência espiritual aos colonos luteranos. Com essa atitude, D. Pedro I mostrou que, ao contrário de seu pai, D. João VI, iria adotar uma postura de maior tolerância religiosa e de menor dependência da Igreja Católica Romana.

Parte desses imigrantes luteranos foi morar na recém-fundada comunidade de Nova Friburgo, na Província do Rio de Janeiro. A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Nova Friburgo foi fundada no dia 3 de maio de 1824.

A maioria dos luteranos que chegaram ao Brasil a partir de 1824 foi para o Sul do País. Nos primeiros 50 anos de imigração alemã, chegaram ao Rio Grande do Sul entre 20 e 28 mil alemães, trazendo com ele suas Bíblias no idioma alemão. Os primeiros pastores luteranos no Brasil foram o Rev. Johann Georg Ehlers, o Rev. Karl Leopold Voges e o Rev. Friedrich Christian Klingelhöffer.

A Comunidade Protestante — Em junho de 1827, foi fundada no Rio de Janeiro a Comunidade Protestante Alemã-Francesa, por iniciativa do cônsul da Prússia no Brasil, o Sr. Wilhelm von Thiermin.

A nova Constituição — Em 1824, foi promulgada a Constituição do Império, que concedia liberdade restrita de culto no Brasil, mantendo a Igreja Católica como a Igreja do Estado. Seu artigo 5º dizia:

A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões poderão realizar cultos domésticos ou particulares, em casas para isso destinadas sem nenhuma forma exterior de templo.

Grande demanda de Bíblias — Em 1826, durante as comemorações do 10º

aniversário da Sociedade Bíblica Americana (SBA), seu Secretário-Geral ressaltou assim o interesse pela Bíblia na América Latina:

Os povos que vivem no Sul do Continente Americano estão preparados para receber não centenas ou milhares de Escrituras, mas milhões de exemplares. Em minhas viagens a essa região, jamais encontrei uma única pessoa, de qualquer posição social, que não quisesse receber, com gratidão, um exemplar das Escrituras Sagradas.

A SBA envia Escrituras — Para atender essa grande demanda de Bíblias, a SBA intensificou a remessa de Escrituras à América Latina através de cidadãos americanos que iam para a região: cônsules, oficiais da marinha e negociantes. Segundo relatórios da SBA, somente durante o ano 1826, ela enviou à América Latina 3.967 exemplares das Escrituras em espanhol e português. Elas eram enviadas através de capitães de navios mercantes e entregues em consignação aos comerciantes estabelecidos nas principais cidades e portos do Brasil.

O primeiro missionário metodista — Dez anos depois, em 1836, chegou ao Brasil o primeiro missionário da Igreja Metodista, o Rev. Justus Spalding. Ele fixou residência no Rio de Janeiro, mas viajou por várias Províncias do Brasil, pregando o evangelho e distribuindo as Escrituras em português e latim. Em uma carta escrita à Sociedade Bíblica Americana, em 23 de dezembro de 1837, o Rev. Spalding informou que já havia distribuído todas as Escrituras que havia recebido e que esperava receber mais.[7]

5. O primeiro representante da SBA no Brasil 1837-1887

O Rev. Kidder — Em 1837, o jovem pastor metodista Rev. Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi nomeado o primeiro representante da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil. O Rev. Kidder nasceu em 1815 na cidade de Darien, no Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, e formou-se na Wesleyan University em 1836. Em 1837, com 22 anos de idade, embarcou para o Brasil acompanhado de sua esposa, Cynthia H. Russel, e se estabeleceu no Rio de Janeiro. Permaneceu no Brasil até 1840 e realizou uma ampla distribuição de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos na capital e no interior dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Suas atividades — Em seu livro “Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil”, publicado nos Estados Unidos em 1845, ele fez a seguinte declaração sobre suas atividades no Brasil:

Tendo se espalhado a notícia de que havíamos recebido um bom suprimento das Escrituras Sagradas, nossa casa ficou literalmente cheia de pessoas de todas as idades e condições sociais. Na Sede de nossa missão, foram distribuídos gratuitamente muitos exemplares das Escrituras Sagradas. Entre as pessoas que nos procuraram pessoalmente estavam diretores de escolas e estudantes. Além da Bíblia em português, pediam também exemplares em francês e inglês.

Tivemos conhecimento de muitos casos em que a divulgação das Escrituras havia produzido efeitos benéficos imediatos. Só a eternidade poderá revelar todo o alcance

dos benefícios recebidos por essas pessoas que leram a Bíblia pela primeira vez. Ao viajar pelas províncias distantes, verifiquei que volumes sagrados enviados do Rio de Janeiro haviam chegado lá antes de mim. E, em todos os lugares aos quais chegavam, eles despertavam tanto interesse, que levavam o povo a querer mais.

O Padre Luiz Gonçalves dos Santos conta em seu livro *O Católico e o Metodista* que, no dia 9 de março de 1838, a SBA enviou de Nova Iorque a seguinte carta à Junta de Missões da Igreja Metodista, no Brasil, então liderada pelo Rev. Daniel P. Kidder:

Com esta estamos enviando uma caixa com 73 Bíblias e 25 Novos Testamentos, como doação para o trabalho dos missionários metodistas no Brasil.

O primeiro NT da SBA — Em 1839, a Sociedade Bíblica Americana publicou sua 1ª edição do Novo Testamento em português, na tradução de João Ferreira de Almeida, Versão de 1773.

A SBA oferece NTs às escolas — Em seu livro sobre o Brasil, o Rev. Daniel P. Kidder conta que, em 1839, encaminhou em nome da Sociedade Bíblica Americana a seguinte proposta ao presidente da Assembleia Legislativa da Província de São Paulo, Sr. Martim Francisco:

Considerando que mantenho relações com a Sociedade Bíblica Americana, de Nova Iorque, cuja finalidade é divulgar a Palavra de Deus, sem nota ou comentário em todo o mundo e que o Novo Testamento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo constitui esplêndida peça clássica, tanto em assuntos históricos como religiosos e morais, além de encerrar em toda a sua pureza as verdades sagradas do Cristianismo, cujo conhecimento é de valor inestimável para todas as pessoas, seja como indivíduo ou como parte integrante da sociedade;

e, que tendo a mais ilimitada confiança na filantropia da dita Sociedade e na sua disposição em cooperar para o bem do Brasil, como de todas as outras nações, especialmente em vista das relações amistosas existentes entre esses dois grandes países, proponho doar, em nome da Sociedade Bíblica Americana, o Novo Testamento em português, na tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, em quantidade suficiente para fornecer uma dúzia de exemplares a cada escola primária da Província de São Paulo, com a condição de que esses exemplares, depois de recebidos pela Alfândega do Rio de Janeiro, sejam encaminhados a essas escolas para serem usados por elas como livros de leitura geral e de instrução para os seus alunos.

A Assembleia Legislativa acolheu a proposta e encaminhou-a a Comissão de Negócios Eclesiásticos, que deu seu parecer favorável à doação. Entretanto, por motivos desconhecidos pelo Rev. Kidder, sua proposta jamais foi aprovada pela Assembleia Legislativa de São Paulo.

Sua volta para os Estados Unidos — Em 1840, o Rev. Daniel P. Kidder perdeu sua jovem esposa e decidiu voltar para os Estados Unidos, onde assumiu o pastorado da Igreja Metodista da cidade de Paterson. Em 1845, lançou o livro “Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil”, a primeira obra sobre o Brasil publicada nos Estados Unidos.

A Versão Revista e Emendada — Em 1847, a Sociedade Bíblica Americana fez sua

primeira revisão da tradução de Almeida e publicou uma edição especial da Bíblia para os marinheiros da Marinha mercante portuguesa com o nome de *Bíblia Revista e Emendada*.

6. Os primeiros agentes da SBA no Brasil

1854-1856

O Rev. Fletcher, no Rio de Janeiro — Em 1854, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) abriu sua primeira agência no Brasil, instalada no Rio de Janeiro pelo pastor presbiteriano Rev. James Cooley Fletcher. A Agência dispunha de um escritório e de um depósito de Escrituras. Antes de aceitar o convite da SBA, o Rev. Fletcher já trabalhava como missionário presbiteriano no Rio de Janeiro, desde 1852, como representante da missão americana União Cristã, dando assistência religiosa a marinheiros e imigrantes europeus.

Ele atuava também como secretário da delegação americana no Brasil, procurando aproximar o Brasil e os Estados Unidos nas áreas diplomática, comercial e cultural. Através de seus contatos com políticos e intelectuais brasileiros, ele contribuiu indiretamente para a introdução do protestantismo no Brasil. Foi por sua sugestão que o fundador da primeira Igreja Protestante no Brasil, o missionário congregacional escocês Robert Reid Kalley veio para o Brasil, em 1855.

Apesar de enfrentar forte oposição das autoridades religiosas, o Rev. Fletcher distribuiu muitas Bíblias no Rio de Janeiro e em outras províncias do Brasil. Durante a sua permanência no país, ele tornou-se amigo de D. Pedro II e despertou a simpatia do Imperador pelo trabalho das Sociedades Bíblicas.[8]

O Rev. Nesbit, na Amazônia — Em 1857, a região amazônica estava vivendo um período de grande prosperidade econômica com a chegada do ciclo da borracha. A Sociedade Bíblica Americana resolveu, então, abrir uma Agência em Belém, no Pará, e nomeou para instalar e dirigir a Agência o Rev. R. Nesbit. Em 1857, a Agência recebeu de Nova Iorque um carregamento de 2.500 exemplares de Escrituras em português. O Rev. Nesbit foi muito bem recebido na Amazônia, encontrou lá um campo fértil para a divulgação das Escrituras e, no mesmo ano, conseguiu distribuir todos os exemplares que havia recebido.

Em 1858, entusiasmado com os resultados animadores do seu primeiro ano de atividades, ele resolveu fazer uma longa viagem missionária, percorrendo todo o Rio Amazonas. Sairia de Belém, subiria o grande rio, navegando contra a correnteza, passaria por Manaus e pelos povoados situados na região oeste do Amazonas e chegaria até a fronteira com o Peru. Seria uma viagem pioneira, longa, demorada e perigosa, na qual gastaria muitos meses e passaria por sérios perigos. Mas ele estava disposto a correr todos os riscos para levar a Palavra de Deus a milhares de pessoas daquela região desconhecida que nunca antes haviam ouvido falar sobre o evangelho.

Ele partiu de Belém no barco *Tabatinga*, levando um grande carregamento de Escrituras em português para distribuir aos moradores ribeirinhos. Tudo correu muito bem até Manaus, capital da Província do Amazonas, onde ele reabasteceu o seu barco. Partindo de Manaus, navegou rumo Oeste, passando por uma vasta região pouco habitada e muito perigosa. Conseguiu superar todas as dificuldades e seguiu rumo ao Peru, que era seu

objetivo final.

Porém, no final da viagem, aconteceu o inesperado. Nesbit foi acometido de febre amarela e, sem recursos para enfrentar a doença, faleceu no barco, pouco antes de terminar a viagem. O barco *Tabatinga* seguiu, transportando seu corpo, até chegar à cidade de Iquitos, no Peru, na fronteira com o Brasil. E ali, na cidade de Iquitos, foi sepultado o Rev. R. Nesbit, primeiro Agente da Sociedade Bíblica Americana no Amazonas e um dos heróis da Causa Bíblica no Brasil.[9]

7. A primeira Igreja Evangélica no Brasil

1858

Kalley na Ilha da Madeira — Robert Reid Kalley (1809-1888) nasceu na Escócia e formou-se em medicina pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de Glasglow. Interessou-se pelo estudo da Bíblia motivado por um testemunho de uma de suas pacientes. Converteu-se a Cristo através da leitura das Escrituras e, em 1838, decidiu trabalhar como missionário na Ilha da Madeira. Em 1839, foi ordenado pastor presbiteriano. Em 1846, escapou de violenta perseguição religiosa na Ilha da Madeira e foi morar, junto com outros refugiados, na cidade de Springfield, no Estado de Illinois, nos Estados Unidos.

Na Palestina — De 1848 a 1852, o Rev. Kalley trabalhou como médico e missionário na Ilha de Malta e na Palestina. No final de 1852, casou-se na Palestina com Sarah Poulton Wilson, mulher culta e talentosa, filha de um destacado político inglês, líder da Igreja Congregacional. Logo após o seu casamento, voltou para os Estados Unidos, onde passou a dar assistência espiritual aos refugiados madeirenses que haviam se refugiado nos Estados Unidos. Nessa época, por influência de sua esposa, filiou-se à Igreja Congregacional.

Nos Estados Unidos — Em 1854, o Rev. Kalley leu o livro “Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil”, escrito pelo Rev. Daniel Parish Kidder, primeiro representante da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Rio de Janeiro, e se interessou pela Obra missionária no Brasil. No mesmo ano, conheceu o Rev. Fletcher, agente da SBA no Rio de Janeiro, que o animou a trabalhar no Brasil.

No Brasil — Em abril de 1855, o Rev. Kalley e sua esposa chegaram ao Brasil e fixaram residência na cidade de Petrópolis, na Província do Rio de Janeiro. No mesmo ano de sua chegada ao país, o casal fundou em Petrópolis a primeira escola dominical permanente. Em 11 de julho de 1858, o Rev. Kalley fundou no Rio de Janeiro a Igreja Evangélica Fluminense, a primeira igreja evangélica do Brasil. O primeiro membro dessa Igreja foi o Sr. Pedro Nolasco de Andrade.

Influência de Kalley — Desde que chegou a Petrópolis, o Rev. Kalley procurou relacionar-se com as autoridades civis, inclusive com o Imperador D. Pedro II, do qual se tornou amigo. O Imperador era seu vizinho e foi visitá-lo várias vezes para ouvir as histórias de suas viagens pelo mundo. A influência crescente do Rev. Kalley junto às autoridades brasileiras contribuiu para a ampliação da liberdade religiosa no Brasil. Sua esposa, Sarah Poulton Kalley (1825-1907), foi autora do hinário *Salmos e Hinos* (1861), usado até o século XXI pelas igrejas evangélicas brasileiras.

Kalley e a SBA — O Rev. Robert Reid Kalley permaneceu no Brasil até a sua aposentadoria, em 1876, e faleceu na Escócia em 1888. Durante seu longo ministério no Brasil, manteve estreita colaboração com as Sociedades Bíblicas e promoveu com entusiasmo a divulgação das Escrituras. Um dos primeiros membros de sua Igreja, o Sr. Thomas Gallart, dedicou-se com tempo integral ao trabalho de distribuição da Bíblia, atuando durante muitos anos como colportor no Rio de Janeiro e na cidade de Juazeiro, no Estado da Bahia.[10]

8. A SBA consolida seu trabalho no Brasil

1859-1887

Simonton — Em 1859, passou a ser representante da Sociedade Bíblica Americana, no Rio de Janeiro o pastor presbiteriano Rev. Ashbel Green Simonton. Ele nasceu em West Hanover, no Sul da Pensilvânia. Seu pai, o Dr. William Simonton, era médico e político, e sua mãe, Martha Davis Snodgrass, era filha de um pastor presbiteriano. Em 1855, viveu uma profunda experiência religiosa durante um movimento de reavivamento espiritual e decidiu seguir a carreira religiosa. Ingressou no Seminário de Princeton e, durante seus estudos, resolveu dedicar-se ao trabalho missionário. Em 1859, foi ordenado ministro do evangelho e, no mesmo ano, partiu para o Brasil como missionário da Igreja Presbiteriana, chegando ao Rio de Janeiro no mês de agosto.

No Brasil, exerceu um ministério curto, mas frutífero e abençoado. Em 1862, fundou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Em 1864, criou o jornal Imprensa Evangélica e a primeira livraria evangélica do País. Em 1865, organizou o Presbitério do Rio de Janeiro. E, em 1867, fundou o primeiro Seminário Presbiteriano no Brasil e lançou as bases para a criação da Universidade Mackenzie, em São Paulo.

O Rev. Simonton promoveu a distribuição das Escrituras através de colportores e, a partir de 1864, através da primeira livraria evangélica, criada pela Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro. A partir de 1860, ele contou com a colaboração de seu cunhado, Rev. Alexander L. Blackford. O Rev. Simonton exerceu suas atividades de missionário e representante da SBA até 1867, quando foi acometido de febre amarela e faleceu em São Paulo, com apenas 34 anos de idade.

Blackford reabre a Agência da SBA — Após a morte de Simonton, em 1867, o Rev. Alexander Latimer Blackford foi nomeado representante da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil. O Rev. Blackford nasceu no dia 29 de janeiro de 1829, em Martins Ferry, no Estado de Ohio, nos Estados Unidos, e casou-se com Elizabeth Wiggins Simonton, irmã do Rev. Ashbel Green Simonton. Chegou ao Brasil em 1860 como missionário da Igreja Presbiteriana, passando a cooperar com o Rev. Simonton na divulgação das Escrituras.

O Rev. Blackford trabalhou como representante da SBA até 1876, quando reabriu a Agência da SBA no Rio de Janeiro. Em 1877, fez uma longa viagem pelo interior do país, visitando 32 cidades e distribuindo milhares de Escrituras. Durante sua gestão, fez a revisão do Novo Testamento na tradução de Almeida e o imprimiu no Brasil em 1879. Foi esse o primeiro Novo Testamento impresso pelas Sociedades Bíblicas no Brasil.

Em 23 de março de 1879, o Rev. Blackford perdeu sua esposa Elizabeth, que foi

sepultada ao lado de seu irmão Ashbel Green Simonton no Cemitério dos Protestantes, na Avenida Dr. Arnaldo, em São Paulo. Em 1880, ele se aposentou e transferiu a direção da Agência Bíblica da SBA ao Rev. William Campbell Brown.

William Campbell Brown — O Rev. William Campbell Brown, um jovem pastor episcopal, formado no Seminário Teológico Unido, dirigiu a Agência da SBA no Rio de Janeiro de 1880 a 1887. Em 1887, voltou para os Estados Unidos devido a problemas de saúde em sua família e foi substituído pelo Rev. Hugh Clarence Tucker. Alguns anos depois, o Rev. William Campbell Brown voltou ao Brasil e, como representante da SBA, presidiu a Comissão da *Tradução Brasileira da Bíblia*. [11]

9. Os agentes da SBBE 1856-1889

A primeira Agência da SBBE — No final de 1856, o Rev. Richard Corfield abriu a primeira Agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no Brasil, à Rua Sete de Setembro, n°. 71, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Ele organizou uma comissão local para apoiá-lo em sua missão. Corfield contratou e treinou diversos colportores, conseguindo aumentar a distribuição anual de Escrituras de 4.721 exemplares, em 1857, para 7.187, em 1858. Ele permaneceu no Brasil até 1862, quando foi transferido para Buenos Aires, na Argentina.

Holden — Em 1865, assumiu a direção da Agência da SBBE no Rio de Janeiro o pastor episcopal Rev. Richard Holden, que havia trabalhado antes como representante da Sociedade Bíblica Americana em Belém, no Pará. Em 1866, ele contratou 11 colportores para trabalharem no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Em 1871, aumentou para 15 o número de colportores, e a distribuição subiu para 7.461 Escrituras.

Em 1865, a SBBE publicou uma Porção Bíblica com os Evangelhos e Atos dos Apóstolos, na tradução de Almeida, com uma revisão ortográfica feita pelo Sr. Da Costa Ricci.

A Versão Revista e Reformada — Em 1869, a SBBE publicou uma edição do Novo Testamento, na tradução de Almeida, em sua nova *Versão Revista e Reformada*.

Carvalho — Em 1872, o Rev. Richard Holden deixou a Agência Bíblica da SBBE no Rio de Janeiro e foi substituído pelo Sr. José de Carvalho. Carvalho contratou novos colportores e promoveu o crescimento da circulação de Escrituras até alcançar, em 1876, o recorde de 10.664 exemplares. Em 1878, deixou o cargo por motivos de saúde.

Gonçalves — Em 1879, assumiu a direção da Agência Bíblica da SBBE o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, que, desde 1876, era pastor da Igreja Congregacional Fluminense, no Rio de Janeiro. Ele dirigiu durante 23 anos a Agência da SBBE no Brasil, aposentando-se em 31 de dezembro de 1901. Quando deixou a Agência, a distribuição anual da SBBE havia subido para 20.204 Escrituras.[12]

10. Como a Bíblia chegou a Guarapuava 1879

O livro *The Centennial History of the American Bible Society*, de Henry Otis Dwight, publicado pela SBA em 1916, narrou a curiosa história da chegada da primeira Bíblia à cidade de Guarapuava, no Estado do Paraná, em 1879:

Em 1879, durante uma viagem ao interior da Província do Paraná, um colportor da Sociedade Bíblica Americana chegou à cidade de Guarapuava. Ali, saiu, de casa em casa, oferecendo Bíblias e Novos Testamentos aos moradores da cidade. Mas não conseguiu vender nada. Ninguém estava interessado naquele tipo de livro.

Depois de andar por quase toda a cidade e já desanimado, ele encontrou-se com um comerciante da cidade que achou os livros muito baratos e comprou todas as Bíblias, pensando apenas em ganhar dinheiro.

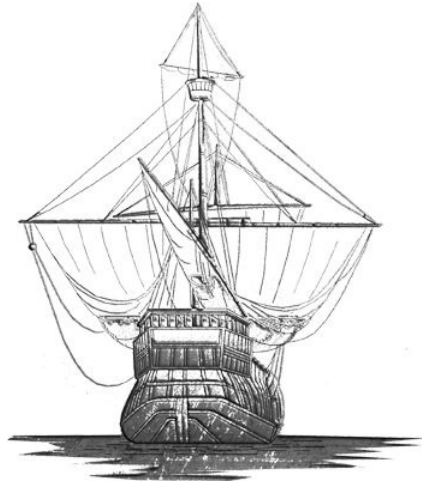
Quando os fregueses chegavam à sua loja, o comerciante abria a Bíblia em qualquer lugar e lia um versículo, para mostrar que o livro era bom mesmo. A estratégia deu certo: em pouco tempo ele vendeu todas as Bíblias e por uma quantia três ou quatro vezes maior do que havia pago.

Alguns anos depois, em 1884, um missionário americano chamado Robert Lenington fez uma viagem pela Província do Paraná e chegou a Guarapuava. Para sua surpresa, ele encontrou ali muitas pessoas que já conheciam a Bíblia. E, assim, com grande facilidade, conseguiu reunir na cidade um bom número de pessoas interessadas em ouvir a leitura das Escrituras e a pregação do evangelho. Entre essas pessoas estava o comerciante que havia vendido as Bíblias na cidade. Mas, estranhamente, ele não demonstrava ainda nenhum interesse pelo evangelho.

Porém, um dia, aquele homem, que havia lido a Bíblia tantas vezes apenas para ganhar dinheiro, teve uma experiência semelhante à do cego de Siloé. Como por milagre, seus olhos e sua mente se abriram, e ele começou a ler a Bíblia com prazer e a entender a sua mensagem. Logo, converteu-se ao evangelho e passou a divulgar a Palavra de Deus com entusiasmo. Resolveu fechar sua loja aos domingos e promover ali uma reunião, na qual ele lia a Bíblia às pessoas que não sabiam ler. Surgiu, assim, no mesmo local, um clube de leitura das Escrituras Sagradas.

Em 1888, outro missionário americano, o Rev. George Anderson Landes, passou por Guarapuava e encontrou na cidade mais de 70 pessoas interessadas no evangelho e prontas para aceitar Jesus como seu salvador pessoal. Sozinha, a Bíblia havia destruído velhas superstições e conduzido aquelas pessoas ao conhecimento da verdade. E, em lugar daquele clube, nasceu, logo depois, a primeira igreja evangélica da cidade.[13]

CAPÍTULO III



D. PEDRO II E A BÍBLIA

1840-1889

1. O grande monarca brasileiro

1825-1891

Rei aos 15 anos de idade — D. Pedro II de Alcântara, sétimo filho de D. Pedro I e da imperatriz Dona Maria Leopoldina, nasceu no dia 2 de dezembro de 1825. Ele herdou o direito ao trono brasileiro devido à morte de dois irmãos mais velhos, Dom Miguel e Dom Carlos. Assumiu o trono em 1840, antes de completar a maioridade exigida pela Constituição, em virtude de seu pai haver abdicado do trono. Dom Pedro II foi coroado em 18 de julho de 1841. Em 1843, casou-se com D^a. Teresa Cristina. Tiveram quatro filhos, mas só sobreviveram Dona Isabel ou princesa Isabel, nascida em 1846, e Dona Leopoldina Teresa, nascida em 1847.

Homem culto — Com diversos mestres ilustres de seu tempo, o jovem imperador estudou português, literatura, francês, inglês, alemão, geografia, ciências naturais, música, dança, pintura, esgrima e equitação. Lia Homero e Horácio no original. Falava grego e latim e entendia o tupi-guarani e o provençal. Também estudou hebraico e árabe. A amplitude de suas áreas de interesse e estudo era incomum, abarcando matemática, biologia, química, fisiologia, medicina, economia, política, história, egiptologia, arqueologia, arte, helenismo, cosmografia e astronomia.

Seu reinado — Seu reinado foi marcado por grandes transformações de ordem social e econômica, decisivas para a história do país, tais como a guerra do Paraguai e a abolição da escravatura. Em seu reinado foi construída a Estrada de Ferro Petrópolis, instaladas as primeiras linhas telegráficas e iniciado o cultivo do café no Brasil. A partir de meados do século XIX, D. Pedro II passou a enfrentar o descontentamento de grupos sociais oposicionistas, formados pelo exército e pelos senhores de escravos, inconformados com seu apoio ao movimento de abolição da escravidão, sendo deposto e exilado em 1889. Morreu em Paris, em 1891, com 66 anos de idade.

D. Pedro II passou à história como um intelectual apreciador da ciência, das artes e da liberdade de informação e como uma pessoa tolerante, aberta ao diálogo e às transformações sociais. Durante seu longo reinado, de 49 anos, viajou diversas vezes à Europa, esteve na África e fez uma longa viagem aos Estados Unidos.

2. Seu amor pelo Brasil e pela Bíblia

Seu amor ao Brasil — As grandes paixões de D. Pedro II foram o Brasil e os livros. Em 1891, após a proclamação da República, D. Pedro II estava exilado em Paris e foi visitar o famoso escritor português e seu velho amigo Camilo Castelo Branco, que havia ficado cego, e travou com ele o seguinte diálogo:

— *Console-se, meu Camilo. Sua vista vai voltar.*

— *Meu senhor, a cegueira é a antecâmara da minha sepultura.*

— *Perdi o trono, Camilo, e estou exilado. Não poder voltar à minha Pátria é viver penando.*

— *Console-se Majestade. Existe luz nos seus olhos.*

— *Sim, meu Camilo, mas falta-me o sol de lá.* [1]

Sua paixão pelos livros — Sua paixão pelos livros ele revelava diariamente, lendo livros, jornais, revistas e relatórios, em casa, nos trens, navios e hotéis. Além de ler muito, D. Pedro II tinha uma boa memória, que lhe permitia guardar o que lia. Em uma carta escrita à condessa de Barral, ele declarou:

Muito me tem valido minha paixão pelo estudo e pela leitura. Eu leio pelo menos 10 horas por dia. [2]

Seu amor à Bíblia — A Bíblia era seu livro predileto. Quando pediram sua opinião sobre ela, ele respondeu:

Eu amo a Bíblia. Eu a leio todos os dias e, quanto mais a leio, mais a amo. Há alguns que não gostam da Bíblia. Eu não os entendo, não compreendo tais pessoas. Mas, eu a amo, amo sua simplicidade e amo suas repetições e reiterações da verdade. Como disse, eu a leio todos os dias e gosto dela cada vez mais. [3]

3. Sua amizade com o agente da Sociedade Bíblica Americana 1852-1866

O agente da SBA — Em 1852, o Rev. James Cooley Fletcher chegou ao Rio de Janeiro, como representante da missão americana União Cristã. No mesmo ano, foi nomeado primeiro secretário da legação americana no Brasil. Em 1854, Fletcher aceitou o convite da Sociedade Bíblica Americana (SBA) para ser seu representante no Brasil.

O amigo de D. Pedro II — Em 1853, Fletcher e sua esposa Henriette conheceram o imperador D. Pedro II e a Imperatriz, em um encontro no Rio de Janeiro entre representantes do Brasil e Estados Unidos. A partir de então, os dois casais se tornaram bons amigos.

Em 1856, Fletcher fez uma longa viagem pelo interior do Brasil, durante a qual distribuiu muitos exemplares da Bíblia. Essa viagem foi narrada em seu livro “*O Brasil e os Brasileiros*”, publicado em inglês, que despertou grande interesse pelo Brasil nos Estados Unidos.

O retorno de Fletcher — Em 1856, Fletcher retornou aos Estados Unidos, devido a problemas de saúde de seus familiares, indo morar no Estado de Massachusetts, então centro da vida intelectual americana, por causa da Universidade de Harvard. Ali ele conheceu o poeta Henry W. Longfellow e o naturalista Louis Agassiz e promoveu a aproximação deles com D. Pedro II, que era admirador de ambos.

D. Pedro II e Agassiz — D. Pedro II passou, então, a corresponder-se com Longfellow e com Agassiz e, desse contato, surgiu a ideia da visita de Agassiz ao Brasil e de D. Pedro II aos Estados Unidos. Louis Agassiz, suíço de origem e naturalizado americano, era professor na Universidade de Harvard, zoólogo e considerado na época a maior autoridade mundial em fósseis. Entre 1865 e 1866, comandou uma expedição científica no Brasil,

com o apoio moral e material de D. Pedro II. No Rio de Janeiro, ele deu uma série de conferências públicas em francês, no auditório do Colégio D. Pedro II. O imperador e sua família fizeram parte de sua seleta assistência. Como resultado de sua expedição científica ao Brasil, Agassiz publicou em 1870 o livro *Geologia e Geografia Física do Brasil*, considerada uma obra do mais alto valor científico. [4]

4. Seus conflitos com a Igreja

1864-1875

A Encíclica de Pio IX — Em 1864, o papa Pio IX publicou a Encíclica *Quanta Cura* e, junto a ela, o documento *Syllabus*, que apontava os erros nas relações entre a Igreja e o Estado. O documento *Syllabus* declarava ilegal o direito de *placet* (direito de o Estado censurar os documentos provenientes de Roma), rejeitava a supremacia da lei civil sobre o direito eclesiástico e condenava duramente os maçons. Esses documentos foram explosivos no Brasil porque entraram em choque com as leis e os costumes nacionais. [5]

A prisão dos bispos — Dois bispos católicos, D. Vital Maria de Oliveira, Bispo de Olinda, PE, e D. Antonio Macedo Costa, Bispo de Belém, PA, excomungaram os maçons e os expulsaram da Igreja. Como havia no governo muitos maçons, entre eles o prestigiado barão do Rio Branco, explodiu uma crise entre a Igreja e o Estado. O imperador era católico e, embora não fosse anticlerical, não aceitava a violação das leis do Estado, nem mesmo pela Igreja. Por isso, ordenou aos bispos que suspendessem os interditos. Como os dois bispos se negaram a obedecer, foram condenados pelo Supremo Tribunal de Justiça à pena de quatro anos de prisão e recolhidos à fortaleza de Villegaignon, no Rio de Janeiro. Eles foram presos em 1874 e soltos somente em 1875, após longas e difíceis negociações entre Roma e o Império Brasileiro. [6]

5. A libertação do colporteur

1868

Em 1868, um colporteur da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi preso na Província de Sergipe porque estava vendendo a Bíblia de edição protestante. Um documento histórico que se encontra hoje no Museu da Bíblia, em Barueri, SP, contém uma resolução de D. Pedro II determinando a libertação do colporteur. Diz o documento, na grafia da época:

Resolução do governo imperial a respeito da circulação das Escripturas Sagradas pela Sociedade Bíblica.

Rio de Janeiro, 4 de maio de 1868.

Foi presente à S. M. o imperador a representação de Torquato Martins Cardozo contra o acto dessa presidência e do chefe de policia dessa Província, negando a licença para a venda de livros sagrados, por serem reputados contrários às doutrinas da religião catholica apostolica romana. E o mesmo Augusto Senhor, tendo ouvido a secção de justiça do conselho de estado, com cujo parecer se conformou por sua imperial e immediata resolução de 22 do mez próximo passado, houve por bem mandar declarar a V. Exa.:

1º – *Que é do rigoroso dever d’essa presidencia respeitar e manter a liberdade individual, consagrada no artigo 170 — 1º, 5º e 24º da Constituição;*

2º – *Que o chefe de policia não podia proceder contra o reclamante senão nos casos expressos nos artigos 277 e 278 do código, não arbitrariamente senão por via do processo;*

3º – *Que não é licito a um delegado do governo imperial o dizer e sustentar o proposito de proceder arbitrariamente no caso de deficiencia das leis do paiz. O que lhe comunico para sua inteligencia e devida execução.*

Deos Guarde a V. Exa.

Martim Francisco Ribeiro de Andrade

Sr. presidente da Provincia de Sergipe [7]

6. Sua visita aos Estados Unidos

1876

Longa visita — Em 1876, D. Pedro II fez uma longa viagem aos Estados Unidos, do mês de abril ao mês de junho, percorrendo o país de Norte a Sul e de Leste a Oeste. Durante essa visita, ele encontrou-se com políticos e intelectuais ilustres, como o presidente Ulysses Grant, o general Sherman, o Almirante De Lamare, os políticos Cox e Roosevelt, os poetas Longfellow e Whittier, o cientista Graham Bell e também seu amigo Fletcher. Visitou também a viúva de Agassiz, que havia morrido em 1873.

A surpresa — D. Pedro II preferia viajar como simples turista e não em caráter oficial, para melhor conhecer o país e sua gente. No dia 4 de julho de 1876, ele recebeu em seu hotel um convite do presidente Ulysses Grant para participar das solenidades de comemoração do primeiro centenário da independência americana. D. Pedro II agradeceu ao convite e respondeu que como estava no país não como imperador, mas como um visitante comum, não poderia aceitar ao convite, mas que iria à solenidade em caráter particular.

Chegando ao teatro, o mestre de cerimônias o conduziu a um camarote particular, ao lado do camarote do presidente. Quando ele entrou em seu camarote e sentou-se, a cortina que separava os dois camarotes se abriu e ele se viu ao lado do presidente Grant. A plateia, então, aplaudiu os governantes do Brasil e dos Estados Unidos e, em seguida, foram entoados os hinos nacionais dos dois países.

Seu prestígio — D. Pedro II foi bem recebido pelo povo americano e causou uma impressão muito positiva. Tanto que, nas eleições presidenciais de 1877, ele recebeu no Estado da Filadélfia mais de 4 mil votos para o cargo de presidente dos Estados Unidos. Em 1889, por ocasião da proclamação da República do Brasil, o jornal *New York Times* fez, em sua edição de 16 de novembro, a seguinte referência ao imperador brasileiro:

Com uma ou duas exceções, D. Pedro II tem provavelmente uma reputação pessoal mais ampla do que qualquer outro monarca vivo. [8]

D. Pedro II e Moody — Contam os cronistas da época que em visita à cidade de Nova Iorque, em 1876, D. Pedro II foi ouvir o famoso pregador evangélico Dwight Lyman

Moody. Naquela noite, Moody pregou sobre a pergunta feita por Pilatos aos judeus: “Que farei então com Jesus?” (Mt 27.22) Durante a mensagem, o pregador, que sabia que D. Pedro II estava ali, disse:

— *Mesmo um grande imperador, com toda a sua riqueza e poder, não salvará a sua alma se não se curvar aos pés de Cristo e não o aceitar de todo o coração.*

Ao ouvir essas palavras, D. Pedro II curvou a cabeça reverentemente, concordando com o pregador. [9]

7. Seu apoio aos evangélicos e às Sociedades Bíblicas

1853-1889

Não fez oposição — Durante seu longo reinado de quase meio século, ao contrário dos governantes de outros países da América Latina, D. Pedro II não se opôs à distribuição da Bíblia no país. Ao contrário, conhecendo bem as Sagradas Escrituras e apreciando a sua mensagem, ele estava certo de que a sua distribuição iria contribuir positivamente para a formação moral e espiritual do povo brasileiro.

Registro da primeira Igreja Evangélica — Em julho de 1876, o Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos substituiu o Rev. Robert Reid Kalley no pastorado da Igreja Congregacional Fluminense, a primeira igreja evangélica fundada no Brasil. Procurando consolidar a obra de seu antecessor, o Rev. Gonçalves pleiteou junto ao governo imperial o registro da Igreja Congregacional Fluminense como pessoa jurídica. E, no dia 22 de novembro de 1880, em decisão histórica, D. Pedro II assinou o Decreto nº. 7.907, registrando juridicamente a primeira igreja evangélica no Brasil.

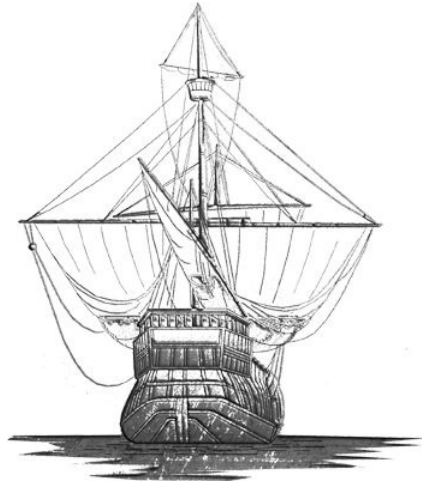
Recebeu a Bíblia da SBBE — No dia 31 de dezembro de 1881, o imperador recebeu no palácio, das mãos do Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, pastor congregacional e representante da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, um exemplar da Bíblia de edição protestante, a qual se encontra na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Apoio às Sociedades Bíblicas — A amizade de D. Pedro II com Fletcher, com Kalley, com Agassiz e com Longfellow, sua simpatia e admiração pelos Estados Unidos e seu amor à Bíblia mudou o cenário para os evangélicos e para as Sociedades Bíblicas no Brasil.

No mesmo ano da visita de D. Pedro II aos Estados Unidos (1876), a Sociedade Bíblica Americana, que estava mantendo apenas um representante no Rio de Janeiro, resolveu reabrir sua Agência no Brasil, sob a direção do pastor presbiteriano Rev. Alexander Latimer Blackford. Como consequência disso, a distribuição da Bíblia cresceu de maneira extraordinária no país nos últimos anos do reinado de D. Pedro II.

Os líderes protestantes que tiveram acesso a D. Pedro II, como Fletcher e Kalley, diziam que D. Pedro II, embora não manifestasse isso publicamente por motivos políticos, nutria grande simpatia e admiração pelo trabalho de divulgação da Bíblia no Brasil realizado pelas Sociedades Bíblicas. [10]

CAPÍTULO IV



A BÍBLIA NO BRASIL REPÚBLICA

1889-1948

1. O Brasil República

1889

A libertação dos escravos — Em 1850, o Governo Imperial tinha dado o primeiro passo para acabar com a escravidão no Brasil, eliminando o tráfico negreiro. Em 1871, havia sido aprovada a *Lei do Ventre Livre*, declarando livres da escravidão os filhos de escravos que nascessem depois dessa data. A partir de então, os fazendeiros da Região Sul do Brasil começaram a empregar assalariados brasileiros e imigrantes estrangeiros para trabalharem na lavoura em substituição aos escravos. Em 1885, foi aprovada a *Lei dos Sexagenários*, libertando os negros maiores de 65 anos. E, finalmente, em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel, na ausência de D. Pedro II, em tratamento de saúde na Europa, assinou a *Lei Áurea*, abolindo a escravidão no Brasil.

A proclamação de República — No dia 15 de novembro de 1889, o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca proclamou o fim do Governo Imperial e o início da República do Brasil. O golpe militar aconteceu com o apoio dos fazendeiros, dos militares e da Igreja Católica. O novo Governo, liderado pelo Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, deu a D. Pedro II e sua família o prazo de 24 horas para deixarem o País.

A liberdade religiosa — No dia 7 de janeiro de 1890, o Governo Republicano publicou o Decreto nº. 119-A, proclamando a separação entre a Igreja e o Estado e a liberdade de culto no Brasil. E, em fevereiro de 1891, a primeira Constituição da República confirmou a separação entre a Igreja e o Estado, a liberdade religiosa, o casamento civil obrigatório e a secularização dos cemitérios. [1]

2. A Encíclica do Papa Leão XIII

1893

A Encíclica *Providentissimus Deus* — No dia 18 de novembro de 1893, foi publicada a Encíclica do Papa Leão XIII intitulada *Providentissimus Deus*, recomendando a tradução da Bíblia diretamente dos idiomas originais e incentivando a sua leitura. Essa Encíclica marcou uma mudança de atitude da Igreja Católica quanto à tradução da Bíblia e à leitura da Bíblia pelos fiéis e abriu as portas para a maior divulgação da Bíblia no Brasil.

Salto na distribuição — A liberdade religiosa no Brasil República e essa Encíclica facilitaram o trabalho das Sociedades Bíblicas, contribuindo para que a distribuição de Escrituras realizada pela SBA e pela SBBE saltasse de 110 mil exemplares em 1906 para mais de um milhão em 1948. [2]

3. A Versão Revista e Corrigida de Almeida

1894-1898

A revisão — Em 1894, os missionários e líderes evangélicos brasileiros se reuniram no

Rio de Janeiro para solicitarem às Sociedades Bíblicas uma revisão da tradução portuguesa de João Ferreira de Almeida, publicada desde o século XVIII. Em atenção a esse pedido, a Sociedade Bíblica Americana e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira resolveram patrocinar e promover uma revisão da tradução de João Ferreira de Almeida. Essa nova Versão da Bíblia em português, feita no período de 1894 a 1898, recebeu o nome de *Versão Revista e Corrigida da Tradução de João Ferreira de Almeida*.

A publicação — Em 1898, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira publicou em Lisboa a primeira edição da Bíblia na tradução Almeida, na *Versão Revista e Corrigida*. Em 1900, a SBBE publicou a Bíblia na tradução Almeida, *Versão Revista e Corrigida*, com títulos nos parágrafos, referências, texto alternativo nas margens e mapas coloridos. Essa tradução de João Ferreira de Almeida foi usada por muitas Igrejas evangélicas no Brasil até o início do século XXI. [3]

4. A Tradução Brasileira da Bíblia

1903-1917

Até o início do século XX, a única tradução da Bíblia disponível para a comunidade evangélica do Brasil era a de João Ferreira de Almeida, lançada em Portugal, em 1753, e distribuída no Brasil, em várias Versões, durante o século XIX.

De brasileiros para brasileiros — No início do século XX, os principais líderes evangélicos brasileiros manifestaram às Sociedades Bíblicas o desejo de terem uma tradução da Bíblia genuinamente nacional. Disseram que já era tempo de o Brasil ter sua própria tradução da Bíblia, feita por brasileiros para os brasileiros.

O patrocínio da SBA e SBBE — A Sociedade Bíblica Americana (SBA), liderada pelo Rev. Hugh Clarence Tucker, e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), representada no Brasil pelo Rev. G. Uttley, resolveram, então, patrocinar e promover juntas o Projeto de tradução da Bíblia para o português do Brasil.

A Comissão evangélica — Em 1903, as Sociedades Bíblicas nomearam uma Comissão para trabalhar nessa nova tradução da Bíblia, formada por representantes das principais denominações evangélicas, especialistas em grego, hebraico e português. Ela foi composta na sua maioria por brasileiros, mas também por tradutores nascidos em outros países que conheciam bem a língua portuguesa.

Escritores consagrados — Fizeram parte da Comissão de Tradução escritores consagrados, como o filólogo Rev. Eduardo Carlos Pereira, da Igreja Presbiteriana Independente; o matemático Rev. Antônio B. Trajano, da Igreja Presbiteriana; o orador Rev. Hipólito de Campos, da Igreja Metodista; o teólogo Rev. Alfredo Borges Teixeira, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil; o missionário episcopal Rev. William Campbell Brown e os missionários presbiterianos Rev. John M. Kyle e Rev. John Rockwell Smith.

O Presidente Brown — Em sua primeira reunião, a Comissão elegeu para Presidente o missionário episcopal Rev. William Campbell Brown, formado no Seminário Teológico Unido, nos Estados Unidos, Agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil de 1880 a 1887, estudioso da língua portuguesa e especialista em grego e hebraico.

Consultores famosos — Foram convidados para cooperarem na tradução, na qualidade de Consultores, intelectuais famosos e respeitados no País, como Rui Barbosa, José Veríssimo, Virgílio Várzea, Heráclito Graça, Remígio Cerqueira Leite, Alberto Meyer e Mário de Artagão.

Características da tradução — As reuniões da Comissão passaram a ser realizadas na residência do Rev. Hugh Clarence Tucker, à Rua Paissandu, 155, no Bairro do Catete, no Rio de Janeiro. Foi decidido que a nova tradução da Bíblia teria como base os originais grego, hebraico e aramaico, seria fiel às línguas originais e à língua portuguesa do Brasil, e seu título seria *Tradução Brasileira da Bíblia*.

Novo Presidente — Em 1913, o Rev. Brown voltou para os Estados Unidos e foi substituído na presidência da Comissão pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. O Rev. Eduardo Carlos Pereira nasceu em Caldas, Minas Gerais, em 8 de novembro de 1855 e foi ordenado pastor presbiteriano em 1881. Pastoreou várias igrejas no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo e trabalhou como jornalista nos Jornais *Imprensa Evangélica*, *O Estandarte*, *Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo*. É autor dos livros: *Gramática Elementar*, *Gramática Expositiva* e *Gramática Histórica*. Em 31 de julho de 1903, fundou e organizou a Igreja Presbiteriana Independente. O Rev. Eduardo Carlos Pereira presidiu a Comissão de Tradução até o final dos seus trabalhos em 1917.

Lançamento em 1917 — Em 1908, as Sociedades Bíblicas publicaram os Evangelhos de Mateus e de João na *Tradução Brasileira*. No mesmo ano, foi publicado também o Novo Testamento. A Bíblia completa foi publicada em 1917, durante a 1ª Grande Guerra. A *Tradução Brasileira da Bíblia* foi reeditada pelas Sociedades Bíblicas até a década de 50, quando deixou de ser publicada.

Tradução fiel — A *Tradução Brasileira da Bíblia* foi muito bem recebida pelos evangélicos brasileiros. Ficou conhecida como uma tradução literal e fiel aos originais grego, hebraico e aramaico e passou a ser chamada popularmente de “Tira-Teimas” e “Tradução Fiel”. Até a década de 50, ela dividiu com a tradução de João Ferreira de Almeida a preferência das Igrejas evangélicas no Brasil. [4]

5. A primeira Bíblia do Presidente

1926

O Pr. Enéas Tognini, eleito Presidente da SBB por dois mandatos, em 2003 e 2006, escreveu em outubro de 1997 um artigo para a Revista *A Bíblia no Brasil*, contando a história comovente de sua conversão através da leitura de um Novo Testamento em espanhol e de sua primeira Bíblia, na Tradução Brasileira, publicados pelas Sociedades Bíblicas na década de 20:

Sou de família italiana, o penúltimo de onze irmãos. Nasci na cidade de Avaré, no Estado de São Paulo, mas fui criado em Campo Grande, hoje a Capital do Mato Grosso do Sul.

No meu tempo de criança, Campo Grande era pouco mais que uma vila. Os gaúchos haviam invadido a região, atraídos pelas ricas paisagens de suas terras férteis. Eles traziam do Rio Grande do Sul um português espanholado pela proximidade das

fronteiras com o Uruguai e a Argentina. Campo Grande está a menos de 300 quilômetros da cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Por isso, naquela região do Mato Grosso, além do nosso vernáculo, fala-se o espanhol e o guarani, língua mais popular no Paraguai do que o próprio castelhano. Cresci ouvindo o espanhol tanto quanto o português.

Comecei a trabalhar aos 13 anos de idade com meu cunhado, proprietário de uma grande indústria de calçados e de acessórios de montaria.

Tempos depois, a fábrica admitiu um novo funcionário, chamado Paulo Ávila. Paulo, muito mais velho do que eu, passou a discutir comigo sobre religião. Naquela ocasião, por volta dos 16 anos, eu era profundamente religioso, mas ainda não conhecia a Palavra de Deus. Paulo, por sua vez, tinha alguns conhecimentos a respeito da Bíblia. Nossas discussões foram ficando cada vez mais acirradas.

Certo dia, Paulo me trouxe um Novo Testamento de bolso. Ele havia procurado um exemplar em português, mas, como não conseguiu, trouxe um em espanhol. Comecei a ler o livro e, até mesmo, a devorá-lo.

Como não havia energia elétrica, eu lia o Novo Testamento à luz de lampião a querosene. Todas as noites, por volta das oito e meia, todo o meu pessoal procurava a cama. E eu ficava ali, sob a luz do lampião, absorvido na leitura do Evangelho de Mateus.

Quando cheguei ao Sermão do Monte, fiquei impressionado com a autoridade do Filho de Deus. Pouco entendia do que estava lendo, mas a Palavra de Deus, qual espada de dois gumes, golpeava o meu coração e me fazia temer. A Palavra mostrava-me o meu pecado. Eu me sentia um perdido, chegando, às vezes, ao desespero. Os capítulos 24 e 25 de Mateus me deixaram perplexos. Ali estava Jesus afirmando que iria voltar entre nuvens, discorrendo sobre a destruição de Jerusalém, falando sobre guerra, fome, terremotos, o fim do mundo. De Mateus, passei a Marcos, Lucas, João, Atos, Paulo e, finalmente, ao Apocalipse.

Concluí a leitura do Novo Testamento e parei de discutir com Paulo. Ele passou a ser meu mestre, tentando responder as minhas perguntas. Passado algum tempo, fizemos um acordo: Paulo iria levar as questões que eu lhe apresentava à esposa dele, que conhecia melhor a Bíblia. Depois, me traria as respostas.

Após alguns meses, Paulo decidiu levar-me à casa dele para conversar com a sua esposa. E, num domingo, fomos juntos à Igreja Batista, onde ouvi a Palavra de Deus.

Pouco depois, Paulo me deu uma Bíblia completa, desta vez em português. Era um exemplar da famosa Tradução Brasileira, edição de 1924 da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Naturalmente, eu devorei a Palavra. Aprendi a marcar os textos escolhidos. Guardo até hoje esse precioso exemplar da maravilhosa Tradução.

Não demorou muito para que meu irmão caçula e eu, ouvindo a mensagem do Pr. Egídio Gióia, nos entregássemos a Cristo. A mensagem do Pr. Gióia baseava-se em Mateus 16.26: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” O argumento utilizado pelo saudoso pregador foi mais ou menos este:

— Nós não gostamos de perder nada deste mundo, mesmo que seja um vintém. Imaginem, então, perder a alma, que vale mais do que o mundo todo?

Eu respondi positivamente ao apelo, e meu irmão também. Depois de nossa conversão, levamos outros parentes e amigos a Cristo. Fizemos a classe de batismo e fomos batizados na 1ª Igreja Batista de Campo Grande.

Passados seis meses de meu batismo, comecei a pregar. Decidi preparar-me e fui enviado ao Seminário Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro. Recebi o grau de bacharel em Teologia, fui ordenado pastor e sou ministro de Cristo há nada menos que 56 anos. Percorri o Brasil em campanhas evangélicas, ganhei milhares de pessoas para Cristo; e tudo isso começou com aquele Novo Testamento em espanhol!

Pena que tive de devolvê-lo; era emprestado. [5]

6. O Movimento Pentecostal

1910

Na primeira década do século XX, chegou ao Brasil o Movimento Pentecostal, trazido por missionários procedentes dos Estados Unidos. Como esse Movimento tinha como uma de suas principais características a leitura e o estudo intensivo das Sagradas Escrituras, ele impulsionou, a partir de então, a distribuição da Bíblia no Brasil.

A Congregação Cristã no Brasil — Em 1910, foi organizada em São Paulo a Congregação Cristã no Brasil, a primeira denominação pentecostal organizada no País. Seu fundador foi o missionário Luigi Francescon, nascido em 29 de março de 1866, na Comarca de Covasso Nuovo, em Udine, na Itália. Francescon imigrou em 1890 para os Estados Unidos, converteu-se ao evangelho em 1891 e foi um dos fundadores da 1ª Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago. Em 1907, aderiu ao Movimento Pentecostal recém-surgido nos Estados Unidos.

Em 1909, Francescon fez uma viagem missionária à Argentina e ao Brasil. Chegou ao Brasil no mês de março de 1910 e, no mês de junho daquele ano, fundou a primeira Congregação Cristã no Brasil, no Bairro italiano do Brás, em São Paulo. Ele continuou residindo nos Estados Unidos, mas veio 11 vezes ao Brasil até o ano de 1948. O trabalho missionário iniciado por ele cresceu rapidamente entre os imigrantes italianos residentes nos Estados de São Paulo e Paraná. Em 1940, a Congregação Cristã no Brasil tinha 305 *casas de oração*, e, em 1950, esse número havia subido para 815.

Desde o início, a Congregação Cristã no Brasil incentivou entre os seus membros a leitura e o estudo da Bíblia e adotou a tradução de Almeida, Versão Revista e Corrigida, publicada pelas Sociedades Bíblicas em 1898. Louis Francescon foi um estudioso da Bíblia e um admirador do ministério da Sociedade Bíblica Americana. Poucos dias antes do seu falecimento, ocorrido nos Estados Unidos, no dia 7 de setembro de 1963, pediu que, em seu funeral, não houvesse coroas nem flores e que a importância que seria gasta para esse fim fosse ofertada à Sociedade Bíblica Americana para a divulgação da Bíblia no mundo. E, em seus últimos momentos, pediu que lhe fosse lido o Salmo 48.

Na década de 50, a Congregação Cristã criou um Fundo de Produção de Bíblias para suprir suas Congregações em todo o País. A partir de então, ela passou a encomendar da

SBB grandes tiragens de Bíblias na Versão Revista e Corrigida, para reposição de seu depósito central, localizado no Bairro do Brás, na cidade de São Paulo. [6]

A Assembleia de Deus — A Assembleia de Deus, a maior denominação pentecostal do Brasil no início do século XXI, foi fundada no início do século XX pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Eles eram, originalmente, batistas suecos e haviam se convertido ao movimento pentecostal surgido em 1906 em Los Angeles, nos Estados Unidos, sob a liderança do pastor batista William H. Durham.

O líder pentecostal Emílio Conde, um dos fundadores da Sociedade Bíblica do Brasil, conta em seu livro *História das Assembleias de Deus* como foi que esses missionários chegaram ao Brasil:

Daniel Berg foi visitar o Pr. Vingren em South Bend, nos Estados Unidos. Durante aquela visita, quando participavam de uma reunião de oração, o Senhor lhes falou através de uma mensagem profética que eles deveriam partir para pregar o evangelho e as bênçãos do Avivamento Pentecostal. O lugar para onde deviam ir foi mencionado na profecia: Pará. Nenhum dos presentes conhecia aquela localidade. Após a oração, os dois jovens foram a uma Biblioteca à procura de um mapa que lhes indicasse onde o Pará estava localizado. Foi quando eles descobriram que se tratava de um Estado situado no Norte do Brasil.

Os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram a Belém, no Estado do Pará, no dia 19 de dezembro de 1910. Em poucos anos, a Assembleia de Deus se espalhou pela Região Norte do Brasil. E, depois, avançou em direção ao Sul, até chegar aos grandes centros urbanos de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Desde a sua fundação, a Assembleia de Deus manteve uma relação estreita e fraternal com as Sociedades Bíblicas. Ela também adotou a tradução de Almeida, Versão Revista e Corrigida, editada pelas Sociedades Bíblicas em 1898. No decorrer do século XX, muitos de seus líderes, como Pr. Paulo Macalão, o Pr. Emílio Conde, o Pr. Alcebíades Vasconcelos, a Sra. Zélia Macalão, o Pr. Woldemar Quinas, o Pr. Elizeu Menezes, o Pr. Antônio Gilberto, o Pr. Manuel Ferreira, o Pr. Samuel Câmara, o Pr. Eude Martins da Silva, o Pr. José Wellington e o Pr. Ronaldo Rodrigues de Souza foram Diretores e Conselheiros da SBB.

No final do século XX, essa cooperação se fortaleceu e se consolidou com a parceria firmada entre a Casa Publicadora das Assembleias de Deus e a Sociedade Bíblica do Brasil para publicação, em coedição, da *Bíblia com Harpa Cristã*, da *Bíblia de Estudo Pentecostal* e da *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal*. [7]

7. Telford, o grande Agente da SBBE

1902-1948

Uttley — Em 1902, o Rev. G. Uttley substituiu o Rev. João Gonçalves dos Santos na direção da Agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no Brasil. Durante 14 anos, de 1903 até 1917, Uttley colaborou com Tucker na coordenação do Projeto da *Tradução Brasileira da Bíblia*. Ele administrou a Agência da SBBE em um período difícil, durante a 1ª Grande Guerra (1914-1917), tendo de reduzir o número de

colportores por falta de recursos. [8]

Telford — O Rev. Alexander Telford nasceu em Leith, na Escócia, no dia 6 de julho de 1875. Foi ordenado pastor na cidade de Edimburgo, em 5 de junho de 1899. Nesse mesmo ano, partiu para o Brasil como missionário da *Missão Socorro para o Brasil*, para trabalhar no campo congregacional da cidade do Recife, em Pernambuco.

Antes de iniciar seu trabalho missionário no Recife, ele morou três anos na cidade de Passa Três, no Rio de Janeiro, para estudar a língua portuguesa. Aprendeu tão bem o português, que passou a falar quase sem sotaque e de maneira gramaticalmente correta. Anos depois, mesmo sendo escocês, foi nomeado Redator do Jornal *O Cristão*, órgão oficial da Igreja Congregacional do Brasil.

Em 1902, ele foi para o Recife, iniciando seu pastorado na Igreja Evangélica Pernambucana. Permaneceu no Recife até 1911, quando foi transferido para a cidade do Rio de Janeiro, para pastorear a Igreja Evangélica Fluminense. O Rev. Telford tornou-se um pregador conhecido e apreciado em todo o País, sendo convidado, frequentemente, para pregar em igrejas de outras denominações. No período em que permaneceu na Igreja Evangélica Fluminense, ele fundou o Seminário Teológico Congregacional no Rio de Janeiro.

No início de 1917, o Rev. Telford aceitou o convite da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira para dirigir sua Agência no Brasil. Assumindo o cargo, ele reorganizou o serviço de colportagem, visitou vários Estados e dinamizou a distribuição das Escrituras em todo o País. Em 1922, começou a publicar a Revista *A Bíblia pelo Mundo*, que circulou no Rio de Janeiro durante mais de dez anos sustentada por ofertas de amigos da SBBE.

Em 1930, o Rev. Telford resolveu abrir uma Agência da SBBE em Manaus, no Estado do Amazonas. Convidou para dirigi-la o missionário metodista Charles Harold Morris que já trabalhava naquela cidade desde 1925 para a Missão Pró-Evangelização Mundial. O Sr. Charles Harold Morris permaneceu em Manaus durante 12 anos, realizando um importante trabalho de divulgação das Escrituras na Amazônia. Durante todo o tempo em que trabalhou para a SBBE em Manaus, ele usou um pequeno barco que passou a chamar de *Luz na Amazônia*, nome que seria dado, em 1962, ao Projeto de Distribuição da Bíblia e Ação Social organizado pela SBB na Região. Em 1942, o Sr. Charles Harold Morris foi convidado para dirigir a SBBE em todo o País e deixou Manaus para morar na cidade do Rio de Janeiro.

O Rev. Telford dirigiu a Agência da SBBE no Brasil durante 19 anos. Durante sua gestão, a SBBE quadruplicou sua distribuição de Escrituras no País. Quando iniciou seu trabalho, em 1917, a distribuição anual da Agência Bíblica da SBBE era de 48.339 Escrituras. E, quando saiu, em 1936, a distribuição anual da SBBE no Brasil havia aumentado para 197.184 exemplares.

Em artigo escrito para a Revista *A Bíblia no Brasil*, por ocasião do falecimento do Rev. Telford, no dia 5 de agosto de 1952, na cidade de Crook, na Inglaterra, o Sr. Charles Harold Morris, então Secretário Executivo da SBBE no Brasil, declarou:

Tive o privilégio de trabalhar durante 6 anos sob a direção do Rev. Telford, chefe extremamente cortês e bondoso. Ele inspirava confiança, respeito e afeição aos seus

companheiros de trabalho. Tinha profundo conhecimento das Escrituras, e os alicerces de sua fé eram seguros. Dedicou-se com energia e zelo ao desenvolvimento do trabalho da Sociedade Bíblica. O aumento contínuo da distribuição das Escrituras durante seu longo ministério bíblico no Brasil foi resultado da sua habilidade, empenho, persistência e de sua capacidade de motivar aqueles que trabalhavam com ele. A história dos colportores que trabalharam com ele é um novo capítulo de Atos dos Apóstolos. O Rev. Telford partiu deixando no Brasil os frutos de sua devoção através dos anos. Deixou belas recordações de sua amizade e companheirismo e um exemplo inspirador para todos aqueles que se dedicam à Obra de divulgação da Palavra de Deus neste País. Dele podemos dizer, com convicção, que “depois de morto, ainda fala” (Hb 11.4).[9]

Innes — Em 1936, o Missionário canadense Rev. James Innes assumiu o cargo de Agente Nacional da SBBE no Brasil, em substituição ao Rev. Telford. O Rev. Innes passou a trabalhar no Rio de Janeiro, mantendo como Agente em Manaus o Sr. Charles Harold Morris.

Morris — Em 1942, o Rev. Innes voltou para o Canadá, e o Sr. Charles Harold Morris foi transferido de Manaus para o Rio de Janeiro para dirigir a SBBE em todo o Brasil. O Sr. Morris permaneceu nesse cargo até a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil em 1948, quando passou a integrar o corpo de Executivos da nova Sociedade. [10]

8. A tradução católica de Matos Soares

1917-1932

A tradução — Em 1917, em resposta à Encíclica do Papa Leão XIII *Providentissimus Deus*, recomendando o preparo de novas traduções da Bíblia para a língua do povo, o Padre português Matos Soares iniciou em Portugal uma nova tradução da Bíblia a partir da Vulgata Latina.

A publicação — A 1ª edição da tradução do Padre Matos Soares foi publicada no Brasil, em 1932, pela Tipografia da Pia Sociedade de São Paulo. Ela foi publicada com *imprimatur* da Diocese do Porto, em Portugal, e o *reimprimatur* da Diocese de São Paulo, no Brasil. Ela se tornou muito popular no Brasil e foi reeditada inúmeras vezes. Até a década de 80, apesar do lançamento de muitas outras traduções católicas, ela era ainda, ao lado da Bíblia de Jerusalém, uma das traduções da Bíblia preferidas dos católicos brasileiros.

Usada pelos colportores — O mesmo que havia acontecido, no século XIX, com a tradução católica do Padre Antônio Pereira de Figueiredo aconteceu, no século XX, com a tradução de Matos Soares: ela também foi oferecida pelos colportores às pessoas que só aceitavam uma Bíblia católica. Essa tradução católica continuou a ser publicada pela Editora Ave Maria até a década de 90, quando foi substituída pela tradução dos Monges Beneditinos de Maredsous, da Bélgica. [11]

9. Os Novos Testamentos enviados pelo Correio

Trazendo as Escrituras Sagradas da Inglaterra desde o início do século XIX e abrindo

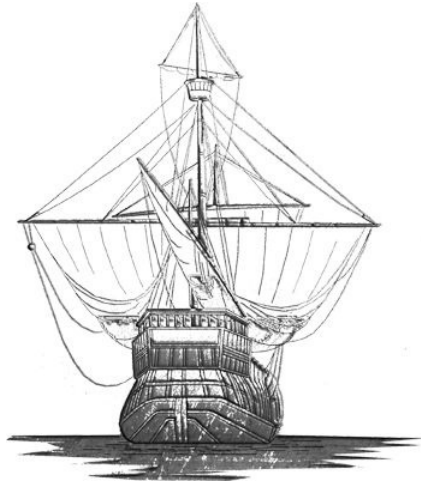
sua primeira Agência no Brasil em 1856, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) teve uma participação importante na evangelização do País na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, abastecendo as igrejas de Escrituras e levando a Bíblia a todos os Estados. Muitas igrejas foram criadas no interior do Brasil por pessoas que se converteram a Cristo lendo uma Bíblia da SBBE recebida de um parente ou amigo.

O pastor da Assembleia de Deus, Alcebíades Pereira Vasconcelos, natural do Piauí, contou, em artigo escrito para a Revista *A Bíblia no Brasil*, como foi que o evangelho chegou à pequena cidade de Corrente, no Sul do seu Estado:

A cidade de Corrente é conhecida também como Corrente de Paranaguá, por causa da tradicional família Paranaguá que vive ali. Essa família enviou um dos seus jovens para estudar no Rio de Janeiro. Lá, ele passou a frequentar uma igreja batista e se converteu a Cristo. Esse jovem estudante resolveu, então, enviar exemplares do Novo Testamento aos seus parentes e amigos da cidade de Corrente, no Estado do Piauí. Ele foi até a Agência da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Rio de Janeiro, comprou uma caixa de Novos Testamentos. Antes de remetê-los pelo Correio, teve o cuidado de escrever uma dedicatória em cada exemplar e enviá-los separadamente a cada parente ou amigo da cidade de Corrente.

Anos depois, a Convenção Batista recebeu uma carta remetida por um grupo de pessoas de Corrente de Paranaguá, pedindo que enviasse um pastor à cidade para conhecer o trabalho evangélico que havia ali. A Convenção enviou um pastor. Quando ele chegou à cidade, encontrou um grupo numeroso de pessoas que já conheciam Cristo e se reuniam regularmente. Eles haviam se convertido através da leitura dos Novos Testamentos recebidos pelo Correio. O trabalho do pastor foi simples: teve apenas de batizar aquelas pessoas e organizar a igreja. E, percebendo a carência educacional da Região, os batistas, que chegaram a ganhar para Cristo quase toda a população da cidade, organizaram ali um colégio que ficou famoso nos sertões dos Estados do Piauí, do Maranhão e da Bahia. [12]

CAPÍTULO V



TUCKER, MEIO SÉCULO NO BRASIL

1886-1934

1. Tucker, no início do Brasil República

1886-1888

Missionário — O Rev. Hugh Clarence Tucker nasceu em 1857, em Beach Creek, Estado do Tennessee, nos Estados Unidos. Sua paixão pela Bíblia começou aos nove anos de idade, quando venceu um concurso em sua escola e recebeu como prêmio uma Bíblia. Filho de família pobre, ele teve muita dificuldade para estudar, mas conseguiu concluir o Curso Superior e o de Pós-Graduação em Teologia na Universidade de Vanderbilt. Aos 22 anos, foi ordenado pastor metodista. Em 1885, aceitou um convite de sua Igreja para ser missionário no Brasil. Em 1886, mudou-se para o Brasil e assumiu o pastorado da Igreja Metodista do Catete, no Rio de Janeiro.

Agente da SBA — Em julho de 1887, o Rev. Tucker foi nomeado Agente da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil e começou a trabalhar no escritório usado pelo seu antecessor, situado à Rua 7 de Setembro, 79, 2º andar, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Ao assumir o cargo, ele recebeu da Sede da SBA nos Estados Unidos a seguinte mensagem:

O Brasil é um vasto campo, grande em área e em necessidades, com grandes dificuldades a serem enfrentadas, mas grande também em promessas de bons resultados.

Momento de transição — O Rev. Tucker assumiu a direção da Agência da SBA em um momento de transição na vida política e social do Brasil. Em 1888, havia sido decretada a libertação dos escravos; em 1889, proclamada a República; e, desde 1875, o Brasil estava recebendo milhares de imigrantes para substituírem a extinta mão de obra escrava.

Uma loja térrea — Ao iniciar o seu trabalho, a primeira preocupação do Rev. Tucker foi trocar a loja da SBA, instalada no 2º andar, por outra situada em um andar térreo, para facilitar a exposição dos livros e o acesso ao público. E, com a ajuda preciosa do colportor João da Silva Pereira, que conhecia bem a cidade do Rio de Janeiro, conseguiu alugar por bom preço uma loja com vitrine no andar térreo de um prédio situado no centro da cidade.

O Evangelho em braile — No mesmo ano, ele conseguiu que o Instituto de Cegos Benjamim Constant, do Rio de Janeiro, publicasse 500 exemplares do Evangelho de João no sistema braile-português e os distribuiu gratuitamente a deficientes visuais de vários Estados do Brasil. A distribuição das Escrituras em braile foi bem recebida por muitas pessoas, mas foi criticada por outras que condenavam a distribuição das Escrituras ao povo.

Viagens em lombo de mula — Além de contratar novos colportores, o Rev. Tucker decidiu viajar pelas Províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, para distribuir a Bíblia às pessoas do interior do País que ainda não conheciam a Palavra de Deus. Como não havia, na época, meios de transporte para as cidades do interior, ele viajou com os

colportores em lombo de mulas, levando um grande carregamento de Escrituras. [1]

2. O livro do escravo

1887

Em 1887, em uma de suas primeiras viagens ao interior do País, depois de pregar ao ar livre em frente ao hotel onde estava hospedado, o Rev. Tucker foi procurado por um senhor descendente de africanos, que lhe contou a seguinte história:

Meu nome é Francisco Manuel Lago, e eu moro em uma pequena vila no sopé da Serra dos Órgãos, na Província do Rio de Janeiro. Trabalhei como escravo durante toda a minha vida. Durante muitos anos, fui um católico devoto e aprendi a ler com o único propósito de ler o catecismo e as orações da minha Igreja.

Um dia, encontrei na minha vila um livro de capa preta jogado numa lata de lixo. Peguei o livro e li o que estava escrito em sua capa. A capa dizia O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Vi logo que era um livro religioso e o levei para casa para ler depois do trabalho. À noite, comecei a ler o livro e não pude parar. Eu me senti encantado com as coisas que o livro dizia e passei toda a noite lendo. No dia seguinte, falei sobre o livro a uma pessoa amiga, e ela me aconselhou a destruí-lo. Mas eu não segui seu conselho e continuei a ler todas as noites. Muitas vezes, durante a leitura, eu ficava emocionado, e as lágrimas corriam pelo meu rosto.

Li aquele livro durante muitos anos. E, com o passar do tempo e uso constante, ele ficou velho e esfarrapado. Mas, para mim, ele se tornou um livro sagrado, muito mais do que todos os outros livros religiosos que eu tinha em minha casa. Toda noite, depois da leitura, eu o colocava reverentemente em uma pequena caixa de madeira que havia feito especialmente para guardá-lo. E aconteceu que, com o passar dos anos, a leitura daquele livro foi mudando a minha maneira de pensar e o meu modo de viver, e eu me tornei um novo homem.

Eu já estava lendo aquele livro há mais de 17 anos, quando aconteceu uma coisa muito importante em minha vida. Em uma viagem à cidade do Rio de Janeiro, fiquei conhecendo uma senhora que me disse que estava frequentando uma igreja protestante. E ela me falou que os membros de sua igreja eram chamados de “bíblias”, porque tinham o costume de levar a Bíblia quando iam à igreja. Fiquei surpreso com o que aquela senhora me contou e lhe fiz muitas perguntas.

Conversamos durante horas. E, durante aquela conversa, aconteceu comigo o mesmo que havia ocorrido com o apóstolo Paulo: “coisas parecidas com escamas caíram dos meus olhos” e uma grande alegria encheu a minha alma. Esse encontro aconteceu há mais de dois anos, e eu gostaria de frequentar também uma igreja protestante, mas não posso porque não existe nenhuma em minha vila nem perto dela.

Depois de contar essa história ao Rev. Hugh Clarence Tucker, Francisco lhe entregou um livro velho e destruído pelo tempo e lhe disse:

— Reverendo, há poucos dias eu ganhei um Novo Testamento de um colportor. Ele é novo e vai durar muitos anos. Por isso, vou lhe dar o Novo Testamento que encontrei há muitos anos numa lata de lixo e que transformou a minha vida. [2]

3. Os imigrantes italianos recebem a Bíblia

1888

A imigração italiana — A partir de 1875, o Governo Imperial, a exemplo do que havia feito 60 anos antes com suíços e alemães, passou a promover a imigração de italianos para trabalharem nas lavouras de café nas Províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Essa imigração se intensificou na última década do século XIX.

Bíblias para os italianos — Para atender os imigrantes italianos, na grande maioria de religião católica, que chegavam aos milhares ao País, o Rev. Tucker desenvolveu um programa especial de distribuição de Escrituras. Importou grande quantidade de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos em italiano e em português e contratou colportores para visitarem esses imigrantes. Em 1888, fez uma viagem de 34 semanas pelos Estados do Centro e do Sul do País, acompanhado de quatro colportores. Ele distribuía a Bíblia nas ruas e nas praças de cada cidade. Enquanto pregava o evangelho ao povo que se ajuntava para ouvi-lo, os colportores ofereciam a Bíblia, o Novo Testamento ou um Evangelho aos seus ouvintes. Nessa viagem, ele conseguiu vender mais de oito mil exemplares das Escrituras. [3]

4. A SBA e SBBE definem suas áreas de trabalho

1894

SBA e SBBE definem áreas — Em 1894, a Sociedade Bíblica Americana (SBA), representada pelo Rev. Hugh Clarence Tucker, e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), representada pelo Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, definiram seus campos de ação, passando a atuar em diferentes territórios, evitando, assim, competição, atritos e duplicidade de esforços. Cada Sociedade ficou encarregada de atender territórios com três ou quatro Estados adjacentes. Dessa maneira, a SBA e a SBBE puderam atender melhor todos os Estados do Brasil, com economia de esforços e de despesas.

Revisão ortográfica — Em 1894, a SBA publicou uma edição da Bíblia na tradução de Almeida, na Versão Revista e Corrigida, com uma revisão ortográfica feita pelo Sr. João Nunes Chaves.

Cresce a distribuição — No início do século XX, o Rev. Hugh Clarence Tucker, contratou mais colportores para trabalharem não apenas no Sul do País, mas também nos Estados do Nordeste. Como resultado disso, a distribuição de Escrituras da Agência Bíblica da SBA aumentou de 40 mil, em 1897, para 70 mil exemplares, em 1902. [4]

5. As dificuldades durante a 1ª Guerra Mundial

1914-1917

Em artigo publicado na Revista *A Bíblia no Brasil*, em janeiro de 1951, o Rev. Tucker fez a seguinte declaração sobre a distribuição de Escrituras realizada no Brasil pelas Sociedades Bíblicas, nas primeiras duas décadas do século XX:

Em 1906, a Agência da SBA no Rio de Janeiro contava com 19 colportores e um bom número de correspondentes. Naquele ano, a SBA e a SBBE distribuíram no Brasil 110

mil exemplares de Bíblias, Novos Testamentos e Evangelhos, sendo 51 mil exemplares circulados pela SBA, e 59 mil, pela SBBE. Dez anos depois, durante a 1ª Grande Guerra, por falta de recursos, tivemos de reduzir de 19 para seis o número de colportores.[5]

6. O Rev. Tucker recebe a Ordem do Cruzeiro do Sul

1930

Homenagem do Governo — No final de 1930, o Rev. Hugh Clarence Tucker recebeu a Comenda da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul das mãos de Oswaldo Aranha, então Presidente da República do Brasil. Ele recebeu essa homenagem do Governo brasileiro pelos seus relevantes serviços prestados ao País na área social.

Obra social — Além de atuar como Agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, o Rev. Hugh Clarence Tucker desenvolveu, como missionário metodista, importantes atividades na área social na cidade do Rio de Janeiro. Em 1902, organizou a primeira Associação Cristã de Moços no Brasil. Em 1906, fundou o Instituto Central do Povo, que, por muitos anos, prestou às favelas do Rio de Janeiro serviços médicos e dentários, ofereceu cursos profissionalizantes e inaugurou a primeira creche popular no Brasil.

Combate à febre amarela — No período de 1903 a 1908, durante o surto de febre amarela no Brasil, ele cooperou com o serviço de saneamento do Governo brasileiro, orientando e intermediando os contatos do célebre médico brasileiro Oswaldo Cruz com o médico americano Dr. Walter Reed, que havia trabalhado no combate à febre amarela em Cuba. E o resultado dessa campanha de saneamento foi a erradicação da febre amarela no Brasil. [6]

7. A SBA constrói o primeiro Edifício da Bíblia

1932

Pequenas Sedes — As Sociedades Bíblicas, desde meados do século XIX até a segunda década do século XX, se estabeleceram no Rio de Janeiro, a capital do País, ou em Manaus e Belém, na Amazônia. Suas agências foram instaladas em salas alugadas, com pouco espaço para armazenar Escrituras. O sonho dos Agentes das Sociedades Bíblicas era ter, um dia, um edifício próprio, amplo e cômodo, com espaço suficiente para escritório, sala de reuniões e depósito de Escrituras.

O Edifício Profissional — Esse sonho se tornou realidade em 1932, quando a Sociedade Bíblica Americana (SBA) construiu o Edifício Profissional, na Rua Erasmo Braga, na Esplanada do Castelo, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Esse majestoso Edifício da Bíblia, de nove andares, foi construído pelo Rev. Hugh Clarence Tucker, no final de seu longo mandato de 47 anos como Agente da SBA no Brasil.

Em seu livro *Reminiscências—50 Anos no Brasil*, ele declarou:

Quando comecei a trabalhar na SBA, em 1887, eu tinha apenas uma sala grande, uma escrivaninha, algumas estantes, poucas cadeiras e muitas caixas de Bíblias. O escritório estava situado no 2º andar, e, como naquela época não havia elevador, as caixas de Bíblias eram carregadas nos braços escada acima. Agora, a Sede da SBA

está bem instalada em seu magnífico edifício próprio, no centro do Rio de Janeiro. A construção dessa Casa da Bíblia, em 1932, eu considero o clímax da minha carreira no Brasil.[7]

8. Ministério longo e abençoado

1887-1934

No Brasil 47 anos — Em 1934, o Rev. Hugh Clarence Tucker aposentou-se e voltou para os Estados Unidos com sua esposa, Ella Granbery Tucker. Foi ele o Agente das Sociedades Bíblicas que mais tempo permaneceu no Brasil. Durante os 47 anos em que foi Agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, visitou várias vezes todos os Estados do Brasil. Foi quase meio século de um ministério dedicado à divulgação da Palavra de Deus no País.

Quando iniciou seu trabalho, em 1887, a Agência Bíblica da SBA distribuía cerca de 40 mil Escrituras por ano. E, quando saiu, em 1934, a distribuição anual havia aumentado para mais de 200 mil exemplares. Em 1949, já com mais de 90 anos de idade, ele voltou ao Brasil, e a Sociedade Bíblica do Brasil prestou-lhe uma homenagem, colocando seu retrato em sua Galeria de Honra. [8]

9. O Evangelho enlameado

1937

Importando Escrituras Sagradas dos Estados Unidos desde o início do século XIX, nomeando seu primeiro representante em 1938 e mantendo Agências bíblicas no Brasil de 1876 a 1948, a Sociedade Bíblica Americana levou a Palavra de Deus a todo o País. Milhões de pessoas que leram uma Bíblia ou uma Porção Bíblica distribuídas pelos seus colportores tiveram sua vida transformada pelo poder do evangelho. Foi o que ocorreu, em 1937, com o Sr. Alexandre Kaufman, cuja experiência foi assim narrada pelo Rev. Ivan Espíndola de Ávila na Revista *A Bíblia no Brasil* em janeiro de 1984:

No lar da família Kaufman, a incredulidade era obrigatória. Dizendo que era materialista e ateu, o velho pai proibia os filhos de falarem em sua casa sobre Deus e religião. Alexandre, um dos seus filhos, não se conformava com isso. Ele sentia um vazio no coração que o deixava infeliz. Faltava alguma coisa em sua vida que ele não sabia explicar.

Corria o ano de 1937, Alexandre trabalhava em uma oficina mecânica e era um empregado responsável e pontual. Na manhã de um dia chuvoso, Alexandre estava indo para o trabalho, percorrendo o mesmo caminho de sempre, quando viu um livrinho molhado e enlameado jogado no chão. Sentiu vontade de apanhá-lo, para ver o que era. Pegou o livrinho sujo de barro, limpou-o o melhor que pôde e, aí, conseguiu ver o que era. Era um exemplar do Evangelho de São Mateus. Então, guardou o livrinho no bolso do macacão e seguiu o seu caminho para o trabalho. Quando chegou à oficina, disse para si mesmo:

— Vou ler o livrinho no intervalo do almoço.

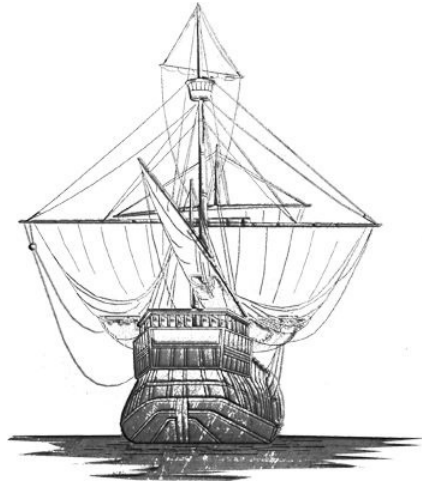
Depois do almoço, ele sentou-se num canto da oficina e começou a ler o livrinho que

havia encontrado. Leu com curiosidade os primeiros quatro capítulos do Evangelho de Mateus e, no quinto capítulo, encontrou o Sermão do Monte. Ficou encantado com o que estava lendo. Eram palavras que tocavam o seu coração e davam resposta a muitas dúvidas que ele tinha em sua vida. Leu rapidamente todo o Sermão do Monte, nos capítulos 5, 6 e 7, e então teve de parar de ler, porque havia terminado o intervalo de almoço. Trabalhou o resto do dia pensando nas palavras que havia lido, ansioso para terminar o horário de trabalho e ir para casa para continuar a sua leitura. A mensagem do evangelho tocou fundo no coração de Alexandre e começou a mudar sua vida.

Pouco tempo depois, um colportor lhe ofereceu um exemplar da Bíblia completa. Era o que lhe faltava. Ele leu os outros livros da Bíblia, entendeu a mensagem do evangelho e aceitou a Cristo como seu Salvador.

Hoje, 47 anos depois de encontrar aquele Evangelho enlameado, jogado na rua, Alexandre Kaufman é um crente fiel a Cristo, em São Vicente, SP, e um exemplo vivo do poder transformador do evangelho. [9]

CAPÍTULO VI



AS SOCIEDADES BÍBLICAS SE UNIFICAM NO BRASIL

1934-1948

1. O Rev. Turner enfrenta tempos difíceis

1934-1947

Missionário metodista — O Rev. Charles W. Turner graduou-se pela Universidade Wesleyana de Ohio, nos Estados Unidos, e, em 1933, recebeu o grau de Doutor em Filosofia pela Universidade de Drew, onde havia sido professor de espanhol durante quatro anos. Em 1934, quando aceitou o convite da Sociedade Bíblica Americana para trabalhar no Brasil, ele era pastor da Igreja Metodista de Cedar Cliff, em Paterson, New Jersey.

Tempos difíceis — O Rev. Turner assumiu a Direção de SBA no Brasil em 1934 e permaneceu no Brasil até 1947. Durante a 2ª Guerra Mundial as Sociedades Bíblicas tiveram grandes dificuldades para importarem Bíblias. E, na década de 40, a Sociedade Bíblica Americana e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira se unificaram, formando as Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil.

Secretário na Argentina — Terminada a 1ª Guerra Mundial, o Rev. Turner dedicou-se à construção de dois edifícios da Bíblia, um no Rio de Janeiro e outro em Buenos Aires, na Argentina. Em 1947, ele foi transferido para a cidade de Buenos Aires, na Argentina, para dirigir as Sociedades Bíblicas Unidas do Rio da Prata. Foi substituído, no Brasil, em 1947, pelo Rev. Lewis Malen Bratcher Jr. Em 1954, o Rev. Turner publicou, na Argentina, seu livro *La Bíblia Construye em América Latina*. [1]

2. As Sociedades Bíblicas e a 2ª Guerra Mundial

1939-1945

Racionamento de papel — Durante a 2ª Guerra Mundial, a Sociedade Bíblica Americana (SBA), sob a direção do Rev. Charles W. Turner, e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, dirigida pelo Sr. Charles Harold Morris, tiveram muitas dificuldades para manterem o suprimento de Escrituras às Igrejas no Brasil. A primeira dificuldade enfrentada foi o racionamento do papel e a elevação do seu preço no mercado mundial. A segunda foi a falta de materiais para encadernação de Bíblias e Novos Testamentos. A terceira foi o gasto que elas tiveram na reconstrução das suas Sedes destruídas na Europa durante a Guerra.

Navios afundados — Porém o maior problema enfrentado por elas durante a Guerra foi o transporte das Bíblias dos Centros de Produção nos Estados Unidos e na Inglaterra para os países onde seriam distribuídas. Muitos navios da Marinha Mercante Brasileira que transportavam Bíblias dos Estados Unidos e da Europa para o Brasil foram bombardeados e afundados durante a 2ª Guerra Mundial. Esses sérios obstáculos enfrentados pela SBA e pela SBBE tornaram impossível o suprimento regular de Bíblias ao Brasil durante a Guerra. [2]

3. Os batistas publicam a Bíblia

1940-1942

A Imprensa Bíblica — Desde a crise de 1929 até o início da década de 40, houve falta de Bíblias no Brasil. Em 1930, o Rev. Tucker, Agente da SBA, declarou que poderia ter vendido quatro vezes mais naquele ano se tivesse estoque de Bíblias suficiente. Durante a 2ª Grande Guerra, a situação se agravou com os diversos problemas surgidos. Por isso, não foi surpresa a decisão tomada pela Assembleia anual da Missão Batista do Sul do Brasil, reunida em junho de 1940, de criar a Imprensa Bíblica Brasileira (IBB). Na primeira reunião da Diretoria da IBB, foram tomadas as seguintes decisões: começar imediatamente a impressão da Bíblia na tradução de Almeida, na ortografia oficial, iniciar os planos para o preparo de uma nova tradução da Bíblia e nomear a Comissão de Tradução.

A publicação da Bíblia — Em 2 de junho de 1942, o Presidente da IBB informou à Diretoria que os quatro Evangelhos já estavam compostos e prontos para serem publicados. Como não era possível importar papel durante a Guerra, a IBB usou papel-bíblia nacional, da fábrica de papel Piraí, para imprimir sua primeira edição da Bíblia. No dia 25 de junho de 1943, foi iniciada a impressão da primeira Bíblia de edição evangélica no Brasil. E, em 1944, foi concluída a impressão, e a IBB lançou sua primeira Bíblia, na tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Corrigida. [3]

4. A unificação das Sociedades Bíblicas no Brasil

1942

As dificuldades surgidas durante a guerra levaram as Sociedades Bíblicas a pensarem seriamente na unificação do seu trabalho. Trabalhareм juntas seria uma boa maneira de reduzirem suas despesas, unirem suas forças e se fortalecerem para enfrentarem os desafios do futuro. E, assim, em 1942, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) se unificaram no Brasil sob o nome de Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), dividindo as despesas administrativas e passando a ocupar a mesma Sede no Edifício Profissional, na Esplanada do Castelo, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

No mesmo ano, as SBU organizaram a sua Junta Consultiva, composta, em sua maioria, de membros nascidos no Brasil. Essa unificação das Sociedades Bíblicas no Brasil antecedeu a união de todas as Sociedades Bíblicas, em 1946, para formarem as Sociedades Bíblicas Unidas. [4]

5. A Encíclica do Papa Pio XII sobre a Bíblia

1943

A Encíclica de Pio XII — Em 30 de setembro de 1943, o Papa Pio XII publicou sua Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, celebrando o jubileu de ouro da Encíclica de Leão XIII e confirmando com entusiasmo a leitura da Bíblia pelos católicos e a tradução da Bíblia diretamente dos originais.

A Igreja Católica sempre havia relutado em aprovar a tradução da Bíblia diretamente

dos originais grego, hebraico e aramaico. As traduções católicas da Bíblia eram sempre feitas da *Vulgata Latina*. Porém essas duas Encíclicas encorajaram a preparação de traduções católicas da Bíblia diretamente dos originais. Em 1943, estimulado pela Encíclica do Papa Pio XII, o Frei dominicano francês Thomas Georges Chifflet solicitou à Ecole Biblique, famoso Instituto de Pesquisa Bíblica sediado em Jerusalém, uma tradução católica da Bíblia baseada nos originais grego e hebraico. Seu pedido foi atendido e resultou na preparação da *Bíblia de Jerusalém*, lançada em 1956 em francês e em 1981 em português, considerada uma das melhores traduções católicas da Bíblia. [5]

6. A SBA constrói o segundo Edifício da Bíblia

1947

A venda do primeiro Edifício — O Edifício Profissional, construído pela Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Rio de Janeiro, em 1932, na Esplanada do Castelo, foi usado por ela por mais de 15 anos. Porém, no final da década de 40, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) decidiu construir dois edifícios menores, um no Rio de Janeiro e outro em Buenos Aires, na Argentina. Para levantar fundos para construir esses dois edifícios, no Rio de Janeiro e na cidade de Buenos Aires, na Argentina, ela vendeu o Edifício Profissional, construído pelo Rev. Tucker, que era duas vezes maior do que aqueles que seriam construídos.

A construção do novo Edifício — Esses dois novos projetos de construção foram coordenados pelo Rev. Charles W. Turner, Secretário Executivo da SBA no Brasil. A planta usada pelo Rev. Turner para construir o segundo Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, situado à Rua Buenos Aires, 135, foi a mesma usada por ele para construir o Edifício da Bíblia em Buenos Aires, localizado na Calle Tucumán, 358. Por isso, esses dois Edifícios, situados em diferentes países, são idênticos.

7. Um punhal por uma Bíblia

1942

Os resultados da unificação das Sociedades Bíblicas no Brasil foram muito positivos. No período de 1942 a 1948, que antecedeu a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), cresceu muito a distribuição de Escrituras no Brasil. Em 1948, quando a SBB foi organizada, a distribuição de Escrituras realizada pelas Sociedades Bíblicas Unidas já havia ultrapassado a casa de um milhão de exemplares anuais.

Na década de 40, dobrou o número de leitores das Escrituras em relação à década anterior, surgindo centenas de milhares de novos leitores da Bíblia. Em 1942, o Sr. João Afonso da Silva, morador de Firminópolis, em Goiás, converteu-se a Cristo e, para conseguir sua primeira Bíblia, deu em troca o seu punhal. Ele contou sua experiência em carta escrita à Revista *A Bíblia no Brasil*, publicada em julho de 1992:

Era domingo em Firminópolis, a minha pequena cidade, em Goiás. Saí para visitar um amigo, tomando o caminho de sua casa. Em dado momento, quando caminhava pela rua, comecei a escutar o som de um cântico, e era lindo! Percebi, então que o som vinha de uma igreja protestante. Então me aproximei da porta da igreja, e o cântico parou. Olhei para dentro e vi um jovem falando. Ele dizia:

— Arrependam-se dos seus pecados porque o Reino do Céu está perto!

Naquele tempo, estavam chegando muitas novidades ao nosso povoado: a máquina de beneficiar arroz, a farmácia, a panificadora, a sorveteria e até o cinema. Achei que tudo isso fazia parte do tal “Reino do Céu” e, por isso, tive vontade de saber bem o que era.

Já ia entrando na igreja, quando me lembrei do punhal que levava na cintura e das palavras de meu pai, que havia me ensinado a não entrar na igreja com arma. Escondi o punhal debaixo da camisa, e, quando entrei na igreja, o pastor estava fazendo o apelo. Cinco pessoas aceitaram Jesus como seu Salvador pessoal. Eu consegui resistir à chamada divina por uns momentos. Mas, depois, também aceitei Jesus. Eram 15 horas do dia 17 de setembro de 1942. Guardei bem o dia, a hora e o minuto.

Terminado o culto, fui para casa, onde morava com meus pais. Contei a eles o que havia acontecido. Então, meu pai me perguntou, muito zangado:

—E o punhal que lhe dei de presente de aniversário? Você vai jogar fora, não é? Crente não gosta de armas.

E eu respondi:

— Não vou jogá-lo fora não. Vou trocá-lo por uma coisa muito melhor: a Bíblia.

Meu pai não gostou nem um pouco da ideia e deixou bem claro que não iria me ajudar a fazer a troca.

Alguns dias depois, um conhecido veio à minha casa. Quando lhe contei a respeito do punhal, ele me perguntou:

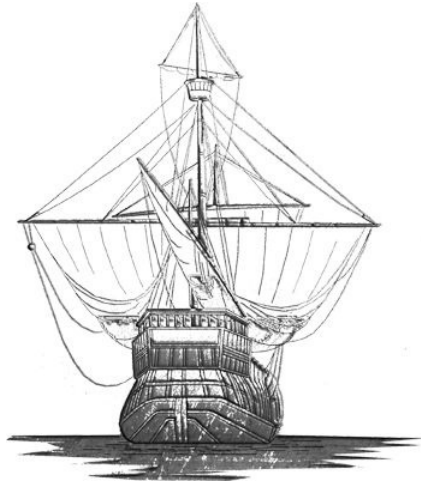
— Você sabe que aqueles que creem em Deus não podem ter armas?

Eu lhe respondi que sim, e ele me disse:

— Eu quero comprar esse punhal. Quanto você quer por ele?

Fizemos o negócio rápido. Vendi o meu punhal e com o dinheiro da venda comprei uma Bíblia e um hinário. Troquei o punhal pela Bíblia e a morte pela vida. Jesus me salvou e, a partir de então, tive uma nova “arma”, muito mais poderosa do que a que eu tinha antes. Ganhei para Jesus meus pais e alguns de meus irmãos, que já descansam no Senhor. Quanto a mim, pela graça de Deus, sou pastor jubilado da Assembleia de Deus. Quando estava na vida ativa, dirigi vários campos, recebi muitas bênçãos e ganhei muitas almas para Jesus. Até hoje, ainda trabalho dirigindo estudos bíblicos. [6]

CAPÍTULO VII



A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL

1948

1. Circunstâncias favoráveis

1948

Poucas Sociedades contribuintes — Em 1932, ainda sob o impacto da grande crise econômica de 1929, as Sociedades Bíblicas se reuniram em uma consulta na Europa. Elas estavam preocupadas com as dificuldades financeiras ocasionadas pela redução das ofertas e com as ameaças de conflitos armados em várias partes do mundo. As poucas Sociedades Bíblicas nacionais então existentes não conseguiam atender a demanda de Escrituras no mundo.

Igrejas mais fortes — Por outro lado, as Igrejas nacionais haviam se fortalecido em vários países, e algumas delas já tinham condições de cooperar de alguma maneira na manutenção do trabalho de divulgação da Bíblia. Nessas circunstâncias, foram discutidas naquele Congresso as seguintes questões: como envolver as igrejas locais na divulgação da Bíblia e como levá-las a contribuir, de acordo com suas possibilidades, para o desenvolvimento da Obra bíblica em seus países.

Mais Sociedades nacionais — Essas questões foram amplamente debatidas durante a consulta, e as Sociedades ali representadas tomaram a seguinte decisão: elas iriam não apenas apoiar, mas também promover a organização de Sociedades Bíblicas nacionais nos países onde o ambiente fosse favorável.

Clima propício — No Brasil, o término da 2ª Guerra Mundial, o fim do Estado Novo, a retomada das liberdades democráticas e as esperanças de melhores dias criaram um ambiente propício para a propagação do evangelho.

A decisão das Sociedades Bíblicas de promover a organização de novas Sociedades Bíblicas, a organização das Sociedades Bíblicas Unidas e o clima propício no Brasil para a propagação do evangelho criaram, em 1948, condições favoráveis para a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil. [1]

2. A eleição da Diretoria

10 de junho de 1948

Nos dias 10 e 11 de junho de 1948, os representantes das principais denominações evangélicas do País se reuniram no Edifício da Bíblia, à Rua Buenos Aires, 135, no Rio de Janeiro, elegeram a primeira Diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) e aprovaram o seu primeiro Estatuto. Foram estes os 22 membros eleitos:

Presidente: Bispo César Dacorso Filho, da Igreja Metodista;

Vice-presidente: Rev. Mattathias Gomes dos Santos, da Igreja Presbiteriana;

Secretário de Atas: Dr. João Filson Soren, da Igreja Batista;

Tesoureiro: Dr. Ismael de França Campos, da Igreja Congregacional e Cristã;

Vogais: Rev. Afonso Romano Filho, da Igreja Metodista; Rev. Antônio Varizo Jr., da Igreja Congregacional e Cristã; Rev. Azor Etz Rodrigues, da Igreja Presbiteriana Independente; Arcediago Charles S. Neal, da Igreja Episcopal Brasileira; Rev. Hermann Dohms, da Igreja Evangélica do Brasil; Dr. James E. Ellis, da Igreja Metodista; Rev. L. F. Harris, da Igreja Metodista; Rev. Lewis Malen Bratcher, da Igreja Batista; Rev. Manoel Avelino de Souza, da Igreja Batista; Rev. Martin Begrich, da Igreja Evangélica do Brasil; Rev. Miguel Rizzo Jr., da Igreja Presbiteriana do Brasil; Arcediago Nemésio de Almeida, da Igreja Episcopal Brasileira; Dr. Remígio Fernandes Braga, da Igreja Congregacional e Cristã; Rev. Rodolfo Anders, da Igreja Presbiteriana do Brasil; Dr. Sátilas do Amaral Camargo, da Igreja Presbiteriana Independente; Rev. Synésio P. Lyra, da Igreja Congregacional e Cristã; Rev. W. B. Forsyth, da Igreja Congregacional e Cristã; Dr. Waldir Trajano Costa, da Igreja Presbiteriana do Brasil; Bispo William Thomas, da Igreja Episcopal Brasileira.

3. A eleição do primeiro Presidente

10 de junho de 1948

Bispo metodista — No dia 10 de junho de 1948, a Diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) elegeu para o cargo de Presidente da entidade o Bispo César Dacorso Filho. O Bispo César nasceu no dia 10 de novembro de 1891 na cidade Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e destacou-se na Igreja Metodista do Brasil como pastor de diversas igrejas nos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em 1934, já conhecido em todo o País como pregador e teólogo, foi ordenado como o primeiro Bispo brasileiro da Igreja Metodista do Brasil.

Doutor em Teologia — Em 1935, ele recebeu o título de Doutor em Teologia, *honoris causa*, da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. Em suas atividades como Bispo, deu atenção especial à estruturação administrativa da Igreja Metodista, aos projetos educacionais e à criação de novas Congregações no interior do País. Como autoridade máxima da Igreja Metodista, ele representou-a em diversas oportunidades na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa. Na década de 40, tornou-se uma figura querida e respeitada não apenas no Brasil, mas também no Exterior.

Mandato de nove anos — Sua eleição para o cargo de Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil foi muito bem aceita pela comunidade evangélica brasileira. No desempenho do seu longo mandato de nove anos na presidência da SBB, ele contou com o apoio e a confiança não apenas da liderança evangélica, mas também das Sociedades Bíblicas Unidas. [2]

Secretário Regional — Terminado seu segundo e último mandato de Presidente da SBB, o Bispo César foi convidado pelo Secretário-Geral da SBB, Rev. Ewaldo Alves, para iniciar o trabalho da SBB no seu Estado natal, o Rio Grande do Sul. Em 1959, ele organizou a Secretaria Regional da SBB em Porto Alegre, onde exerceu o cargo de Secretário Regional até 1962.

Títulos do Presidente — Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Causa da Bíblia no Brasil, o Bispo César recebeu durante o seu ministério os seguintes títulos: Presidente de Honra da Sociedade Bíblica do Brasil, Sócio Vitalício da Sociedade

Bíblica Americana, Sócio Honorário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Membro da Academia Evangélica de Letras de São Paulo e Membro da Academia Evangélica de Letras do Rio de Janeiro. [3]

4. A cerimônia de fundação

12 de junho de 1948

A cerimônia de fundação — Perante um auditório de mais de três mil pessoas, no templo da 1ª Igreja Batista do Rio de Janeiro, com um programa transmitido para todo o território nacional através da Rádio Clube do Brasil, foi inaugurada a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). A solenidade, realizada na noite de 12 de junho de 1948, teve início às 20 horas, com a presença dos Diretores e Secretários Executivos da nova Sociedade, do representante das Sociedades Bíblicas Unidas do Rio da Prata e dos representantes das principais denominações evangélicas do País.

Os oradores — Fizeram uso da palavra os seguintes oradores: o representante no Brasil da Sociedade Bíblica Americana, Rev. Lewis Malen Bratcher Jr.; o representante das Sociedades Bíblicas Unidas no Rio da Prata, Rev. Charles W. Turner; o representante no Brasil das Sociedades Bíblicas Britânicas e Estrangeiras, Sr. Charles H. Morris; o Secretário Executivo da Sociedade Bíblica do Brasil, Rev. Egmont Machado Krischke; o Presidente da Convenção Batista Brasileira, Rev. Rubens Lopes; o representante da Igreja Metodista do Brasil, Rev. Elias Escobar Gavião; o Secretário Executivo do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, Rev. Benjamin Moraes; o representante da Junta Geral da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil, Rev. Salustiano Pereira César; o Presidente do Sínodo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Rev. Antônio Alvarenga; o Secretário-Geral do Exército de Salvação no Brasil, Brigadeiro Ricardo Christensen; o representante da Missão Adventista, Sr. R. A. Butler; o representante das Assembleias de Deus do Brasil, Sr. Emílio Conde; o Presidente do Sínodo Riograndense da Igreja Evangélica Luterana, Rev. Hermann Dohms; o representante da Igreja Episcopal Brasileira, Bispo William Thomas; e o primeiro Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, Bispo César Dacorso Filho. [4]

5. A palavra do Secretário Executivo da SBA

Rev. Lewis Malen Bratcher Jr. — Na abertura da cerimônia, o Rev. Lewis Malen Bratcher Jr., Secretário Executivo da Sociedade Bíblica Americana no Brasil falou sobre as Sociedades Bíblicas no passado:

Estamos aqui por causa da fé de um pequeno grupo de homens que, em 1804, na Inglaterra e, em 1816, na América do Norte, empenharam-se na grande tarefa de dar a Bíblia ao mundo inteiro. Estamos aqui por causa da fé e do amor que levou a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira a remeter os primeiros exemplares das Escrituras para o Brasil antes de 1816. Estamos aqui por causa da fé e do amor dos primeiros homens que se dedicaram à tarefa de distribuir a Palavra de Deus em todo o Brasil. Homens como Uttley, Brown, Tucker e Telford, que dedicaram a vida a essa gloriosa missão. Estamos aqui por causa da fé e do amor de milhares de pessoas, cujos nomes não nos é possível citar neste momento, colportores humildes e

anônimos, que levaram a semente do evangelho a todos os recantos deste País. E estamos aqui, ainda, por causa da fé e do amor dos grandes líderes evangélicos de todas as denominações que têm trabalhado no Brasil, levando a mensagem das Boas-Novas ao povo brasileiro. Portanto, pela fé no poder de Deus e na Obra que ele nos tem dado e por amor à sua divina Palavra e à Pátria brasileira, nós nos reunimos hoje aqui para a inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil. [5]

6. A palavra do Secretário Executivo das SBUs

Rev. Charles. W. Turner — O Rev. Charles. W. Turner, Secretário Executivo das Sociedades Bíblicas Unidas no Rio de Janeiro, analisou a atuação das Sociedades Bíblicas:

Contemplando o panorama desta obra notável que as Sociedades Bíblicas realizaram no Brasil, podemos ver nela o esforço conjunto de duas Sociedades Bíblicas, que frutificou com a indispensável ajuda de Deus. Em primeiro lugar, destacamos o fato de que as Sociedades Bíblicas vêm mantendo, desde o início do seu trabalho, há 130 anos, um texto bíblico fiel e digno na língua portuguesa. Em segundo lugar, essa permanente distribuição das Escrituras Sagradas tem despertado no povo brasileiro o desejo de ler e estudar a Palavra de Deus. Quantas pessoas têm aprendido a ler, mesmo na velhice, só para terem o prazer de ler, por si mesmas, a Palavra de Deus? Em terceiro lugar, a Obra permanente das Sociedades Bíblicas tem inspirado outras entidades cristãs. A Igreja Católica Romana, por exemplo, inspirada na Obra das Sociedades Bíblicas, decidiu também traduzir, publicar e distribuir a Bíblia. Em quarto lugar, as Sociedades Bíblicas vêm prestando uma contribuição insubstituível, desde os seus primórdios, à Obra missionária no Brasil. Seria possível o desenvolvimento da Igreja de Cristo sem a distribuição de Bíblias a preços acessíveis às pessoas mais pobres? Em quinto lugar, em todo esse tempo, as Sociedades Bíblicas jamais mudaram seu propósito, embora tenham atualizado de maneira eficaz seus métodos de trabalho para atenderem melhor às necessidades do País. E, em sexto lugar, as Sociedades Bíblicas conseguiram, com o passar dos anos, construir uma cooperação recíproca, prática, fecunda e inspiradora, que culminou na organização das Sociedades Bíblicas Unidas em 1946. E uma das mais claras e verdadeiras expressões desse espírito de cooperação é o que estamos presenciando hoje aqui, a fundação da Sociedade Bíblica do Brasil. [6]

7. A palavra do Secretário Executivo da SBBE

Sr. Harold Morris — O Sr. Charles H. Morris, Secretário Executivo da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Brasil desde 1930, deu informações sobre o trabalho das Sociedades Bíblicas na década de 40:

Um dos acontecimentos mais importantes na história do evangelismo brasileiro foi a unificação, em 1942, do trabalho das Sociedades Bíblicas que operam no Brasil, a Americana e a Britânica, sob o nome de Sociedades Bíblicas Unidas. E os resultados dessa unificação têm sido muito positivos, apesar de terem ocorrido em tempo de guerra. Nos últimos seis anos e meio, de janeiro de 1942 a julho de 1948, apesar das dificuldades enfrentadas, as Sociedades Bíblicas Unidas distribuíram no território

brasileiro 6.326.943 Escrituras Sagradas, das quais 625.703 foram Bíblias e Novos Testamentos completos. Foi publicada, nesse período, uma edição especial de Evangelhos para as Forças Armadas Brasileiras e uma edição especial do Evangelho de Marcos, com letras grandes, para recém-alfabetizados. [7]

8. A palavra do Secretário Executivo da SBB

Rev. Egmont Machado Krischke — O Rev. Egmont Machado Krischke, Secretário Executivo da Sociedade Bíblica do Brasil, exaltou a Obra das Sociedades Bíblicas no Brasil:

A Sociedade Bíblica do Brasil é o fruto precioso do esforço honesto e sadio com que as Sociedades, Americana e Britânica, intentam, há muitos anos, tornar a divulgação das Escrituras Sagradas uma Obra dos brasileiros para o Brasil. Manifestamos o nosso respeito aos nossos irmãos missionários, que, a exemplo do apóstolo Paulo, procuram agradar a todos em tudo, não pensando em si mesmos, mas no bem da Causa de Deus! Nós os cumprimentamos pela sua amplitude visual e pelo espírito de humildade e de renúncia! Lembremos, ainda, que a Sociedade Bíblica do Brasil precisa tanto das igrejas quanto estas precisam dela. A igreja que não estuda a Bíblia, que não a difunde entre os fiéis será sempre uma luz pálida, reflexa. Sua mensagem, de segunda mão, nunca terá o calor nem a vibração requerida pela miséria moral da geração presente. Por sua vez, a Sociedade Bíblica do Brasil não poderia avançar sequer um passo em sua missão gloriosa se ela deixasse de contar com o apoio e o clima propício que só as Igrejas cristãs lhe podem proporcionar. [8]

9. A palavra dos representantes das Igrejas

Emílio Conde — O Sr. Emílio Conde, representante da Assembleia de Deus, reafirmou o apoio de sua Igreja à Sociedade Bíblica do Brasil:

No momento mais cruciante e aflitivo da história do mundo, quando governos e governados vivem na expectativa de tremendos desastres, tanto de ordem física como de ordem moral, as Assembleias de Deus consideram a criação da Sociedade Bíblica do Brasil uma demonstração da providência de Deus. Ela irá estabelecer uma concentração de forças espirituais cujo reflexo influenciará nos destinos do nosso povo, orientando-o num sentido mais racional de crer naquele que disse: “Eu sou a ressurreição e a vida.”

Na noite de 12 de junho de 1948, na cidade do Rio de Janeiro, realiza-se a reunião de maior transcendência e do mais notável relevo que a história da evangelização do Brasil até hoje pode registrar.

Ainda que para alguém essa reunião tão significativa e tão oportuna possa representar tão somente a cerimônia simples e formal da instalação da Sociedade Bíblica do Brasil, a Igreja que represento divisa neste movimento a mobilização das forças de Deus orientando os homens para um plano onde refulgem, em todo o seu esplendor, os ensinamentos dos Evangelhos, que apontam para Jesus Cristo, a Luz do mundo.

As Assembleias de Deus existem pela mesma razão e pelos mesmos motivos que determinam a criação da Sociedade Bíblica do Brasil, isto é, existem porque há um Livro, a Bíblia, cujas páginas são códigos de ética tão elevados, que, conhecidos e praticados, transmitem paz à alma, levam a felicidade aos lares e engrandecem a vida nacional; e as Assembleias de Deus estão particularmente interessadas em que o povo brasileiro conheça tão formosas verdades.

A Sociedade Bíblica do Brasil inicia hoje sua vida e suas atividades numa atmosfera de intensa vibração e plena de esperanças, em virtude da existência de um Livro tão extraordinariamente belo em seu conjunto, tão verdadeiro em suas afirmações e tão exato em seus conceitos, que é capaz de determinar a transformação de um povo e levar até Deus qualquer nação que o aceite; e a Sociedade Bíblica do Brasil, cujo alvo é contribuir para a grandeza da Pátria através do conhecimento da Bíblia, coloca-se agora na vanguarda dessa cruzada de altruísmo e amor, a fim de superintender a distribuição da Palavra de Deus.

Portanto, se o nosso objetivo é comum, se os nossos propósitos são idênticos e nossa finalidade se confunde, a Igreja que represento autorizou-me a oferecer à Sociedade Bíblica do Brasil o apoio de 120 mil membros que se propõem a colaborar de forma ativa, pois a consideram uma Agência do Reino de Deus aqui na terra, interessada no bem-estar dos homens e no louvor do nosso Deus. [9]

Rev. Benjamim Moraes — O Rev. Benjamim Moraes, Secretário Executivo da Igreja Presbiteriana, destacou a importância da Bíblia para o futuro do País:

“Oh! Se a Bíblia fosse traduzida na língua de todos os povos, de modo que pudesse ser lida não só por escoceses e irlandeses, mas também até pelos turcos e sarracenos!”

Quem diria que nesse sublime anseio de um dos apóstolos da Reforma se vislumbrava, em embrião, o gigantesco plano que, mais tarde, seria posto em execução pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e, posteriormente, pela Sociedade Bíblica Americana e, hoje, como um desafio aos ataques titânicos de adversários poderosos, com a instalação da Sociedade Bíblica do Brasil.

As lutas, os sofrimentos, as dores por que passaram todos aqueles que se bateram para quebrar os grilhões que acorrentavam o Livro de Deus e colocá-lo nas mãos de todos os povos são um fato cuja compreensão não atinge bem a nossa inteligência, assim como não se encontram termos que bem descrevam a coragem, valentia e perseverança destes heróis, impulsionados, todos eles, por forças incompreensíveis!

Farei uma pausa: que poder estranho moverá estes homens de Deus que se empenham em difundir a Palavra de Deus, espalhando o Livro Sagrado aos quatro cantos da Terra? Por que se apegam com tamanha intensidade à faina ininterrupta de traduzir, imprimir e espalhar Bíblias?

É que eles sonham com um mundo melhor, de tal maneira que já se impregnaram da grande verdade de que um país só será completamente civilizado quando em cada choupana brilhar a “Tocha resplandecente” da Palavra de Deus! Sonham eles como eu sonho agora: vislumbro, maravilhado, uma grande e poderosa nação que se ergue majestosa e forte e cujos alicerces foram cimentados com os sólidos ensinamentos deste

Livro Bendito, abundantemente distribuído pelas Sociedades Bíblicas! Este país é grande porque é livre; é livre porque se rege pelos preceitos bíblicos, e a Bíblia contém o gérmen dos grandes ideais de liberdade que se estão desenvolvendo no seio das gerações modernas. No Novo Testamento, aparece Jesus Cristo, o Príncipe da Liberdade. Os grandes libertadores a quem as nações independentes imortalizam em seus monumentos, tais como Washington, San Martin e Bolívar, têm se inspirado em Cristo; e, quando essa inspiração falha, a liberdade conseguida, prontamente, se transmite em uma nova forma de tirania, quicá, pior do que a que havia sido derribada. Sem os ensinamentos de Cristo, o mundo não conheceria o lema: liberdade, igualdade, fraternidade. Lloyd George disse: “Não vejo esperança para a democracia de um país senão em Jesus de Nazaré.” Um povo só é livre quando é religioso, pois a verdadeira religião é o fundamento mais poderoso do desenvolvimento humano. Não se consegue liberdade por meio de ateísmo, que debilita as faculdades morais do homem e que, assim, o arruína física e intelectualmente. O sentimento religioso é uma força na vida, e todos que tentam debilitá-lo debilitam os povos, conduzindo-os à barbárie e, por ela, à escravidão. Onde o Cristianismo não é conhecido, aí, tampouco, se conhece a liberdade!

Nas dobras da bandeira do País dos meus sonhos eu leio: “Ordem e Progresso” porque este país é o Brasil de amanhã; é o Brasil que hoje canta comigo, porque, assistindo, agora, às solenidades da inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil, ele vislumbra para si e seus filhos um porvir brilhante e glorioso, numa aurora de plena concretização de todos os ideais desejados! [10]

10. A palavra do Presidente da SBB

Bispo César Dacorso Filho — O Bispo César Dacorso Filho, Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, ressaltou o poder transformador da Palavra de Deus:

A influência das Escrituras Sagradas sobre a humanidade é infinita porque elas revelam às almas ansiosas as verdades sublimes que lhes permitem conhecer melhor o seu Criador e porque oferecem aos santos as armas de conciliação de que precisam para se aperfeiçoarem nas lutas da vida. As Escrituras falam de Deus, o Criador, do homem, a criatura, e de Jesus Cristo, o único intermediário entre o Criador e a criatura. E elas fazem isso exaltando a santidade do Criador e condenando o pecado da criatura. Onde mais se leem as Escrituras Sagradas, o homem é mais sadio, mais forte e mais instruído; é mais ético, mais justo, mais sincero e mais feliz. Os povos que leem as Escrituras Sagradas são os mais adiantados, os mais fortes e os mais felizes. Os povos que só indiretamente ou remotamente estão sob a influência das Escrituras Sagradas são atrasados. Os povos que não têm nenhum contato com as Escrituras Sagradas são os mais miseráveis que existem. O Brasil, como qualquer outra nação, e os brasileiros, como quaisquer outros homens, dependem muito mais para seu progresso, engrandecimento e felicidade das suas qualidades morais do que dos recursos materiais. Somente o senso cristão das realidades que as Escrituras Sagradas incutem lhes dará as qualidades superiores de reintegração diante de Deus, lastro e garantia inabalável para tudo que possa realmente forjar seu progresso, engrandecimento e felicidade. [11]

11. O termo de inauguração

Rev. João Filson Soren — Após os oradores da noite usaram da palavra, o Dr. João Filson Soren, Secretário da Diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil e pastor da 1ª Igreja Batista do Rio de Janeiro, leu o termo de inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil:

Aos doze dias do mês de junho do ano de mil novecentos e quarenta e oito, nesta cidade do Rio de Janeiro, no Santuário da 1ª Igreja Batista, reuniu-se numerosa e expressiva representação do Evangelismo Brasileiro. Depois do programa solene, abrilhantado com a participação de destacadas figuras do Ministério Evangélico e dos representantes da Sociedade Bíblica Americana e Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, foi lida publicamente a Constituição da Sociedade Bíblica do Brasil. Através desse ato, a Sociedade Bíblica do Brasil passa a existir como entidade jurídica perante a lei cível da República dos Estados Unidos do Brasil e como entidade evangélica. Sua existência colima a mais intensa e eficaz divulgação das Sagradas Escrituras na Pátria Brasileira no vernáculo, sem notas nem comentários. E nós, os que assinamos este termo de inauguração, volvemo-nos para o Céu, com a súplica de que a novel Sociedade concorra para a glória de Deus, para a difusão do Reino de Jesus Cristo na Terra e para a iluminação espiritual e eterna salvação de muitas almas. Nessa confiança e sob a invocação da bênção tríplice da Santíssima Trindade para quantos se associam aos esforços de divulgar a Palavra de Deus e de tornar a Bíblia o “Livro do Brasil”, proclamamos formalmente inaugurada nesta data, na capital da República, a Sociedade Bíblica do Brasil. E eu, Secretário da Diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil, redigi o termo de inauguração, que assino juntamente com o Senhor Presidente, bem como com quantos aqui presentes desejarem se tornar testemunhas signatárias do surgimento dessa benemérita organização. [12]

12. O Evangelho varrido

1945

Em 1945, três anos antes da fundação da Sociedade Bíblica do Brasil, o Sr. Arcílio Pinheiro vivia na cidade de Pirassununga, no interior do Estado de São Paulo. Embora tivesse uma família numerosa, não era um pai de família responsável e não dava bom exemplo aos seus filhos. Era banqueiro de jogo de buzo e costumava passar as noites jogando e bebendo com os amigos. Um dia, sua esposa lhe pediu para ir ao armazém para comprar um quilo de fubá para usar no jantar. Mas no caminho para o armazém ele se encontrou com alguns amigos e resolveu ir com eles a um bar para tomar um “traguinho”. E o resultado foi que sua esposa e seus filhos ficaram esperando em vão pelo fubá, porque ele só voltou para casa no dia seguinte.

Mas, um dia, aconteceu um fato que mudou a sua vida. Ele foi visitar seus compadres que viviam na mesma cidade de Pirassununga e, enquanto conversava com seu compadre, acompanhava sua comadre varrer a varanda da casa. A certa altura, ele viu que ela estava varrendo um livrinho sujo e amarrotado para o lixo. Então, ele lhe perguntou que livrinho era aquele. E ela respondeu:

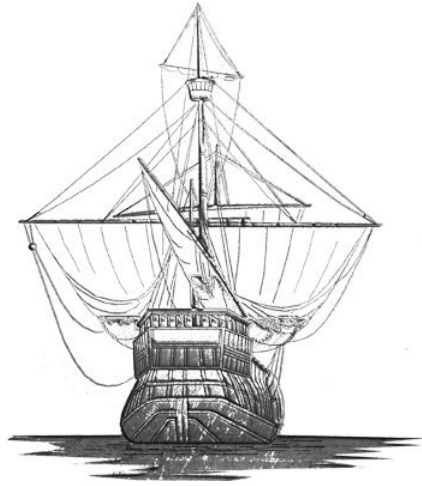
— É um livrinho dos crentes.

Por curiosidade, Arcílio pegou o livrinho e o guardou no bolso. Chegando à sua casa, limpou bem a capa do livrinho, desamassou suas páginas e leu o título. Era o Evangelho de João, publicado pelas Sociedades Bíblicas. Começou então a ler e gostou do que estava lendo. E quanto mais lia, mais gostava. Enquanto lia, ele pensava: quanta coisa boa ia ser jogada no lixo. Nas semanas seguintes, ele leu e releu aquele Evangelho de João várias vezes.

E, pouco a pouco, a Palavra de Deus fez Arcílio mudar sua maneira de pensar e de viver. Ele deixou de beber e de jogar, abandonou seus velhos amigos de bar e começou dar mais atenção à sua família. Com o passar do tempo, seus parentes e amigos perceberam que ele não era mais o mesmo. Arcílio havia se transformado em um novo homem e era agora um pai de família exemplar.

Algum tempo depois, Arcílio e sua família receberam em sua casa a visita do pastor da Igreja Metodista de Pirassununga que os convidou a assistir o culto no domingo. Ele aceitou ao convite, foi com a família, e todos gostaram do culto e das pessoas que encontraram ali. Passaram, então, a frequentar os cultos e a escola dominical, foram batizados e se tornaram membros ativos da Igreja. [13]

CAPÍTULO VIII



O RENASCIMENTO DA COLPORTAGEM

1948 E 1960

1. O Brasil nos anos 50

1951-1960

Getúlio — Em 1951, Getúlio Vargas foi eleito Presidente do Brasil, em substituição a Eurico Gaspar Dutra. Na política externa, tentou adotar uma economia independente do capitalismo internacional, então sob a liderança dos Estados Unidos. No plano interno, ele procurou desenvolver a economia e a indústria, criando a Cia. Siderúrgica Nacional, a Hidrelétrica de Paulo Afonso, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, a Petrobrás e a Eletrobrás.

Juscelino — Com a morte de Getúlio Vargas, em 1954, assumiu a presidência o Vice-Presidente Café Filho. Em 1955, ele foi substituído, por motivo de saúde, por Carlos Luz. E, em 1956, Juscelino Kubitschek de Oliveira foi eleito Presidente. Ele adotou uma política desenvolvimentista, lançando seu Plano de Metas sob a coordenação do Estado. Os destaques do seu governo foram a construção de Brasília e a criação da indústria automobilística. Na década de 50, o Brasil deu início a um período de desenvolvimento industrial e de crescimento do poder aquisitivo da população. Porém, como os recursos para esse empreendimento vieram de empréstimos feitos no Exterior, a dívida externa cresceu, e a inflação aumentou.

Novas Igrejas Pentecostais — Em 1950, a população brasileira era de 52 milhões de habitantes, e a população evangélica de apenas 1,8 milhão (3,5%). Nesse período, foram fundadas no Brasil duas novas denominações pentecostais: a *Igreja do Evangelho Quadrangular*, fundada em novembro de 1951 pelo Missionário Harold Williams em São João da Boa Vista, no Estado de São Paulo e a *Igreja O Brasil para Cristo*, fundada em 1956, em São Paulo, pelo Missionário Manoel de Mello, que havia sido pastor da Assembleia de Deus e posteriormente da *Igreja do Evangelho Quadrangular*. O crescimento dos evangélicos impulsionou a divulgação das Escrituras Sagradas no País. Em 1960, a população brasileira havia crescido para 70 milhões de habitantes, e a os evangélicos, para 2,8 milhões de pessoas (4% da população). [1]

2. O selo comemorativo do Dia da Bíblia

1951

Em dezembro de 1951, o Departamento de Correios e Telégrafos, órgão do Ministério de Viação e Obras Públicas do Brasil, publicou um selo comemorativo do *Dia da Bíblia*, data comemorada pelos evangélicos brasileiros no segundo domingo de dezembro. O edital nº. 52/51, referente a esse acontecimento, foi publicado no *Diário Oficial* do dia 6 de dezembro de 1951, e o selo entrou em circulação três dias depois. O selo, no valor de Cr\$1,20, foi impresso com a gravura do cartaz de inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil. [2]

3. Liberada a importação de Bíblias

1953

Isenção de licença — Até 1953, a SBB precisava solicitar ao Banco do Brasil uma licença prévia para cada importação de Escrituras. A concessão da licença era difícil e demorada. Porém, em 1954, foi aprovado um Decreto-Lei, apresentado pelo Deputado Federal Dr. Lauro Monteiro da Cruz, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, concedendo isenção de Licença de Importação para livros religiosos. Esse decreto liberou a importação de Bíblias no Brasil.

Homenagem — O Deputado Lauro Monteiro da Cruz foi homenageado pela Diretoria da SBB pelos relevantes serviços prestados à Causa Bíblica no Brasil, recebendo o título de Sócio Honorário. O Deputado Lauro Monteiro da Cruz agradeceu a homenagem com estas palavras:

Fomos apenas um instrumento para a aprovação de uma medida de ordem legislativa. Não fora o elevado conceito que desfrutam em nossa terra as organizações evangélicas, não fora o alto padrão de moral que imprimem à sua vida as autoridades do evangelismo nacional, não fossem conhecidos os grandes vultos que em nosso meio se destacam pela sua cultura e pela contribuição que trazem para o bem do País, por certo, não encontrariam aprovação as iniciativas visando ao exercício de nossos direitos e ao desenvolvimento da Obra evangélica no Brasil. [3]

4. As primeiras Bíblias impressas pela SBB no Brasil

1956

Produção nacional — Ao contrário do que aconteceu com as outras Sociedades Bíblicas da América Latina, desde a sua fundação, em 1948, a Sociedade Bíblica do Brasil produziu localmente grande parte de seus Novos Testamentos e Porções Bíblicas. De 1948 a 1951, foram produzidos no Brasil 185.880 Novos Testamentos e 487.937 Porções Bíblicas na Imprensa Metodista, na Imprensa Presbiteriana Independente e em outras gráficas comerciais do país.

Importação de Bíblias — Porém, nos seus primeiros anos, a SBB importou todas as Bíblias completas dos Estados Unidos ou da Inglaterra. Em 1951, o Secretário da Sociedade Bíblica Americana (SBA) no Brasil, Rev. Lewis M. Bratcher Jr., estudou a possibilidade de produzir as primeiras Bíblias completas no Brasil. Porém a tomada de preços feita em diversas gráficas brasileiras mostrou que o custo de produção no Brasil ainda era maior que nos Estados Unidos e na Inglaterra. A Bíblia popular custaria CR\$ 25,00 (US\$1,33) no Brasil e Cr\$ 18,00 (US\$0,96) no Exterior, já incluídas as despesas de frete e impostos alfandegários. A conclusão foi que ainda não era hora de começar a produção de Bíblias no Brasil.

Toda produção no Brasil — Em 1956, a SBB fez uma nova tomada de preços no Brasil e no Exterior e chegou à conclusão de que já era mais econômico produzir Bíblias no Brasil. Foi feita, então, com o auxílio de especialistas da SBA e da SBBE, uma pesquisa no mercado gráfico brasileiro levando em consideração a qualidade, a capacidade de impressão e o custo de produção de Bíblias. E a gráfica escolhida para impressão e encadernação de Bíblias foi a IMPRES — Cia. Brasileira de Impressão e Propaganda, em

São Paulo. Assim, a partir de 1956, a SBB passou a produzir no Brasil todas as Escrituras distribuídas por ela em português, Bíblias, Testamentos e Porções. Apenas as Escrituras em outras línguas, distribuídas no Brasil em pequenas quantidades, como alemão, espanhol, inglês, italiano, japonês e latim, continuaram a ser importadas. [4]

5. A contribuição do Rev. Lewis M. Bratcher Jr.

1948-1956

Em 1948, após a fundação da SBB, o Rev. Lewis M. Bratcher Jr. assumiu o cargo de Secretário Executivo da SBA no Brasil. Em 1948 e 1949, dividiu a direção executiva da SBB com o Rev. Egmont Valle Machado Krischke e o Sr. Charles Harold Morris. E, a partir de meados de 1950, com o Sr. Charles Harold Morris e o Rev. Ewaldo Alves, o novo Secretário da SBB.

A importação de Escrituras — Coube ao Rev. Bratcher Jr. administrar a importação de Bíblias e Testamentos dos Estados Unidos e da Inglaterra. Em 1951, ele mandou imprimir nos Estados Unidos a 1ª edição do Novo Testamento na Versão Revista e Atualizada no Brasil. E, em 1956, ele importou dos Estados Unidos Porções Bíblicas em Braile-português.

A produção no Brasil — Em 1951, o Rev. Lewis M. Bratcher Jr. iniciou a produção de Novos Testamentos no Brasil. Solicitou orçamentos à Casa Publicadora Batista, à Casa Publicadora Brasileira e à Imprensa Metodista, preferindo a Imprensa Metodista, que ofereceu melhores condições de preço, qualidade e prazo de entrega.

As porções especiais — Em 1954, ele imprimiu os *Evangelhos e Atos Ilustrados*, com fotos da Palestina, na *Mundo Gráfica Editora*. E, em 1956, lançou os primeiros livros da *Bíblia Falada em português*, gravada em disco, destinada especialmente aos deficientes visuais.

A produção de Bíblias — Em 1951, o Rev. Bratcher Jr. tentou iniciar a produção de Bíblias completas no Brasil, mas desistiu depois de verificar que os preços ainda ficavam mais caros aqui que no Exterior. Em 1956, sob sua direção, a SBB deu início à produção de Bíblias completas na IMPRES, Cia. Brasileira de Impressão e Propaganda, em São Paulo.

A distribuição — Logo que iniciou o seu trabalho, em 1948, o Rev. Bratcher Jr. estabeleceu uma política de preços baixos para atender a população mais carente, contratou novos colportores e promoveu a distribuição de Escrituras através das igrejas e das livrarias. Em 1951, organizou o primeiro depósito de Escrituras em São Paulo. Em 1954, inaugurou a primeira Secretaria Regional, no Recife, e, em 1956, organizou a segunda Secretaria Regional, em São Paulo. Ele cooperou também na organização de Comissões Regionais, coordenando a eleição das Comissões Regionais do Recife, em Pernambuco, e de Salvador, na Bahia, em dezembro de 1948. De 1948 a 1956, período em que ele dirigiu o Departamento de Distribuição da SBB, a circulação anual de Bíblias mais que dobrou, subindo de 82 mil para 191 mil exemplares.

Retorno aos Estados Unidos — No final de 1956, o Rev. Lewis Malen Bratcher Jr. retornou aos Estados Unidos, após nove anos de relevantes serviços prestados à Causa

Bíblica no Brasil. No período em que trabalhou no Brasil, ele sofreu duas grandes perdas em sua família, o falecimento de sua filhinha Pamela Jane Bratcher, em 1952, e o de seu pai, Rev. Lewis M. Bratcher, em 1953. [5]

6. O Concílio Mundial das SBUs no Brasil

1957

4º. Concílio Mundial — De 10 a 24 de julho de 1957, o Brasil hospedou o 4º Concílio Mundial de Sociedades Bíblicas. O primeiro Concílio foi realizado em Nova Iorque, EUA; o segundo, em Bangalore, Índia; e o terceiro, em Londres, Inglaterra. Presidido pelo Bispo norueguês E. Berggrav, ele foi dividido em duas etapas. A primeira, de 10 a 15 de julho, foi realizada na Faculdade Teológica Metodista, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo. E a segunda, no Colégio Bennet, no Rio de Janeiro, no período de 17 a 24 de julho.

Objetivo e lema — O objetivo do Concílio foi promover a colaboração entre as diversas Sociedades Bíblicas e estabelecer planos para promover a maior divulgação da Bíblia no mundo. Essa colaboração ocorreu através do intercâmbio de informações e de recursos, de tal maneira que as Sociedades menores e mais novas receberam apoio técnico e financeiro das Sociedades Bíblicas maiores e mais experientes.

O lema do 4º Concílio Mundial de Sociedades Bíblicas foi *Trabalhando com a Palavra Viva*. Delegados de diversos países dissertaram sobre diversos temas relacionados à Bíblia, entre eles os seguintes: *O Lugar e a Tarefa das Sociedades Bíblicas*, *A Bíblia na América Latina*, *A Bíblia no Mundo*, *A Importância do Trabalho das Sociedades Bíblicas na América Latina*.

Países representados — Participaram do Concílio as Sociedades Bíblicas de 23 países: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Canadá, Coreia, Dinamarca, Escócia, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Índia, Indonésia, Inglaterra, Irlanda, Islândia, Japão, Noruega, Nova Zelândia, Suécia e Suíça. [6]

7. O Rev. Benjamim Moraes é eleito Presidente

1957

A 3ª Assembleia Geral da SBB, reunida no Rio de Janeiro, de 17 a 19 de junho de 1957, elegeu para Presidente da entidade o Rev. Benjamim Moraes, ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Pastor, jurista e professor — O Rev. Benjamim Moraes nasceu na cidade de Lavras, MG, formou-se em Teologia e Direito e fez cursos de Pós-Graduação nos Estados Unidos e na França. Foi, durante muitos anos, pastor da Igreja Presbiteriana de Copacabana e catedrático da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Representou os juristas brasileiros em conclave internacionais, presidiu o Conselho Penitenciário no governo Chagas Freitas e a Ordem dos Advogados do Brasil, do antigo Estado da Guanabara. Foi membro do Instituto dos Advogados do Brasil e teve entre suas maiores realizações a revisão do Código Penal Brasileiro, em 1969. Ele foi também Secretário de Educação do Estado da Guanabara, autor de diversos livros e membro da Academia Evangélica de Letras do Rio

de Janeiro.

Presidente durante dezesseis anos — O Rev. Benjamim Moraes foi Presidente da SBB durante 16 anos consecutivos, de 1957 a 1973, Vice-Presidente das Sociedades Bíblicas Unidas e Presidente de Honra da SBB. Sob a sua presidência, a SBB organizou as Secretarias Regionais de Belém, Brasília e Porto Alegre, inaugurou o barco *Luz na Amazônia*, fundou o Museu da Bíblia, e recebeu o Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro como doação da Sociedade Bíblica Americana. Poliglota, ele representou a Sociedade Bíblica do Brasil e as Sociedades Bíblicas da América Latina em diversos encontros continentais e mundiais.

Culto e piedoso — Homem culto como poucos, falava vários idiomas: inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e russo. Foi um professor apreciado e respeitado pelos seus alunos e, provavelmente, o líder evangélico que mais se destacou como homem público neste País. E foi ele, sobretudo, um servo de Deus consagrado, piedoso, profundo conhecedor da Palavra de Deus e notável pregador do evangelho. [7]

8. Os colportores profissionais

1856-1957

A palavra colportor — A palavra “colportor” vem do francês “colporteur”, que significa “vendedor ambulante” ou pessoa que vende nas ruas e nas casas. Colportores bíblicos eram vendedores ambulantes da Bíblia ou pessoas que se dedicam à venda das Escrituras Sagradas nas ruas e nas casas. Do século XIX até meados do século XX, os vendedores ambulantes da Bíblia ou pessoas que se dedicavam à venda das Escrituras Sagradas de porta em porta eram chamados de “colportores”.

No século XIX, até mesmo o Correio era no Brasil um veículo de comunicação precário e limitado, que não chegava a muitas cidades. A maior parte da população vivia no campo, em lugares onde não havia livrarias nem igrejas. Nessa época de comunicação difícil, a distribuição da Bíblia foi realizada pelos colportores, que viajavam pelo interior do Brasil, oferecendo as Escrituras de casa em casa. Os colportores não se limitavam a trabalhar nos grandes centros urbanos. Eles visitavam também as pequenas cidades, vilas, sítios e fazendas, onde as pessoas nunca haviam ouvido falar sobre a Bíblia. Um historiador brasileiro chamou o colportor de “vanguardeiro e braço direito do missionário”. O colportor viajava pelos sertões do Brasil semeando a Palavra Escrita e preparava o caminho para a chegada dos primeiros missionários.

Tempos difíceis — Os colportores eram pessoas humildes, sem preparo acadêmico, mas eram homens de fé e tinham profundo conhecimento das Escrituras. Ganhavam pouco, apenas o necessário para o sustento de suas famílias e, em suas viagens, gastavam o mínimo possível, hospedando-se na casa de irmãos na fé, de amigos ou em pensões humildes, sem o mínimo conforto. Para levarem o seu pesado carregamento de Escrituras, viajavam no lombo de mulas e, muitas vezes, dormiam ao relento. Esses desbravadores anônimos, verdadeiros heróis da Causa Bíblica, arriscaram sua vida para levarem as primeiras sementes do evangelho ao interior do País.

Perseguição — Muitas vezes, foram perseguidos por autoridades civis e religiosas. Em muitos lugares, lhes foi negado o pouso, a alimentação e o direito de exercerem a sua

profissão. Muitos deles sofreram agressões físicas, e alguns chegaram a ser injustamente denunciados e presos como criminosos. Porém, com a ajuda de Deus e de alguns poucos simpatizantes, conseguiram superar todas as dificuldades e levaram Palavra de Deus a todo o País. [8]

No século XIX — No século XIX, as Sociedades Bíblicas realizaram a distribuição de Escrituras no Brasil e em todo o mundo quase que exclusivamente através de *colportores assalariados*, contratados com dedicação integral. O número de colportores das Sociedades Bíblicas aumentou seguidamente no decorrer da segunda metade do século XIX. À medida que as Sociedades Bíblicas aumentavam o número de colportores, crescia também a quantidade de Bíblias distribuídas. O número de colportores contratados pelas Sociedades Bíblicas chegou ao máximo no final do século XIX. Em 1900, elas tinham cerca de 2.000 colportores trabalhando com tempo integral em todo o mundo. E, na mesma época, a SBA e a SBBE tinham no Brasil mais de 40 colportores assalariados.

No século XX — A partir da segunda década do século XX, o número de colportores assalariados começou a cair no Brasil. As grandes crises econômicas ocorridas na Europa e nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, provocadas pela 1ª Grande Guerra de 1914, pela depressão econômica de 1929 e pela Segunda Grande Guerra de 1939, provocaram a queda das contribuições destinadas à Obra bíblica, obrigando as Sociedades Bíblicas a diminuírem o número de colportores assalariados em todo o mundo. Em 1917, as Sociedades Bíblicas haviam reduzido de 40 para 15 o número de colportores no Brasil. Em 1948, quando foi fundada a SBB, o número de colportores com tempo integral havia sido reduzido a apenas cinco. E, durante a década de 50, aposentaram-se os últimos colportores profissionais da SBB. [9]

9. Tudo começou com a visita do colportor

1939

O trabalho pioneiro realizado pelos colportores das Sociedades Bíblicas resultou na conversão de milhares de pessoas e na organização de centenas de Igrejas evangélicas em todos os Estados do Brasil. A semente que eles semearam com lágrimas germinaram e cresceram, dando muitos frutos. Neles, se cumpriu a palavra profética do Salmo 126.6: *“Aqueles que saíram chorando, levando a semente para semear, voltarão cantando, cheios de alegria, trazendo nos braços os feixes da colheita.”*

Quando eu era ainda adolescente, minha saudosa mãe, Ana Dias Giraldi, me contou esta experiência que mudou sua vida. No final da década de 30, quando vivia na pequena cidade de Muzambinho, no Sul de Minas Gerais, um colportor passou por sua casa e lhe vendeu um livro de capa preta. Ela o guardou na estante da sala de visitas, e o livro ficou ali por muito tempo.

Um dia, uma amiga foi visitá-la, deu uma olhada na estante, viu o livro, abriu e disse:

— Ana, este livro é perigoso. Você não pode ficar com ele em casa. É melhor você se livrar dele.

Quando sua amiga foi embora, impressionada com o que havia ouvido, minha mãe resolveu destruir o livro. Levou-o à cozinha e pegou uma caixa de fósforos, com a firme

intenção de queimá-lo. Porém, antes de acender o fósforo, sentiu um desejo irresistível de abrir o livro. Abriu e começou a ler.

Sua surpresa foi grande. As palavras daquele livro eram bonitas e traziam paz ao seu coração. Ela continuou a ler. E, à medida que lia, mudava sua maneira de pensar e de ver as coisas. Semanas depois, quando concluiu a leitura de todo o livro, sentiu que já não era mais a mesma pessoa. Alguma coisa havia mudado no seu interior. Aquele livro, um Novo Testamento, havia transformado sua mente e o seu coração e dado um novo sentido à sua vida.

Sem a ajuda de ninguém, lendo um livro que pretendia queimar, minha mãe conheceu a Jesus e tornou-se uma crente fervorosa. Ela amava a Cristo e queria que todos tivessem a mesma experiência que ela. Tinha o dom de comunicar-se com as pessoas e começou a falar sobre Jesus a seus familiares e amigos. Em pouco tempo, toda a sua família se converteu a Cristo e, mais tarde, passou a frequentar a Igreja Presbiteriana Independente de Muzambinho. Isso aconteceu quando era ainda jovem; tinha cerca de 30 anos de idade. Ela viveu até os 93 anos e, durante toda a sua vida, testemunhou com entusiasmo a sua fé, levando muitas pessoas a Cristo.

Sua experiência com aquele Novo Testamento recebido de um colportor anônimo mudou sua vida e a minha também. Em 1957, quando eu era um jovem de 23 anos e estava começando meu pastorado na 1ª Igreja Presbiteriana Independente do Rio de Janeiro, recebi um convite para trabalhar na Sociedade Bíblica do Brasil. O convite era para fazer um curso de colportagem bíblica no Instituto Francisco Penzotti, no México, e depois voltar ao Brasil para trabalhar na área de distribuição da Bíblia. Foi uma decisão difícil e sofrida, e eu só consegui dar a resposta depois de muitos dias de oração e meditação. Porém pesou muito em minha decisão a experiência de minha mãe com o Novo Testamento que ela havia recebido de um colportor. Aceitei o convite e fui trabalhar na Sociedade Bíblica do Brasil, onde permaneci durante 48 anos. E, com certeza, foi essa uma das decisões mais acertadas da minha vida. [10]

10. Os colportores das Igrejas

1957

Não assalariados — Durante o século XX, as Igrejas evangélicas se multiplicaram e se fortaleceram no Brasil e passaram a colaborar mais intensamente com as Sociedades Bíblicas na obra de divulgação das Escrituras. Surgiram, então, os *colportores das Igrejas*. Eles trabalhavam com tempo parcial, não recebiam salário e eram remunerados com os descontos que recebiam na compra das Escrituras. As Sociedades Bíblicas lhes davam um desconto especial na compra de Escrituras e também um prazo para pagarem. Para darem a credencial de colportor, as Sociedades Bíblicas exigiam do candidato uma carta de apresentação da igreja que ele frequentava. Os colportores de tempo parcial eram, em geral, crentes aposentados, seminaristas ou pessoas que completavam seus rendimentos com outra atividade remunerada.

Colportores voluntários — No final da década de 50, surgiu outro tipo de colportor, o *colportor voluntário*. Eram crentes de Igrejas evangélicas que distribuíam as Escrituras a pessoas não crentes com propósito unicamente evangelístico. Quando era possível, o

colportor voluntário distribuía gratuitamente a Bíblia, o Novo Testamento ou um Evangelho. E, quando isso não era possível, por falta de recursos próprios, oferecia as Escrituras pelo valor do custo. Muitas vezes, a doação era financiada por sua Igreja ou por um patrocinador. Na década de 70, o *colportor voluntário* passou a ser chamado de *semeador* e, a partir da década de 80, de *sócio evangelizador*.^[11]

11. O Instituto Francisco Penzotti

1957

Apoio aos colportores — Esse fenômeno ocorrido no Brasil de substituição gradual dos colportores assalariados das Sociedades Bíblicas por colportores das Igrejas ou colportores voluntários repetiu-se em vários outros países. Diante dessa nova realidade, a Sociedade Bíblica Americana decidiu, em 1956, criar o Instituto *Francisco Penzotti*, com o propósito de formar promotores de colportagem para desenvolverem atividades de colportagem bíblica através de voluntários. O nome *Francisco Penzotti* foi adotado em homenagem ao lendário colportor da Sociedade Bíblica Americana, pioneiro da distribuição da Bíblia na América Latina.

Fundamento bíblico — A criação do Instituto *Francisco Penzotti* foi inspirada no trabalho de evangelização realizado pelos cristãos nos tempos bíblicos. O apóstolo Paulo apresentou a Palavra de Deus como a *Espada do Espírito*: “*Recebam a salvação como capacete e a palavra de Deus como a espada que o Espírito Santo lhes dá*” (Ef 6.17). Os primeiros cristãos usaram o Antigo Testamento para evangelizarem nas Sinagogas. Citavam especialmente as profecias messiânicas, relacionando-as à vinda de Cristo. O próprio Jesus, em um sábado, entrando na Sinagoga da cidade de Nazaré, fez uso das Escrituras para pregar o Evangelho: “*Jesus fechou o livro, entregou-o ao ajudante da sinagoga e sentou-se. Todas as pessoas ali presentes olhavam para Jesus sem desviar os olhos. Então ele começou a falar*” (Lc 4.20-21). E Filipe, ao anunciar Jesus ao superintendente do tesouro da rainha dos etíopes, fez uso do livro de Isaías: “*Então, começando com aquela parte das Escrituras, Filipe anunciou ao funcionário a boa notícia a respeito de Jesus*” (At 8.35).

Por outro lado, o método de evangelização usado pelos crentes da Igreja primitiva foi a visitação de porta em porta. Eles evangelizavam no templo e de casa em casa: “*E todos os dias, no pátio do templo e de casa em casa, eles continuavam a ensinar, e a anunciar a boa notícia a respeito de Jesus, o Messias*” (At 5.42). O apóstolo Paulo também pregou o evangelho nas casas: “*Vocês também sabem que fiz tudo para ajudar vocês, anunciando o evangelho e ensinando publicamente e nas casas*” (At 20.20). E os resultados desse trabalho de evangelização pessoal com o uso das Escrituras foram muito positivos: “*E cada dia o Senhor juntava ao grupo as pessoas que iam sendo salva*.” (At 2.47).

A exemplo do que fizeram os primeiros cristãos, os voluntários de hoje seriam também encorajados pelas suas igrejas a evangelizarem nas casas, usando como arma a Espada do Espírito. E, para isso, contariam com o apoio e a orientação das Sociedades Bíblicas. ^[12]

O Instituto de Colportagem — O Instituto *Francisco Penzotti*, instalado na cidade do México, em 1956, ofereceu aos alunos um curso de formação de promotores de colportagem, em nível de Pós-Graduação, com duração de um ano. O aluno precisava ser

apresentado por uma Sociedade Bíblica nacional e ser formado em Teologia. O curso incluía as seguintes matérias: Introdução ao Antigo Testamento e ao Novo Testamento, Cânon Bíblico, Tradução da Bíblia, Estudo Bíblico, História das Missões, História das Sociedades Bíblicas, Promoção de Distribuição, Promoção do Uso da Bíblia, Organização de Eventos e Idioma inglês. O objetivo do Instituto era a formação de Executivos para trabalharem com as Igrejas de seus países em um projeto de promoção de distribuição pessoal da Bíblia e do seu uso no trabalho de evangelização. A promoção da distribuição pessoal ou evangelística da Bíblia seria feita através de cursos, seminários, congressos e campanhas de colportagem. E a promoção do uso da Bíblia na evangelização seria ensinada aos voluntários através de aulas e exercícios práticos de colportagem bíblica.

Alunos do Brasil — Em 1957, eu era pastor da 1ª Igreja Presbiteriana Independente do Rio de Janeiro quando fui convidado pela Sociedade Bíblica do Brasil para trabalhar na área de colportagem bíblica. Antes de começar o trabalho, permaneceria um ano na cidade do México para cursar o *Instituto Francisco Penzotti*. Em setembro de 1957, eu e minha esposa, Selma Júnia Vassão Giraldi, partimos para lá e, após a conclusão do curso, em junho de 1958, voltamos ao Brasil. Em setembro de 1958, mais dois alunos foram enviados para o México: o Rev. Enos Ribeiro de Barros, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, e o Pr. Nílton Fernandes da Silveira, da Igreja Batista. Regressando ao Brasil, em 1959, o Rev. Enos organizou a Secretaria Regional de Belo Horizonte, em Minas Gerais, e o Pr. Nílton organizou a Secretaria Regional de Belém, no Pará. Esses formandos do *Instituto Francisco Penzotti* haviam assumido o compromisso de dedicarem pelo menos cinco anos de serviços à Sociedade Bíblica do Brasil. [13]

12. As campanhas de colportagem

1958

Em junho de 1958, instalei o Departamento de Colportagem da SBB no escritório da Secretaria Regional de São Paulo, então dirigida pelo Rev. Benedito Natal Quintanilha, situada à Rua Barão de Paranapiacaba, 93, salas 81 e 82, no centro da capital paulista.

Organização das campanhas — Iniciei meu trabalho realizando as primeiras campanhas de colportagem em Igrejas do Estado de São Paulo. Essas campanhas abrangiam três etapas: preparação, distribuição e conservação de resultados. A etapa de preparação, com duração de três semanas, incluía o pedido de Escrituras da igreja local, a nomeação da comissão organizadora, a preparação espiritual da igreja, o alistamento de voluntários e as aulas de colportagem. A etapa de distribuição, com duração de dois ou três dias, consistia na escolha do local que seria visitado, reunião no templo, entrega de material aos participantes, visita de casa em casa, anotação de dados dos compradores e encontro no templo para troca de experiências. E a etapa de conservação de resultados, com duração de 15 a 30 dias, constava da visita aos mais interessados, orientação sobre como ler a Bíblia e convite ao novo leitor da Bíblia para visitar uma igreja local.

Após a divulgação de seu novo serviço às igrejas, a SBB recebeu diversos convites. As primeiras campanhas foram realizadas nas cidades São José do Rio Pardo, Curitiba e São Paulo.

São José do Rio Pardo — Em São José do Rio Pardo, SP, uma igreja de apenas 30

membros destacou 32 voluntários para o trabalho de colportagem. Durante uma semana, foram vendidas de casa em casa 146 Bíblias, 122 Novos Testamentos e 252 Porções Bíblicas Ilustradas. E a Bíblia foi lida em quase todas as casas da cidade.

Curitiba — Em Curitiba, PR, 25 igrejas participaram simultaneamente da campanha de colportagem realizada na cidade. Durante uma semana, foram vendidas 4.200 Bíblias, 500 Novos Testamentos e 3.000 Porções Bíblicas Ilustradas.

São Paulo — Na cidade de São Paulo, SP, participaram simultaneamente da campanha 106 igrejas, e foram vendidos 56 mil exemplares de Bíblias, Testamentos e Evangelhos Ilustrados.

Experiências — Nessas campanhas de colportagem, quase todos os exemplares foram vendidos a pessoas que não tinham a Bíblia. Em várias cidades, voluntários pediram dispensa do trabalho para participarem da campanha. Após a visitação de casa em casa, os voluntários se reuniam no templo para trocarem experiências.

Em uma campanha de colportagem realizada na Igreja Batista da Vila Zelina, em São Paulo, SP, um colportor voluntário visitou um homem que lhe disse ser ateu e não se interessar por livros religiosos. Então, ele pediu licença para contar o que a Bíblia havia feito em sua vida e narrou a história comovente de sua regeneração através da leitura das Escrituras. Depois de ouvir a experiência atentamente, aquele homem disse:

— Se este livro fez isso para você, eu quero conhecê-lo.

Comprou uma Bíblia e pediu para o colportor esperar um pouco enquanto falava com seus familiares. Demorou a voltar e, quando voltou, estava acompanhado de três pessoas. Elas haviam ouvido a história contada pelo colportor e também queriam comprar a Bíblia.
[14]

13. As novas Secretarias Regionais 1959-1960

Porto Alegre — Em 1959, o Bispo da Igreja Metodista do Brasil, César Dacorso Filho, Presidente de Honra da SBB, organizou e instalou a Secretaria Regional da SBB em Porto Alegre, na Rua General Vitorino, 298, no centro da capital gaúcha. A Secretaria do Porto Alegre passou a atender os Estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O Bispo César assumiu a direção da nova Secretaria Regional em fevereiro de 1959, e ocupou esse cargo até 1962, quando completou 70 anos de idade, e, por exigência estatutária, transferiu suas funções ao Rev. Wilson Villanova, pastor metodista. Antes de iniciar seu trabalho na SBB, o Rev. Villanova era o pastor da Igreja Metodista Paulo de Tarso, em Porto Alegre, e professor na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Ele administrou a Secretaria Regional de Porto Alegre até a sua aposentadoria, ocorrida em 1989, tornando a SBB conhecida e querida na região Sul do País.

Belém — Em 1960, a Sociedade Bíblica do Brasil abriu sua Secretaria Regional na cidade de Belém, no Pará. Assumiu a direção da Secretaria o Rev. Nílton Fernandes da Silveira, pastor batista, que havia cursado o Instituto Francisco Penzotti, no México. Inicialmente, ela foi instalada na residência do Secretário, à Rua Ó de Almeida, 487. No

final de 1960, a Secretaria Regional de Belém foi transferida para uma sala localizada na Rua Serzedelo Correia, 15, Sala 609, 6º andar. Quando foi criada, a Secretaria Regional de Belém atendia os Estados do Pará, Amazonas, Maranhão, Piauí, Ceará e os Territórios do Rio Branco e Amapá.

Goiânia — Nesse mesmo ano de 1960, a SBB inaugurou sua Secretaria Regional na cidade de Goiânia, Capital do Estado de Goiás, à Rua Quatro, nº. 38, Loja D, com o objetivo de atender os Estados de Goiás, Mato Grosso, o Distrito Federal e os Territórios do Acre e Rondônia. Assumiu a direção da nova Secretaria o pastor congregacional Rev. Antônio Augusto Varizo Jr., ex-Diretor da SBB e um dos seus fundadores. Em 1972, essa Secretaria foi transferida para Brasília.

Belo Horizonte — Em 1960, a SBB organizou também a Secretaria Regional em Belo Horizonte, localizada à Rua Amazonas, 135, 12º andar, Sala 1209, para atender os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Assumiu a direção da Secretaria o Rev. Enos Ribeiro de Barros, pastor da Igreja Presbiteriana Independente, que havia concluído, no ano anterior, o curso de colportagem bíblica na cidade do México. [15]

14. O salto na distribuição de Bíblias

1948-1960

Em 1948, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) distribuiu 82 mil Bíblias. Em 1958, subiu para 122 mil exemplares e, em 1960, saltou para 297 mil. Os colportores voluntários das igrejas impulsionaram a circulação de Bíblias a partir de 1959.

ANO	BÍBLIAS	TESTAM.	PORÇÕES	TOTAL
1948	82.068	101.331	1.071.371	1.254.770
1949	105.408	96.220	1.052.039	1.253.667
1950	77.381	73.197	932.996	1.083.574
1951	168.670	118.894	1.223.148	1.510.712
1952	118.241	77.937	1.431.880	1.628.058
1953	99.440	46.138	1.227.642	1.373.220
1954	133.610	64.941	1.352.381	1.550.932
1955	97.448	85.414	2.363.339	2.546.201
1956	191.515	110.470	2.911.754	3.213.739
1957	154.803	62.085	1.429.287	1.646.175
1958	122.513	62.211	1.350.310	1.535.034
1959	211.127	52.258	1.268.859	1.532.244
1960	297.546	83.499	1.463.900	1.844.945
1948-1960	1.859.770	1.034.595	19.078.906	21.973.271

15. José Araújo, o colportor cego 1930-1955

José Araújo, um jovem baiano de apenas 16 anos ouviu a mensagem do evangelho pela primeira vez e resolveu seguir a Cristo. Mas, quando chegou à sua casa e contou o que pretendia fazer, levou uma surra de chicote de seu pai. Pouco tempo depois, ele foi acometido de um grave problema na vista e foi se tratar no Hospital Evangélico *Grace Memorial*, em Ponte Nova, na Bahia. Embora tenha sido bem atendido pela competente equipe médica do Dr. W. W. Wood, a cirurgia não conseguiu evitar que ele ficasse completamente cego.

No tempo em que permaneceu em tratamento no Hospital, assistiu aos cultos, fortaleceu sua fé em Cristo, ouviu falar sobre o trabalho dos colportores e resolveu ser um deles.

Começou a trabalhar como colportor autônomo, sem vínculo com sua igreja. Comprava Bíblias com desconto das Sociedades Bíblicas e se sustentava com o que ganhava nas vendas. Nos primeiros cinco anos de trabalho como colportor cego, no início da década de 30, ele viajava a pé com os sacos de livros nas costas. Por várias vezes, perdeu-se no emaranhado das caatingas, mas Deus sempre o livrou dos perigos. Certa vez, caiu de um barranco de estrada de ferro em cima de uma casa e ficou preso no telhado de cabeça para baixo até o retirarem dali. E, por incrível que pareça, não sofreu nenhum arranhão. Em outra ocasião, quando viajava em companhia de outro cego, eles se perderam no mato e

passaram dois dias sem terem o que comer e beber. Durante todo o tempo em que ficaram perdidos, mataram a fome e a sede com apenas três limões que haviam levado.

Anos depois, José contratou um menino de 12 anos para acompanhá-lo nas viagens. E, mais tarde, conseguiu comprar dois animais de carga para levar as Bíblias. E, como suas viagens eram longas, e ele passava por lugares secos, sem nenhuma vegetação, os animais voltavam magros e cansados e precisavam de vários dias de descanso para se recuperarem.

Apesar de todas essas dificuldades enfrentadas no trabalho de colportagem, José Araújo nunca perdeu o ânimo e o bom humor e sempre dizia:

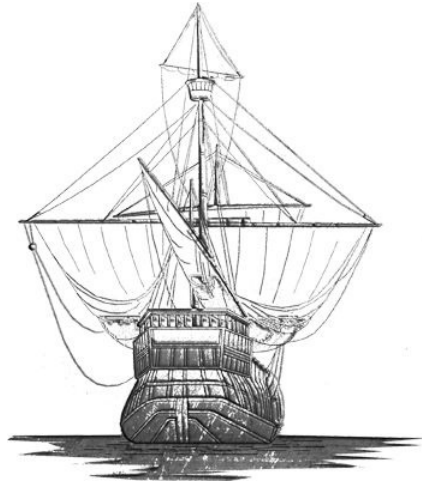
— Nunca trocaria meu trabalho de colportor pelo melhor emprego do mundo.

Em 1937, o Rev. Eudaldo Silva Lima, conhecido pastor presbiteriano, o convenceu a ir à cidade do Rio de Janeiro para aprender braile no Instituto Evangélico do Cego. Ele aprendeu braile rapidamente e ficou muito feliz em poder ler a Bíblia sem ajuda de ninguém. E a leitura em braile o ajudou também em seu trabalho de colportagem, pois as pessoas do interior da Bahia se ajuntavam ao redor dele para verem o fato inédito de um cego lendo a Bíblia.

Em suas viagens pelo interior do seu Estado, tentaram muitas vezes impedi-lo de realizar o seu trabalho. Num lugarejo chamado Pedras, lhe atiram lama e procuram expulsá-lo de uma feira, mas ele resistiu e continuou o seu trabalho. Em outra vila, chamada Lagoa, tentaram levá-lo à delegacia, mas ele não se amedrontou e continuou a oferecer a Bíblia de casa em casa.

Quando José Araújo completou 25 anos de atividades como colportor, ele já havia vendido, de acordo com os seus cálculos, mais de 6 mil Bíblias e 10 mil Novos Testamentos, além de milhares de Porções Bíblicas. E, apesar de sua deficiência visual, tinha visitado 141 cidades, vilas e povoados e levado a Palavra de Deus a muitos lugares onde nenhum outro mensageiro do evangelho havia chegado antes. [16]

CAPÍTULO IX



A VERSÃO REVISTA E ATUALIZADA DA TRADUÇÃO DE ALMEIDA

1943-1959

1. Como a revisão começou

1943

Pedido às SBUs — Em abril de 1943, realizou-se no Rio de Janeiro um encontro de líderes evangélicos com o propósito de estudarem a possibilidade de promover uma revisão da tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Corrigida. Nesse encontro, houve consenso de que havia necessidade de uma nova revisão dessa tradução e foi eleita uma Junta Consultiva, composta de 21 membros, para promover o projeto e solicitar a ajuda das Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs).

Apoio das SBUs — Essa Junta obteve o apoio das SBUs, que reconheceram a necessidade de uma nova revisão da Tradução de João Ferreira de Almeida e se comprometeram a patrocinar o projeto. [1]

2. A organização da Comissão

1943

A Comissão Revisora — As Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs), então, em consulta com a Junta Consultiva, nomearam uma Comissão Revisora, composta de 17 membros, especialistas em grego, hebraico e português. Essa Comissão era formada por clérigos e leigos, em sua maioria, brasileiros pertencentes às principais denominações evangélicas atuantes no País.

A Comissão Consultiva — A Comissão Revisora nomeou também uma Comissão Consultiva, com a função de examinar o trabalho de revisão. Essa Comissão Consultiva examinava o texto da primeira revisão e dava sugestões. As sugestões da Comissão Consultiva eram, depois, estudadas pela Comissão Revisora e incorporadas ou não ao texto.

A Subcomissão de Redação — Para dar a redação final aos livros revisados, a Comissão Revisora nomeou a Subcomissão de Redação. Depois da revisão final feita pela Comissão Revisora, o livro passava por essa Subcomissão, que lhe dava a redação final e o encaminhava para publicação. Foram nomeados para compor esse grupo o Rev. Antônio de Campos Gonçalves e o Dr. Paul A. Schelp. [2]

3. Os redatores da Comissão

1943-1956

Dois destacados redatores — Coube aos dois membros da Subcomissão de Redação, o Rev. Antônio de Campos Gonçalves e o Dr. Paul A. Schelp, a tarefa mais difícil e estafante do projeto de revisão da tradução de Almeida: dar a redação final. Durante

muitos anos, eles trabalharam juntos, reunindo-se várias vezes ao ano, para darem a redação final ao texto revisado pela Comissão revisora. O Dr. Schelp, especialista em grego e hebraico, era responsável pela fidelidade da revisão aos textos originais. E o Rev. Antônio de Campos Gonçalves, redator, estilista e gramático, dava a redação final ao texto revisado.

O Rev. Gonçalves — O Rev. Antônio de Campos Gonçalves nasceu em Araras, SP, e formou-se professor na cidade de Piracicaba em 1918. Estudou Literatura e Teologia na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, onde foi ordenado pastor metodista. Foi pastor de diversas igrejas e colaborou com diversas revistas evangélicas. Em 1943, aceitou o convite das Sociedades Bíblicas Unidas para trabalhar como Secretário de Tradução no projeto de revisão da Tradução de Almeida.

Eu tive o privilégio de trabalhar com Rev. Gonçalves no projeto de tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH) e o conheci muito bem. Ele era uma pessoa amável, responsável e pontual. Gostava de ler os autores clássicos como Herculano, Castilho e Garrett e conhecia, como poucos, as obras de Rui Barbosa. Era profundo conhecedor do idioma português, hábil redator e estilista. Seu estilo de linguagem era clássico e agradável. Como revisor do texto bíblico, desenvolveu rara habilidade para perceber incoerências, ambiguidades e cacófatos. Chegou até a preparar uma lista de mais de mil cacófatos existentes na Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida, documento precioso que infelizmente se perdeu com o passar do tempo.

O Rev. Ivan Espíndola de Ávila, que trabalhou com ele nos primeiros anos de existência da SBB, definiu assim o seu perfil em artigo para a Revista *A Bíblia no Brasil*:

Alto, magro, sempre bem-arrumado, revelando ser um homem de fino gosto, andar firme e olhar profundo, maneiras singelas e cativantes, este é o perfil de Antônio de Campos Gonçalves, o vernaculista de escol.

E Rev. Ewaldo Alves, Secretário Executivo da Sociedade Bíblica do Brasil, contou, na Revista *A Bíblia no Brasil*, um episódio ocorrido no início da década de 50, que nos dá uma ideia dos conhecimentos gramaticais do Rev. Gonçalves:

Lá pelos idos de 50, ouvimos de gramáticos não evangélicos que a Bíblia da SBB tinha muitas incorreções gramaticais. Um dia, resolvemos convocar, no Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, um encontro do Rev. Gonçalves com esses críticos. Foi a discussão linguística mais alta que eu já presenciei. Dezenas de autores e centenas de exemplos foram citados no debate. Ao cair da tarde, nenhuma objeção permaneceu. O mestre Gonçalves havia respondido a todas elas. E, no final do encontro, foi cumprimentado efusivamente!

Em culto realizado na Igreja Metodista do Catete, realizada em agosto de 1976, a Assembleia Geral da SBB prestou uma significativa homenagem ao Rev. Antônio de Campos Gonçalves pela sua inestimável contribuição à Obra bíblica no Brasil. [3]

O Dr. Paul A. Schelp — O Dr. Schelp nasceu em 1895, na cidade de Emma, Missouri, nos Estados Unidos. Em 1920, com apenas 25 anos de idade e recém-casado, veio para o Brasil como missionário luterano para trabalhar no Sul do Brasil. Durante quase toda a sua vida foi professor no Seminário Concórdia, em Porto Alegre, RS, localizado, hoje, em São Leopoldo, RS. Participou de inúmeras conferências regionais e, provavelmente, de todas

as Convenções da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), onde sua palavra era ouvida com respeito por toda a liderança da Igreja. Foi também escritor incansável, dirigindo diversas revistas por mais de duas décadas.

No período de 1948 a 1956, participou do projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida, mas continuou a trabalhar também no Seminário Concórdia. Durante esses oito anos, escreveu diversos artigos para a Revista *A Bíblia no Brasil*.

Assim que terminou o trabalho de tradução, iniciou outra grande tarefa, a preparação da *Concordância Bíblica* da tradução de Almeida, com base na Versão Revista e Atualizada no Brasil. Fez esse trabalho com a ajuda de seminaristas de sua denominação, terminando essa obra de vulto no final da década de 60. Passou, então, a colaborar com a SBB, como consultor, em um novo projeto de tradução: *A Bíblia na Linguagem de Hoje*. O Dr. Paul Schelp não chegou a ver impressa a sua *Concordância Bíblica*, pois faleceu antes, em 27 de fevereiro de 1972. A *Concordância Bíblica*, obra de 1.101 páginas, só foi publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil em 1976.

Trabalhei com o Dr. Schelp na tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, no final da década de 60 e início da década de 70. Sábio, humilde, piedoso e amigo, ele era um companheiro querido por todos nós. E seus sólidos conhecimentos de grego nos davam a segurança de estarmos fazendo uma tradução fiel aos originais. [4]

4. A Bíblia do Rev. Gonçalves

1962

Neste belo testemunho dado à Revista *A Bíblia no Brasil*, o Rev. Antônio de Campos Gonçalves, redator da Comissão de Tradução da SBB, revela seu português clássico e elegante ao descrever seu amor por sua velha Bíblia, recebida de presente em 1922:

Faz 40 anos que três irmãs, ainda meninas, me deram de presente um livro, com a seguinte dedicatória: “Ao Rev. Gonçalves uma prova de reconhecimento e estima. Rio de Janeiro, 30-8-1922”. Foi um de vários presentes que recebi quando me ausentava do Rio de Janeiro, onde tinha sido pastor, para iniciar meu pastorado no interior, na cidade de Leopoldina, em Minas Gerais. Levei a Bíblia comigo. Presente precioso. Capa de couro, bordas viradas, papel fino, era um tesouro, era a Bíblia em português, tradução de João Ferreira de Almeida. Por fora, em letras douradas, o meu nome por inteiro. O livro era meu, para meu uso, para lição e exemplo, para orientação e bênção na vida.

Quando o recebi novo, era belo, vinha perfumado de carinho, mimoso de afeições que o trouxeram para as minhas mãos. Dir-se-ia que, por entre as páginas, nasciam flores de singular bondade. Hoje, é vê-lo: todo lido e estudado da primeira à última página, assinalado de azul, de preto, de vermelho, lápis e tinta; marcações à margem, notas e chamadas; raminhos secos e malvas guardados com o perfume de memórias e saudades; pensamentos escolhidos, pregados em folhas ou escritos à mão. Hoje é tesouro ainda mais rico, mais precioso, incalculável. Hoje, não só vale pelo que é e nele se pode ver. Vale hoje pelo que terá feito para inspirar-me nesse longo prazo em que me acompanha, para diariamente falar comigo, não já para os ouvidos, e sim para o coração.

O volume é certo que envelheceu: dorso meio rasgado, beiras puídas, folhas em desalinho e até despegadas, amarelecidas do tempo, do suor das mãos, da poeira; manchado de azeite de lamparinas, quando de viagens pelo interior, fazendas e sítios; levado na pasta sempre, para os serviços religiosos e também para o uso pessoal, constante, afetivo, amigo. Sim, o livro envelheceu, mas as suas palavras são as mesmas, animadoras, conselheiras, exortativas, cheias de vida e poder, abundantes de inspiração e de luz, em tudo da palavra humana, em tudo, convidativas: são cânticos, são preceitos, orações, discursos; narração e história, história e profecia e realidade; promessas, revelações e apelos; pão e remédio; agasalho, justiça, recompensa, mas, sobretudo, as palavras de salvação por Jesus Cristo, as boas-novas, o evangelho de Deus, a vida eterna.

Quando pego no livro é como se tomasse alguma coisa memorável, e realmente o é: trazem lembranças de anos que vão longe, memórias que não se apagam, bens que se multiplicam para que eu possa reparti-los.

Quero bem a esse livro não só pelo que é, mas principalmente pelo bem que me tem feito, pela bênção que me tem proporcionado, acompanhando-me na carreira da vida, sempre meu, sempre comigo. [5]

5. Os membros da Comissão de Tradução

1943-1951

Em 1951 — Na 1ª Assembleia Geral da SBB, realizada em 1951, o Secretário Executivo da SBB, Rev. Ewaldo Alves, mencionou os nomes de 33 membros da Comissão Revisora:

Rev. Almir Gonçalves, Rev. Antônio Almeida, Rev. Antônio de Campos Gonçalves, Rev. Antônio Neves de Mesquita, Rev. A. R. Crabtree, Rev. Ari Boncristiani Ferreira, Bispo César Dacorso Filho, Rev. Derli de A. Chaves, Bispo Egmont Machado Krischke, Dr. Flamínio Fávero, Rev. Galdino Moreira, Rev. George Upton Krischke, Rev. Jalmar Bowden, Rev. João Batista B. da Cunha, Rev. João Pedro Ramos Jr., Rev. José Borges dos Santos Jr., Dr. José Del Nero, Rev. Jorge Bertolaso Stella, Prof. Dr. Josué Cardoso d'Afonseca, Rev. K. Rupp, Rev. Manoel Porto Filho, Rev. Martin Begrich, Rev. Mattathias Gomes dos Santos, Rev. Natanael Cortês, Rev. Nemésio de Almeida, Rev. Paul A. Schelp, Rev. Paul Davidson, Rev. Paul Eugene Buyers, Rev. Robert G. Bratcher, Rev. Sátilas do Amaral Camargo, Rev. Sinésio Pereira Lira, Rev. William B. Forsyth, Rev. William Carey Taylor e Rev. William Kunstmann. [6]

Os membros falecidos — A primeira Comissão Revisora foi nomeada em 1943. O primeiro livro publicado foi o Evangelho de Mateus, em 1948. O Novo Testamento foi publicado em 1951, e a Bíblia completa, em 1959. O processo de revisão e publicação da Bíblia durou, portanto, 16 anos. Antes de a Versão ser publicada, em 1959, faleceram dois de seus membros, o pastor presbiteriano Rev. Mattathias Gomes dos Santos, em 1950, e o pastor episcopal Rev. Nemésio de Almeida, em 1957. [7]

Os novos membros — Depois de 1951, foram convidados a participar da Comissão Revisora mais os seguintes membros: o pastor luterano Rev. H. Hendt, o pastor batista Page H. Kelley e o pastor episcopal Rev. Rodolfo Garcia Nogueira. [8]

6. O final da revisão

1956

A palavra do Dr. Schelp — Em artigo publicado na Revista *A Bíblia no Brasil*, em outubro de 1956, o Rev. Paul W. Schelp, membro da Comissão Revisora e da Subcomissão de Redação, falou sobre a necessidade da revisão e agradeceu a colaboração recebida:

Terminamos a revisão no dia 21 de setembro de 1956, às 11 horas e 35 minutos da manhã. Foi a primeira revisão brasileira da tradução de Almeida. É uma revisão brasileira, não apenas porque ela se deu no Brasil, mas porque ela foi feita por brasileiros ilustres como o Rev. Mattathias Gomes dos Santos, o Rev. Galdino Moreira, o Dr. Antônio Neves de Mesquita, o Dr. Antônio Almeida, o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, o Rev. Sinésio Lira, o Rev. George U. Krischke, o Rev. Ari Bonchristiani Ferreira, o Rev. João Ramos, o Dr. Robert G. Bratcher e o Rev. Antônio de Campos Gonçalves, que garantiram sua vernaculidade. É verdade que missionários que não nasceram no Brasil também fizeram parte da Comissão. Mas o papel deles foi assegurar à revisão a fidelidade aos textos originais. Entre esses, destacamos o Dr. Taylor, o Rev. Forsyth, o Rev. Bertolaso, o Dr. Crabtree, o Dr. Kunstmann, o Dr. Bowden, o Prof. Wendt, o Prof. Wadewitz, e o Dr. Kelly. [9]

Na noite de 21 de setembro de 1956, o final da revisão foi celebrado com um culto de ação de graças no templo da 1ª Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. [10]

7. O lançamento da nova Versão

1959

O lançamento — Em junho de 1959, a SBB lançou a 1ª edição da Bíblia na tradução de Almeida, Versão Revista e Atualizada no Brasil, impressa no Brasil. A SBB imprimiu uma edição de luxo comemorativa dessa 1ª edição e promoveu, através das Comissões regionais, a entrega de um exemplar às principais autoridades do País: o Presidente da República, os Governadores, os Prefeitos das capitais e Embaixadores. Receberam também um exemplar os principais líderes das denominações evangélicas e os formandos dos seminários. [11]

Bem recebida — A nova Versão de Almeida foi recebida com entusiasmo pela comunidade evangélica no Brasil. Quase todas as denominações evangélicas tradicionais, adventistas, congregacionais, episcopais, luteranas, presbiterianas, presbiterianas independentes e metodistas, adotaram a nova Versão. Entre as denominações históricas, apenas as igrejas batistas preferiram continuar com a antiga Versão de Almeida, publicada pela Imprensa Bíblica Brasileira. Entre os pentecostais, a nova Versão foi adotada pela Assembleia de Deus do Norte do Brasil, pela Igreja O Brasil para Cristo e pela Igreja do Evangelho Quadrangular. No ano do lançamento da nova Versão, 1959, houve um aumento de 70% na distribuição de Bíblias da SBB, e, no ano seguinte, em 1960, a circulação de Bíblias cresceu mais 40%.

Aceitação até 2006 — Com o passar dos anos, a Versão Revista e Atualizada da tradução de Almeida ampliou e consolidou sua aceitação no Brasil. As novas denominações pentecostais que surgiram na segunda metade do século XX, como a Igreja

Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça e a Renascer em Cristo, também adotaram a Versão Revista e Atualizada no Brasil. Durante o exercício de 2006, a SBB distribuiu 5.588.105 exemplares da Bíblia, sendo 53% do total na Versão Revista e Atualizada, 33% na Versão Revista e Corrigida e 14% na *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*.

8. Analfabeta, porém leitora da Bíblia

Entre os leitores da Bíblia da década de 50 havia uma senhora que não sabia ler. Embora fosse declaradamente analfabeta, ela podia ler a Bíblia e somente a Bíblia. Esse fato inexplicável foi narrado assim pelo seu neto, Rev. Josué Xavier, Revisor da SBB, em depoimento publicado na Revista *A Bíblia no Brasil*, em janeiro de 1983:

Minha avó paterna chamava-se Marieta Celestina de Almeida. Nasceu na cidade de Piuí, no Estado de Minas Gerais, mas passou a maior parte de sua vida em minha terra natal, Formiga, MG. Em toda a sua vida cristã, foi membro da Igreja Presbiteriana de Formiga. Faleceu há mais de 20 anos, mas sua memória será eterna, pois sua vida marcou indelevelmente a vida de seus filhos e netos.

A mais remota e a última lembrança que guardo dela é a sua grande piedade. Quando eu era um jovem estudante no Estado de São Paulo, na década de 50, parte das minhas férias em Formiga era reservada não só para rever a vovó, mas, sobretudo, para ouvir e aprender os ensinamentos da Bíblia Sagrada, que nela se tornaram uma sublime realidade. Era analfabeta, mas, atrás da simplicidade da sua meiga conversa, havia uma profundidade que vinha da Palavra de Deus.

Nos momentos em que me encontrava triste ou com algum problema, bastava a presença da minha querida avó para me dar tranquilidade. E ali, aos seus pés, o meu coração de jovem adolescente se aquecia, e a alegria voltava a transbordar.

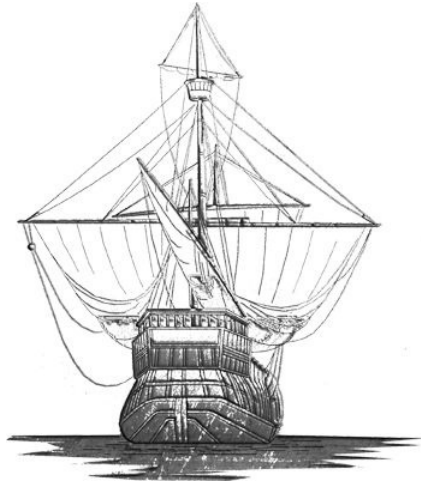
Nunca a vi amargurada ou a maltratar alguém. Sua mansidão, agora, passados tantos anos e já com a experiência da vida, me lembra a brandura da ovelha, símbolo do verdadeiro cristão, cujo pastor é o Cordeiro de Deus, Jesus Cristo.

Mas, na sua vida de leitora assídua das Escrituras Sagradas, havia algo de extraordinário, que é o principal motivo deste artigo. Já disse que ela era analfabeta e repito que o foi praticamente durante toda a sua vida. De onde lhe veio então o conhecimento dos ensinamentos bíblicos? É justamente aí que surge o verdadeiro milagre. Não sei quem lhe ensinou a “ler” a Bíblia. E como gostaria de saber! “Ler”, entre aspas, porque, sendo ela analfabeta, não era uma verdadeira leitura. Porém era suficiente para ela, por si, se abeberar da Água da Vida. Mas o extraordinário estava também no fato de que, se lhe fosse dado outro livro qualquer para ler, ela não conseguiria. Aprendeu a ler a sua Bíblia e somente ela. Foi, na verdade, um milagre que Deus concedeu a ela, de poder ler, mas ler somente a Bíblia, mesmo sendo analfabeta.

Se alguém pretender explicar cientificamente o fato, não conseguirá. Só há uma explicação, como venho assinalando: trata-se de um milagre, e um milagre não pode ser explicado através da lógica ou das leis. O milagre é uma intervenção de Deus que

anula as leis naturais. [12]

CAPÍTULO X



NASCE O PROJETO LUZ NA AMAZÔNIA

1961-1970

1. Período de grandes mudanças

1961-1970

Área Política — A década de 60 foi um período conturbado na política brasileira. Jânio Quadros assumiu a presidência da República em 31 de janeiro de 1961 e renunciou oito meses depois, no dia 24 de agosto do mesmo ano. Assumiu a presidência o Vice-Presidente João Goulart, em setembro de 1961, sob o regime parlamentarista, e governou até o Golpe de 1964, no dia 1º de abril. O Regime Militar foi imposto pelo golpe de 1º de abril de 1964.

O Concílio Vaticano II — A Igreja Católica Romana realizou de 1962 a 1965 o *Concílio Ecumênico Vaticano II*, que incentivou o ecumenismo e a distribuição da Bíblia. Depois desse Concílio, nasceu dentro da Igreja Católica o *Movimento Carismático*, que tinha como uma de suas características o estudo devocional da Bíblia. Nesse período, a Igreja Católica no Brasil propôs à SBB a publicação de uma Bíblia ecumênica. Depois de uma ampla consulta às lideranças evangélicas, a Diretoria da SBB decidiu não publicar essa Bíblia. Como alternativa, a Igreja Católica concedeu sua recomendação para a leitura do *Novo Testamento na Tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Atualizada no Brasil*, publicado pela Sociedade Bíblica no Brasil.

Crescimento dos evangélicos — Em 1960, a população brasileira era de 70 milhões de habitantes, e a população evangélica, de 12 milhões e 800 mil (4% da população). Em 1970, a população havia aumentado para 93 milhões de habitantes, e os evangélicos, para 5 milhões e 400 mil (5,8% da população). Na década de 60, surgiram mais duas grandes denominações pentecostais, a *Igreja Pentecostal Deus é Amor* e a *Casa da Bênção*.

A Igreja Deus é Amor — Em 1962, o Pr. David Miranda organizou no bairro de Vila Maria, em São Paulo, a Igreja Deus é Amor. Em 1991, ela foi transferida para sua Sede Mundial, com capacidade para 10 mil pessoas, na Baixada do Glicério, no centro da cidade de São Paulo. Em 1991, seus dirigentes afirmavam que a *Igreja Deus é Amor* já contava com 5.500 mil templos, 15.500 obreiros e mantinha 600 horas diárias de programas radiofônicos. A *Igreja Deus é Amor* adotou a tradução de João Ferreira de Almeida, na Versão Revista e Corrigida, da SBB e distribui anualmente centenas de milhares de exemplares da Bíblia.

A Casa da Bênção — Ela foi fundada no dia 9 junho de 1964, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, pelos Pastores Doriel de Oliveira e Ruth Brunelli de Oliveira, com o nome de Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus. A Casa da Bênção foi instalada, inicialmente, na antiga Praça Vaz de Melo, na capital mineira e, com o passar dos anos, se espalhou por todo o País. Em 1985, construiu, em Brasília, a Catedral da Bênção, com capacidade para 10 mil pessoas. Hoje, tem mais de 2 mil templos no Brasil e opera em mais de dez países.

2. Brasileira vence o Concurso Bíblico Internacional

1961

Campeã nacional — No dia 25 setembro de 1961, a Sra. Iolanda Anversa, membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, embarcou para Israel a fim de representar o Brasil no Concurso Bíblico Internacional, patrocinado pela Sociedade de Cultura Hebraica. Esse concurso foi organizado com o objetivo de promover o conhecimento da Bíblia. O vencedor desse Concurso bíblico, que consistia em responder perguntas sobre a Bíblia, seria considerado o maior conhecedor do Livro Sagrado no mundo. Ela havia vencido antes o Concurso Nacional, superando mais de 500 candidatos de todos os Estados do Brasil.

Campeã internacional — Poucos dias depois, a Sra. Iolanda Anversa retornou ao Brasil, trazendo a medalha de ouro recebida em Israel pela sua vitória no Concurso Bíblico Internacional. Ao chegar, ela declarou que conhecia as Sagradas Escrituras desde criança e que a leitura diária da Bíblia tinha sido o segredo de sua vitória.

Ela concedeu a seguinte entrevista à Revista *A Bíblia no Brasil*:

— *Qual foi o segredo de sua vitória?*

— *Aos 17 anos, minha mãe me deu uma Bíblia como presente de aniversário. Gostei muito do presente e passei a ler a Bíblia diariamente. Gosto de ler a Bíblia do começo ao fim, anotando as passagens que tocam mais fundo o meu coração.*

— *Quantas vezes a senhora já leu a Bíblia toda?*

— *28 vezes.*

— *Porque a senhora dedica tanto tempo à leitura da Bíblia?*

— *A leitura da Palavra de Deus tem me revelado toda a beleza de Cristo e a bendita comunhão que podemos ter com ele. A Bíblia é orientação preciosa para a vida. É o meio pelo qual podemos conseguir coisas celestiais, os dons divinos, uma vida abundante, cada dia melhor, mais perto de Deus.*

— *É fácil ler a Bíblia?*

— *Para muita gente é difícil. Para quem se aproxima da Bíblia sem espírito reverente, sem o temor de Deus, ler a Bíblia deve ser uma coisa muito difícil. Porque as maravilhas do Livro Eterno vão sendo reveladas à medida que o leitor tem condições de abrir o seu coração à voz de Deus. Quando a Bíblia é lida com respeito e reverência, ela deixa de ser apenas um livro para ser uma mensagem, recado de Deus, revelação de Deus, palavra de Deus.*

— *Depois de ler a Bíblia tantas vezes, a senhora ainda encontra nela coisas novas?*

— *A Bíblia é, para mim, sempre algo novo, extraordinário e fascinante. Nunca vou me cansar de ler esse livro maravilhoso. [1]*

3. Sociedades Bíblicas Unidas retiram seus Secretários

1961

A maioria da SBB — Em 1961, a Sociedade Bíblica Americana (SBA) e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) decidiram retirar do Brasil seus Secretários Executivos que cooperavam com a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) desde a sua fundação em 1948. Elas chegaram à conclusão de que não era mais necessária a sua assistência na área administrativa porque os executivos brasileiros que dirigiam a SBB já haviam alcançado um elevado nível de competência. Em carta datada de 1º de junho de 1961 à Diretoria da SBB, a SBA justificou assim a medida tomada em comum acordo pelas duas Sociedades:

Quando vos anunciamos a saída do Brasil do Dr. Oliver K. K. Nelson, amigo vosso e nosso, lembramos que a Sociedade Bíblica Americana começou a enviar Bíblias em português para o Brasil a partir de 1822, isto é, há quase 140 anos. Desde 1876, ela tem mantido no Brasil um Secretário residente, e os homens que têm servido aí têm sido da mais alta distinção, do porte e da dignidade do Rev. A. L. Blackford, William M. Brown, Hugh C. Tucker, Charles W. Turner e L. M. Bratcher. Agora, pela primeira vez, durante quase um século, não haverá mais um Secretário Missionário nos representando no Brasil. Consideramos isso muito próprio e conveniente. A competência dos executivos brasileiros é amplamente conhecida e altamente estimada, e eles merecem nosso contínuo apoio e nossa firme confiança. [2]

Doação do edifício — Em outra carta dirigida ao Presidente da SBB, Rev. Benjamim Moraes, datada também de 1º de junho de 1961, a SBA comunicou sua decisão de doar à SBB seu Edifício da Bíblia, de nove andares, situado à Rua Buenos Aires, 135, no centro da cidade do Rio de Janeiro, construído na década de 40:

A Diretoria da Sociedade Bíblica Americana, na sua reunião de 4 de maio de 1961, resolveu unanimemente autorizar a transferência do título de propriedade do Edifício da Bíblia, situado à Rua Buenos Aires, 135, no Rio de Janeiro, para a Sociedade Bíblica do Brasil. O Edifício da Bíblia, no Rio de Janeiro, de estrutura distinta e monumental, foi dedicado em fevereiro de 1947 à Glória de Deus e à mais larga circulação das Sagradas Escrituras. Ao passar-vos o título de propriedade, confiamos que o propósito intencional será fielmente lembrado e que do seu interior continuarão a fluir volumes das Escrituras em quantidade cada vez maior, destinadas a alcançar todo homem, toda mulher e toda criança no vosso grande país. Com essa doação, vão também nossa esperança e nossas orações para que no Brasil, assim como em todo o mundo, não esteja longe o dia quando todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai. Com as mais calorosas saudações cristãs, Laton E. Holmgren, pela Diretoria da Sociedade Bíblica Americana. [3]

Homenagens — Na segunda semana de junho de 1961, a SBB comemorou seu 13º aniversário com a realização do 1º Instituto de Colportagem Bíblica e da reunião anual de sua Diretoria. Participaram dessas reuniões os ilustres visitantes Dr. Laton E. Holmgren, Secretário-Geral da Sociedade Bíblica Americana, e o Rev. John H. Williams, Secretário Adjunto da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. O 1º Instituto de Colportagem Bíblica foi realizado no Edifício da Bíblia, no Rio de Janeiro, nos dias 13 e 14 de junho e contou com a presença de 49 pessoas vindas de diversos Estados do Brasil. A reunião da Diretoria da SBB foi realizada no dia 15 de junho, sendo nela homenageados o secretário

executivo da SBBE, Sr. Charles Harold Morris, e o Secretário Executivo da SBA, Dr. Oliver K. K. Nelson, pelos relevantes serviços prestados à Causa Bíblica no Brasil. A reunião da Diretoria da SBB terminou com um culto solene, realizado no templo da 1ª Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, no qual foram dadas graças a Deus pela Obra extraordinária realizada no Brasil pelas Sociedades Bíblicas durante 140 anos.

A nova estrutura — A partir de junho de 1961, com a retirada dos Secretários Executivos das Sociedades Bíblicas Cooperantes, a SBB passou a ser administrada por uma Secretaria-Geral, formada pelo Secretário-Geral e três Assistentes Administrativos. O Secretário-Geral, Rev. Ewaldo Alves, responsável pela administração da SBB perante a Diretoria, nomeou para auxiliá-lo três Assistentes: a Sra. Leonor Raeder, responsável pelo Departamento de Administração e pela redação da Revista *A Bíblia no Brasil*; o Rev. Ivan Espíndola de Ávila, encarregado dos Departamentos de Finanças e Propaganda; e o Rev. Luiz Antonio Giraldi, responsável pelos Departamentos de Produção, Distribuição e Colportagem.

4. A chuva de Evangelhos

1961

Dia da Bíblia — O Dia da Bíblia é comemorado no Brasil no segundo domingo de dezembro, de várias maneiras: através de concentrações, passeatas, carreatas, exposições, leitura pública da Bíblia, inauguração de praças da Bíblia e monumentos à Bíblia. Porém, nas comemorações do Dia da Bíblia de 1961, em São Paulo, houve uma surpresa: em um dia de sol, começou a cair uma chuva de Evangelhos.

Paraquedas — Ao olhar para o alto, as pessoas que se concentravam em uma praça da capital paulista viram milhares de pequenos paraquedas caindo, lançados de um avião. Os paraquedas traziam como lastro um exemplar do Evangelho de João, tamanho de bolso, publicado pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Ideia original — Essa chuva de Evangelhos em paraquedas foi uma ideia do Sr. Silas Soares, piloto civil e paraquedista evangélico. Ele conseguiu pôr sua ideia em prática graças aos conhecimentos adquiridos em sua profissão. Para os paraquedas em miniatura abrirem e caírem em segurança, foram feitos com material adequado e lançados de maneira precisa. A boa ideia conquistou colaboradores, e o Sr. Silas Soares conseguiu recursos para repetir a experiência em outras cidades do Estado de São Paulo, como Cruzeiro e Guarulhos. [4]

5. A necessidade de um barco da Bíblia

1962

Em 1962, a SBB recebeu um apelo das Igrejas evangélicas de Manaus para melhorar o suprimento de Bíblias na região. Estavam faltando Bíblias não apenas em Manaus, mas também em quase todas as cidades da região. E as poucas Bíblias que lá chegavam estavam sendo vendidas a preços muito altos.

Nessa época, eu exercia na SBB o cargo de Assistente de Distribuição. O Rev. Ewaldo Alves, Secretário-Geral da SBB, pediu-me para visitar Manaus e Belém e estudar com os

líderes evangélicos daquelas cidades uma solução para o problema.

Durante a reunião com os pastores evangélicos de Manaus, eu perguntei:

— O que a Sociedade Bíblica do Brasil pode fazer para ajudar as igrejas distribuírem a Bíblia na Amazônia?

A resposta foi:

— Aqui não temos estradas. As nossas estradas são os rios. Para alcançarmos as pessoas da região, temos de usar um barco. E, para levar a Bíblia aos moradores da região, é preciso ter um barco da Bíblia. A melhor coisa que a Sociedade Bíblica do Brasil pode fazer em favor das igrejas da região é ter aqui um barco da Bíblia.

De Manaus, fui para Belém, no Pará. Em Belém, reuni os pastores da cidade e fiz a mesma pergunta:

— O que a Sociedade Bíblica do Brasil pode fazer para ajudar as igrejas a distribuírem a Bíblia na região?

E a resposta foi a mesma:

— Necessitamos de um barco da Bíblia na Amazônia.[5]

6. A doação da Sociedade Bíblica da Escócia

1962

Impressionado com o apelo recebido dos pastores de Manaus e de Belém, voltei para o Rio de Janeiro convencido de que a região amazônica precisava mesmo de um barco dedicado ao trabalho de colportagem. Mas como conseguir os recursos necessários?

Ao chegar ao Rio de Janeiro, procurei o Secretário-Geral da SBB para dar meu relatório de viagem. Porém, antes de eu começar a falar, ele me mostrou uma carta e disse:

— Giraldi, recebemos esta carta da Sociedade Bíblica da Escócia. Eles estão nos oferecendo uma doação para um projeto de colportagem. Você tem alguma ideia?

E eu logo respondi:

— Sim, tenho: um barco da Bíblia para o Amazônia. É justamente isso que os pastores de Manaus e de Belém me pediram.

A oferta da Sociedade Bíblica da Escócia era de 5.000 Libras Esterlinas. Fazendo uma pesquisa na região, o Rev. Nilton Fernandes da Silveira, Secretário Regional da SBB em Belém, encontrou um barco usado, em bom estado de conservação e do tamanho certo para o trabalho de colportagem. A oferta recebida da Escócia era suficiente para comprar e reformar o barco. Ele havia sido usado para o contrabando de carros, mas, agora, teria uma função nobre: levar a Palavra de Deus à população ribeirinha da Amazônia. [6]

7. A inauguração do Barco Luz na Amazônia

1962

O nome do barco — Comprado o barco, era necessário dar-lhe um nome. E a

inspiração veio do passado distante. Na década de 30, no tempo em que o Sr. Charles H. Morris era Agente da SBBE em Manaus, ele usava para transportar Bíblias um pequeno barco. O novo barco teria o mesmo nome do antigo barquinho, que tantos serviços havia prestado à SBBE no passado: *Luz na Amazônia*.

O Coordenador do projeto — Após uma ampla sondagem na região e de muitas consultas, foi convidado para assumir a direção do projeto *Luz na Amazônia* o pastor presbiteriano Rev. João Batista da Silva. Nascido e criado na Amazônia, conhecedor de suas necessidades e problemas, pastor apaixonado pelo trabalho missionário e obreiro respeitado e querido na região, o Rev. João Batista reunia todas as condições para liderar com sucesso o importante projeto.

A inauguração — Na manhã do dia 8 de dezembro de 1962, na presença de uma multidão numerosa reunida na praça fronteira ao porto de Belém, foi inaugurado o novo Barco *Luz na Amazônia*.

A cerimônia contou com a presença do representante oficial do Governador do Estado e dos pastores das principais Igrejas evangélicas de Belém. O Rev. Ivan Espíndola de Ávila, Assistente da Secretaria Geral, residente no Rio de Janeiro, foi o orador da solenidade.

Após a oração de consagração do barco, feita pelo Pr. Alcebíades Vasconcelos, pastor da Assembleia de Deus em Belém e Diretor da Sociedade Bíblica do Brasil, o *Luz na Amazônia* foi liberado para visita pública, para a viagem inaugural nas águas do rio Guamá. [7]

8. As primeiras viagens do Barco *Luz na Amazônia*

1963

Em abril de 1963, poucos meses depois da inauguração do Barco *Luz na Amazônia*, o Rev. João Batista da Silva, responsável pelo barco, enviou ao Secretário-Geral da SBB o seguinte relatório de suas atividades nos primeiros três meses de operação:

Desde que iniciamos o trabalho de colportagem no Barco Luz na Amazônia, já empreendemos algumas viagens nas quais vendemos Bíblias e Porções Bíblicas nas feiras das cidades e nas igrejas. Até agora, realizamos as seguintes viagens: duas a Abaetuba, duas à Gleba Pernambuco, no rio Guamá, e uma a Manaus, fazendo escala nas cidades de São Sebastião da Boa Vista, Breves, Gurupá, Prainha, Santarém, Almeirim, Óbidos, Parintins, Itacoatiara e algumas povoações, como Amatari, Santa Júlia e casas à margem do rio. O nosso movimento de vendas alcançou o seguinte resultado: 64.366 volumes entre Bíblias, Novos Testamentos e Porções Bíblicas.

Navegamos de Belém a Manaus, numa longa viagem em que gastamos 28 dias de ida e volta. Foi uma viagem muito boa: visitamos várias cidades e povoações levando a Palavra de Deus e com ela a felicidade e o conforto espiritual a tantas pessoas sofredoras que vivem às margens desse rio tão grande, que parece não ter fim. Quem viaja pelo rio Amazonas enfrenta pelo menos dois perigos quase inevitáveis: grande quantidade de paus enormes, que vêm alguns sobre as águas e outros encobertos e que somente são percebidos quando já estão bem próximos de barco. Às vezes,

quando não é possível desviar as embarcações, eles quebram a hélice ou afundam os barcos. Outro perigo é a invasão de mosquitos: moriçoca, borrachudo, cabo-verde, pium, etc.

Existem ainda as tempestades que surpreendem as embarcações, muitas vezes em lugares distantes dos abrigos existentes às margens do rio. Na última viagem que fizemos, estávamos atracados no cais em Manaus, quando fomos surpreendidos por uma tempestade. A chuva torrencial e o vento eram tão fortes, que todos os cabos de manilha, de uma polegada de diâmetro, ficaram partidos; e até o cabo de aço que sustenta a âncora foi destruído. Lutamos das 18h30min às 23h. Quando o rio ficou mais calmo, estávamos extenuados e completamente molhados de tanto lutarmos contra a fúria das ondas impetuosas. O prejuízo de outras embarcações foi considerável: dois batelões arreventaram as correntes e saíram arrastados com tanta força, que destruíram casas flutuantes e puseram em perigo outras embarcações menores. Mas o nosso barco é muito bom e enfrentou bravamente a tempestade.

Agora, pretendemos ir a Macapá e, de passagem, visitar as ilhas onde esperamos fazer trabalho de colportagem. O povo dessa região é muito pobre, e, como ali não circula dinheiro, o salário é recebido em alimentos. Não existe nenhuma denominação evangélica trabalhando lá. [8]

9. Surge o projeto social

1963-1964

Beleza e pobreza — Para se compreender a relevância de um projeto como *Luz na Amazônia*, é preciso conhecer as características geográficas e a realidade social da região, que pouco mudaram desde a década de 60. Com 4 milhões e 500 mil de Km², mais da metade do território nacional, a Amazônia Legal é dona de uma beleza deslumbrante, dominada pelas águas dos rios e pela floresta. Em contrapartida, boa parte de sua população é vítima do abandono, da pobreza, das doenças e da fome. Composto em sua maioria por caboclos, mistura de brancos e índios, o povo vive às margens dos rios, em pequenas vilas ou em casas isoladas, distantes quilômetros umas das outras. O caboclo amazonense que vive ao lado dos rios é chamado de *ribeirinho* e mora em palafitas, casas simples, de dois cômodos, feitas de madeira. As palafitas são erguidas sobre estacas, à beira dos rios, para ficarem a salvo das cheias que ocorrem nas áreas de várzea na Amazônia.

Na maioria das casas, não há energia elétrica, esgoto, nem mesmo fossas ou água encanada. A água utilizada para beber, cozinhar, lavar e tomar banho é a do rio. O fogão é alimentado à lenha. A cama é a rede, uma herança dos índios. O transporte mais comum do ribeirinho é o “casquinho”, pequena canoa feita de tronco de árvore, com a qual navega nos rios, que são as estradas da região.

As famílias ribeirinhas são grandes: cada casal tem, em média, seis filhos. Para sustentar a família numerosa, o ribeirinho cultiva a mandioca. Com ela, faz a farinha, que é trocada, na pequena venda local, por gêneros de primeira necessidade, como arroz, milho, feijão e carne-seca. Também fazem parte da alimentação os peixes e as frutas da região. Na maioria das pequenas vilas, não há posto médico ou farmácia. Quando o

ribeirinho adoece precisa viajar muitas horas de barco até uma das poucas vilas maiores, à procura de um atendimento médico precário. E o ribeirinho adoece, em virtude da desnutrição e da falta de saneamento básico. Parasitose intestinal, anemia, doenças da pele e malária são as enfermidades mais comuns na região.

A função de provisão — Inicialmente, o Barco *Luz na Amazônia* tinha duas tarefas: a primeira, melhorar o suprimento de Escrituras no trecho Belém-Manaus, para que não faltassem Bíblias para as igrejas da região; a segunda, distribuir a Bíblia nas pequenas vilas ribeirinhas da região, muitas vezes localizadas em locais muito distantes das principais cidades, que não estavam sendo alcançadas pelas igrejas.

O suprimento de Escrituras na região começou a ser feito através de duas viagens anuais do Barco: de Belém, no Pará, onde estava instalada a Secretaria Regional do Norte, até Manaus, Capital do Estado do Amazonas. Era uma viagem longa, de dez dias de ida e dez de volta, para abastecer de Escrituras as principais cidades ribeirinhas, como São Sebastião da Boa Vista, Breves, Gurupá, Prainha, Santarém, Almeirim, Óbidos, Parintins, Itacoatiara e outras povoações. Nessas viagens de suprimento, o Barco permanecia durante algumas horas em cada uma dessas cidades e cerca de uma semana em Manaus para poder atender bem as igrejas da Capital.

Colportagem — O trabalho de colportagem era realizado em viagens curtas pelos rios da região, pelos paranás e igarapés, atendendo as povoações vizinhas da cidade de Belém. Nessas viagens de colportagem, eram atendidas pessoas pobres que não tinham dinheiro para comprar uma Bíblia, um Novo Testamento ou um Evangelho. Quando a pessoa mostrava muito interesse pela Bíblia, mas não tinha dinheiro para comprar, a tripulação do Barco aceitava em pagamento qualquer coisa de valor que ela pudesse dar, como um peixe, uma caça, uma galinha ou um ovo. Esses mantimentos eram usados na preparação das refeições da tripulação do Barco. Quando a pessoa não tinha nada para dar, ela recebia um exemplar do Novo Testamento ou uma Porção Bíblica de presente.

Assistência social — Porém, logo nos primeiros meses de atividade, a tripulação do Barco chegou à conclusão de que era impossível realizar o trabalho de colportagem sem prestar assistência social aos ribeirinhos. Durante as viagens, a tripulação do Barco encontrou pessoas doentes, famintas e sem roupa para vestirem e sentiu o desejo e o compromisso cristão de ajudá-las. Mas como?

Surgiu, ainda na década de 60, a ideia de distribuir durante as viagens roupas usadas e latas de leite em pó. A SBB fez, então, um apelo às igrejas para a doação desse material, e a resposta foi muito positiva. Na década de 80, a ideia evoluiu para um atendimento mais completo. O Barco levaria, em suas viagens, médicos e dentistas para atenderem as pessoas enfermas ou com problemas dentários. E não foi difícil encontrar na Universidade do Pará estudantes e professores de medicina e de odontologia dispostos a participarem do projeto social. Depois, alguns laboratórios se dispuseram a doar remédios para distribuição gratuita aos enfermos. E, para matar a fome dos ribeirinhos que esperavam horas e horas na fila para serem atendidos pelos médicos e dentistas, foi servida uma sopa. Para isso, alguns empresários de Belém fizeram doações de mantimentos. E, assim, foram criados novos serviços de atendimento à população carente da região. O projeto inicial de suprimento de Escrituras e de colportagem foi ampliado, passando a ser também um projeto filantrópico, de assistência médica, odontológica e farmacêutica e de doação de

roupas e alimentos. E, com o passar do tempo, o Barco de colportagem *Luz na Amazônia* se transformou em um barco-hospital. [9]

10. Os títulos recebidos pela SBB

1965-1967

Uma boa notícia — No final do ano de 1964, eu estava dirigindo meu carro na Avenida Presidente Vargas, no centro da cidade do Rio de Janeiro, e ouvindo pelo rádio as últimas notícias do Brasil, que vivia um momento político muito agitado. Quando passei em frente à estação da Companhia Central do Brasil, ouvi uma notícia que me chamou a atenção: o Governo Brasileiro estava concedendo Títulos de Utilidade Pública a organizações sem fins lucrativos que prestavam serviços sociais à população brasileira. No mesmo dia, me reuni com o Secretário-Geral da SBB e lhe comuniquei a notícia. Ele apresentou o assunto à Diretoria, e ela decidiu solicitar ao Governo Federal o título de Entidade de Utilidade Pública para a Sociedade Bíblica do Brasil.

Entidade de Utilidade Pública — Em 1965, através do Decreto nº. 57.171, o Governo Brasileiro, então sob a presidência do Marechal Castelo Branco, conferiu à Sociedade Bíblica do Brasil o título de Entidade de Utilidade Pública por seus relevantes serviços prestados ao Brasil nas áreas da cultura, educação e serviço social.

Em 1966, o Governo do extinto Estado da Guanabara também concedeu à SBB o título de Entidade de Utilidade Pública.

Certificado de Assistência Social — E, em 1967, o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), em reconhecimento às atividades de assistência social desenvolvidas pela SBB, concedeu-lhe o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS), sob o nº. 27.499, habilitando-a a receber incentivos e benefícios fiscais. Esses benefícios são concedidos apenas às entidades que realizam, em âmbito nacional, um trabalho comprovadamente relevante na área social. O CNAS tem atendido desde 1967, sem interrupção, os pedidos da SBB de renovação desse certificado. [10]

11. O 1º Concurso Bíblico Nacional

1966

A Comissão Promotora — Em 1966, a Diretoria da Sociedade Bíblica do Brasil, inspirada nos concursos bíblicos internacionais, que vinham sendo promovidos de três em três anos, desde 1958, pelo Governo de Israel, resolveu promover o 1º Concurso Bíblico Nacional, com o objetivo de incentivar a leitura e o uso da Bíblia no Brasil. A Comissão Promotora do Concurso ficou assim constituída: Presidente: Dr. Pedro Calmon, Presidente da Academia Brasileira de Letras; Vice-Presidente: Dr. Benjamim Moraes, Secretário de Educação do Estado da Guanabara e Presidente da SBB; Bispo D. José Alberto de Castro Pinto, representante da Igreja Católica; Rev. Ewaldo Alves, Secretário-Geral da SBB; e Prof. Haroldo Pereira Lobo, Diretor da SBB.

Inscrições — O Concurso foi promovido em todo o Brasil pelas Secretarias Regionais da SBB, com cobertura de jornais, rádio e televisão. Foram inscritos para a primeira fase do Concurso 1.124 candidatos, 722 homens e 402 mulheres, residentes em todos os

Estados do País, pertencentes a 34 denominações religiosas: evangélicas, católicas e judaicas.

O primeiro exame — A primeira fase do Concurso, uma exame escrito, foi realizado nos Estados, no dia 6 de novembro de 1966. Ele constou de 25 perguntas sobre a Bíblia e teve a duração de três horas. Feita a correção, 22 candidatos, 11 homens e 11 mulheres, acertaram todas as questões e obtiveram a nota máxima. Entre os vencedores da primeira fase, estavam seis professores, cinco pastores, dois padres, uma médica, uma parteira, uma estudante e seis candidatos de profissões diversas. A vencedora mais jovem era a estudante Maria José Marinho da Silva, da cidade de Belém, PA, de apenas 16 anos de idade. E a mais idosa, a Sra. Haydée Vilá, parteira, do Estado do Espírito Santo, de 67 anos.

O segundo exame — O segundo exame foi realizado no Rio de Janeiro no dia 26 de novembro de 1966, nas dependências da Associação Cristã de Moços, situada no bairro do Catete. A exemplo do primeiro, foi escrito, constou de cinco perguntas sobre a Bíblia e teve a duração de três horas. Feita a correção, verificou-se um novo empate entre cinco candidatos: Profa. Mariazinha de Almeida, Srta. Maria José Marinho da Silva, Profa. Gerda de Burgo, Pr. Altino Vasconcelos e Pr. José Carlos Ramos.

O exame final — O exame final foi realizado na noite de 28 de novembro de 1966 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e constou de cinco perguntas orais sobre a Bíblia. A Comissão Julgadora do exame final do Concurso foi formada pelo Rev. Benjamim Moraes, Secretário de Educação do Estado e Presidente da SBB; Bispo D. José Alberto de Castro Pinto, representante da Igreja Católica; Rev. Ewaldo Alves, Secretário-Geral da SBB; Prof. Haroldo Pereira Lobo, Diretor da SBB; e o Prof. José Schiavo. Os vencedores do 1º Concurso Bíblico Nacional foram: 1º lugar: Profa. Mariazinha de Almeida, adventista de São Paulo; segundo: Srta. Maria José Marinho da Silva, adventista do Pará; terceiro: Pr. José Carlos Ramos, adventista da Bahia; quarto: Pr. Altino Vasconcelos, batista da Guanabara; e quinto lugar: Profa. Gerda de Burgo, adventista do Paraná.

O 1º Concurso Bíblico Nacional teve ampla cobertura da mídia, e a prova final foi transmitida por rádio e televisão para todo o País. [11]

12. Cresce a distribuição de Porções Bíblicas 1961-1970

Década de 60 — Na década de 60 (1951-1960), a distribuição de Bíblias aumentou 40% em relação ao total distribuído no período de 1948 a 1960 (13 anos). A circulação de Novos Testamentos caiu 19%, e Porções Bíblicas aumentaram 116%.

Segundo lugar no mundo — Em 1962, a SBB conseguiu superar a Sociedade Bíblica do Japão, com a circulação recorde de 4.444.087 exemplares, passando a ser, pela primeira vez, a segunda Sociedade Bíblica do mundo em distribuição de Escrituras.

Razões do crescimento — As principais razões do salto na distribuição de Bíblias e Porções Bíblicas foram: a promoção de distribuição realizada pela SBB, a variedade nas publicações, a revitalização do trabalho de colportagem e a Campanha *Evangelize com Evangelhos*. [12]

Década de 1960					
ANO	BÍBLIAS	TESTAM.	PORÇÕES	SELEÇÕES	TOTAL
1961	183.829	62.212	1.349.271	—	1.595.312
1962	356.015	99.560	3.988.512	—	4.444.087
1963	308.873	77.552	4.637.846	—	5.024.271
1964	398.039	126.973	5.691.706	—	6.216.718
1965	190.452	71.436	6.844.939	—	7.106.827
1966	197.355	63.048	6.078.456	219.803	6.558.662
1967	206.162	65.060	2.676.615	2.567.119	5.514.956
1968	386.406	72.547	2.602.456	982.295	4.043.704
1969	167.147	122.938	5.371.325	1.825.554	7.486.964
1970	204.943	79.574	1.902.016	1.817.694	4.004.227
1961-1970	2.599.221	840.900	41.143.142	7.412.465	51.995.728
1948 A 1960	1.859.770	1.034.595	19.078.906	0	21.973.271
DIFERENÇA	40%	-19%	116%	0%	137%

13. A Bíblia achada no baú

1963

Com o crescimento da distribuição, milhares de pessoas leram a Bíblia pela primeira vez, e muitas delas foram transformadas pelo poder da Palavra de Deus. Entre essas pessoas estava o Sr. Israel Neves, que narrou sua comovente experiência à Revista *A Bíblia no Brasil*:

Até os meus 20 anos, eu não bebia. Mas, depois de 1945, quando deixei a casa de meus pais, me tornei viciado em bebidas alcoólicas. Meu maior prazer era estar na companhia de outros viciados e de mulheres da “boca do lixo”. As consequências dessa vida de pecado vieram logo. Meu rosto ficou deformado, ao ponto de um colega de trabalho me dizer:

— Israel, você está parecido com o diabo.

Tinha vergonha da minha família e do meu patrão, que me tratava muito bem, mesmo depois de eu ter sido preso e jogado numa cela imunda. Minha vontade era beber cada vez mais para não ver os olhares de pena das pessoas que me viam.

Um dia, aconteceu o inevitável: uma viatura da Secretaria da Saúde apareceu na oficina onde eu trabalhava e me levou para o hospital. Eu estava com lepra e fui

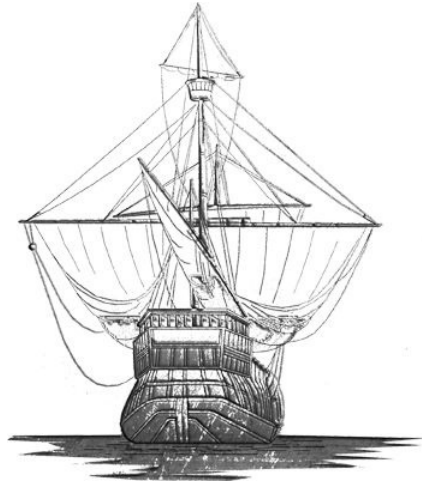
internado em um Sanatório em Mogi das Cruzes, no Estado de São Paulo. E, lá, eu pensei:

— É o fim.

Mas Deus teve misericórdia de mim. Num velho baú abandonado no Sanatório, encontrei uma Bíblia rasgada e empoeirada. Apanhei a velha Bíblia e comecei a ler. Lia todos os dias e gostava de suas histórias, de seus conselhos e de suas mensagens. Parecia que ela tinha sido escrita para as pessoas miseráveis como eu. Até que, um dia, não resisti mais ao amor de Deus e aceitei Jesus como meu Senhor e Salvador.

A partir daí, tudo começou a mudar. Em 1963, os médicos disseram que eu estava curado. Então, saí do Sanatório e comecei a frequentar uma igreja evangélica. E, pela graça de Deus, permaneço nela até hoje. [13]

CAPÍTULO XI



CRISE E SUPERAÇÃO

1971-1980

1. Nasce o Movimento Neopentecostal

1971– 1980

Política — Em 1969, Emílio Garrastazu Médici assumiu a presidência e governou até 1974. Seu governo ficou conhecido como “os anos negros da ditadura”. Os movimentos estudantis e sindicais foram contidos e silenciados pela repressão policial. Foi nesse período que aconteceu a maior parte dos desaparecimentos políticos, e a tortura tornou-se prática comum dos órgãos de segurança. Nesse período, surgiu o “milagre econômico”, crescimento do PIB de cerca de 10% ao ano e o surgimento de uma nova classe média de alto poder aquisitivo.

Em março de 1974, o General Ernesto Geisel assumiu a presidência e teve de enfrentar dificuldades econômicas e políticas advindas do fim do “milagre econômico”, que ameaçavam o Regime Militar. Com o crescimento da oposição nas eleições de 1978, o processo de abertura política ganhou força. Em março de 1979, João Baptista Figueiredo assumiu e iniciou a transição da ditadura para a democracia. Em agosto de 1979, foi aprovada a Lei da Anistia. No final dos anos 70, a inflação chegou a 94,7% ao ano, e o País entrou em recessão.

O Movimento Neopentecostal — Em 1970, a população brasileira era de 93 milhões de habitantes, e os evangélicos totalizavam 4 milhões e 900 mil pessoas ou 5,2% da população nacional. Em 1980, a população brasileira havia aumentado para 119 milhões, e os evangélicos, para 7 milhões e 900 mil pessoas, equivalente a 6,6% da população nacional.

Na década de 70, surgiu o Movimento Neopentecostal. Em 1976, foi fundada a *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra*, e, em 1977, a *Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)*.

A IURD — *Igreja Universal do Reino de Deus* foi fundada no dia 9 de julho de 1977, no Rio de Janeiro, pelo então Pr. Edir Macedo. Cresceu rapidamente e, em 2006, havia alcançado todos os Estados do Brasil. A IURD enviou missionários a outros países e, em 1980, organizou a *Universal Church*, em Mount Vermont, no Estado de Nova Iorque. Em 2006, mantinha missionários em mais de 80 países. Desde o princípio, ela adotou os meios eletrônicos para evangelizar e, em 1990, adquiriu a Rede de Televisão Record.

Atualmente, liderada pelo seu fundador, o Bispo Edir Macedo, ela mantém programações diárias em diferentes emissoras de Televisão, como a Rede Record, a Rede Mulher, a Rede Família e a CNT. A IURD é uma das denominações evangélicas que mais distribui a Bíblia no Brasil. Adota a Versão Revista e Atualizada da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela SBB, e distribui cerca de meio milhão de exemplares por ano. [1]

2. O segundo Concurso Bíblico Nacional

1971

Organização do Concurso — O grande sucesso do Concurso Bíblico realizado em 1966 levou a SBB a repeti-lo cinco anos depois. A Diretoria da SBB nomeou como Presidente do Segundo Concurso Bíblico Nacional o Dr. Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Brasileira de Letras. O Concurso foi aberto apenas para leigos, não sendo aceitos pastores, sacerdotes, rabinos e obreiros profissionais. Participaram candidatos leigos de ambos os sexos, com a idade mínima de 12 anos, sem restrição de ordem religiosa. Para a primeira prova, apresentaram-se 1.079 candidatos: 635 homens e 444 mulheres.

O 1º exame — O 1º exame escrito foi realizado na capital de cada Estado, no dia 11 de julho de 1971. Constou de 25 perguntas sobre a Bíblia, teve a duração de três horas e definiu os campeões dos 22 Estados do Brasil. Foram vencedores catorze homens e oito mulheres. O vencedor mais jovem tinha 19 anos de idade, e o mais velho, 63.

O 2º exame — O 2º exame escrito foi realizado no Auditório do Ministério da Educação (MEC), no então Estado da Guanabara, na noite de 28 de agosto de 1971. A Mesa que presidiu o 2º exame estava composta pelo Dr. Benjamim Moraes, Presidente da SBB; Bispo Castro Pinto, representante da Igreja Católica; Prof. Haroldo Pereira Lobo, Diretor da SBB; Rev. Antônio de Campos Gonçalves, Secretário de Tradução da SBB; e o Rev. Cássio Martins. Ela constou de cinco perguntas sobre a Bíblia e teve a duração de três horas. Foram vencedores a Sra. Argentina Vieira Barreto, de Sergipe; o Sr. Francisco Alves de Pontes, de São Paulo; a Profa. Gerda de Burgo, do Paraná; o Sr. Idalício dos Santos, do Mato Grosso; e o Sr. Salomão Torres dos Santos, de Brasília. A professora israelita Bella Jozef, Catedrática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), anunciou os nomes dos cinco finalistas e fez a entrega dos diplomas aos campeões estaduais.

A prova final — A prova final foi realizada na noite de 31 de agosto de 1971, no Teatro Municipal da Guanabara. A Mesa Julgadora da prova final estava composta pela Profa. Bella Jozef; pelo Padre José Sotero Caio, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; pelo Rev. Neemias Marien, pastor presbiteriano; pelo Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, professor do Seminário Episcopal; pela Profa. Tabita Kraule Pinto, Reitora do Seminário Teológico Betel; e pela Profa. Yolanda Anversa da Silva, vencedora do Segundo Concurso Bíblico Internacional. Durante a prova oral, os candidatos foram chamados um a um para responderem em público as mesmas questões, que exigiram não apenas boa memória, mas, sobretudo, boa cultura bíblica. Os cinco finalistas mostraram um excelente preparo, porém dois deles se sobressaíram: a Profa. Gerda de Burgo, do Paraná, e o jovem Salomão Torres dos Santos, de Brasília. No final, sagrou-se vencedora a Profa. Gerda de Burgo, adventista, representante do Estado do Paraná.

Os prêmios — Os cinco finalistas foram premiados com viagens. A campeã, Profa. Gerda de Burgo, recebeu como prêmio uma viagem à Palestina; o 2º colocado, Salomão Torres dos Santos, foi premiado com uma viagem aos Estados Unidos; 3º, Francisco Alves de Pontes, com uma viagem ao Amazonas; a 4ª, Argentina Vieira Barrato, viajou a Foz do Iguaçu; e o 5º colocado, Idalício dos Santos, foi a Brasília.

O Presidente recebe a campeã — Dias depois, o Presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, recebeu em Brasília a campeã nacional, Profa. Gerda de Burgo, acompanhada do Vice-Governador do Rio de Janeiro, Dr. Erasmo Martins Pedro, do Presidente da SBB, Rev. Benjamim Moraes, e do Diretor da SBB, Sr. Haroldo Pereira Lobo. [2]

3. O Edifício da Bíblia em Brasília

1972

A doação do terreno — Na década de 60, reconhecendo os méritos do trabalho realizado pela Sociedade Bíblica do Brasil, o Governo Federal doou um terreno para a construção do Edifício da Bíblia em Brasília. O terreno tinha 5.000 m² de área e estava situado na Asa Norte do Plano Piloto da Capital Federal, à Avenida L2 Norte, Quadra 603, Conjunto E, perto da Fundação Getúlio Vargas, do Centro Cultural de Brasília e da Universidade de Brasília. A escritura emitida pela NOVACAP condicionava a doação do terreno à construção do Edifício da Bíblia. A SBB não poderia vender o terreno ou destiná-lo a outro fim. [3]

A Campanha de Arrecadação — Em 1969, a NOVACAP alertou a SBB que, se as obras de construção do Edifício não fossem iniciadas logo, a doação poderia ser cancelada. Diante desse desafio, a SBB lançou uma Campanha Nacional de levantamento de fundos para a construção do seu Edifício da Bíblia em Brasília. Essa Campanha foi liderada pelo Rev. Antônio Varizo Jr. e teve pleno êxito. A SBB recebeu ofertas de todo o País, e o Edifício foi construído exclusivamente com ofertas nacionais. [4]

A construção do Edifício — A planta do Edifício da Bíblia foi preparada pelo arquiteto Silas Rodrigues Varizo e incluía um conjunto de escritórios, loja, depósitos, garagem, salão de conferências, sala de reuniões, biblioteca, ambulatório, refeitório, apartamentos para funcionários em trânsito, estacionamento e espaço para ampliação no futuro. A construção do belo e moderno Edifício, de 1500 m², começou nos primeiros meses de 1970 e terminou em julho de 1972. [5]

A consagração — Na tarde do dia 26 de julho de 1972, o Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, Dr. Benjamim Moraes, dirigiu o ato de consagração do Edifício da Bíblia em Brasília. O Rev. Ronald Denton, representante da Sociedade Bíblica Americana e das Sociedades Bíblicas Unidas e o Coronel Melo Campos, Comandante do XII Exército, cortaram a fita simbólica, abrindo o Edifício para a visitação pública.

O Culto de Gratidão — Na noite de 26 de julho de 1972, foi realizado na 1ª Igreja Adventista do Sétimo Dia de Brasília o Culto de Gratidão a Deus pela construção do Edifício da Bíblia em Brasília. O pregador da noite foi o Rev. Éber Vasconcelos, pastor da Igreja Batista Memorial de Brasília. A cerimônia, que contou com a presença de milhares de pessoas, teve início com a execução do Hino Nacional pela Banda do Exército Brasileiro e o hasteamento da Bandeira do Brasil. Compareceram à cerimônia parlamentares, diretores da SBB, representantes das Igrejas e autoridades civis e militares. [6]

A participação do Rev. Varizo — Milhares de pessoas colaboraram com suas ofertas e orações para a construção do Edifício da Bíblia em Brasília. Outras se dedicaram com

entusiasmo à tarefa de conquistar novos doadores. Entre elas destacaram-se o Rev. Antônio Varizo Jr., Secretário Regional em Goiânia, e o Ministro Vilas Boas, Diretor da Sociedade Bíblica do Brasil. Por isso, ambos foram homenageados pela Diretoria da SBB. O Ministro Vilas Boas recebeu o título de Benfeitor Emérito da SBB. E uma placa foi colocada no saguão de entrada do Edifício em homenagem ao Rev. Antônio Varizo Jr.

O Rev. Ivan Espíndola de Ávila, então Secretário Regional de São Paulo, definiu assim a atuação do Rev. Varizo na construção do edifício:

O desafio que o Rev. Varizo aceitou renovou-lhe as forças. Campanhas foram feitas nas diversas regiões, envolvendo os obreiros e colaboradores da SBB. Os recursos foram aparecendo. Milagres foram sendo vistos, e aquela obra chegou ao fim. Lá está, hoje, numa das principais Avenidas de Brasília, o lindo Edifício da Bíblia. E, em todos os passos que nos levaram à inauguração histórica, em 1972, está o dinamismo do Rev. Varizo, homem que Deus preparou e chamou para aquela empreitada. [7]

4. O Pr. David Gomes é eleito Presidente

1972

A 7ª Assembleia Geral da SBB, reunida em Brasília, de 26 a 28 de julho de 1972, elegeu para o cargo de Presidente da entidade o Pr. David Gomes, ministro da Igreja Batista.

Pastor e radialista — Aos 16 anos de idade, o Pr. David Gomes recebeu o chamado para o ministério sagrado ao ouvir uma mensagem do missionário batista Pr. Lewis Malen Bratcher. Formou-se em Teologia pelo Seminário Batista do Rio de Janeiro e concluiu seu doutorado em Teologia na Universidade Gardner Webb, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Em 1949, lançou o programa radiofônico *Escola Bíblica do Ar*, um dos primeiros programas de rádio dedicados ao ensino da Bíblia no Brasil. O Pr. David Gomes fundou a Igreja Batista da Esperança, escreveu diversos livros e foi membro da Academia Evangélica de Letras do Rio de Janeiro. De 1954 a 1968, ocupou o cargo de Secretário-Geral da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Ele também construiu o Edifício da Fé e o Edifício do Amor no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Destaques do seu mandato — Durante seu mandato de Presidente, de 1972 a 1976, a Sociedade Bíblica do Brasil inaugurou o Edifício da Bíblia em Brasília, lançou a 1ª edição do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, publicou a Grande Concordância Bíblica e transferiu sua Sede do Rio de Janeiro para a cidade de Brasília. [8]

5. A SBB perde seu líder no Amazonas

1974

Mecânico — No dia 8 de novembro de 1974, a Sociedade Bíblica do Brasil perdeu seu grande líder no Amazonas, o Rev. João Batista da Silva, Secretário Regional em Belém do Pará e Coordenar do Projeto *Luz na Amazônia*. Nascido de família humilde, no bairro de Val-de-Cães, na cidade de Belém, quando menino trabalhava para ajudar os pais e estudava nas horas vagas. Foi aprendiz de torneiro e, mais tarde, um dos melhores torneiros mecânicos da cidade. Durante a 2ª Guerra Mundial, recebeu menção honrosa do

Governo dos Estados Unidos da América por fabricar uma peça para um navio americano avariado.

Pastor — Chamado para o ministério sagrado, João Batista fez o curso teológico no Seminário Presbiteriano do Recife. Foi pastor de diversas igrejas presbiterianas do Norte do País e, quando foi convidado para trabalhar na SBB, era pastor da 1ª Igreja Presbiteriana de Belém. A escolha de seu nome para implantar e promover o Projeto *Luz na Amazônia*, em 1962, foi feita por indicação unânime dos pastores de Belém. As pessoas que tiveram o privilégio de conhecê-lo dizem que ele era um homem bondoso, inteligente, simples e comunicativo. Reunia habilidades de pregador do evangelho, evangelista, mecânico, navegador, desportista, caçador e pescador.

Líder carismático — O êxito do Projeto *Luz na Amazônia*, durante quase meio século, deve ser creditado em grande parte ao trabalho eficiente e inspirador do fundador, o Rev. João Batista da Silva. Seu amor ao próximo, simpatia, consagração e carisma tornaram o Rev. João Batista um dos líderes cristãos mais queridos da região e consolidaram o prestígio da SBB na região Norte do País. Em suas mãos, o Projeto tomou forma, cresceu e se solidificou, conquistando o apoio, a admiração e o respeito do povo da Amazônia.

Morte prematura — Vítima de um ataque cardíaco, o Rev. João Batista da Silva morreu prematuramente, com pouco mais de 50 anos de idade, surpreendendo seus parentes e amigos que estavam acostumados a vê-lo sempre alegre, dinâmico e cheio de vida e mais preocupado com a saúde dos outros do que com a sua. Em seu funeral, realizado no templo da Igreja Presbiteriana Central de Belém, compareceram representantes da Assembleia Legislativa do Estado e de todas as denominações cristãs. Mas o que mais impressionou as pessoas que ali estiveram foi a multidão de ribeirinhos, moradores de regiões distantes, que vieram remando em seus barquinhos, durante horas, para se despedirem do querido pastor e amigo. O Rev. Ewaldo Alves, Secretário-Geral da SBB na época, resumiu assim os sentimentos da Comunidade evangélica sobre a partida do Rev. João Batista da Silva:

Resta-nos agora a saudade de um homem de quem poderíamos dizer, resumidamente que, foi grande na bondade, na amizade e no sentimento cristão para com todos aqueles que o rodearam. Na pessoa de João Batista da Silva, podemos afirmar, sem receio de qualquer exagero, que pelos rios da Amazônia Jesus andou fazendo o bem.

[9]

6. Crise e superação

1975-1976

A crise no Brasil — Em 1975, a Sociedade Bíblica do Brasil viveu uma grave crise financeira, ocasionada pela depressão econômica no País e por dificuldades de ordem administrativa. A crise do petróleo, iniciada no Brasil em 1973, agravou-se em 1974 e 1975. Em 1975, a inflação nacional subiu 34,5% durante o ano, e o poder aquisitivo da população brasileira teve uma grande queda. Com isso, aumentou o desemprego, as vendas caíram durante todo o ano, e o comércio entrou em crise.

A crise da SBB — A SBB, que já não vinha bem desde 1973, não resistiu a essa conjuntura econômica desfavorável e entrou em uma grave crise financeira. As vendas e

as ofertas nacionais continuaram a cair, as despesas aumentaram, e a SBB, sem reservas para enfrentar essa situação de emergência, ficou sem condições de saldar seus compromissos. Houve atraso de vários meses no pagamento dos fornecedores e também no pagamento do salário dos empregados. Nessa situação, a SBB recorreu a empréstimos bancários. E, quando ela perdeu o crédito por atraso no pagamento dos empréstimos, teve de oferecer como garantia hipotecária seu Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro. Esgotadas as possibilidades de um novo empréstimo bancário, o Secretário-Geral da SBB, Rev. Ewaldo Alves, viajou para Nova Iorque e solicitou à Sociedade Bíblica Americana (SBA) um adiantamento da ajuda financeira que a SBB iria receber, no ano seguinte, das Sociedades Bíblicas Unidas. A SBA compreendeu a situação aflitiva da SBB e atendeu o pedido. O adiantamento, no valor de 214 mil dólares, recebido, no final de 1975, das mãos do Sr. Charles Baas, Tesoureiro da SBA, foi destinado ao pagamento das contas mais urgentes da SBB. Porém não foi suficiente para saldar todos os compromissos financeiros referentes ao exercício de 1975.

Medidas de emergência — Nessa época, eu estava coordenando o Projeto de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje* e havia terminado o curso de Pós-Graduação em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas. E foi com surpresa que recebi da Diretoria o convite para dirigir o recém-criado Departamento de Planejamento da SBB. Aceitei o desafio e, em novembro de 1975, preparei um plano de emergência que consistia na renegociação das dívidas, redução das despesas, retomada da produção de Escrituras, promoção de vendas, aumento das contribuições e equilíbrio do fluxo de caixa. O objetivo do plano era recuperar as finanças da SBB e reunir recursos para pagar, sem ajuda do Exterior, o empréstimo bancário contraído com garantia do Edifício da Bíblia. Esse plano foi aprovado pela Diretoria em dezembro de 1975 e começou imediatamente a ser posto em prática.

A redução das despesas — A primeira decisão importante tomada pela SBB, em janeiro de 1976, foi transferir a Sede Nacional do Rio de Janeiro para Brasília. O propósito principal dessa mudança era liberar parte do Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro para locação e criar condições para a redução do número de empregados, que estava muito elevado. A Sede Nacional foi transferida para Brasília no início de 1976, e foram convidados para trabalharem em Brasília apenas os melhores funcionários. Houve grande redução na quantidade de empregados não apenas na Sede, mas também nas Secretarias Regionais. O número de funcionários da SBB no Brasil foi reduzido de 100 para 60 pessoas.

A produção — Para tornar possível a retomada da produção de Escrituras, paralisada por falta de crédito, foram feitas as seguintes negociações com os fornecedores: o prazo de pagamento das dívidas de curto e médio prazo foi prorrogado; o prazo de pagamento das futuras compras de papel foi estendido de 60 para 180 dias; e o prazo de pagamento das Gráficas foi prolongado de 60 para 120 dias. Com isso, a produção de Bíblias e de Novos Testamentos foi retomada, e, em poucos meses, a SBB voltou a dispor de um estoque de Escrituras suficiente para atender os pedidos recebidos.

A distribuição — A demanda de Escrituras, especialmente de Bíblias populares, estava reprimida desde 1973 por falta de Escrituras. Com a normalização da produção e o aumento do estoque em quantidade e variedade, a venda cresceu rapidamente. Na metade

do ano de 1976, a SBB já havia vendido mais Bíblias do que em todo o ano anterior. Além disso, foi realizado durante o ano um importante lançamento: a publicação da primeira edição da Grande Concordância Bíblica, que já estava pronta há cinco anos. Para financiar o lançamento, toda a edição de dez mil exemplares foi vendida e recebida antecipadamente.

A arrecadação — A SBB lançou também, em fevereiro de 1976, uma campanha nacional de levantamento de fundos para pagar a hipoteca do Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, que havia sido parcelada até dezembro de 1977. O apelo para salvar o Edifício da Bíblia sensibilizou as Igrejas evangélicas, e a campanha superou as expectativas.

A superação da crise — No decorrer do ano de 1976, as despesas da SBB foram reduzidas ao mínimo, as vendas e a arrecadação dobraram, e a SBB teve um grande superávit. Com isso, o pagamento aos fornecedores e funcionários foi posto em dia, e a distribuição de Bíblias, que havia sido de 189 mil em 1975, subiu para 291 mil em 1976.

Em 1977, a distribuição de Bíblias aumentou para 373 mil exemplares, e as parcelas de pagamento do empréstimo com garantia hipotecária do Edifício da Bíblia foram pagas em dia até o final. Após essa crise, a SBB iniciou um longo período de desenvolvimento sustentado, que se estendeu até os dias atuais.

No dia 31 de dezembro de 1977, o então Diretor da SBB, Pr. Enéas Tognini, enviou a seguinte carta ao Rev. Ewaldo Alves, Secretário-Geral da SBB, manifestando sua alegria pelo pagamento da última promissória da hipoteca do Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro:

Foi com júbilo no coração que recebi a cópia da última promissória da dívida que pesava sobre a nossa amada SBB. Foi paga. Deus abençoou e nos deu a vitória. Aleluia! Podemos repetir “Ebenézer”, isto é, “Até aqui nos ajudou o Senhor” (1Sm 7.12). Já pus joelhos em terra para agradecer ao Senhor tão grande bênção. Deus é realmente bom, e a sua bondade vai de geração em geração. Dou graças a Deus e a todos os companheiros da SBB pela fidelidade com que se houveram diante de compromisso tão grande como era esse da hipoteca do Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro. [10]

7. Os monumentos e praças da Bíblia

1976

O primeiro monumento — Quando, em 1976, na bela cidade de Marília, no interior de São Paulo, situada a quase 400 km de São Paulo, foi inaugurado o primeiro monumento à Bíblia, mal sabiam seus idealizadores que estavam lançando uma nova moda. Logo, outras cidades adeririam à ideia, e os monumentos bíblicos foram aparecendo em diversas regiões do País, cada um com o seu estilo e com a sua mensagem. Todos os monumentos foram recebidos com muita alegria pela comunidade evangélica, que os aplaudiu em memoráveis cerimônias de inauguração. Através desses monumentos, a Bíblia tornou-se mais conhecida e respeitada pela população dessas cidades.

A ideia ultrapassou as fronteiras do Brasil. Alguns países da América do Sul, como o Paraguai, o Uruguai, o Chile e a Argentina, resolveram construir também seus monumentos à Bíblia. Na Checoslováquia, apesar das restrições do comunismo dominante

na época, a família de João Slonka construiu um monumento à Bíblia no único local possível: no túmulo da família. Eles solicitaram à SBB fotos dos monumentos construídos no Brasil e ergueram no cemitério de sua cidade um monumento à Bíblia semelhante aos construídos no Brasil.

Multiplicam-se os monumentos — Em 2006, existiam mais de 200 monumentos à Bíblia erguidos em quase todos os Estados do Brasil. Muitos deles foram financiados pelos municípios, através de leis aprovadas pelas Câmaras de Vereadores e construídos pelos prefeitos. Outros foram construídos pela comunidade através de campanhas, sendo as despesas rateadas entre igrejas, entidades e amigos da Causa Bíblica. [11]

As praças da Bíblia — Construídos os monumentos, que passaram a marcar os locais que lhes foram cedidos pela municipalidade, surgiu naturalmente a ideia das praças da Bíblia. Em algumas cidades, as praças da Bíblia nasceram antes da construção do monumento, quando o local foi escolhido. Algumas praças da Bíblia são muito bonitas. Entre elas estão, certamente, a Praça da Bíblia da estância hidromineral de São Pedro, SP, e a de Porto Ferreira, na região de Ribeirão Preto.

O monumento roubado — No dia 5 de janeiro de 1978, o Jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, RS, publicou esta curiosa e lamentável notícia:

Ao ensejo da recente passagem do Dia da Bíblia, foi inaugurado na cidade de Uruguiana, RS, em um canto da Praça Barão do Rio Branco, um monumento à Bíblia. Bonito e singelo, representando uma concha gigante, com uma “pérola”, no caso um globo de vidro, com uma Bíblia de verdade aberta dentro dele. Mas o inusitado — e quase incrível — ocorreu pouco mais de uma semana depois, três ou quatro dias antes do Natal. Vândalos roubaram a “pérola”, ou seja, o globo de vidro com a Bíblia dentro, ficando a concha vazia no seu pedestal. Não respeitaram nem o Livro Sagrado. [12]

8. Os Sócios Intercessores

1979

Mateus 9.38 — Em 1979, o Rev. Benedito Natal Quintanilha, Secretário da Sociedade Bíblica do Brasil, estava orando, quando vieram à sua mente as palavras de Jesus: “*Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara*” (Mt 9.38). Sentindo que aquela era uma mensagem de Deus para ele, o Rev. Quintanilha tomou a decisão de fazer alguma coisa para despertar as pessoas a orarem em favor da Obra de evangelização no Brasil e no mundo.

Milhares de intercessores — Depois de consultar colegas e amigos, ele resolveu criar um grupo de intercessores para orar em favor da Obra de evangelização não apenas no Brasil, mas também em todo o mundo. Esse grupo acompanharia com suas orações os obreiros, missionários e evangelistas que estavam cumprindo a ordem de Jesus dada a seus discípulos em Mt 28.19a: “*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações.*” Assim, surgiu o Projeto *Sócios Intercessores*, que foi recebendo adesões através dos anos, até chegar a catorze mil sócios.

Precioso legado — Após a sua aposentadoria em 1982, o Rev. Benedito Natal

Quintanilha abriu um escritório em São Paulo para dedicar-se exclusivamente ao desenvolvimento do Projeto Sócio Intercessor. Durante 19 anos, ele trabalhou em seu escritório arregimentando novos *sócios intercessores*. O Rev. Quintanilha, que nasceu no dia de Natal de 1909, faleceu na Semana Santa de 2001, deixando às gerações futuras mais esse precioso legado.

Calendário de Oração — O *sócio intercessor* assume o compromisso de orar todos os dias em favor da Obra bíblica e, para isso, recebe anualmente da SBB o livrete *Calendário de Oração*, com motivos de oração para cada dia do ano. Esse calendário contém informações sobre o trabalho realizado pelas Sociedades Bíblicas em mais de duzentos países e pedidos de oração para cada país. A SBB envia gratuitamente o *Calendário de Oração* aos *sócios intercessores*. O único compromisso que eles assumem com a SBB é o de orar diariamente em favor da Obra de divulgação da Bíblia no Brasil e no mundo. [13]

9. As igrejas adotam as Seleções Bíblicas

1970-1979

Na década de 70, a distribuição de Bíblias aumentou 15% em relação à década de 60, e a circulação de Novos Testamentos teve um crescimento de 39%. A circulação de Porções Bíblicas caiu, e aumentou muito a distribuição de Seleções Bíblicas porque as igrejas resolveram trocar as Porções por Seleções Bíblicas, por serem estas mais econômicas e igualmente eficientes no trabalho de evangelização.

DÉCADA DE 1970					
ANO	BÍBLIAS	TESTAM.	PORÇÕES	SELEÇÕES	TOTAL
1971	187.115	92.673	705.679	6.512.306	7.497.773
1972	144.556	95.426	1.495.949	5.702.724	7.438.655
1973	172.831	147.151	1.263.931	6.182.261	7.766.174
1974	195.662	168.466	39.241	6.591.061	6.994.430
1975	189.005	57.682	47.945	14.090.284	14.384.916
1976	291.736	103.211	791.968	18.157.293	19.344.208
1977	373.447	130.953	1.485.878	24.895.118	26.885.396
1978	441.528	139.303	1.591.930	43.121.826	45.294.587
1979	515.340	132.706	1.898.107	54.785.878	57.332.031
1980	469.665	104.460	680.286	42.769.820	44.024.231
1971-1980	2.980.885	1.172.031	10.000.914	222.808.571	236.962.401
1961-1970	2.599.221	840.900	41.143.142	7.412.465	51.995.728
DIFERENÇA	15%	39%	-76%	2906%	356%

10. A Seleção Bíblica lida na prisão

1975

No início da década de 70, a distribuição anual de Bíblias realizada pela SBB era de 187 mil exemplares e, no final da década, havia subido para 469 mil. Na década de 70, foram distribuídos mais de 200 milhões de Seleções Bíblicas, e muitos dos seus leitores foram alcançados pelo poder transformador da Palavra de Deus e passaram viver uma nova vida em Cristo. Foi o que aconteceu, em 1975, com o Sr. Luís Fernando da Silva, que contou assim sua experiência à Revista *A Bíblia no Brasil*:

Em 1972, eu caminhava pela Avenida Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, quando, à altura do bairro de Bonsucesso, uma jovem me entregou uma Seleção Bíblica publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, que continha o Salmo 23. Para não ser indelicado, eu guardei o folheto na carteira e não li.

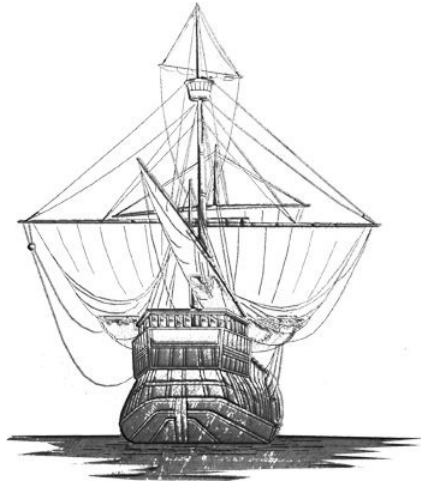
Três anos depois, no dia 29 de agosto de 1975, após cometer um pequeno delito, fui preso e lançado numa cela pequena e imunda. No primeiro dia de prisão, revoltado, eu decidi que, quando saísse dali, me tornaria um criminoso.

Porém, no meu terceiro dia na prisão, comecei a sentir alguma coisa diferente. Normalmente, meus cinco companheiros de cela iam dormir antes das dez horas da noite. Naquele dia, inexplicavelmente, às seis horas da tarde, todos já estavam

dormindo. Comecei, então, a pensar em meu estado miserável. De repente, me lembrei daquele folheto guardado em minha carteira há três anos. Peguei a carteira, encontrei vários papéis, e, entre eles, lá estava aquela Seleção Bíblica esquecida. Então, li várias vezes o Salmo 23. À medida que eu lia e meditava sobre a mensagem daquelas palavras, minha consciência foi despertada, eu me arrependi dos meus pecados e resolvi mudar de vida e seguir a Jesus. Naqueles momentos, chorei de felicidade, e meu coração foi inundado pelo amor de Cristo. Naquela noite, eu nasci de novo para uma vida nova e recebi o chamado de Deus para o Ministério Sagrado.

Duas semanas depois, fui julgado e libertado. Isso aconteceu porque o Juiz dos juízes já me havia perdoado e me libertado. Ao sair da prisão, eu era um novo homem. Em 1976, matriculei-me no Seminário Teológico Betel e, no ano seguinte, me transferi para o Seminário Unido, onde me formei em 1979. [14]

CAPÍTULO XII



O NOVO TESTAMENTO NA LINGUAGEM DE HOJE

1966-1973

1. O Seminário de Tradução no Rio de Janeiro

1966

Seminário em 1966 — O projeto de tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje* começou em 1966, quando as Sociedades Bíblicas Unidas promoveram no Brasil o Seminário de Tradução da Bíblia em Linguagem Corrente. Esse Seminário, realizado de 9 a 14 de junho de 1966, no Rio de Janeiro, teve como preletores os Consultores de Tradução da Sociedade Bíblica Americana, Dr. Jacob Loewen e Dr. William L. Wonderley. O Seminário contou com a presença de líderes evangélicos interessados em apoiar um projeto de tradução da Bíblia em português moderno.

Tradução em português — Nesse Seminário, ficou definido que, a exemplo do que estava sendo feito em espanhol, inglês e francês, a SBB promoveria também, com o apoio técnico e financeiro das Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs), um projeto de tradução da Bíblia em português moderno. Essa nova tradução não substituiria as traduções existentes na época, usadas pelos evangélicos do Brasil, mas seria uma nova tradução destinada aos novos leitores brasileiros e ao uso das igrejas no trabalho de evangelização.

Projeto aprovado — A proposta de uma tradução da Bíblia em linguagem moderna, lançada pelo Seminário de Tradução, foi aprovada pela Diretoria da SBB, que me nomeou Coordenador do projeto. [1]

2. Os princípios de tradução do TLH

1966

No Seminário de Tradução realizado no Rio e Janeiro, foram estabelecidos os seguintes princípios básicos de tradução para preparação de uma tradução do Novo Testamento para o português moderno e fácil de entender no Brasil:

1. A tradução seria feita diretamente do grego e fiel ao sentido do texto original;
2. Seria adotado como base para a tradução o texto grego de Nestle, usado pela SBB na Versão Revista e Atualizada de Almeida;
3. Seriam consultadas outras traduções em linguagem moderna feitas em espanhol, inglês e francês;
4. Sempre que possível, seria dada preferência ao ponto de vista exegético adotado na Versão Revista e Atualizada de Almeida;
5. A linguagem seria gramaticalmente correta, simples o suficiente para ser entendida pelos recém-alfabetizados e em estilo contemporâneo e agradável para ser usada também pelos estudantes universitários;
6. A linguagem seria simples, mas sem quaisquer tipos de gíria;
7. A tradução não seria destinada ao uso litúrgico na igreja, mas à evangelização das pessoas que não frequentavam as igrejas;

8. Para alcançar os novos leitores, seria adotada de preferência a linguagem falada no Brasil, mais simples do que a escrita;
9. Seriam evitados regionalismos;
10. A tradução não seria feita literalmente do grego. Seriam usadas as formas e expressões de linguagem usadas no idioma receptor, ou seja, no português falado no Brasil;
11. Considerando que o sentido da mensagem é mais importante do que a forma de linguagem, seria usado na tradução o princípio de equivalência dinâmica e não o de identidade formal;
12. Sempre que possível, seria mantido o estilo adotado nos textos originais, desde que não fosse prejudicado o entendimento da mensagem;
13. Em caso de dúvida, seria preferida a alternativa mais natural e expressiva;
14. Se o idioma receptor tivesse um estilo próprio para a mensagem traduzida, esse estilo teria preferência;
15. Seria dada preferência à concordância contextual à concordância verbal;
16. Seriam evitadas frases intercaladas;
17. As palavras de conteúdo teológico pouco conhecidas seriam substituídas por frases explicativas;
18. Sempre que possível, seria evitada a ambiguidade;
19. Na construção das frases, seria usada de preferência a ordem direta e natural;
20. Seriam usados na tradução os tratamentos “senhor” e “você”, em lugar dos tratamentos “vós” e “tu”, usados nas Versões tradicionais da Bíblia em português.

Mais tarde, a Comissão de Tradução adotou o novo título *O Novo Testamento na Linguagem de Hoje* (TLH), em lugar de *O Novo Testamento em Linguagem Corrente*, para essa tradução feita no Brasil. O título *O Novo Testamento em Linguagem Corrente*, proposto nesse Seminário, foi adotado depois pela Sociedade Bíblica de Portugal para a tradução em equivalência dinâmica do Novo Testamento feita na linguagem falada naquele país.

3. A escolha do tradutor

1967

Convidados — Na semana de 25 de agosto a 2 de setembro de 1966, foi realizada em São Paulo uma reunião com a presença do Secretário de Tradução das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), Dr. William L. Wonderley, o Coordenador do Projeto e mais os seguintes convidados: Rev. Anísio Saldiba, da Igreja Metodista; Prof. João Pereira da Silva, da Assembleia de Deus; Rev. Sabatini Lalli, da Igreja Presbiteriana; Rev. Robert Meader, do Instituto Bíblico de Verão; Rev. Sérgio Paulo Freddi, da Igreja Presbiteriana Independente; Pr. Tiago Lima, da Igreja Batista; e Sra. Yolanda Anversa da Silva, da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Primeiros testes — Do dia 25 a 27 de agosto, o Dr. William L. Wonderley falou a respeito da nova tradução do Novo Testamento que a SBB pretendia fazer, os princípios e as normas que seriam adotados e apresentou exemplos de tradução em linguagem moderna em espanhol e inglês. De 29 de agosto a 2 de setembro, o grupo fez exercícios práticos de tradução sob a orientação do Dr. Wonderley. Terminadas as reuniões, foram

selecionadas, dentre os participantes da reunião, três pessoas para fazerem um teste para escolha do nome do tradutor. Os nomes escolhidos foram: Rev. Sabatini Lalli, Rev. Sérgio Paulo Freddi e Pr. Tiago Lima.

Primeira tentativa — A esses três candidatos foi dada a tarefa de traduzir, em linguagem moderna, até o dia 15 de novembro de 1966, os três primeiros capítulos do Evangelho de Marcos e os capítulos 2 e 15 do Evangelho de Lucas. Em novembro, as provas de tradução recebidas dos candidatos foram encaminhadas ao Dr. Wonderley, nos Estados Unidos, que, depois de examiná-las, escolheu para Tradutor o Rev. Sabatini Lalli.

Em 1967, o Rev. Sabatini Lalli trabalhou na tradução de base dos livros do Novo Testamento. Porém seu trabalho de tradução não foi aprovado pelos Consultores de tradução das Sociedades Bíblicas Unidas.

Segunda tentativa — Em 1968, a SBB fez uma seleção para escolha de um novo Tradutor de Base do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* (TLH). As provas escritas foram examinadas pelo Consultor de Tradução das Sociedades Bíblicas Unidas, Dr. Robert G. Bratcher, pastor batista nascido no Brasil, especialista em grego, que havia feito a tradução do Novo Testamento para o inglês “Good News for Modern Man” e colaborado com a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), na década de 50, na revisão da tradução de João Ferreira de Almeida. O candidato selecionado para Tradutor de Base do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foi o Rev. Oswaldo Alves, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Em 1968, o Rev. Oswaldo Alves iniciou a tradução de Base do Evangelho de Marcos.

4. O trabalho da Comissão de Tradução 1967-1973

A Comissão de Tradução — A Comissão de Tradução organizada em 1968 ficou assim constituída: Rev. Oswaldo Alves, Tradutor de Base; Dr. Robert G. Bratcher, Revisor de Grego e Português, Dr. Paul Schelp, Revisor de Grego; Rev. Antônio de Campos Gonçalves, Revisor Gramatical; e eu, Revisor de Linguagem e Coordenador do Projeto. O nome escolhido para a nova tradução da Bíblia em português foi *Tradução na Linguagem de Hoje* (TLH). Em 1972, o Dr. Paul Schelp teve de interromper sua colaboração por motivo de saúde, vindo a falecer antes do lançamento do NTLH.[2]

Consultores e texto grego — A tradução da TLH contou também com a importante colaboração de Consultores de Linguagem em diversos Estados do Brasil, que ajudaram a Comissão a evitar regionalismos. Em 1967, quando iniciou o trabalho, a Comissão de Tradução adotou o texto grego de Nestle. Em 1970, ele foi substituído pelo texto grego das Sociedades Bíblicas Unidas, *The Greek New Testament*, Segunda Edição, 1970.

Equivalência dinâmica — A Comissão procurou seguir rigorosamente os princípios de equivalência dinâmica. Considerando que todos os idiomas estão em mudança constante e que a mensagem bíblica é permanente, esses princípios de tradução preconizam que não se deve traduzir literalmente as palavras, mas descobrir a mensagem que elas tinham para os leitores da época em que os livros foram escritos e transmiti-la para os leitores de hoje.

A Comissão Católica — Em 1974, a *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*

(CNBB) nomeou uma Comissão de especialistas para examinar o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* (TLH) e dar seu parecer sobre sua fidelidade aos textos originais. Essa Comissão examinou a TLH e deu parecer favorável ao seu uso pelos católicos de língua portuguesa.

5. Um chamado de Deus

1961

A partir de 1968, o Dr. Robert G. Bratcher passou a cooperar permanentemente com o projeto de tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* (TLH). Brasileiro, filho de missionários norte-americanos, fluente em português, mas morando nos Estados Unidos, ele recebia cópia da tradução de base feita pelo tradutor, fazia sua revisão e comentários e visitava periodicamente o Brasil para participar das reuniões da Comissão de Tradução. Seus conhecimentos de grego, de português e de linguística, aliados à sua experiência como tradutor do Novo Testamento para o inglês popular, foram fundamentais para o êxito do projeto da SBB de tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*.

Em artigo para a Revista *A Bíblia no Brasil*, o Pr. Werner Kaschel, tradutor da SBB, contou como o Dr. Robert G. Bratcher foi convidado, em 1961, para trabalhar no projeto pioneiro de tradução do Novo Testamento em inglês moderno (*Good News for Modern Man*):

No dia 14 novembro de 1961, o Pr. M. Wendell Bellew, da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, escreveu ao Dr. Eugene Nida, da Sociedade Bíblica Americana, que, ao trabalhar com recém-alfabetizados e com grupos de fala estrangeira nos Estados Unidos, sentiu a necessidade de ter as Escrituras “traduzidas ao nível do quarto ano primário.” No dia 29 de novembro de 1961, o Dr. Nida enviou ao Dr. Robert G. Bratcher um memorando nestes termos: “Aqui está outro serviço para você. Você gostaria de servir a Convenção Batista do Sul dando-lhe um bom Novo Testamento em inglês simples?” O Dr. Bratcher, brasileiro, nascido em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, foi o homem que Deus preparou para a Obra da tradução do Novo Testamento na linguagem do povo. Profundo conhecedor da língua grega e da literatura do Novo Testamento, ele delineou os princípios desse tipo de tradução e se entregou com invulgar dedicação à tarefa da tradução, que foi completada em 1973. [3]

6. O lançamento do TLH

1973

O Evangelho de Marcos — Em 1969, a SBB publicou sua primeira Porção Bíblica na Linguagem de Hoje, intitulada *Boas-Novas para Você*, contendo o Evangelho de Marcos, impresso com letras grandes e com ilustrações a traço de Annie Vallotton.

Evangelho de João — Em 1972, a SBB lançou sua segunda publicação na Linguagem de Hoje, a Porção *Mensagem de Deus para Você*, contendo o Evangelho de João. [4]

A 1ª Edição da TLH — O *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foi lançado pela Sociedade Bíblica do Brasil no dia 12 de junho de 1973, em comemoração ao seu Jubileu

de Prata. A 1ª Edição, com uma tiragem de duzentos mil exemplares, foi impressa em formato de bolso, com introdução em cada livro, dicionário, mapas e duzentas ilustrações a traço de Annie Vallotton, em dois modelos de capas coloridas e plastificadas.

Recomendação da CNBB — Em 1975, a SBB lançou também uma Edição do TLH com a seguinte recomendação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB):

Pela Comissão Episcopal de Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, aprovamos o uso desta edição de “A Bíblia na Linguagem de Hoje — o Novo Testamento” por todos os católicos de língua portuguesa.

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1975.

Dom Mário Teixeira Gurgel, SDS, Bispo de Itabira, responsável pelo Setor de Diálogo Religioso da CNBB.

7. O Novo Testamento na Linguagem de Hoje é sucesso de vendas 1974

Edição esgotada — A 1ª Edição de duzentos mil exemplares esgotou-se rapidamente. Dois meses depois do lançamento, a SBB providenciou uma nova tiragem para atender a grande demanda. As principais razões da boa aceitação da nova tradução foram: clareza, simplicidade, fidelidade ao texto original, o estilo de linguagem fluente e agradável, as frases curtas, os diálogos, o tratamento “você” e “você” e as ilustrações simples e modernas para a época. Essas características inovadoras do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foram bem recebidas pelos leitores mais jovens e acolhidas com muitas reservas pelos leitores mais idosos.

Em outras línguas — O *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* repetiu no Brasil o sucesso das traduções em linguagem popular lançadas pelas Sociedades Bíblicas Unidas em outras línguas. Da tradução em espanhol, *Dios Habla Hoy*, a primeira a ser lançada, em poucos anos foram vendidos mais de 4 milhões de exemplares. Da tradução em inglês, *Good News for Modern Man*, foram vendidos em cinco anos, 40 milhões de exemplares. [5]

8. A reação à nova tradução 1973-1974

Igrejas históricas — A tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foi bem recebida pelas denominações evangélicas históricas em geral. A Igreja Metodista, a Igreja Presbiteriana Independente, a Igreja Luterana e a Igreja Episcopal saudaram a chegada da nova tradução da Bíblia. O Bispo Primaz Arthur R. Kratz, da Igreja Episcopal, declarou:

Considero a edição do Novo Testamento, tradução na linguagem de hoje, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil, um verdadeiro marco na história do trabalho glorioso e fecundo de produção e distribuição das Sagradas Escrituras em nossa Pátria. [6]

Igreja Católica — A Igreja Católica recebeu com entusiasmo o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*. O pastor da Igreja Batista Rev. José Tavares de Souza, em artigo

escrito para a Revista *A Bíblia no Brasil*, contou que havia ouvido o seguinte elogio de uma autoridade católica:

Em uma cerimônia realizada em minha cidade, o arcebispo católico leu alguns trechos do Novo Testamento na Linguagem de Hoje. Após a reunião, ele me disse: “É excelente esta nova edição do Novo Testamento.” [7]

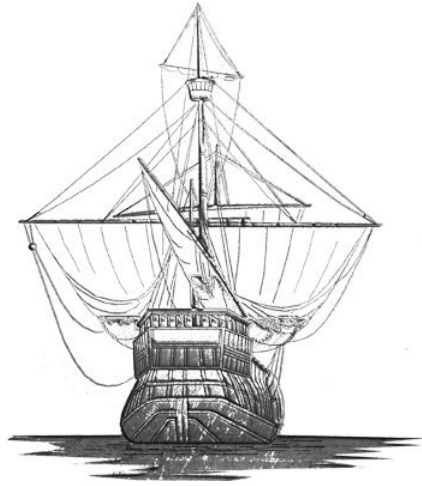
Igrejas pentecostais — As Igrejas pentecostais não mostraram muito entusiasmo pela nova tradução, mas alguns de seus líderes reconheceram a sua importância para a Obra de evangelização. A Sra. Zélia Brito Macalão, líder da Assembleia de Deus, afirmou:

A SBB, no seu objetivo de “dar a Bíblia à Pátria”, tem procurado alcançar o povo na sua evolução e, em boa hora, lançou o Novo Testamento, tradução na Linguagem de Hoje. Traduzindo fielmente o sentido da mensagem e não somente as palavras, o TLH tem alcançado o povo onde ele está, conseguindo transformar pessoas indiferentes ao evangelho em leitores assíduos da Palavra de Deus, nesse estilo simples e claro. [8]

Presbiterianos e batistas — As maiores críticas à nova tradução vieram dos setores mais conservadores da Igreja Presbiteriana do Brasil e das Igrejas Batistas. A Igreja Presbiteriana do Brasil chegou a romper, durante algum tempo, suas relações com a SBB por causa da tradução. O lançamento do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* com a recomendação da Igreja Católica provocou severas críticas dos grupos evangélicos contrários ao ecumenismo.

A Segunda Edição — Em 1975, dois anos após o lançamento da 1ª Edição do TLH, a SBB lançou a Segunda Edição revisada, com incorporação ao texto das boas sugestões recebidas desde 1973. A Segunda Edição revisada da TLH foi bem recebida pela maioria dos evangélicos. Muitas pessoas que criticaram a 1ª Edição elogiaram as mudanças incorporadas na Segunda Edição.

CAPÍTULO XIII



LIDERANÇA NA DISTRIBUIÇÃO DE ESCRITURAS

1980-1989

1. O retorno da democracia

1981-1990

Política — Em 1983, começaram as manifestações populares em favor das eleições diretas para Presidente. Em 19 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito o primeiro Presidente civil do País, após 21 anos de ditadura militar. Mas ele faleceu antes de assumir o governo, e José Sarney foi efetivado no cargo de Presidente da República. Em 1985, Sarney lançou o *Plano Cruzado*. O Plano fracassou, e, em janeiro de 1989, foi lançado o Plano Verão, que também não teve sucesso. E o Governo Sarney terminou de forma decepcionante: com recessão econômica, especulação financeira e ameaça de hiperinflação. No final de 1989, Fernando Collor de Melo o substituiu na presidência.

Religião — Em 1980, a população brasileira era de 119 milhões de habitantes, e os evangélicos totalizavam 7 milhões e 900 mil, ou 6,6% da população. Desse total de evangélicos, 4 milhões (51%) pertenciam às Igrejas evangélicas históricas, e 3,9 (49%), às Igrejas pentecostais.

Em 1990, a população brasileira havia aumentado para 147 milhões de habitantes, e os evangélicos totalizavam 13 milhões, ou 9% da população nacional. Do total de evangélicos, 4 milhões (31%) pertenciam às Igrejas evangélicas históricas, e 9 milhões (69%), às Igrejas pentecostais. O número de evangélicos pentecostais ultrapassou o número de evangélicos históricos no início da década de 80. No final da década de 80, os pentecostais já representavam dois terços da população evangélica.

Na década de 80, surgiram duas novas Igrejas neopentecostais: a *Igreja Internacional da Graça de Deus* e a *Igreja Renascer em Cristo*.

O Missionário R. R. Soares — Em 1980, o Missionário R. R. Soares fundou, no município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, a Igreja Internacional da Graça de Deus. Em 2002, iniciou a transmissão da sua Rede Internacional de Televisão. A Igreja cresceu rapidamente e, em 2006, tinha mais de mil templos no Brasil e no Exterior. Ela adotou a Tradução de Almeida Revista e Atualizada e, em 2006, distribuiu mais de 200 mil exemplares da Bíblia. [1]

2. A Bíblia de Jerusalém

1981

Tradução dos originais — Em 1981, a Sociedade Bíblica Católica Internacional e a Editora Paulus lançaram no Brasil a 1ª Edição da Versão em português da *Bíblia de Jerusalém*. A Igreja Católica sempre relutou em aprovar a tradução da Bíblia diretamente dos originais. As traduções católicas da Bíblia eram feitas da *Vulgata Latina*. Em 1943, isso começou a mudar com a publicação da Encíclica do Papa Pio XII incentivando a preparação de traduções diretamente dos originais. Animado por essa Encíclica papal, o

Frei dominicano francês Thomas Georges Chiffhot solicitou à Ecole Biblique, famoso Instituto de pesquisa bíblica sediado em Jerusalém, uma nova tradução católica da Bíblia baseada nos originais grego, hebraico e aramaico.

Origens — A Escola Bíblica de Jerusalém é um antigo centro católico de pesquisa bíblica e arqueológica na Terra Santa. Foi fundada em 1890 pelo Padre Marie-Joseph Lagrange (1855-1938) no Convento dominicano de St-Étienne à Jérusalem, fundado em 1882, com o nome de Escola Prática de Estudos Bíblicos.

A Versão Francesa — A 1ª Edição da Versão francesa da *Bíblia de Jerusalém* foi publicada em 1956. Para o Antigo Testamento, foi usado como base o texto massorético, isto é, o texto hebraico estabelecido entre os séculos VII e IX por sábios judeus, que fixaram sua grafia e vocalização. Para o Novo Testamento, foi utilizado o texto preferido na época pela crítica textual. O valor da *Bíblia de Jerusalém* reside não apenas na boa qualidade da tradução, mas também na excelência de suas notas culturais e exegéticas, que passaram a servir de modelo para as traduções católicas da Bíblia que foram feitas depois.

A Versão em Português — A Bíblia de Jerusalém em português foi preparada por uma equipe de 16 tradutores e 16 revisores católicos e protestantes. Participaram da tradução três tradutores protestantes: o Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr., o Rev. Jorge César Mota e o Prof. Isaac Nicolau Salum. O Novo Testamento foi lançado no Brasil em 1976, e a Bíblia completa, em 1981. Uma nova Edição Revisada foi publicada no Brasil em 1985. Em 1998, foi publicada na França uma Edição ampliada da Bíblia de Jerusalém, que deu origem a uma nova Edição Revista e Atualizada dessa Bíblia no Brasil, publicada em 2002 pela Editora Paulus. Nos primeiros anos do século XXI, ela foi a Bíblia de edição católica mais vendida no Brasil. [2]

3. Aposenta-se o Rev. Quintanilha 1982

No dia 19 de janeiro de 1982, aposentou-se o Secretário Regional do Rio de Janeiro, Rev. Benedito Natal Quintanilha, após 26 anos de relevantes serviços prestados à Causa Bíblica no Brasil. Assumiu seu posto o pastor presbiteriano Rev. Jairo Gomes de Miranda.

Missionário na Bahia — O Rev. Benedito Natal Quintanilha nasceu no dia 25 de dezembro de 1909. Como pastor metodista, foi pioneiro da Obra missionária na Bahia. Quando foi convidado para trabalhar na SBB, ele era pastor da Igreja Metodista de Salvador, na capital da Bahia. Nessa época, era também Presidente da Comissão Regional Auxiliar de Salvador e havia sido representante da SBB nas suas duas primeiras Assembleias Gerais, realizadas em 1951 e 1954.

Secretário em São Paulo — Em 1956, o Rev. Quintanilha foi convidado para trabalhar na SBB e organizou sua Secretaria Regional em São Paulo, exercendo ali um longo e abençoado ministério. Sob sua liderança, a Obra de divulgação da Bíblia conquistou o apoio das igrejas e floresceu nos Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso.

Distribuição de Seleções — Entusiasta do trabalho de evangelização, ele lançou, na década de 60, a campanha de distribuição de Seleções Bíblicas denominada *Seja um Semeador*. Essa campanha divulgou o uso das Seleções Bíblicas no Brasil e deu origem,

na década de 80, ao Projeto Sócio Evangelizador, que levou a SBB a se tornar a primeira do mundo em distribuição de Escrituras.

Sócios intercessores — Outra grande contribuição do Rev. Quintanilha à divulgação da Bíblia foi a criação do Projeto *Sócio Intercessor*, um movimento que reúne milhares de pessoas para orar em favor da Obra bíblica. Os intercessores assumem o compromisso de orar pelo menos uma vez por dia em favor da Causa Bíblica no Brasil e no mundo.

Homem de oração — Depois de sua aposentadoria, em 1982, o Rev. Quintanilha abriu um escritório em São Paulo para dedicar-se ao desenvolvimento do Projeto *Sócios Intercessores*. Faleceu na Semana Santa de 2001, deixando um precioso legado de 14 mil *sócios intercessores* e um exemplo inspirador de amor a Deus e à Bíblia. [3]

4. As exposições da Bíblia

1982

Em São Paulo — Em 1982, a SBB realizou uma grande exposição de Bíblias na cidade de São Paulo, na Galeria Prestes Maia, no Viaduto do Chá, que foi visitada por 45 mil pessoas. Além do acervo da SBB, essa exposição contou com exemplares antigos da Bíblia cedidos pelos próprios visitantes. Foram exibidas moedas dos tempos bíblicos, Bíblias centenárias, fotografias e quadros das terras da Bíblia, a menor Bíblia do mundo e uma réplica da arca de Noé. Durante a exposição, foram apresentadas peças teatrais inspiradas em histórias da Bíblia.

Outras exposições — Antes do evento em São Paulo, a SBB já havia organizado exposições bíblicas em 26 cidades, entre elas, Taubaté, Cruzeiro, São José dos Campos, Campinas, Santos, Leme, Descalvado, Bauru, Sorocaba, Americana, Santo André, São Bernardo do Campo e Santo Amaro, todas no Estado de São Paulo, e também em Londrina, Curitiba e Maringá, no Estado do Paraná. Em Londrina, a EXPO-BÍBLIAS fez parte do projeto internacional Impacto Bíblico. Até o final de 1982, mais de 300 mil pessoas já haviam visitado as exposições de Bíblias raras e históricas ou EXPO-BÍBLIAS, promovidas em diversas cidades pela SBB. Além da cooperação da comunidade evangélica, as EXPO-BÍBLIAS tiveram a ajuda dos órgãos oficiais de cultura. [4]

5. O Dr. Clayton Rossi é eleito Presidente

1982

Dois mandatos — O Dr. João Baptista Clayton Rossi foi eleito Vice-Presidente da SBB pela 9ª Assembleia Geral realizada em Brasília, de 26 a 28 de julho de 1976. Com a renúncia do Presidente Dr. Aldo da Silva Fagundes, em 12 de agosto de 1980, ele assumiu o cargo de Presidente. Na 10ª Assembleia Geral da SBB, realizada em Brasília, no dia 25 de agosto de 1982, o Dr. João Baptista Clayton Rossi foi eleito Presidente da entidade para o período de 1982 a 1985.

Advogado e professor — O Dr. João Baptista Clayton Rossi, quinto Presidente da SBB, era membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Advogado, Procurador da República e professor de Direito Penal na Universidade de Brasília. Recebeu as seguintes condecorações do Governo brasileiro: Ordem do Mérito Judiciário Militar, Medalha do

Mérito Santos Dumont e Ordem do Mérito Militar.

Realizações — Durante o tempo em que o Dr. João Baptista Clayton Rossi foi Presidente, a SBB realizou exposições da Bíblia, criou a *Bíblia Personalizada*, lançou o projeto Sócio Evangelizador e iniciou a Produção de Bíblias em espanhol. [5]

6. A Bíblia Personalizada

1983

Como começou — A produção regular da *Bíblia Personalizada*, também chamada de *Bíblia de Afinidade*, começou em 1983, quando a Igreja Presbiteriana Independente solicitou à SBB uma Bíblia especial para comemorar seu 80º aniversário. A SBB produziu essa Bíblia comemorativa em dois modelos, uma com o símbolo da comemoração e outra com a foto da fachada do templo da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.

Sucesso — A possibilidade de as igrejas e organizações realizarem a distribuição da Bíblia e ao mesmo tempo promoverem eventos, como comemorações e campanhas, teve ótima acolhida no meio evangélico, e os pedidos para produção de *Bíblias Personalizadas* se multiplicaram. [6]

7. Aposenta-se Leonor Raeder

1983

No final do ano de 1983, aposentou-se a Assistente de Produção da Sociedade Bíblica do Brasil, Srta. Leonor Raeder, após 46 anos de relevantes serviços prestados às Sociedades Bíblicas no Brasil. Natural do Estado do Rio de Janeiro e neta de antigos imigrantes alemães residentes no município de Petrópolis, Leonor Raeder dedicou toda a sua vida às Sociedades Bíblicas.

Iniciou sua carreira em 1934, aos 21 anos, como secretária do Rev. Charles William Turner, Agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil. De 1948 a 1976, foi assistente de todos os Secretários-Gerais da SBB e, por diversas vezes, assumiu interinamente a direção da Secretaria-Geral da organização. Durante 21 anos, de 1958 a 1979, foi Redatora da Revista *A Bíblia no Brasil*, a publicação institucional da SBB.

Leonor Raeder conquistou o respeito dos seus colegas pela sua personalidade firme, eficiência, senso de organização e dedicação ao trabalho. Em entrevista dada à Revista *A Bíblia no Brasil*, em 1984, ela falou com entusiasmo a respeito de sua longa carreira na SBB:

Guardo as mais sublimes recordações de minha passagem pela SBB. Tivemos anos difíceis, mas sempre vencemos com a ajuda de Deus. Acho que o principal é o amor pela Causa da Bíblia e pelas pessoas. Quem trabalha não deve pensar somente no seu sustento. Isso é importante, sim, mas achar o sentido de missão no trabalho é fundamental. [7]

8. O Homem da Bíblia

1984

Os voluntários — A divulgação da Bíblia no Brasil tem sido realizada, em grande parte, através de voluntários. *Colportores, semeadores ou sócios evangelizadores*, não importam os nomes, eles têm dedicado seu precioso tempo e seus dons à missão de semear a Palavra de Deus, movidos unicamente pelo amor a Deus e ao próximo. Entre eles, merece menção especial o Sr. Benedito Escobar Bonilha, que, nas décadas de sessenta, setenta e oitenta tornou-se conhecido no Brasil como o *Homem da Bíblia*.

O Homem da Bíblia — Em maio de 1983, a Revista *A Bíblia no Brasil* publicou este artigo, escrito pelo Sr. Olympio Adorno Vassão, narrando a inspiradora experiência do Sr. Benedito Escobar Bonilha, que marcou o início de suas atividades como colporteur voluntário:

Tudo começou quando a Igreja Presbiteriana Unida promoveu, na década de 60, uma campanha para compra da propriedade onde seria fundada a Igreja Presbiteriana do Jardim das Oliveiras, em São Paulo. Dois líderes da igreja foram escolhidos para promoverem a campanha. Cada um deles formou sua equipe, e foi estabelecida uma disputa entre as duas equipes para saber qual delas conseguiria mais contribuições.

Terminada a campanha, a igreja resolveu prestar uma homenagem ao líder da equipe vencedora, o Sr. Benedito Escobar Bonilha. Como a homenagem seria feita justamente no dia do seu aniversário, foi encomendado para a festa um bolo para trezentas pessoas.

Quando os convidados chegaram à igreja, uma surpresa os aguardava. O bolo tinha o formato de um gigantesco livro e, sobre a cobertura de chocolate preto, estava escrito em glacê branco o nome BÍBLIA SAGRADA. Aconteceu que o gerente da confeitaria era amigo do Sr. Bonilha, sabia que ele gostava muito da Bíblia e resolveu fazer-lhe uma surpresa.

O Sr. Bonilha ficou muito emocionado com a homenagem, especialmente com a surpresa do bolo em formato de uma Bíblia. Por muitos dias, pensou naquela homenagem e chegou à conclusão de que ela continha um recado de Deus para ele. Em todo momento, vinha-lhe à mente a pergunta:

— O que será que Deus está querendo me dizer?

Essa dúvida permaneceu em sua mente durante a semana, tirando-lhe o sono. Mas, no culto de domingo, de manhã, a resposta veio de repente:

— Deus está me chamando para realizar uma importante missão. Ele quer que eu seja um instrumento seu para divulgar a Bíblia.

A certeza era tão grande, que ele logo estabeleceu um alvo: a distribuição de cinquenta mil exemplares.

No dia seguinte, segunda-feira de manhã, antes de ir ao seu escritório, passou pela Sociedade Bíblica do Brasil e, ali, comprou os primeiros dez exemplares. Assim que chegou ao escritório, reuniu seus companheiros de trabalho e lhes contou a decisão que havia tomado. Seu assistente duvidou de que ele conseguiria alcançar aquele alvo tão elevado, mas se ofereceu para registrar todas as vendas que ele fizesse.

A partir daquele dia, toda pessoa que entrava naquele escritório saía com um livro de

capa preta na mão.

Passado algum tempo, seu assistente lhe informou:

— O senhor sabe quantas Bíblias já distribuiu? Foram 35 mil. Eu retiro a minha dúvida, mas continuarei contando para ver até onde o senhor vai!

Os anos se passaram, e o Sr. Benedito Escobar Bonilha, já na década de 80, com mais de 70 anos de idade, passou a ser conhecido em grande parte do Brasil como O Homem da Bíblia. Calcula-se que ele ultrapassou a casa dos quinhentos mil exemplares distribuídos. No final de sua carreira abençoada, o total de Bíblias já não importava mais. O que ele queria mesmo era cumprir a missão que Deus lhe havia confiado, de divulgar a sua Palavra a tempo e a fora de tempo. [8]

9. O Sócio Evangelizador

1984

Seleções Bíblicas — A SBB começou a publicar Seleções Bíblicas em 1966. Esses folhetos bíblicos temáticos, apresentando assuntos atuais, títulos sugestivos, visual atraente e preços baixos, caíram no gosto do público. E, com o passar do tempo, passaram a ser o material de evangelização preferido dos crentes no Brasil. Nas décadas de sessenta e setenta, a SBB promoveu a distribuição de Seleções Bíblicas através da campanha *Seja um Semeador*, lançada pelo Rev. Quintanilha.

O Sócio Evangelizador — Em 1984, o Secretário Regional de Belém do Pará, Rev. Severino Lyra, e sua promotora, Lindinalva de Melo Wanderley, lançaram o Projeto *Sócio Evangelizador* na região Norte. A pessoa que se inscrevia como *sócio evangelizador* recebia mensalmente da SBB um pacote com mil Seleções Bíblicas. Ele assumia o compromisso de distribuir mensalmente as mil Seleções Bíblicas recebidas e de dar uma pequena contribuição para ajudar a pagar o seu custo. A ideia foi bem recebida em Belém, e a Secretaria Regional do Norte, que até 1983 distribuía pouco mais de um milhão de Seleções por ano, em 1987 elevou sua distribuição para 14 milhões anuais.

Rio de Janeiro — A segunda Secretaria Regional a adotar o Projeto foi a do Rio de Janeiro, em 1985. Repetiu-se ali o êxito na região Norte, mostrando que o plano funcionava também no Sul do País. No final de 1987, a Secretaria Regional do Rio de Janeiro já contava com sete mil *sócios evangelizadores* e havia distribuído 37 milhões de Seleções.

Projeto Nacional — A partir de 1986, o Projeto Sócio Evangelizador se estendeu ao País inteiro. No final de 1987, a Secretaria Regional do Recife já havia conseguido cinco mil voluntários e distribuído durante o ano 16 milhões de Seleções Bíblicas. A Regional de Brasília tinha, naquele ano, dois mil voluntários, e sua distribuição anual foi de 9 milhões de Seleções. Porto Alegre havia alistado 1.500 sócios evangelizadores, e sua distribuição anual de Seleções aumentou para 8 milhões de exemplares. E a Secretaria Regional de São Paulo, que foi a última a adotar o plano, havia chegado, em 1987, a seis mil voluntários e elevado sua distribuição anual para 30 milhões de Seleções.

Testemunho — Os *sócios evangelizadores* eram pessoas de diversas denominações, profissões variadas e diferentes idades. Em 1988, o saudoso pastor metodista Rev. Isnard

Rocha, conhecido escritor e ex-Diretor da SBB, enviou ao Secretário-Geral da SBB esta carta:

Durante muitos anos cooperei com a Sociedade Bíblica do Brasil como Diretor. Agora, aos 80 anos de idade, tenho o prazer de continuar a cooperar com ela como sócio evangelizador, atividade que desejo desempenhar até o final da minha vida.

Crescimento — Para oferecer novos modelos, a SBB passou a publicar, todos os anos, duas ou três novas séries de Seleções, cada uma com oito modelos diferentes. Em 2006, a SBB já havia publicado centenas de modelos diferentes. A partir do final dos anos 80, para reduzir o custo de produção das Seleções, as tiragens mínimas passaram a ser de 10 milhões de exemplares. O Projeto Sócio Evangelizador continuou a crescer ano a ano em todo o Brasil, e os resultados vieram: a circulação de Seleções Bíblicas, que era de 54 milhões anuais em 1983, chegou a 158 milhões em 2006. E, com isso, a Sociedade Bíblica do Brasil se tornou, a partir de 1986, a primeira do mundo em distribuição de Seleções e manteve essa liderança durante os 20 anos seguintes. [9]

10. A SBB tem novo Secretário-Geral

1984

Novo Secretário — Em novembro de 1984, a Diretoria da SBB me elegeu para o cargo de Secretário-Geral da entidade, para dividir com o Rev. Ewaldo Alves as funções da Secretaria-Geral. O Rev. Ewaldo Alves continuou a coordenar as áreas de recursos humanos e comunicação e cuidar das relações com a Diretoria da SBB e as Sociedades Bíblicas Unidas. E eu assumi a direção das áreas de tradução, produção, distribuição e finanças da SBB. Em nota publicada na Revista *A Bíblia no Brasil*, o Secretário-Geral, Rev. Ewaldo Alves, comunicou com palavras amáveis essa mudança ocorrida na direção administrativa da SBB:

Nascido em 24 de agosto de 1933, em Tapiratiba, SP, sua biografia, que não cabe nos limites destes comentários, é imensa em cursos e treinamentos sobre matérias administrativas, teológicas e filosóficas. Iniciou suas atividades na Sociedade Bíblica do Brasil realizando um treinamento de um ano, com sua esposa e grande coadjutora, Sra. Selma Júnia Vassão Giraldi, na cidade do México, no Instituto Francisco Penzotti. Administrador profissional pelo Conselho Federal de Técnicos de Administração de São Paulo, jornalista, redator auxiliar da Revista A Bíblia no Brasil, e autor do precioso livro Colportagem Bíblica, é mestre em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Além desses conhecimentos e experiência, o Rev. Luiz Antônio Giraldi tem coordenado, por muitos anos, a Comissão de Tradução da Bíblia na Linguagem de Hoje, traduzindo e aprimorando o estilo da Bíblia na língua portuguesa. Esse colega “polimorfo” tem conduzido por muitos anos os Departamentos de Produção, Finanças e Planejamento, desde os primórdios de sua colaboração com a Sociedade Bíblica do Brasil em 1957. Foi nossa honra tê-lo conosco como pastor adjunto na Igreja Presbiteriana Independente do Rio de Janeiro. Nós o saudamos com nossas boas-vindas para continuar o grande trabalho que vem realizando na Sociedade Bíblica do Brasil.

A SBB em Alphaville — Em 1985, instalei meu escritório em um edifício alugado na

Calçada das Magnólias, 37, no Centro Comercial de Alphaville, Barueri, na Grande São Paulo. Convidei para me ajudar em Alphaville, na área de produção de Escrituras, dois funcionários da Sede em Brasília, o Sr. Edgar Dias Carvalho e o Sr. Jessé Pereira da Silva. [10]

11. O Rev. Rodolfo Garcia Nogueira é eleito Presidente

1985

A 11ª Assembleia Geral da SBB, reunida em Brasília de 28 a 29 de agosto de 1985, elegeu para o cargo de Presidente da entidade o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, ministro da Igreja Episcopal do Brasil.

Hebraísta — O Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano de Campinas, foi professor de Hebraico, Grego e Filosofia Sacra no Seminário Episcopal. Participou, na década de 50, da Comissão Revisora da tradução de Almeida como especialista em hebraico e foi Presidente da Comissão Permanente de Revisão e Consulta da SBB desde a sua criação, no final da década de 50.

Período de transição — O Rev. Nogueira presidiu a SBB em um período de transição, durante o qual ocorreu a aposentadoria do antigo Secretário-Geral e a transferência da Sede da SBB para Alphaville. Homem bondoso, estudioso e bem-humorado; presidente sábio, corajoso e equilibrado, ele foi uma pessoa querida por todos.

Mandato abençoado — Durante seus seis anos de mandato, além da transferência da Sede, a SBB lançou *a Bíblia na Linguagem de Hoje*, publicou o Novo Testamento Bilíngue Português-Japonês, inaugurou o Edifício da Bíblia em Alphaville, montou sua primeira Encadernadora, inaugurou o barco *Luz na Amazônia II* e passou a ser a primeira do mundo em distribuição de Escrituras. [11]

12. Primeiro lugar em distribuição de Escrituras

1986

Primeira vez — Em 1986, aconteceu um fato inédito na história da Sociedade Bíblica do Brasil: pela primeira vez, durante seus 38 anos de existência, ela alcançou o primeiro lugar no mundo em distribuição de Escrituras (Bíblias e partes da Bíblia), superando Sociedades Bíblicas de países populosos, como Estados Unidos e Índia. Em 1986, a SBB distribuiu 109 milhões de Escrituras, ficando em segundo lugar a Sociedade Bíblica Americana, com 100 milhões de exemplares, e, em terceiro, a Sociedade Bíblica da Índia, com 92 milhões. A distribuição de Escrituras realizada no Brasil em 1986 foi maior que a distribuição somada de todos os outros países da América Latina. Em Bíblias, a SBB foi a terceira no mundo, com mais de um milhão de exemplares distribuídos no Brasil e 200 mil enviados para outros países.

Crescimento planejado — Essa distribuição recorde de Escrituras não foi ocasional. De 1964 a 1975, a distribuição da SBB permaneceu estável, na casa de 7 milhões de Escrituras, e a circulação de Bíblias foi reduzida à metade, chegando a menos de 200 mil exemplares por ano. Mas, a partir de 1976, a SBB pôs em prática um plano de expansão, visando maximizar sua distribuição, aproveitando seu grande potencial. Consolidou suas

finanças, investiu na produção de Escrituras, diversificou seus produtos, aumentou seus estoques, racionalizou sua política de preços e descontos, buscou novos mercados e passou a atuar agressivamente na promoção de venda de suas publicações. Os resultados surgiram rapidamente: um ano depois, sua distribuição duplicou e, nos anos seguintes, continuou a crescer de maneira firme e contínua. No período de dez anos, compreendidos entre 1976 e 1986, a Sociedade Bíblica do Brasil multiplicou por 15 sua distribuição de Escrituras e por cinco sua circulação de Bíblias. [12]

13. Aposenta-se o Rev. Ewaldo Alves

1987

Pastor e sociólogo — No dia 5 de junho de 1987, depois de 37 anos de relevantes serviços prestados à Causa Bíblica no Brasil e no mundo, aposentou-se o Secretário-Geral da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), Rev. Ewaldo Alves. Ele era bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da IPI, em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Licenciado em Filosofia e Pedagogia pela Universidade de São Paulo. Foi pastor da Igreja Metodista e da Igreja Presbiteriana Independente, jornalista, sociólogo e psicólogo, notável orador e um dos líderes evangélicos mais destacados no País no século XX.

Líder cristão — Como líder cristão, sua atuação se deu em diversas áreas de atividades: foi Presidente da Confederação Evangélica do Brasil, fundador da Liga Eleitoral Evangélica e do Centro de Diálogo entre Católicos e Protestantes, membro do Conselho Mundial de Igrejas, membro da Associação Brasileira de Imprensa e da Federação dos Sindicatos dos Jornalistas Profissionais.

Executivo eficiente — Quando o Rev. Ewaldo Alves foi eleito Secretário-Geral em 1950, a SBB era uma pequena Sociedade, com distribuição anual de apenas um milhão de Escrituras e detentora de um modesto patrimônio. Ao se aposentar, em 1987, deixou a seus sucessores uma Sociedade Bíblica forte, moderna e atuante, respeitada no Brasil e no Exterior, com distribuição anual de mais de 100 milhões de Escrituras e patrimônio superior a 4 milhões de dólares.

Redator — O Rev. Ewaldo foi Redator da Revista *A Bíblia no Brasil* de 1950 a 1987. Em artigo para essa Revista, ele narrou esta comovente experiência com a Bíblia, ocorrida no início do seu pastorado:

Pastor recém-formado, cheio de autoridade, eu fui chamado para officiar a cerimônia fúnebre de um dos membros de nossa pequena e querida Igreja do Ipiranga, na cidade de São Paulo.

Lá chegando, me aproximei do caixão e, para minha surpresa, vi sobre o corpo uma Bíblia velha e gasta pelo uso e pelo tempo e achei que era mais uma inovação, entre as muitas adotadas na época pelos crentes.

Perguntei à pessoa que estava cuidando do funeral:

— Por que puseram essa Bíblia sobre o corpo?

— Não sei não, pastor, respondeu ela.

Então, ordenei, com toda a autoridade de pastor jovem, de pouco mais de 20 anos:

— Tirem essa Bíblia do caixão! Não tem sentido uma Bíblia ser enterrada e destruída debaixo da terra! Isso é uma profanação da Palavra de Deus!

Imediatamente, aproximou-se de mim uma senhora idosa, com o rosto marcado pelo tempo e pelo sofrimento. Era a viúva, que havia perdido seu companheiro de tantos anos.

— Pastor, não deixe que tirem essa Bíblia daí, disse ela, com voz embargada.

— Por quê? Perguntei.

— Foi um pedido feito pelo meu marido antes de morrer, respondeu ela.

E continuou:

— Ele me disse: “Julieta, quando eu morrer, ponha aquela velha Bíblia, minha companheira de tantos anos, sobre o meu coração, pois eu prometi que ela estaria comigo até o fim! Você promete fazer isso, Julieta?” E eu prometi, pastor.

Olhei, emocionado, para aquela Bíblia velha e esmaecida pelos anos, enrugada e imóvel como o seu dono. Parecia que ela também pedia para ficar.

E, antes que eu respondesse que concordava, a viúva pegou as minhas mãos e agradeceu:

— Muito agradecida, pastor. Eu sabia que o senhor ia atender o pedido do meu marido.[13]

14. O Projeto 2000

1987

O projeto — Em 1987, logo após ter sido confirmado no cargo de Secretário-Geral da SBB, submeti à apreciação da Diretoria da SBB o *Projeto 2000*, que consistia no plano estratégico da SBB para os seguintes 13 anos. Esse Projeto estabelecia as metas e as diretrizes que seriam adotadas de maneira integrada por todos os Departamentos da SBB até o final do século.

As Metas — Três palavras norteariam as atividades da SBB naquele período: *Missão, Eficiência e Oração*. E todos os esforços seriam concentrados no sentido de tornar a SBB uma organização eficiente a serviço de sua Missão, sem fronteiras, de levar a Palavra de Deus a todos os povos.

E esse esforço seria feito com muita humildade e oração, na certeza de que aquela era uma missão divina e de que os objetivos propostos só seriam alcançados se a SBB contasse com a inspiração, o apoio e a direção de Deus.

Os objetivos do Projeto seriam aumentar a distribuição de Escrituras até o nível do pleno potencial da SBB, torná-la autossustentável, e transformá-la em Sociedade Bíblica contribuinte. Para execução do Projeto foram estabelecidas as seguintes etapas: reestruturação (1988), expansão (1988 a 1992), consolidação (1988 a 1992), autossuficiência financeira (1988 a 1997), ajuda a outros países (a partir de 1988), e pleno

desenvolvimento (1997). E foram fixadas as seguintes metas de distribuição de Bíblias: 1 milhão e 750 mil de exemplares em 1995 e 2 milhões e 500 mil em 2000.

O apoio das SBUs — Para viabilizar essas metas, a SBB contou com o apoio imprescindível das Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs). As SBUs concordaram com a proposta feita pela SBB de apoiar durante esse período diversos projetos de infraestrutura que tornariam possível o seu desenvolvimento, como: a construção da Encadernadora própria, o aumento dos estoques de Escrituras em quantidade e variedade, a ampliação dos depósitos de Bíblias, o aumento dos ativos de contas a receber, o aumento do capital de giro, o crescimento do número de funcionários, o treinamento do pessoal especializado, e atualização dos equipamentos eletrônicos. Como consequência desse apoio, a ajuda anual das SBUs à SBB subiu de 400 mil dólares em 1987 para mais de um milhão de dólares anuais em 1993. [14]

15. A Sede da SBB é transferida para Barueri

1987

Em Alphaville — Em 1987, apresentei à Diretoria da SBB a proposta de transferência da Sede da SBB de Brasília para Alphaville, um bairro do Município de Barueri, na Grande São Paulo. Na época, a cidade de São Paulo já era o principal centro operacional da SBB, onde se encontravam as fábricas de papel, as gráficas, as encadernadoras, o Departamento de Tradução e o Depósito Central de Escrituras. A Diretoria aprovou a proposta, e, em agosto de 1987, a Sede Nacional da SBB foi transferida para Alphaville.

Local dos Departamentos — Passaram a funcionar em Alphaville, um bairro industrial moderno, situado a 22 quilômetros do centro de São Paulo, além da Secretaria-Geral, os Departamentos de Tradução, de Produção, de Finanças, de Recursos Humanos e de Informática. A nova Sede da SBB foi instalada provisoriamente em um edifício alugado na Calçada das Palmas, 21, no Centro Comercial de Alphaville, em Barueri, SP. Permaneceram em Brasília, além da Secretaria Regional, o Departamento de Relações Públicas e Propaganda, o Departamento de Senhoras e Crianças e o Auditor Interno.

A construção do edifício — Em 1987, a SBB adquiriu um terreno de 144 m² no Centro Comercial de Alphaville, em Barueri, para construção do seu edifício próprio. A construção do prédio de cinco andares, de 600 m² de área útil, situado na Praça dos Cravos, 22, foi iniciada em 1988 sob a direção do Secretário de Informática da SBB, Engenheiro Cyro César de Aguiar, e terminada no primeiro semestre de 1990. [15]

16. O Novo Testamento Português-Japonês

1987

Acordo no Japão — Em julho de 1987, o Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, visitou o Japão e firmou um acordo com a Sociedade Bíblica daquele país para a publicação de um Novo Testamento e Salmos Bilíngue Português-Japonês, em comemoração aos 80 anos de imigração japonesa no Brasil.

Editoração conjunta — A editoração do livro foi feita num esforço conjunto dos Departamentos de Publicações e de Informática das duas entidades. Terminada a

editoração, no final de 1987, a Sociedade Bíblica do Japão imprimiu naquele país dez mil exemplares e os enviou como doação ao Brasil para distribuição aos japoneses e descendentes de japoneses residentes em nosso país.

Lançamento no Brasil — Em julho de 1988, esse Novo Testamento e Salmos Bilíngue foi lançado no Brasil com a presença do Secretário-Geral da Sociedade Bíblica do Japão, Rev. Kunihiro Sato. A cerimônia de lançamento foi realizada em uma igreja de imigrantes japoneses, em São Paulo. Durante sua visita, o Rev. Kunihiro Sato entregou um exemplar do Novo Testamento e Salmos Português-Japonês ao Governador do Estado de São Paulo, Orestes Quércia. [16]

17. Cooperação com outros países

1985-1988

No triênio 1985-1988, a SBB colaborou com as Sociedades Bíblicas Unidas, contribuindo para a distribuição de Escrituras na Argentina, China e Angola.

Ajuda à Argentina — Em 1982, durante a Guerra das Malvinas, a SBB colaborou com a Sociedade Bíblica da Argentina, produzindo e doando 3 milhões e 500 mil de Seleções Bíblicas em espanhol para distribuição gratuita à população daquele país.

China — Em 1986, a SBB recebeu das Sociedades Bíblicas Unidas um apelo para compra de papel para produção de Bíblias na China, na recém-construída Gráfica da Amizade. A SBB promoveu uma campanha no Brasil e enviou sua contribuição para a China.

Angola — Em 1988, a SBB promoveu uma campanha de arrecadação de fundos em favor dos países da África. Com as ofertas recebidas foram produzidas e enviadas cinco mil Bíblias em português para Angola e cinco mil para Moçambique, para serem distribuídas às vítimas de guerra naqueles países. [17]

18. A Encadernadora própria

1988

Mais de um milhão de Bíblias — A partir de 1986, a SBB passou a distribuir no Brasil cerca de um milhão de exemplares da Bíblia por ano. Por outro lado, a produção de Bíblias em espanhol, iniciada em 1984, aumentou muito no triênio 1985-1988, chegando a 350 mil exemplares em 1988. Para atender a essa grande demanda de Bíblias, superior a 1 milhão e 300 mil exemplares anuais, a SBB teve de usar diversas Encadernadoras comerciais.

Bíblias de luxo — Nesse período, a SBB só exportava Bíblias de luxo, com beiras douradas, índice digital e zíper. E cerca de um terço das Bíblias distribuídas no Brasil era também de encadernação de luxo. Dessa maneira, cerca da metade de todas as Bíblias produzidas pela SBB no triênio foi com encadernação de luxo.

Encadernadora — Diante dessa grande demanda de Bíblias de luxo, a SBB resolveu montar sua Encadernadora. Com uma Encadernadora própria, seria possível melhorar a qualidade de encadernação, reduzir o custo de produção e assegurar um suprimento mais

rápido. Ela foi instalada em 1988 em um galpão alugado em Barueri. Dirigida com eficiência pelo Secretário de Produção, Edgar Dias Carvalho, passou a encadernar mais de meio milhão de Bíblias por ano, com beiras douradas, índice digital e zíper. Assim, a SBB se especializou na técnica de Encadernação de Bíblias de luxo. Anos depois, os funcionários que trabalharam nessa encadernadora transmitiram seus conhecimentos sobre encadernação aos novos funcionários da Gráfica da Bíblia. [18]

19. O Edifício da Bíblia em Alphaville

1990

Nova Sede — No mês de setembro de 1990, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) inaugurou seu novo Edifício da Bíblia, localizado à Praça dos Cravos, 22, no Centro Comercial de Alphaville, no Município de Barueri, na Grande São Paulo. A cerimônia de inauguração, realizada no salão de reuniões do próprio edifício, foi presidida pelo Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, Presidente da SBB, e contou com a presença da Diretoria da organização e de autoridades religiosas, civis e militares.

Após a inauguração, todas as atividades da Sede nacional passaram a funcionar em Alphaville.

Local privilegiado — Alphaville é um bairro moderno, seguro e conta com ótima infraestrutura. Divide-se em três centros, o residencial, o comercial e o empresarial, cada um deles com serviços próprios de manutenção e segurança, que funcionam em sistema de condomínio. Por esses motivos, grandes Empresas nacionais e multinacionais haviam escolhido Alphaville para instalar suas Sedes administrativas.

Modernização administrativa — A inauguração da nova Sede foi mais um passo da SBB no sentido da sua modernização administrativa. No início da década de 80, ela distribuía anualmente 500 mil Bíblias e 60 milhões de Escrituras. E, no final daquela década, sua distribuição havia aumentado para um milhão de Bíblias e 140 milhões de Escrituras. Esses resultados haviam sido alcançados sem aumento do quadro de funcionários. A SBB preferiu investir na qualidade de mão de obra, na melhoria das condições de trabalho e na atualização de seus equipamentos e métodos de trabalho. O processo de composição da Bíblia, que, antes, era manual, passou a ser eletrônico. O controle de estoque e a contabilidade foram informatizados. E as cartas, antes escritas à máquina e enviadas pelo Correio, passaram a ser digitadas e enviadas via fax para qualquer parte do mundo.

Opiniões — Entre os presentes à inauguração, havia um consenso: a centralização da Sede em São Paulo só poderia trazer benefícios para a SBB e impulsionar a divulgação da Bíblia. Os líderes evangélicos presentes na cerimônia se manifestaram a respeito da nova Sede.

O Rev. Abival Pires da Silveira, pastor da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo e Vice-Presidente da SBB, declarou:

A nova Sede da SBB a aproxima do maior centro evangélico do País e da América Latina. Estar em Alphaville é estar no local onde empresarialmente as coisas estão acontecendo. A SBB está pulsando no mesmo ritmo do desenvolvimento de São Paulo.

O Dr. Cyro Aguiar, que, à época ocupava o cargo de Presidente da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, opinou:

Quem conhece as limitações da Igreja no Brasil e vê um edifício deste porte, colocado em local de tão rica oportunidade, não pode deixar de levantar as mãos para o céu.

E o Sr. Tomaz de Sá, Capitão do Exército de Salvação, afirmou:

Esta obra é uma luz colocada em cima do monte, um verdadeiro milagre. Ver a Sociedade Bíblica do Brasil sediada em Alphaville é um orgulho para os evangélicos paulistanos. [19]

20. O Barco Luz na Amazônia II

1990

A inauguração — O dia 8 de dezembro de 1990 foi comemorado com muita alegria pelos funcionários e amigos da Sociedade Bíblica do Brasil em Belém. Além de ser véspera do Dia da Bíblia, a data marcou a realização de um projeto há muito sonhado: a ampliação e o aperfeiçoamento dos serviços de assistência médica, dentária, social e espiritual à população da Amazônia. Nos estaleiros da Empresa Técnica Nacional, no Distrito de Icoaraci, em Belém, PA, foi inaugurado o Barco *Luz na Amazônia II*, um barco-hospital que substituiu o antigo barco da SBB nessa função. Os recursos para a construção vieram de uma doação feita pela Sociedade Bíblica do Canadá, em homenagem ao Dr. Ulrich Fick, Secretário-Geral das Sociedades Bíblicas Unidas recém-aposentado. O Dr. Fick tinha vindo da Alemanha para participar da cerimônia de inauguração.

No culto de ação de graças, dirigido pelo Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, Presidente da SBB, os oradores falaram em um microfone instalado no convés superior do barco, e os ouvintes permaneceram em terra. O Dr. Aldo Fagundes, Ministro do Supremo Tribunal Militar e Diretor da SBB, orador oficial da cerimônia, destacou o significado espiritual da inauguração:

O Barco Luz na Amazônia II é motivo de comemoração pelo seu grande significado espiritual. Hoje, é dia de celebrar a vitória. Estamos unidos em torno de um barco, de um livro e de uma mensagem. Um barco, que nos faz lembrar o milagre de Jesus, acalmado a tempestade. De um livro, que não é um livro comum, mas a própria Palavra de Deus. E, de uma mensagem, que é a mensagem do evangelho.

Encerrado o programa de dedicação, os convidados visitaram as instalações do barco e participaram da viagem inaugural pelo Rio Maguari.

Segurança — O *Luz na Amazônia II* foi especialmente projetado para navegar na bacia amazônica, cujos rios têm características próprias. São rios de águas calmas, sem ondas, masque escondem alguns perigos. É o caso dos bancos de areia e das pedras escondidas logo abaixo da superfície da água, presentes em vários trechos dos rios. Mas há também outro sério risco para quem navega na região, sobretudo no rio Amazonas. O rio transporta milhares de toras por minuto, troncos de árvores que se soltam das margens e são carregados pela correnteza. Por esses motivos, foram tomadas medidas especiais de

segurança, além da instalação de equipamento específico, como rádio e sonar. Ao contrário das embarcações do mesmo porte na Amazônia, a sua estrutura foi feita de aço e não de madeira, propiciando maior resistência a choques e maior durabilidade. Além disso, seu porão foi dividido em dez compartimentos isolados. Para o barco afundar, seria necessário que os danos ao casco causassem a inundação simultânea de três desses compartimentos.

Dimensões — O *Luz na Amazônia II* tinha 22 metros de largura por seis de comprimento e podia transportar 22 pessoas, mesmo em viagens longas. Possuía cinco camarotes, sala de recepção, copa-cozinha, banheiros, duas áreas livres no convés inferior e extensa área livre no convés superior. Todas as suas dependências eram servidas de ar-condicionado. O compartimento de carga tinha capacidade para transportar dez toneladas, equivalente ao peso de vinte mil Bíblias.

Barco-Hospital — Projetado para ser um barco-hospital, contava com consultórios médicos e dentários, enfermaria e laboratório de análises clínicas, todos equipados com o que havia de mais moderno nessas áreas. Para colocar essa aparelhagem em funcionamento, foi preciso instalar um potente gerador exclusivo, além daquele utilizado para as funções normais do barco. Tratamentos de urgência e até mesmo cirurgias simples podiam ser realizados no próprio Barco, sem que houvesse necessidade de transportar o paciente para os hospitais da Região. A presença de uma enfermaria tornava possível também a internação do doente no próprio Barco, a fim de que ele ficasse sob observação médica pelo tempo necessário.

Palavra da Coordenadora — Rita de Albuquerque Andrade Lima, então Coordenadora do Projeto *Luz na Amazônia*, falou com entusiasmo sobre o trabalho realizado pela SBB na Amazônia, dando detalhes sobre a recepção da população ribeirinha às visitas do Barco:

O rádio de pilha é o único contato com o resto do mundo das pessoas que vivem em palafitas às margens dos rios, nas pequenas comunidades da Amazônia. Existe uma Emissora em Belém, a Rádio Clube, que é ouvida em quase toda a Região e transmite a notícia das viagens do Barco Luz na Amazônia, informando em que vilarejos ele irá parar. Então, a população fica de sobreaviso, esperando a nossa chegada, pois o Barco é bastante conhecido na Região. Quando acontece de não podermos avisar, tocamos o apito do Barco, que é ouvido de longe, muito antes de chegarmos.

A alegria que as pessoas demonstram quando veem que o Barco está chegando é enorme. Porque ele representa apenas coisas boas para elas: a melhora de sua saúde, uma roupa para vestir, a leitura de uma mensagem de amor e salvação. Então, aquelas pessoas sonham com o Barco e o esperam desde o amanhecer até o anoitecer. E, quando finalmente veem o Barco surgindo no horizonte, vibram de alegria. Acenam de longe para a gente. Algumas até batem palmas. É como se o Barco fosse uma pessoa que elas amam muito e estão esperando, como uma pessoa que foi embora e voltou.

Quando escutam o apito, começam a se dirigir para o local onde o barco costuma atracar. Correm por dentro da mata, a pé ou a cavalo ou atravessam o rio nos casquinhos, pequenas canoas que são o principal meio de transporte na Amazônia.

Depois que ancoramos, as pessoas querem ver o Barco de perto, tocar nele.

Distribuimos senhas para o atendimento médico e odontológico. Formam-se filas. E aí doamos o material bíblico e falamos sobre ele. Então, chamamos algumas famílias para dentro do Barco e começamos a experimentar roupas. É o meio que encontramos para aproveitar ao máximo do que dispomos: ninguém fica com aquilo que não vai usar.

Na hora de ir embora, as pessoas querem nos agradecer. Então, nos presenteiam com as coisas que podem nos oferecer: frutas típicas da região, como o cupuaçu, o bacuri e a pupunha. É um gesto comovente, pois elas vivem numa pobreza extrema, sem as menores condições de higiene ou moradia.

Visitantes ilustres — Dois ilustres visitantes prestigiaram a cerimônia de inauguração do Barco Luz na Amazônia II: o Sr. John Dean, Coordenador Mundial das SBUs, e o Dr. Ulrich Fick, ex-Secretário-Geral das Sociedades Bíblicas Unidas.

O Sr. John Dean, Coordenador Mundial das SBUs, pediu orações para os países onde é proibida a distribuição da Bíblia:

Peço as orações de todos para que a luz da Palavra de Deus, que brilhará nas regiões mais distantes da Amazônia, através do Barco Luz na Amazônia II, possa brilhar também na Albânia, Líbia e Mauritània, onde as portas continuam fechadas para o evangelho.

O Dr. Fick destacou o aspecto social do trabalho:

Este Barco proporcionará ajuda aos doentes e educação sanitária para que as pessoas evitem doenças. As pessoas atendidas não têm de pagar nada pela ajuda recebida e vão entender que os voluntários que trabalham no Barco, médicos, dentistas, assistentes sociais e evangelistas, estão ali porque as amam e desejam ajudá-las. E isso é algo realmente maravilhoso. [20]

21. Dobra o número de Bíblias distribuídas

1981-1990

Na década de 80, a SBB aumentou em 148% sua distribuição de Bíblias em relação à década anterior. A circulação de Novos Testamentos e Porções Bíblicas permaneceu estável, e a distribuição de Seleções Bíblicas quadruplicou em relação à década de 70, como mostra a tabela a seguir:

DÉCADA DE 1980					
ANO	BÍBLIAS	TESTAM.	PORÇÕES	SELEÇÕES	TOTAL
1981	479.426	95.911	672.930	48.203.411	49.451.678
1982	516.462	123.197	1.076.337	55.204.677	56.920.673
1983	489.144	109.643	1.423.958	52.387.575	54.410.320
1984	505.297	151.671	1.004.114	56.248.367	57.909.449
1985	750.936	165.758	1.112.700	81.744.357	83.773.751
1986	1.058.744	196.843	1.174.613	107.515.538	109.945.738
1987	920.675	159.838	888.768	114.697.618	116.666.899
1988	856.910	129.492	1.119.268	162.578.322	164.683.992
1989	1.010.312	111.985	897.832	140.884.906	142.905.035
1990	801.519	61.763	713.572	138.920.698	140.497.552
1981-1990	7.389.425	1.306.101	10.084.092	958.385.469	977.165.087
1971-1980	2.980.885	1.172.031	10.000.914	222.808.571	236.962.401
DIFERENÇA	148%	11%	1%	330%	312%

22. A Bíblia desaparecida

Em 1986, a SBB superou pela primeira vez a distribuição de um milhão de exemplares de Bíblia. Embora não haja um registro dos novos leitores da Bíblia, estima-se que, na década de 80, centenas de milhares de pessoas a leram pela primeira vez. E, entre elas, estava um ladrão de carros, que teve sua vida transformada pelo poder do evangelho, de acordo com essa impressionante experiência contada pelo Pr. Mário de Carvalho à Revista *A Bíblia no Brasil*:

Certa manhã, quando saía de casa para o trabalho, o Pr. Mário de Carvalho, da Assembleia de Deus, teve uma surpresa desagradável. Seu carro, comprado naquele ano para atender as necessidades da igreja e das congregações que pastoreava no interior de São Paulo, havia sido roubado.

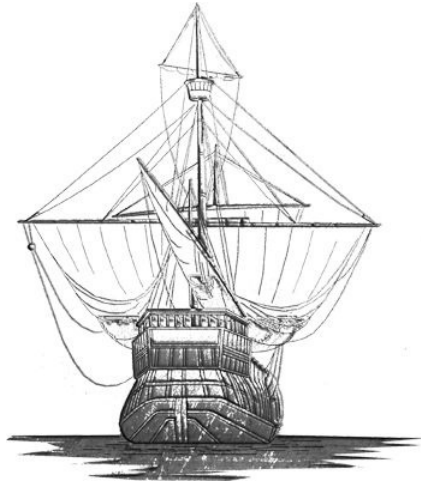
Antes de comunicar o fato à polícia, ele reuniu a família e orou, pedindo a Deus que o ajudasse a encontrar seu precioso instrumento de trabalho.

Uma semana depois, o carro foi localizado. Havia sido deixado no acostamento da Rodovia Castelo Branco, no Município de Barueri, em São Paulo. Estava em perfeito estado. Mas os documentos do carro e a Bíblia que o pastor mantinha no porta-luvas haviam desaparecido.

Cerca de dois meses depois, ele recebeu uma carta enviada do Estado de Mato Grosso. Ao abri-la, mais uma vez teve uma surpresa, agora agradável. O remetente era o ladrão que havia roubado seu carro. Contava ele que, lendo a Bíblia que havia encontrado no porta-luvas do carro que havia roubado, havia se convertido a Cristo. Estava, agora, frequentando uma igreja evangélica daquela cidade. Dizia também que desejava muito ser perdoado pelo que fizera.

O pastor reuniu a família, mostrou a carta e orou a Deus pela grande bênção recebida. Depois, respondeu a carta, dizendo àquele homem que o perdoava e o incentivou a permanecer firme na fé. A partir daquela data, eles começaram a se corresponder e se tornaram grandes amigos. [21]

CAPÍTULO XIV



A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE

1966-1988

1. As principais traduções da Bíblia em português

1753-1988

Desde o começo do século XIX, quando chegaram ao Brasil as primeiras Bíblias em português, até o final do século XX, os evangélicos brasileiros usaram apenas duas traduções da Bíblia, a tradução de João Ferreira de Almeida, publicada em Portugal em 1753, e a Tradução Brasileira, lançada no Brasil em 1917. *A Bíblia na Linguagem de Hoje*, lançada no Brasil em 1988, foi a terceira tradução da Bíblia publicada por evangélicos no Brasil.

Nesse mesmo período, as editoras católicas publicaram oito traduções da Bíblia completa em português, sendo as mais aceitas a tradução de Antônio Pereira de Figueiredo, em 1790; a tradução de Matos Soares, em 1932; e a Bíblia de Jerusalém, em 1981.

A tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* (TLH) começou em 1966 e foi concluída em 1973. A tradução do Antigo Testamento foi iniciada em 1974 e terminou em 1987. A 2ª Edição do Novo Testamento foi publicada em 1975; a 3ª Edição, em 1979; e a 4ª Edição, em 1988, junto com a *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH). [1]

2. A Comissão de Tradução da BLH

1972-1988

A Comissão do NT — A Comissão que trabalhou na tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, lançado em 1973, foi convidada a participar também da tradução do Antigo Testamento. Essa Comissão era composta de quatro membros: o Rev. Oswaldo Alves, Tradutor de Base; o Dr. Robert G. Bratcher, Revisor de grego e português; o Rev. Antônio de Campos Gonçalves, Revisor Gramatical; e eu, como Coordenador e Revisor de linguagem popular.

A Comissão do AT — Para o trabalho de tradução do Antigo Testamento e revisão do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foram selecionados mais dois tradutores. Para isso, a SBB promoveu, no final de 1971, um processo de seleção, que teve a participação de vários candidatos. As provas de tradução feitas pelos candidatos foram examinadas e avaliadas pelo Consultor de Tradução das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), Dr. Robert G. Bratcher. Os candidatos selecionados foram a professora presbiteriana Selma Júnia Vassão Giraldi e o pastor batista e especialista em hebraico Dr. Werner Kaschel. A Comissão de Tradução do Antigo Testamento ficou, então, assim constituída: Tradutores de Base: Rev. Oswaldo Alves, Dr. Robert G. Bratcher, Profa. Selma Júnia Vassão Giraldi e Dr. Werner Kaschel; Revisor Gramatical: Rev. Antônio de Campos Gonçalves, até 1981 e Rev. Josué Xavier, depois de 1981, e eu como Coordenador e Revisor de linguagem. Essa Comissão começou a trabalhar em janeiro de 1972 na revisão do Novo Testamento e, em janeiro de 1974, na tradução do Antigo Testamento.

Dr. Bratcher — O Dr. Robert G. Bratcher, filho de missionários batistas no Brasil, nasceu em 1920 na cidade de Campos, no Estado do Rio de Janeiro. É Doutor em Teologia, especialista em grego, linguística e crítica textual e foi o tradutor do Novo Testamento para o inglês, *Good News for Modern Man*, lançado com grande sucesso nos Estados Unidos em 1966. Participou também da revisão da tradução de Almeida na década de 50. O Dr. Bratcher trouxe para a Comissão da BLH sua experiência adquirida na tradução do Novo Testamento para o inglês e seus conhecimentos das línguas originais, de linguística e de crítica textual. Ele fez a tradução dos Livros de Levítico, Deuteronômio e Isaías e a revisão de todos os livros da BLH. O Dr. Bratcher deu particular contribuição ao aspecto da fidelidade da tradução aos textos originais.

Rev. Josué — O Rev. Josué Xavier nasceu em 1934, na cidade de Formiga, MG. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de São Paulo e bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente (IPI), foi pastor em diversas igrejas presbiterianas independentes do Estado de São Paulo e professor de hebraico e Antigo Testamento na Faculdade de Teologia da IPI. Trabalhou na Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, a partir de 1981, como Revisor Gramatical.

Rev. Oswaldo — O Rev. Oswaldo Alves nasceu em 1917, na cidade de Rio Claro, SP. Formou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo e em Teologia pela Faculdade Presbiteriana de Teologia. Foi pastor em diversas igrejas presbiterianas do Estado de São Paulo e capelão de sanatórios em Campos de Jordão. Em 1967, foi selecionado pela SBB para a função de Tradutor de Base do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*. Terminada a tradução do Novo Testamento em 1973, foi convidado para trabalhar também no Antigo Testamento. De 1974 a 1982, fez a tradução de base dos Livros de Números e Salmos. A partir de 1983, passou a dedicar-se à divulgação da BLH, dando conferências em todo o País.

Profa. Selma — A Profa. Selma Júnia Vassão Giralaldi nasceu na cidade de Juquiá, SP, em 1936. cursou Sociologia e Política na Universidade de São Paulo e especializou-se em português em linguagem popular. Começou a trabalhar na Comissão de Tradução em janeiro de 1972, participando da revisão do Novo Testamento e da tradução de todo o Antigo Testamento da *Bíblia na Linguagem de Hoje*. Foi a Tradutora de Base dos seguintes Livros do Antigo Testamento: Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Participou também da revisão dos demais livros do Antigo Testamento. Como revisora de linguagem e estilo, sua principal contribuição à tradução foi no aspecto da simplicidade, clareza e estilo de linguagem.

Dr. Werner — O Dr. Werner Kaschel nasceu em Campinas, SP, em 1922. Pastor batista e doutor em Filosofia, foi professor no Seminário Teológico Batista do Sul, no Rio de Janeiro e reitor na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Começou a trabalhar na Comissão de Tradução em janeiro de 1972, participando da revisão do Novo Testamento e da tradução de todo o Antigo Testamento da *Bíblia na Linguagem de Hoje*. Fez a Tradução de Base dos seguintes Livros do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Jó, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Além da tradução de base desses Livros, o Dr. Werner fez uma revisão profunda do Livro de Salmos e participou da

revisão de toda a Bíblia. [2]

Grande bênção — De 1966 a 1988, tive o privilégio de participar da Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, como coordenador e revisor. Conviver, durante tantos anos, com esses consagrados e competentes tradutores e revisores da Bíblia foi uma das maiores bênçãos que recebi em minha vida.

3. Os saudosos colaboradores da BLH

1966-1988

Revisores falecidos — A tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje* começou em 1966 e terminou em 1988. No decorrer desses 22 anos, a tradução contou com a participação de diversos colaboradores que faleceram antes que ela terminasse. Foram eles o Coordenador, Dr. William Wonderley, e os Revisores, Dr. Paul W. Schelp, Dr. Walter Kunstmann e Rev. Antônio de Campos Gonçalves.

Dr. Wonderley — O Dr. William Wonderley, Consultor de Tradução das Sociedades Bíblicas Unidas, participou da fase inicial do Projeto, em 1966 a 1967, e faleceu em 1988. Antes de participar do projeto no Brasil, ele havia trabalhado na tradução do Novo Testamento em espanhol *Dios Habla Hoy*.

Dr. Schelp — O Dr. Paul W. Schelp, missionário luterano, nascido nos Estados Unidos, foi Revisor de grego na tradução do Novo Testamento no período de 1967 a 1972 e faleceu em 1972. Ele havia participado, antes, da revisão da tradução de João Ferreira de Almeida e da preparação da *Concordância Bíblica*.

Dr. Kunstmann — O Dr. Walter Kunstmann, pastor luterano e especialista em hebraico e aramaico, foi Revisor do Antigo Testamento na Linguagem de Hoje na década de 70 e faleceu antes do lançamento da BLH. Ele também havia sido Revisor da Tradução de João Ferreira de Almeida.

Rev. Gonçalves — O pastor metodista Rev. Antonio de Campos Gonçalves foi o Revisor Gramatical tanto do Novo Testamento como do Antigo Testamento na Linguagem de Hoje até sua aposentadoria, em 1981, quando foi substituído pelo Rev. Josué Xavier. O Rev. Gonçalves, que havia sido Coordenador e o Revisor Gramatical da Versão Revista e Atualizada de tradução de Almeida, faleceu em 1983, antes do lançamento da BLH. [3]

4. As fases da tradução

1966-1988

Traduzir a Bíblia é uma tarefa complexa, minuciosa e demorada. A *Bíblia na Linguagem de Hoje*, a exemplo de outras traduções da segunda metade do século XX, levou mais de 20 anos para ser concluída. Na última década do século XX, com a introdução da informática, o tempo de preparação das traduções da Bíblia foi reduzido pela metade.

Um projeto de tradução da Bíblia é realizado em várias etapas, durante as quais são alternados o trabalho individual e o trabalho em grupo, de tal forma que todos os membros de uma Comissão possam formular sugestões e oferecer alternativas ao trabalho dos

colegas.

Foram estas as quinze fases observadas pela Comissão de Tradução da SBB durante a tradução de cada um dos 66 livros da *Bíblia na Linguagem de Hoje*:

Fase 1 — Tradução de base por um dos tradutores, acompanhada da introdução ao livro, variantes, notas culturais e lista de palavras a serem incluídas no vocabulário.

Fase 2 — Revisão de base pelos demais tradutores e pelo Revisor Exegético.

Fase 3 — Incorporação das sugestões (propostas durante a fase 2) pelo Tradutor de Base, com anotação das dúvidas ou alternativas.

Fase 4 — Exame individual do texto incorporado pelos tradutores.

Fase 5 — Incorporação, pelo Tradutor de Base, das sugestões dos outros tradutores (anotadas na fase 4) e preparação de agenda contendo as dúvidas e as alternativas, para estudo em reunião da Comissão.

Fase 6 — Discussão, pela Comissão, da agenda do Tradutor de Base (preparada na fase 5), assim como das agendas dos outros tradutores, se houver.

Fase 7 — Preparação de um novo texto. Envio de cópias a todos os Consultores para exame.

Fase 8 — Elaboração, pelo Tradutor de Base, de listas contendo as sugestões recebidas dos Consultores.

Fase 9 — Exame individual, pelos demais tradutores, das listas de sugestões (preparadas na fase 8).

Fase 10 — Incorporação, pelo Tradutor de Base, das sugestões aceitas pelos outros tradutores. Preparação de agenda das dúvidas e alternativas para estudo em Comissão.

Fase 11 — Discussão, pela Comissão, da agenda da fase 10.

Fase 12 — Revisão gramatical do texto resultante da fase 11.

Fase 13 — Preparação, pelo Tradutor de Base, do texto final e do material suplementar a ser publicado junto ao texto (introdução, variantes, notas culturais e vocabulário).

Fase 14 — Elaboração da introdução, mapas, ilustrações e legendas.

Fase 15 — Leitura final do texto em voz alta pela Comissão.[4]

5. O final da tradução

1987

Conclusão — A Comissão de Tradução, reunida no dia 29 de outubro de 1987, na Faculdade Teológica Batista de São Paulo, à Rua João Ramalho, 466, Perdizes, em São Paulo, com a presença de todos os seus membros: Rev. Josué Xavier, Rev. Oswaldo Alves, Dr. Robert G. Bratcher, Profa. Selma Júnia Vassão Giraldi e Pr. Werner Kaschel e eu, concluiu a tradução do Antigo Testamento e a revisão do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*. Foi um momento feliz para a Comissão de Tradução, que, com grande alegria e gratidão a Deus, entregou para ser publicado o texto completo dessa nova tradução

brasileira da Bíblia.

Dr. Bratcher — O Dr. Robert G. Bratcher, membro da Comissão tradutora, assim se manifestou a respeito desse importante acontecimento em carta dirigida ao Secretário das Sociedades Bíblicas Unidas, Dr. John D. Erickson:

Este é um momento feliz para todos nós. Damos graças a Deus pela direção, força e sabedoria do Espírito, bênçãos ricamente experimentadas por todos nós. Tivemos tempos difíceis, sombrios, períodos de incertezas e dúvidas, mas, em meio a tudo isso, a graça salvadora e sustentadora de Deus chegou até nós. Sem essa ajuda, jamais teríamos concluído o trabalho. Esperamos e oramos para que, por intermédio de A Bíblia na Linguagem de Hoje, os brasileiros conheçam e experimentem a Palavra salvadora de Deus, nosso Senhor. A Deus seja dada toda a glória!

Dr. Erickson — O Dr. John D. Erickson, Secretário-Geral das Sociedades Bíblicas Unidas, respondeu cumprimentando o Dr. Robert G. Bratcher e toda a Comissão Tradutora:

Nós nos unimos a você na alegria pelo término da tradução do Antigo Testamento e a revisão do Novo Testamento na Linguagem de Hoje. Nós nos congratulamos com os integrantes da Comissão de Tradução que trabalhou tão diligentemente nesse projeto, às vezes em meio a circunstâncias difíceis. Vocês têm a gratidão das Sociedades Bíblicas Unidas e, naturalmente, de muitos brasileiros que conhecerão a Palavra salvadora de Deus por meio dessa nova tradução. Como você declarou de maneira tão competente, a Deus seja dada toda a glória! [5]

6. A palavra dos tradutores

1988

Concluída a tradução, os membros da Comissão falaram sobre sua experiência vivida durante os longos anos de trabalho, de sua alegria e de suas expectativas.

Rev. Josué Xavier:

Por que uma tradução numa linguagem popular? Para respondermos a essa pergunta, é preciso que, antes, recordemos que a grande maioria da população brasileira pertence às camadas populares. Ora, todos sabem também que grande parte dessas camadas populares não consegue, por diversos motivos, nem terminar o curso de 1º grau. Em consequência disso, as camadas populares têm muita dificuldade de entender a mensagem da Bíblia através da linguagem empregada nas diferentes traduções existentes no Brasil.

Devemos deixar muito claro que na BLH não houve um empobrecimento da riqueza da mensagem divina. Esse falso argumento pode ser usado por alguém. É falso porque a verdade é que a mensagem eterna de Deus tem de atingir todas as pessoas, especialmente as mais carentes quanto ao entendimento da linguagem. A mensagem divina é que não pode ser mudada; a linguagem empregada para expressá-la deve variar desde a mais culta até a mais popular. Daí a necessidade de uma tradução em linguagem simples, mas gramaticalmente correta e sem gíria.

Estamos na era da comunicação. A Sociedade Bíblica do Brasil, com a BLH, não quis

chegar atrasada a essa era da comunicação. Na verdade, quis, o quanto antes, ir ao encontro de milhões e milhões de pessoas que, na prática, podem não estar compreendendo bem a Palavra de Deus. A BLH não foi feita para substituir as outras traduções produzidas pela Sociedade Bíblica do Brasil. Ela é, antes de tudo, uma tradução para novos leitores e para ser usada na evangelização. Mas esperamos que ela seja também uma tradução alternativa para os antigos leitores da Bíblia.

Rev. Oswaldo Alves:

Todos os povos, em todas as épocas e de todas as formas religiosas, procuraram exprimir seus sentimentos afetivos, emotivos e até instintivos por meio da música, do ritmo, da cadência, da recitação e do canto.

Os Salmos têm aspectos artísticos, literários, históricos, religiosos e até psicológicos. O ser humano precisa cantar; é saudável, terapêutico e curativo. É expressão de vida. É comunicação de alto nível emocional. É, também, uma das formas de adoração. E, no caso dos Salmos na Linguagem de Hoje, há duas qualidades que devem ser ressaltadas, além de sua linguagem poética: a fidelidade aos textos originais e à linguagem do povo.

Profa. Selma Júnia Vassão Giraldi:

Um leitor, no Sul do Brasil, depois de ler a Bíblia na Linguagem de Hoje, começou a chorar. Sua esposa lhe perguntou por que ele estava chorando. E a resposta foi:

— É a primeira vez que estou lendo a Bíblia e entendendo!

Uma senhora, ao terminar a leitura de alguns capítulos da Bíblia na Linguagem de Hoje, declarou:

— É de uma Bíblia como essa que eu estava precisando para dar para o meu filho!

Histórias como essas nos dão uma grande satisfação, pois foi justamente para ajudar pessoas como essas a entender a Bíblia que trabalhamos durante tantos anos.

Quando começamos, nós, os membros da Comissão, menos um, o Dr. Roberto Bratcher, não tínhamos nenhuma experiência nesse tipo de tradução. Nosso objetivo era transmitir o sentido do texto bíblico em linguagem fácil, clara, correta e atual, sem gírias ou modismos. Os princípios de equivalência dinâmica já estavam sendo usados na época nas traduções em espanhol, inglês, alemão e francês. O primeiro princípio era manter fidelidade ao sentido dos textos originais. Vinham a seguir, em ordem de prioridade, a clareza de expressão, a simplicidade da forma e a beleza de estilo.

Mas logo percebemos que esses princípios se entrelaçavam, pois era impossível ser fiel ao sentido dos textos originais se não usássemos as palavras certas (clareza de expressão) para traduzi-lo. Se, para aquelas palavras certas, não conseguíssemos encontrar os sinônimos mais fáceis (simplicidade na forma), o receptor, isto é, aquela pessoa a quem essa tradução se destinava, não a entenderia. E, se não conseguíssemos manter a beleza de estilo, muitos leitores não iriam apreciá-la.

Então fomos traduzindo e aprendendo. E fomos pesquisando palavras e maneiras mais simples de dizer as coisas. Muitas vezes, saímos perguntando se certa palavra

era fácil de entender. Perguntávamos a pessoas na feira, à empregada em casa, aos parentes, amigos, pais, filhos... Foram muitos anos de estudos, pesquisas, revisões, exame das sugestões, incorporações e reuniões. E agora a Bíblia está pronta. Quase não podemos acreditar. É uma grande alegria pensar que esta tradução será útil aos nossos irmãos brasileiros de todas as idades e níveis culturais e que servirá a muitas gerações.

O Dr. Robert G. Bratcher se expressou em forma poética:

Palavra Divina, Palavras Humanas

Chegando do infinito silente

soa a voz muda do Verbo,

que, sem verbos, transmite

a sua mensagem inefável.

Possuídos do Espírito divino,

os mensageiros ouviram o silêncio cerrado,

entenderam a Palavra indizível

e com coragem e fervor a proclamaram.

Agora esta mensagem dormita

no berço de manuscritos rotos e puídos,

esperando o toque vivificante

do mesmo Espírito criador.

Traços misteriosos, rabiscos exóticos,

poderão estes signos inertes acordar?

Quem lhes infundirá vida?

Quem lhes dará voz e palavras?

Vem, sopro ressuscitador!

Sopra, vento inspirador,

naqueles que traduzem a eterna mensagem divina

em termos efêmeros, deste tempo, deste lugar.

Que, por meio de palavras simples e claras,

se apregoe o evangelho pela Pátria amada;

que a Boa Notícia seja anunciada a todos,

oferecendo-lhes esperança firme e eterna vida. [6]

Pr. Werner Kaschel:

A Bíblia na Linguagem de Hoje não é apenas mais uma Bíblia. Ela foi traduzida de

acordo com os princípios modernos da tradução em geral. Esses princípios se baseiam nos progressos alcançados nas áreas da linguística e da comunicação. Um desses princípios encarece a necessidade de a mensagem ser transmitida de modo que o receptor a entenda. No nosso caso, a mensagem eterna de Deus deve ser posta em linguagem que o leitor possa entender.

Esta tradução procura ser clara e compreensível para todos. Ela não é uma paráfrase ou explicação, pois transmite o sentido exato do original e nada mais. É uma tradução fiel dos melhores textos do Antigo Testamento, em hebraico e aramaico, e do Novo Testamento, em grego comum, chamado coinê, a língua falada pelo povo no tempo de Jesus. Fidelidade ao texto original não significa traduzir palavra por palavra, mas traduzir o sentido da mensagem sem acrescentar nem tirar nada. Uma tradução palavra por palavra, ao pé da letra, não seria compreendida pelas pessoas. Por isso, primeiro os tradutores procuram entender o sentido do texto original e depois se esforçam por colocá-lo em palavras e em formas de expressão atuais, que conservem fielmente aquele sentido.

Uma tradução da Bíblia deve servir a todos, sem privilegiar qualquer denominação. A Bíblia e o amor de Cristo são, para o mundo, símbolos da verdadeira unidade cristã na diversidade das denominações. Por isso, a Bíblia na Linguagem de Hoje foi feita por uma Comissão de Tradutores de várias denominações. Cada membro do grupo pôde oferecer sua contribuição, de acordo com o seu preparo e talento pessoal. Entre os tradutores da BLH havia especialistas em hebraico, grego, gramática, linguística, crítica textual, estilo e facilidade de linguagem.

7. O lançamento da Bíblia na Linguagem de Hoje

1988

Como no tempo de Esdras, a Bíblia foi lida em praça pública no Brasil, no mês de dezembro, por ocasião do lançamento da BLH. Em Manaus, todo o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* foi lido por membros da Assembleia de Deus durante vários dias para milhares de pessoas reunidas em uma das praças principais da cidade.

No Dia da Bíblia, 10 de dezembro de 1988, o Diretório da SBB em São Paulo instalou em frente à Catedral da Sé, no centro histórico de São Paulo, um grande palanque, para as comemorações do Dia da Bíblia. Das 18 horas da 6ª feira, dia 9, às 15 horas do domingo, 11 de dezembro, o Novo Testamento e o Livro de Salmos na Linguagem de Hoje foram lidos publicamente.

Depois da leitura da Bíblia, como parte das comemorações do 40º aniversário da SBB, o Presidente da SBB, Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, apresentou ao público a 1ª edição da Bíblia completa na Linguagem de Hoje. Além do Presidente, representaram a SBB naquele ato histórico o Dr. Robert G. Bratcher, o Pr. Enéas Tognini, o Rev. Ivan Espíndola de Ávila, a tradutora Selma Júnia Vassão Giraldi, minha esposa, e eu. Os primeiros exemplares da 1ª Edição da *Bíblia na Linguagem de Hoje* foram oferecidos ao povo reunido na Praça da Sé e vendidos ali mesmo ante as manifestações de entusiasmo da multidão.

O lançamento da BLH foi feito em diversos Estados e divulgado pelos jornais, rádio e

televisão. No Rio de Janeiro, o lançamento oficial foi feito na Catedral Presbiteriana por um ilustre visitante, o Rev. Álvaro Santil, Secretário-Geral da Sociedade Bíblica Dominicana, em culto transmitido para todo o País por uma emissora de rádio. [7]

8. A tradução é bem recebida

1989

A 1ª edição, de 50 mil exemplares, esgotou-se rapidamente. Em março de 1989, foram impressos mais 50 mil exemplares, que também logo se esgotaram. Em maio, a SBB imprimiu mais 60 mil exemplares. Para atender os pedidos das igrejas e livrarias, a SBB produziu a BLH com encadernação de luxo e, sem seguida, no formato de bolso. A maioria das cartas recebidas destacou, sobretudo, a clareza de linguagem da nova tradução. Muitas pessoas que nunca haviam lido a Bíblia toda disseram que haviam lido a BLH toda em poucos meses. Pessoas que liam a Bíblia com dificuldade e não podiam compreender certas passagens conseguiram ler e entender a BLH com facilidade.

A SBB recebeu cartas de representantes de quase todas as denominações cristãs do Brasil manifestando entusiasmo pela nova tradução da Bíblia. Muitas igrejas locais adotaram oficialmente a *Bíblia na Linguagem de Hoje*.

No final do mês de janeiro de 1989, o Pr. Enéas Tognini, Presidente da Convenção Batista Nacional, fez o seguinte relato sobre a nova tradução da Bíblia, lançada pela Sociedade Bíblica do Brasil, no dia 10 de dezembro de 1988:

Os jovens de minha igreja gostaram imensamente da Bíblia na Linguagem de Hoje. Os pastores e os professores de nosso Seminário acharam a BLH uma obra admirável. Um engenheiro, membro de minha igreja, disse que nunca leu uma Bíblia tão simples e em linguagem tão linda. Outro irmão foi visitar um parente, mostrou-lhe a BLH e voltou sem ela. O mesmo aconteceu com mais três Bíblias que mostrou a outras pessoas. Ele está agora comprando mais dez exemplares para dar. Em um mês e meio, vendemos em nossa igreja local mais de 400 exemplares da BLH. Eu, pessoalmente, estou lendo a BLH e gostando imensamente. A BLH é uma grande contribuição ao evangelismo pátrio e chegou na hora certa.

O Pr. Firmino da Anunciação Gouveia, líder da Assembleia de Deus de Belém, no Pará, fez a seguinte declaração sobre a nova tradução da Bíblia:

Examinei a Bíblia na Linguagem de Hoje e percebi claramente que todas as pessoas que a leem entendem melhor, com maior rapidez e facilidade a mensagem de Deus. Esta Bíblia dará às igrejas um grande impulso na evangelização. Seu conteúdo, expresso de modo acessível e contemporâneo, já evangeliza por si mesmo. Esta tradução não altera em nada o conteúdo e o sentido da Palavra de Deus. Apenas está em uma linguagem que falamos todos os dias, a linguagem de hoje.

O Bispo E. K. Sherrill, da Igreja Episcopal do Brasil, assim se expressou sobre a *Bíblia na Linguagem de Hoje* em carta dirigida ao Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, Presidente da SBB:

Recebi há alguns dias, da SBB, um presente maravilhoso: a Bíblia na Linguagem de Hoje. Fiquei sensibilizado pela lembrança e empolgado pela excelente qualidade do

trabalho realizado.

O Diretor do Instituto Adventista de Ensino de São Paulo, Pr. Manoel Xavier de Lima, enviou a seguinte carta à SBB:

Meus parabéns vigorosos à SBB pela feliz edição da Bíblia na Linguagem de Hoje. Confesso que, como missionário e estudante da Bíblia (estou lendo-a pela 34ª vez), sinto-me orgulhoso e emocionado por este evento. Sou até ousado em afirmar que, com todo o respeito a outras editoras coirmãs, ninguém fará algo superior. Continue contando comigo e com minha comunidade na divulgação da Bíblia no Brasil.

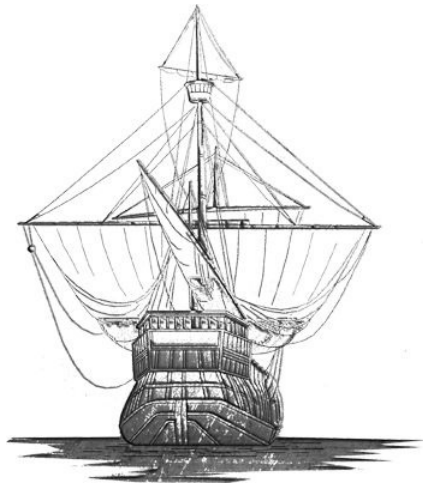
Em Curitiba, Paraná, o Padre Gerotto, Reitor do Seminário Católico Romano, disse o seguinte a uma pessoa que lhe havia deixado emprestado um exemplar da BLH:

Onde você conseguiu esta Bíblia? Há muitos anos, eu ando buscando uma coisa assim. Ela é maravilhosa! Nunca vi uma Bíblia tão clara e tão fácil de entender como essa. Consiga, por favor, uma para mim!

A Sra. Marisa Mathes escreveu à SBB esta carta comovente:

Há dois meses, estou lendo a Bíblia na Linguagem de Hoje. Estou terminando o Antigo Testamento e entendendo tudo. Quando tinha 18 anos, lia tudo que encontrava, mas nunca consegui ler a Bíblia toda. Começava a ler, mas parecia haver um véu sobre mim, pois não conseguia entender. Por isso, foi uma emoção tremenda, quando, no dia de Natal, comecei a ler Gênesis e só terminei quando já era madrugada. Cada dia eu me embevecia mais com aquela leitura e comentei isso com meu esposo e minhas irmãs. Era uma narrativa viva e real, e eu me senti transportada para o deserto com o povo de Israel. Atravessei com eles o mar Vermelho e o Jordão, sem molhar os pés. Estive com Ester, falando ao rei. Pude compreender Jó, quando acusava Deus e se declarava inocente. Estive com ele, emocionada, quando reconheceu que tudo o que nos acontece é permitido por Deus e que ele sabe todas as coisas. Quando estava lendo Isaías 52 e 53, meu coração se desmanchava e minha voz tremia. Vi Jesus ali, moído, sofrido, ridicularizado. Amei Jesus e chorei. Na minha garganta um nó se formou, e brotaram lágrimas em meus olhos. [8]

CAPÍTULO XV



A GRÁFICA DA BÍBLIA

1995

1. A necessidade de uma Gráfica própria

1991

Qualidade — A SBB imprimiu suas primeiras Bíblias no Brasil em 1956, na IMPRES — Cia. Brasileira de Impressão e Propaganda, de São Paulo. Na época, a qualidade de impressão e encadernação era comparável à dos Estados Unidos e da Inglaterra. Porém, na segunda metade do século XX, o parque gráfico brasileiro não se renovou, e as máquinas de impressão e encadernação usadas durante 40 anos envelheceram e não foram substituídas. Por isso, na década de 90, a qualidade das Bíblias produzidas no Brasil era bem inferior à qualidade das Bíblias importadas.

Quantidade — Em 1975, a SBB distribuía menos de 200 mil Bíblias por ano. No início da década de 90, esse número já havia saltado para um milhão de exemplares, ou seja, cinco vezes mais. Esse crescimento vertiginoso da distribuição da Bíblia no Brasil começou a ser ameaçado, nos anos seguintes, pela limitada capacidade de impressão e encadernação das gráficas brasileiras. No início da década de 90, o parque gráfico brasileiro não tinha condições de suprir a demanda de Bíblias no Brasil. E a importação era inviável devido à instabilidade econômica do País.

Custo — Além disso, a partir da década de 80, o custo de produção se tornou elevado no Brasil devido à falta de concorrência. As poucas gráficas habilitadas a produzirem Bíblias, vendo-se sozinhas no mercado, aumentaram seus preços. Por outro lado, as dificuldades para importar e a instabilidade cambial no País tornaram a importação inviável.

Entrega — Outra dificuldade enfrentada pela SBB, no início da década de 90, foi a demora na entrega. As gráficas brasileiras davam sempre prioridade aos pedidos recebidos do Governo para a produção de livros didáticos. Nos períodos em que as maiores gráficas recebiam pedidos do Ministério da Educação para imprimir milhões de exemplares de livros didáticos, com prazo de entrega definido e multa contratual no caso de atraso, os pedidos de feitos pela SBB eram colocados em fila de espera. Isso ocasionava falta de Bíblias durante boa parte do ano.

2. O projeto inicial

1991

O Projeto inicial — Em 1991, responsável pela administração da SBB e preocupado com essa situação, apresentei à Diretoria um projeto de construção de uma gráfica própria dedicada exclusivamente à produção de Bíblias. Esse plano inicial consistia na construção de uma gráfica capaz de produzir 2 milhões e 500 mil de Bíblias por ano, em diversos formatos e diferentes tipos de encadernação, e meio milhão de Novos Testamentos. O prédio da gráfica teria cinco mil metros quadrados e seria construído em um terreno de aproximadamente dez mil metros quadrados. A localização do terreno seria, de

preferência, no bairro industrial do Tamboré, nos arredores de Alphaville, onde estavam localizadas as principais gráficas do País e a Sede da SBB.

Projeto audacioso — Era um projeto audacioso e, para muitos, um sonho impossível. Seu objetivo era produzir Bíblias não só para o Brasil, mas também para a América Latina. O custo previsto do projeto era de 7 milhões de dólares, muito além das possibilidades da SBB. Ele só poderia ser realizado com a ajuda das Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs). Porém, mesmo para as SBUs, o custo do projeto era muito alto. Correspondia ao valor de toda a sua contribuição anual para o sustento das Sociedades Bíblicas do Continente americano. No final de 1991, a Diretoria da SBB aprovou o projeto e submeteu-o à apreciação das Sociedades Bíblicas Unidas.

3. Um projeto de Deus

1992

Projeto de Deus — Em 1992, apresentei o projeto de construção da Gráfica da Bíblia às Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs), na reunião da Comissão Regional para as Américas, realizada no mês de julho em Miami. A ideia do projeto foi inicialmente bem aceita. Mas, quando os membros da Comissão souberam do custo do projeto, 7 milhões de dólares, acharam que era inviável. Terminada a reunião, o Secretário-Geral da Sociedade Bíblica Americana (SBA), Dr. Eugene B. Habecker, que estava iniciando seu mandato de Secretário-Geral na SBA e participava pela primeira vez daquela reunião, me procurou e disse:

— *Colega, não desanime. Se esse projeto é de Deus, não importa o custo; os recursos virão.*

Eu agradei suas palavras de incentivo e convidei-o a visitar a Sociedade Bíblica do Brasil.

A SBA visita o Brasil — No segundo semestre de 1992, a SBB recebeu a visita de uma comitiva formada por representantes da Sociedade Bíblica Americana (SBA), da Sociedade Bíblica do Canadá (CBS) e das Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs). A SBA estava representada pelo seu Secretário-Geral, Dr. Eugene B. Habecker, e pelo seu Presidente, Sr. James Wood. A CBS estava representada pelo seu Secretário-Geral, Rev. Floyd Babcock, e pelo seu Presidente, Bispo John Sperry. Todos esses representantes vieram acompanhados das esposas. E as SBUs estavam representadas pelo Secretário Regional das Américas, Rev. Jaime Goytia, que apoiava o projeto da gráfica e havia promovido a visita da delegação ao Brasil. Essa comitiva visitou primeiramente a cidade de Belém, no Pará, onde participou de uma viagem de trabalho do Barco *Luz na Amazônia*. Depois, seguiu para São Paulo, para conhecer a Sede Nacional da SBB, em Alphaville, e sua Encadernadora, em Barueri. Os visitantes ficaram muito bem impressionados com o que viram no Brasil e se comprometeram a apoiar o projeto de construção da Gráfica da Bíblia.

4. O dia decisivo

1993

Em 1992, as SBUs nomearam um Grupo de Trabalho para estudar o projeto de construção da Gráfica da Bíblia no Brasil. Esse grupo, formado por representantes das Sociedades Bíblicas das Américas e da Europa, se reuniu várias vezes, no Brasil e na Inglaterra, nos anos de 1992 e 1993. Os representantes das Sociedades Bíblicas da região das Américas estavam dispostos a apoiar o projeto, mas os representantes das Sociedades Bíblicas da Europa não acreditavam no seu sucesso.

O dia decisivo — Durante o longo e difícil estudo do projeto de construção da Gráfica da Bíblia, que se estendeu por dois anos, houve um dia decisivo. Foi na última visita do Grupo de Trabalho ao Brasil, ocorrida na Sede da SBB, em Alphaville, no primeiro semestre de 1993. O grupo era formado por dois membros da região das Américas e dois da Europa. Os representantes da Europa não acreditavam que a SBB teria condições de construir uma boa Gráfica e muito menos de administrá-la com sucesso. Para convencerem a SBB a desistir do projeto, eles apresentaram como argumento as experiências fracassadas de projetos gráficos das Sociedades Bíblicas em outras partes do mundo. Diziam que a SBB não tinha experiência no ramo gráfico e que o projeto era dispendioso e muito arriscado. No final do dia, os representantes da região das Américas estavam desanimados. Parecia impossível convencer ao Grupo de Trabalho que a Sociedade Bíblica do Brasil tinha capacidade de construir, organizar e administrar uma gráfica de grande porte.

Terminada a reunião, enquanto caminhávamos rumo ao Hotel, o Rev. Jaime Goytia, Secretário Regional das Américas, que estava apoiando com entusiasmo o projeto, desalentado, comentou jocosamente: “a vaca foi para o brejo”.

A proposta conciliadora — Aquela foi uma noite difícil para os representantes das Américas, noite em que oramos muito e dormimos pouco. No dia seguinte, após consultar meus colegas, apresentei ao Grupo de Trabalho uma proposta conciliadora. O projeto inicial de construção da gráfica, no valor de 7 milhões de dólares, seria substituído por um novo projeto de construção de uma moderna encadernadora e de um depósito regulador. A ideia de uma gráfica completa ficaria para uma segunda etapa e só voltaria a ser discutida após o sucesso da primeira etapa. O custo do novo projeto seria de 5 milhões de dólares, sendo 800 mil dólares levantados no Brasil, e os restantes 4 milhões e 200 mil de dólares viriam do Exterior. Como argumento de defesa do novo projeto, lembramos que a SBB já tinha uma encadernadora própria e uma longa experiência em encadernação de Bíblias, mas que precisava ampliá-la para poder atender a demanda de Bíblias no Brasil e na América Latina. Dissemos ainda que, para a SBB continuar aumentando sua distribuição de Escrituras, necessitaria ampliar seus estoques e construir um depósito regulador. Posta em discussão, a nova proposta foi aprovada por unanimidade.

O novo projeto — Em meados de 1993, as Sociedades Bíblicas Unidas aprovaram o novo projeto de construção de uma encadernadora e de um depósito regulador, no valor total de 5 milhões de dólares, sendo 4 milhões e 200 mil provenientes de contribuições recebidas de outras Sociedades Bíblicas e 800 mil de contribuições levantadas no Brasil. O orçamento proposto pela SBB para a execução do projeto e aprovado pelas SBUs, foi o seguinte:

INVESTIMENTO	US\$
Terreno (10.400m ²)	800.000
Edifício (6.000m ²)	1.700.000
Depósito	250.000
Máquinas de encadernação	1.000.000
Máquina de douração	250.000
Máquinas para capas e acabamento	1.000.000
Total	5.000.000

ARRECADAÇÃO	1993	1994	1995	Total
US\$	US\$	US\$	US\$	US\$
Contribuições SBUs	1.000.000	1.750.000	491.000	3.241.000
Contribuições SBB	200.000	300.000	300.000	800.000
Ofertas especiais	280.000	679.000	0	959.000
Total	1.480.000	2.729.000	791.000	5.000.000

Ficou decidido ainda que, caso a SBB conseguisse levantar recursos no Brasil para a compra das máquinas impressoras, a encadernadora poderia ser transformada em uma gráfica.

5. O levantamento dos recursos 1993-1995

No Exterior — Em 1993, as Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs) lançaram um apelo mundial em favor do projeto no Brasil. A Sociedade Bíblica Americana fez uma contribuição de 3 milhões de dólares e a Sociedade Bíblica do Canadá, de 400 mil. Os 800 mil dólares, restantes foram completados com ajudas das Sociedades Bíblicas da Alemanha, Austrália, Coreia, Finlândia, Holanda, Índias Ocidentais, Inglaterra, País de Gales, Nova Zelândia e Suriname.

No Brasil — A SBB lançou, em 1993, um apelo no Brasil em favor da construção da nova Encadernadora da Bíblia. A campanha da *Bíblia Manuscrita*, lançada durante a Semana da Bíblia de 1993, foi um sucesso. Os participantes da campanha copiavam um versículo das Escrituras Sagradas em um dos oito exemplares da Bíblia Manuscrita que circularam no País e faziam uma contribuição para o projeto.

Empréstimos e doações — Em 1994, as Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs)

informaram à SBB que toda a ajuda do Exterior viria como doação. Em 1996, as Sociedades Bíblicas Unidas mudaram sua política sobre financiamento de projetos e comunicaram à SBB que, do total de 4 milhões e 200 mil dólares enviados para a construção da Encadernadora, 500 mil eram doações, e 3 milhões e 700 mil, empréstimo. O pagamento do empréstimo seria feito em dez parcelas anuais, com um ano de carência. [1]

6. O lançamento da pedra fundamental

1993

A cerimônia — No dia 18 de agosto de 1993, aproximadamente 30 pessoas, diretores, funcionários e amigos da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) participaram de uma cerimônia singela. Reunidos ao ar livre, num ponto de um grande aterro do Centro Empresarial do Bairro de Tamboré, no Município de Barueri, situado a cerca de 20 km da cidade de São Paulo, eles oraram a Deus e ouviram a leitura do Salmo 100.

Depois, presenciaram a colocação de uma pedra sobre uma urna enterrada no solo, dentro da qual foram depositados uma Bíblia e um jornal paulistano do dia. A solenidade foi dirigida pelo Presidente da organização, Dr. Aldo da Silva Fagundes.

Apesar da simplicidade da cerimônia, foi aquele um momento histórico para a Causa Bíblica no Brasil. Naquela manhã de agosto, era lançada a pedra fundamental da Encadernadora da Bíblia e da Gráfica da Bíblia, empreendimento de grandes proporções que permitiria à SBB incrementar a produção e a distribuição das Escrituras Sagradas no Brasil e no mundo.

Depoimentos — Os participantes da cerimônia, líderes de diversas denominações evangélicas, foram unânimes em afirmar que estavam presenciando o nascimento de uma das obras mais importantes dos evangélicos no Brasil.

O Dr. Aldo Fagundes, Presidente da SBB, declarou:

Trata-se de uma obra de enorme significado. É um testemunho da vitória da SBB e de sua consolidação dentro do propósito de dar a Bíblia à Pátria.

O Rev. Abival Pires da Silveira, Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana Independente e Diretor da SBB, afirmou:

Estamos vivendo um momento especial, um momento de afirmação. O lançamento da pedra fundamental desse edifício é a célula mater daquilo que será o novo ministério da SBB no novo século e no novo milênio.

O Pr. Antônio Gilberto, líder da Assembleia de Deus e Vice-Presidente da SBB, disse:

Esse projeto é um passo gigantesco para a Obra bíblica e proporcionará um grande incremento na divulgação da Palavra de Deus no Brasil.

O Rev. Adail Sandoval, ministro da Igreja Presbiteriana, ex-Secretário Regional em Brasília e Diretor da SBB, comentou:

Até o momento, a SBB tem se ressentido de uma produção de Bíblias a um custo menor e em maior quantidade. Mas, agora, sentimos que Deus abriu as portas:

estamos aproveitando o kairós (momento certo).

Na opinião da professora carioca Leda Falcão, membro da Igreja Congregacional e Diretora da SBB, o empreendimento viria atender a necessidade, cada vez mais urgente, de evangelizar o povo brasileiro:

Com a crise ética e moral que vivemos hoje, o que será de nosso povo se seguir sem Cristo? A instalação desse parque gráfico é extremamente necessária para que possamos aumentar a quantidade de Bíblias distribuídas no País.

E o Prof. Lourenço Rega, professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Tesoureiro da SBB, declarou:

A SBB está demonstrando à comunidade evangélica que o amor à Causa Bíblica, o amor a Deus e uma administração consciente e eficiente podem reverter em grandes realizações para o povo brasileiro. A construção desta obra é um exemplo de visão do futuro. [2]

7. A construção

1992-1995

O planejamento — O Engenheiro Cyro César de Aguiar, Secretário de Informática da SBB, foi nomeado coordenador do projeto de construção. E o desenvolvimento do projeto ficou a cargo de uma equipe composta por especialistas da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) e das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU). Para se chegar ao projeto final, foram visitadas Gráficas e Encadernadoras especializadas em produção de Escrituras em vários países, como Alemanha, China, Coreia, Estados Unidos, Holanda e Inglaterra. Para ganhar tempo, essa primeira fase de planejamento foi adiantada em 1992 e 1993, durante o período de estudo do projeto pelas SBUs, e contou com a preciosa colaboração do Consultor de Produção das SBUs para as Américas, o Sr. Marco Antônio Herrera. Para isso, ele passou três meses no Brasil com sua esposa e a filha mais nova e visitou vários países da Europa e Ásia.

O projeto arquitetônico — O prédio de 6.000 m² de área construída foi planejado de maneira a possibilitar um fluxo racional entre as atividades desenvolvidas pelos diversos setores. Houve a preocupação de se oferecer um bom ambiente de trabalho e outras facilidades para os 200 funcionários da Encadernadora. Para tanto, foi dispensada atenção especial aos seguintes detalhes de construção: iluminação, ventilação, jardim interno, jardim externo, refeitório, vestiários, lavanderia, creche e ambulatório.

O Projeto arquitetônico do edifício, de autoria do Arquiteto Luiz Fernando Rocco, recebeu, em outubro de 1993, menção especial no 1º Prêmio Belgo Mineiro de Arquitetura em concreto protendido (estruturas pré-fabricadas em concreto), promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil.

As máquinas de encadernação — Em junho de 1993, o Consultor de Produção das SBUs, Marco Antônio Herrera, e o Secretário de Informática da SBB, Cyro César de Aguiar, visitaram as instalações das principais empresas de encadernação da Alemanha. Nessa visita, foram adquiridas máquinas de última geração, produzidas pelas melhores fábricas de máquinas encadernadoras da Europa, como a Sigloch, Stahl, Solema, Perfecta

8. A administração

1994-1995

O Gerente Geral — No final de 1994, a SBB contratou para exercer o cargo de Gerente Geral da Encadernadora o Sr. Célio Erasmo Emerique, Engenheiro Mecânico, de 52 anos, formado pelo ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), e Administrador de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Em sua primeira experiência na área, como Gerente de Instalações Industriais do Grupo Abril, ele havia coordenado em São Paulo a montagem dos equipamentos da maior Gráfica do Brasil, de propriedade da Editora Abril. Mais tarde, havia exercido o cargo de Gerente Geral dos Departamentos de Foto-reprodução e Textos da Editora Abril.

Em 1981, ele se transferiu para a Gráfica Círculo, do Grupo Abril, a maior empresa especializada na impressão de livros encadernados da América do Sul. Nessa Gráfica, exerceu durante 11 anos o cargo de Diretor Executivo. Fez estágios em algumas das mais importantes Gráficas da Alemanha, como a Monhdruck, que produz mais de 50 milhões de livros capa dura por ano. Em novembro de 1994, após uma temporada como Consultor independente para a indústria gráfica, assumiu o cargo de Gerente Geral da Encadernadora da Bíblia. Célio Emerique é filho e neto de pastores presbiterianos. Feliz por colaborar na difusão da Bíblia, ele declarou:

Quando recebi o convite da Sociedade Bíblica do Brasil, senti que era um chamado de Deus para realizar uma missão. Acredito no poder da mensagem do evangelho e espero contribuir para a sua divulgação através da minha experiência profissional.

O Gerente Industrial — No final de 1994, a SBB contratou para exercer o cargo de Gerente Industrial da Encadernadora o Sr. Luiz Antônio Forlim, Técnico em Artes Gráficas pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial e Administrador de Empresas pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul. Toda a sua vida profissional esteve ligada ao ramo de impressão e encadernação de livros. Aos 18 anos, iniciou sua carreira como estagiário na Gráfica Círculo. Trabalhou nessa Gráfica durante 17 anos, ocupando diversos cargos, entre eles os de Gerente de Fábrica, Assistente do Gerente Comercial e Gerente de Acabamento. Quando foi contratado pela SBB para o cargo de Gerente Industrial da Encadernadora da Bíblia, ele havia completado 32 anos de idade.

Forlim declarou, então, que considerava seu novo trabalho um desafio profissional e uma fonte de satisfação pessoal:

É pouco provável que, nos próximos dez ou 20 anos, haja outro projeto desse porte no Brasil, dedicado à produção de livros com capa dura. E, como cristão, acredito que ajudar a divulgar a Palavra de Deus, produzindo Bíblias mais baratas e de qualidade, é um trabalho único, uma missão especial.

O Conselho Administrativo — Para a tarefa de administrar um empreendimento desse porte, a Diretoria da SBB elegeu um Conselho, composto de especialistas nas áreas de administração e produção. O primeiro Conselho da Encadernadora da Bíblia ficou assim

constituído: Dr. Aldo da Silva Fagundes, Presidente da SBB; Dr. Antônio Cabrera, Diretor da SBB; Rev. Leonardo Hussey, então Secretário Regional das Sociedades Bíblicas Unidas; Sr. Alfredo Weiszflog, Diretor da Editora Melhoramentos de São Paulo; Padre Zulmiro Caon, Gerente da Editora Paulus; Pr. Eude Martins da Silva, Gerente da Editora Vida; e Pr. Ronaldo Rodrigues de Souza, Gerente da Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

9. A inauguração 1995

A cerimônia — Na tarde do dia 2 de setembro de 1995, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) viveu um momento especial em sua história. Depois de quatro anos de muita oração, planejamento e trabalho, estava sendo inaugurada a Encadernadora da Bíblia, que, poucos anos depois, seria transformada na Gráfica da Bíblia, o maior empreendimento gráfico destinado à produção da Bíblia na América Latina.

A solenidade de inauguração, realizada nas dependências da própria Encadernadora, reuniu cerca de 400 pessoas, entre autoridades civis, líderes evangélicos de todo o País, representantes das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), diretores, funcionários e amigos da Sociedade Bíblica do Brasil. O programa incluiu culto, consagração, descerramento da placa comemorativa, visita às dependências e confraternização. O clima da cerimônia foi de alegria e gratidão a Deus.

Testemunhos — O Ministro Aldo da Silva Fagundes, Presidente da SBB, declarou:

Enganam-se os que veem nestas paredes apenas cimento e ferro. Aqui existem alma, mística, amor e fé. Na amplidão dessas salas há mãos levantadas em intercessão junto ao Deus Onipotente.

O Rev. Leopoldo Heimann, membro da Diretoria da SBB e orador da cerimônia, declarou em sua mensagem que a inauguração da Encadernadora da Bíblia era uma homenagem que a Sociedade Bíblica do Brasil estava prestando ao País durante a Semana da Pátria.

A palavra do Governador — O Governador de São Paulo, Mário Covas, foi representado no evento pelo Secretário de Agricultura do Estado de São Paulo e Diretor da SBB, Dr. Antônio Cabrera, que declarou:

Contar com uma indústria gráfica desse porte é uma oportunidade única para o Brasil. Ela vai permitir que o povo brasileiro receba a Palavra de Deus com maior qualidade e a um preço que pode pagar.

Em mensagem enviada à SBB e lida pelo Dr. Antônio Cabrera, o Governador Mário Covas assim se expressou:

É, sobretudo, um ato de amor o que hoje presenciamos. Em meio às atribulações que povoam o cotidiano de nossa gente, ainda há, graças a Deus, aqueles que se preocupam em levar a todos os recantos o conforto, o consolo e o ensinamento das Sagradas Escrituras, uma leitura e uma presença essencial e benéfica, que atende todas as etnias, jovens e velhos, pobres e ricos, todos os povos e todas as culturas. Esse projeto reveste-se, portanto, da mais alta significação para todos e reflete, em

sua magnitude, a força da fé que atravessa as fronteiras.

Palavra dos visitantes — Representantes das Sociedades Bíblicas congratularam-se com a SBB e destacaram os desafios representados pelo projeto. O Dr. John D. Erickson, Secretário-Geral das Sociedades Bíblicas Unidas, afirmou:

Há cerca de dois anos, a SBB definiu a visão desse projeto. Depois disso, criou a realidade: levantou os edifícios, equipou esses edifícios, contratou funcionários. O desafio, agora, é fazer que essa indústria gráfica atinja o seu propósito. A missão da SBB e de todos os cristãos do Brasil é tornar a Palavra da Vida disponível ao povo brasileiro.

O Sr. James Wood, Presidente da Sociedade Bíblica Americana, uma das entidades coirmãs que contribuíram para a construção da Encadernadora, disse que o projeto era uma “aventura na fé” e acrescentou:

Graças a Deus e às pessoas que ousaram sonhar e realizar, esse projeto é hoje uma realidade.

O Rev. Floyd Babcock, Secretário-Geral da Sociedade Bíblica do Canadá, outra colaboradora do projeto, qualificou o empreendimento como “um milagre nos tempos modernos”. Disse ele:

Esta é uma prova de que podemos atingir os alvos que Jesus coloca diante de nós. Quando o Rev. Giraldi apresentou o projeto, os especialistas das Sociedades Bíblicas disseram que não existiam recursos nem estrutura humana suficientes no Brasil para realizá-lo. Mas havia uma atitude positiva de parte da SBB. E, por isso, o impossível aconteceu.

O Rev. Leonardo Hussey, Secretário Regional do Centro de Serviços para as Américas, reafirmou o apoio de todas as Sociedades Bíblicas da região ao projeto e destacou o seu caráter missionário:

Esta obra será uma arma poderosa no cumprimento da grande missão que Jesus Cristo nos ordenou: “Ide ao mundo todo e pregai o evangelho a toda criatura.” Os campos estão brancos para a colheita, e Deus nos deu as ferramentas para cumprir a missão. Milhões de Bíblias aqui produzidas serão instrumentos para a conversão de milhões de seres humanos.

O Rev. Saúl Gómez, Secretário-Geral da Sociedade Bíblica de Honduras e Presidente do Comitê Executivo das SBUs para as Américas definiu a obra como um exemplo vivo do crescimento da Causa da Bíblia no Brasil e no mundo:

Deus está fazendo milagres no mundo. Temos visto fatos nunca antes imaginados: uma gráfica produzindo Bíblias para os russos, a Imprensa da Amizade imprimindo 10 milhões de Bíblias para os chineses e, agora, esta encadernadora no Brasil, que irá produzir milhões de Bíblias para as Américas. [4]

10. A Encadernadora se transforma em Gráfica

1997

A primeira rotativa — Quando as SBUs aprovaram o projeto, estava prevista a

construção de uma Encadernadora e um Depósito regulador. A Encadernadora só seria transformada em uma Gráfica com recursos levantados no Brasil. E ninguém poderia supor que isso pudesse acontecer tão cedo.

Em 1994, o Governo brasileiro adotou uma nova moeda, o Real, e a inflação, que estava elevadíssima no País (mais de 50% ao mês), caiu para quase zero. Naquele ano, a SBB dispunha de um bom estoque de Escrituras. Por outro lado, os preços de venda de Escrituras estavam supervalorizados para cobrirem a desvalorização da moeda durante o tempo de reposição do estoque. E, como a inflação esperada não veio, os custos de produção não aumentaram, e a SBB pôde repor os estoques a custos muito mais baixos do que os previstos. Com isso, a SBB teve em 1994 e 1995 um superávit comercial inédito em sua história, suficiente não apenas para terminar o projeto da Encadernadora, mas também para comprar sua primeira rotativa.

Em 1996, a SBB adquiriu nos Estados Unidos uma máquina impressora, uma rotativa de marca Timson, usada, mas em ótimas condições de funcionamento. Essa rotativa, equipada com forno para secagem rápida de tinta, começou a funcionar em janeiro de 1997 e permitiu à SBB transformar sua Encadernadora em uma Gráfica, com capacidade de impressão de 2 milhões de exemplares da Bíblia por ano. Assim, a partir de janeiro de 1997, a Encadernadora da Bíblia se transformou na Gráfica da Bíblia.

A segunda rotativa — Em junho de 2001, a Gráfica da Bíblia adquiriu e colocou em funcionamento sua segunda máquina impressora, também da marca inglesa Timson, mas com maior capacidade de impressão. Com a segunda rotativa, a capacidade de produção da Gráfica da Bíblia aumentou para 4 milhões e 500 mil Bíblias por ano em apenas um turno ou de 9 milhões em dois turnos. A nova rotativa, importada da Itália, tornou possível a impressão das Bíblias de Estudo em formato maior e de Bíblias populares em formato menor. A segunda rotativa era 20% mais econômica que a primeira, permitindo à Gráfica da Bíblia reduzir o custo de impressão das Bíblias populares. Por outro lado, com o aumento de sua capacidade de impressão, a Gráfica pôde incrementar também a produção para outros países.

O Gerente Geral da Gráfica da Bíblia, Célio Emerique, avaliou assim a importância do novo equipamento:

Com a segunda rotativa teremos o controle de todo o processo produtivo, garantindo assim a qualidade de nossas publicações e, principalmente, mantendo os preços compatíveis com os do mercado. [5]

A Gráfica em números — Em 2006, eram os seguintes os números da Gráfica da Bíblia:

Terreno: 10,5 mil m²;

Área construída: 6,3 mil m²;

Equipamentos: Duas impressoras rotativas, máquina de alcear, cinco máquinas de costura de cadernos, máquinas de douração, três encadernadoras e máquinas de embalagem;

Total de investimento: 16 milhões de dólares;

Produção em 2006: 8 milhões e 500 mil Bíblias e Novos Testamentos;

Capacidade produtiva: 1 milhão e 200 mil Bíblias e Novos Testamentos por mês ou 14 milhões e 400 mil livros por ano;

Produção: em dezessete idiomas;

Atendimento: 97 países, além do Brasil. [6]

Quatro voltas na Terra — Para transportar esses 8 milhões e 500 mil Bíblias e Novos Testamentos produzidos pela Gráfica da Bíblia em 2006, seriam necessários trezentos caminhões de doze toneladas. Na impressão dessas Bíblias foram gastas 3.600 mil toneladas de papel, em bobinas de 80 cm de largura. Se essas bobinas fossem desenroladas e estendidas ao nível da linha do Equador, dariam quatro voltas em torno da Terra.

11. O presente certo na hora certa

1995

Em 1991, quando a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) lançou o projeto da Gráfica da Bíblia, seu objetivo principal era suprir adequadamente a demanda de Escrituras no Brasil, impedindo que faltassem Bíblias ao povo brasileiro. E as expectativas da SBB se confirmaram plenamente.

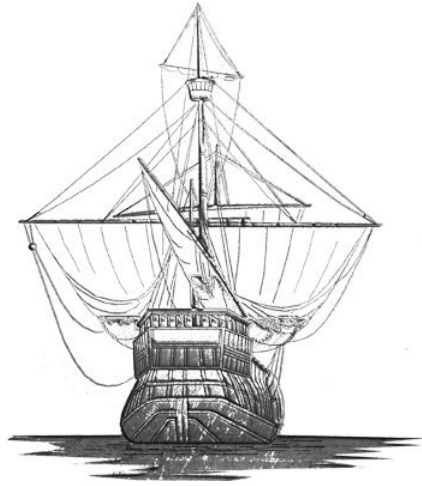
Durante a década de 90, a população evangélica duplicou no Brasil, passando de 13 para 26 milhões. Esse crescimento fantástico das Igrejas evangélicas provocou um aumento nunca visto na demanda de Escrituras no Brasil.

Durante a cerimônia de lançamento da pedra fundamental da Gráfica da Bíblia, no dia 18 de agosto de 1993, o Rev. Adail Sandoval, ministro da Igreja Presbiteriana, ex-Secretário Regional em Brasília e Diretor da SBB, declarou:

Até o momento, a SBB tem se ressentido de uma produção de Bíblias a um custo menor e em maior quantidade. Mas, agora, sentimos que Deus abriu as portas: estamos aproveitando o Kairós (o momento certo).

Essas palavras foram proféticas. Se a Gráfica da Bíblia não tivesse sido construída em 1995, teriam faltado Bíblias no Brasil. Isso porque a distribuição de Bíblias realizada pela SBB durante a década de 90 quadruplicou, passando de um milhão de exemplares anuais em 1990 para quatro milhões em 2000. Sem uma gráfica própria, seria impossível à SBB atender a essa enorme demanda. A Gráfica da Bíblia chegou na hora certa. Deus, que é onisciente, deu ao Brasil o presente certo na hora certa. [7]

CAPÍTULO XVI



A CONQUISTA DO AUTOSSUSTENTO

1991-2000

1. Dobra o número de evangélicos no Brasil

1991-2000

Política — Em 1989, Fernando Collor de Melo foi eleito Presidente do Brasil. Assumiu a presidência no dia 15 de março de 1990 e, denunciado por corrupção, renunciou em 2 de outubro de 1992.

Assumiu a presidência do País o Vice-Presidente eleito em 1989, Itamar Franco. Ele nomeou Fernando Henrique Cardoso para o cargo de Ministro da Fazenda, e este lançou o Plano Real, que acabou com a hiperinflação no País. Com o sucesso do Plano, o Ministro Fernando Henrique Cardoso foi eleito Presidente em 1994.

Fernando Henrique Cardoso exerceu seu primeiro mandato de Presidente da República de 1995 a 1999. Sob o impacto do êxito do Plano Real, seu maior desafio foi manter a estabilização da moeda e, ao mesmo tempo, promover o crescimento econômico.

Religião — Em 1990, a população brasileira era de 147 milhões de habitantes, e os evangélicos totalizavam 13 milhões ou 9% da população nacional. Em 2000, a população brasileira havia aumentado para 169 milhões de habitantes, e os evangélicos totalizavam 26 milhões ou 15,6% da população nacional. Desse total de evangélicos, 8 milhões e 500 mil pessoas (32%) pertenciam às Igrejas históricas, e 17 milhões (68%) às Igrejas pentecostais. Na década de 90, tanto os evangélicos pentecostais como os evangélicos históricos dobraram o número de membros.

2. O Dr. Aldo Fagundes é eleito Presidente

1991

A 13ª Assembleia Geral da SBB, reunida em Brasília no dia 27 de agosto de 1991, elegeu para o cargo de Presidente da organização o Dr. Aldo da Silva Fagundes, líder leigo da Igreja Metodista do Brasil.

Político — O Dr. Aldo Fagundes foi Vice-Prefeito da cidade de Alegrete, RS, sua terra natal, Deputado Estadual no Rio Grande do Sul e, por várias legislaturas, Deputado Federal. Ocupou cargos de relevância na política nacional, entre eles o de líder da oposição, durante o Governo militar, revelando sempre espírito cristão e integridade de caráter. Em 1986, foi nomeado Ministro do Superior Tribunal Militar, chegando a ocupar o cargo de Presidente daquele Tribunal.

Líder cristão — Em sua denominação, a Igreja Metodista do Brasil, foi guia leigo, professor da Escola Dominical e Presidente do Conselho Diretor do Instituto Metodista de Ensino Superior, destacando-se pela sua capacidade de liderança e eloquência.

Diversos mandatos — De 1976 a 1980, exerceu com sabedoria a presidência da Sociedade Bíblica do Brasil, revelando durante seu mandato elevado espírito cristão,

característica principal de sua personalidade. Em 1980, como líder da oposição, sofreu pressões políticas do Governo militar, preferindo renunciar ao mandato de Presidente da SBB para proteger a organização. Em 1991 e 1994, foi reeleito pela Assembleia Geral da SBB para mais dois mandatos.

Realizações — No período em que foi Presidente, de 1991 a 1997, a SBB tornou-se autossustentável, construiu a Gráfica da Bíblia, adquiriu a primeira rotativa para impressão de Bíblias, reiniciou a produção de Bíblias para outros países e inaugurou o Barco *Luz na Amazônia III*. [1]

3. Daisy Liepin Calmon 1981-1992

A Sra. Daisy Liepin Calmon, nascida em Nova Odessa, SP, e membro da Igreja Batista Leta nessa cidade, foi representante da Sociedade Bíblica do Brasil em sua Igreja na década de 60. Na década de 70, mudou-se para Brasília e, em 1976, foi eleita Diretora da Sociedade Bíblica do Brasil e membro da sua Comissão Executiva.

Em 1981, foi convidada pela SBB para criar e dirigir o seu Departamento de Senhoras e Crianças. Como Secretária desse Departamento, foi pioneira na criação e distribuição de Porções e Seleções Bíblicas para crianças no Brasil. Dotada de grande criatividade e sensibilidade, criou novos modelos de publicações bíblicas muito apreciadas pelo público infantil. Para despertar nas crianças o interesse pelo estudo da Bíblia, publicou passatempos bíblicos e promoveu concursos bíblicos na Revista *A Bíblia no Brasil*. E, através do Programa “Mensageiras em Ação”, promoveu a participação das senhoras na distribuição de Porções e Seleções Bíblicas às crianças em todo o País. Durante sua longa gestão de 11 anos, promoveu a distribuição de vários milhões de Porções Bíblicas nas escolas do Brasil.

Em 1992, a Sra. Daisy Liepin Calmon teve de interromper suas atividades na SBB por motivo de saúde. E, no dia 31 de maio de 1992, foi chamada à presença de Deus, deixando a seus colegas uma preciosa lição de vida e um grande legado à Obra Bíblica no Brasil. [2]

4. O painel ecológico do Edifício da Bíblia 1994

O painel — As 300 mil pessoas que passam todos os dias pela esquina da Rua Uruguaiana com a Rua Buenos Aires, no centro antigo da cidade do Rio de Janeiro, podem ver um painel de 500 m² que ocupa toda a parede lateral do Edifício da Bíblia. O mural *Réquiem para a Floresta* mostra uma floresta de seringueiras totalmente devastada, onde troncos cortados vertem um látex cor de sangue. No alto do quadro, encontra-se uma pequena árvore verde, única sobrevivente da destruição. E, na extremidade inferior do mural, está escrito o versículo bíblico: “*Porque do Senhor é a terra e a sua plenitude*” (1 Co 10.26).

O painel pintado na parede do Edifício da Bíblia de nove andares é de autoria de Gervásio Teixeira, artista plástico sergipano radicado na capital carioca. Gervásio pintou o mural entre os dias 11 de janeiro e 23 de fevereiro de 1994, inspirado no tema de seu livro

Réquiem para a Floresta, Canção para Chico Mendes, publicado por ocasião da Eco-92, realizada no Rio de Janeiro.

Inauguração — O mural foi inaugurado no dia 4 de março de 1994 com a cobertura de emissoras de televisão, jornais e revistas. A cerimônia foi dirigida pelo Rev. Guilhermino Cunha, pastor da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro e Diretor da SBB. As autoridades civis e religiosas presentes assim se manifestaram sobre esse empreendimento da Secretaria Regional do Rio de Janeiro:

Dr. Aldo Fagundes, Presidente da SBB:

Além da mensagem marcadamente ecológica, o painel encerra uma indiscutível relação com a mensagem bíblica. A única arvorezinha verde me faz lembrar do texto de Isaías 11, onde o profeta fala que do tronco de Jessé sairão os rebentos de um renovo. A mensagem bíblica tem esta dimensão: mesmo das cinzas, o amor de Deus faz nascer um renovo, um sopro de esperança.

Atriz Neuza Amaral, Assessora Especial do Prefeito César Maia:

Além de ser motivo de reflexão, esta obra oferece incentivo espiritual à população. A única árvore que restou na floresta dizimada diz a quem passa por ali magoado e desiludido que ainda há esperanças se ele se mantiver de pé.

Rev. Guilhermino Cunha, Diretor da SBB:

Esse painel é uma mensagem clara de Deus à Pátria. O uso inteligente dos recursos naturais é ordem de Deus. Na narrativa de Gênesis, vemos que Deus plantou um jardim e pôs nele o homem, com duas missões: guardá-lo e cultivá-lo. Guardar está relacionado com a preservação do ecossistema, e cultivar relaciona-se com o desenvolvimento equilibrado, não predatório.

Sr. Alexandre Nazareth, Diretor Geral do Departamento de Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro:

Morei alguns anos em Manaus e estive na área de fronteira com a Colômbia e o Peru, região de seringais. Quando se corta o tronco de uma seringueira a mais de um metro e meio do solo, ela torna a brotar. Mas, se a árvore for cortada abaixo dessa altura, o látex escorre como sangue, e ela morre.

Poucos meses depois da inauguração do painel, por iniciativa do Secretário Regional Rev. Jairo Gomes de Miranda o Edifício da Bíblia foi incluído no Corredor Cultural do Rio de Janeiro, roteiro turístico criado pela prefeitura da cidade para revitalizar seu centro histórico. [3]

5. Ivan Ávila, o admirável semeador

1947- 1994

Em dezembro de 1994, aposentou-se, por motivo de saúde, o Secretário Regional de São Paulo, Rev. Ivan Espíndola de Ávila, depois de 47 anos de dedicação à Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). Sua trajetória na SBB começou quando ainda era um adolescente. Filho do Rev. Augusto Paes de Ávila e da Profa. Oscarina Espíndola de Ávila, era um rapaz que sempre desejou estudar, trabalhar e valorizar os ensinamentos

evangelho. Em 1947, aos 14 anos, teve seu primeiro emprego, que foi servir cafezinho aos funcionários e visitantes da Sede da SBB no Rio de Janeiro. Trabalhando durante o dia e estudando à noite, Ivan foi progredindo em sua carreira na SBB. Passou pelos setores de contabilidade, finanças e arrecadação. Aprendeu de tudo um pouco até chegar a Assistente da Secretaria Geral em 1961.

Em 1964, ele foi nomeado Secretário Regional em São Paulo, cargo que ocuparia até a sua aposentadoria. Quando ele assumiu a direção da Regional de São Paulo, ela ocupava duas pequenas salas no centro da capital paulista. O Rev. Ivan não se acomodou: tomou como missão fortalecer a presença da SBB no cenário evangélico paulista. Para isso, viajou por todo o Interior, pregou em centenas de púlpitos, conquistou o apoio dos pastores, nomeou representantes nas igrejas e contratou itinerantes para levantarem ofertas para a SBB.

Além de trabalhar com afinco pelo desenvolvimento da SBB, ele foi uma pessoa comprometida com o futuro do País, representando os paulistanos como Vereador em São Paulo, e os paulistas como Deputado Estadual. Publicou muitos livros, dirigiu programas de rádio e foi, acima de tudo, um servo de Deus empenhado em semear a mensagem do evangelho no coração dos brasileiros.

Sua fiel e dedicada esposa Nilza, com quem se casou aos 21 anos e teve três filhos, que lhe deram três netos, falou com saudade de seu querido esposo, em entrevista da à Revista *A Bíblia no Brasil*:

Desde o primeiro dia em que começou a trabalhar na Sociedade Bíblica do Brasil, o Ivan sempre trabalhou com dedicação, humildade e alegria, que irradiava para todos à sua volta. Ele assumiu interinamente a Secretaria Regional de São Paulo, mas sua dedicação foi tão grande, que acabou permanecendo ali durante 30 anos. O Ivan era incansável. Tinha muita energia e vontade de fazer o melhor pelas pessoas e pela Bíblia.

No dia 5 de janeiro de 2006, aos 72 anos de idade, o Rev. Ivan Espíndola de Ávila partiu para a eternidade, deixando um imenso legado de amor à Bíblia e de realizações em favor da sua divulgação no Brasil. Ele deixou muitos amigos, que lamentaram sua partida prematura. Entre eles, estava o Pr. Enéas Tognini, Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, que, em artigo escrito para a Revista *A Bíblia no Brasil*, expressou sua amizade e admiração pelo Rev. Ivan:

“Pôs-lhe o sol quando ainda era dia” (Jr 15.9).

Cinco de janeiro de 2006 ficou marcada como a data em que os céus receberam o querido Ivan, deixando a família e os amigos consternados com a brutal passagem. Como disse o profeta, o sol se pôs na vida do Ivan quando ainda era dia; isso quer dizer que Ivan se foi antes do esperado. Era dia ainda, e você deixou a sua querida família em lágrimas. Deixou seus amigos, que o amavam, desolados. Não o veremos mais à frente da Secretaria Regional da Sociedade Bíblica do Brasil, onde você começou como servidor de café e foi até os mais altos postos dessa abençoada semeadora de Bíblias. Não o veremos mais no púlpito de nossas igrejas como querido orador, pregando aquelas poderosas mensagens, confortando os crentes e levando aos pés de Cristo almas preciosas, integrando-as ao Reino do Senhor. Não o veremos

mais lutando como nosso representante, tanto na Tribuna da capital, quanto como ilustre paladino do povo na Assembleia Legislativa de São Paulo.

Não o veremos mais no lançamento de maravilhosos livros que tanto edificavam nosso povo. O último, Ivan, que você tirou e teve a gentileza de me enviar por meio de uma “motoca”, porque o Correio estava em greve, foi a segunda edição de Meu Pai Era Pastor.

Não o teremos mais em nossos periódicos, com aqueles artigos, ora edificando os leitores, ora combatendo o pecado do povo, o desmando de algumas autoridades. Sua pena, Ivan, os céus usaram para que o nome de Cristo fosse exaltado e glorificado.

Não o teremos mais naqueles saudosos almoços na Avenida Tiradentes, quando era Secretário de nossa Sociedade Bíblica. Quantas vezes naquelas festas eu fui convidado a dar a Palavra e preguei com muita liberdade e no poder do Espírito Santo.

Não o teremos mais nos acampamentos de nossas igrejas e que o céu usava para admoestar nossas ovelhas e levar nosso povo mais perto do Senhor Jesus. Que falta, Ivan, você vai fazer! Dificilmente, alguém vai substituí-lo naquela simplicidade e poder com que expunha a Palavra Santa. Ficou um vazio no coração de nosso povo.

Não o teremos mais naquelas rodinhas em sua casa, ao lado de sua querida esposa e inteligente neto, tomando o delicioso cafezinho e dando boas gargalhadas, pois você era um piadista sem igual.

Jamais me esquecerei daqueles momentos alegres, que nunca mais voltarão.

Não teremos mais o homem que se refugiava naquele recanto mineiro no meio de centenas de livros e dali escrevia aos amigos mais íntimos. E eu fui privilegiado ao receber algumas cartas com alguns erros por falta da visão, com muitas desculpas, mas cartas inesquecíveis. Você, Ivan, deixou meu coração saudoso.

Não o teremos mais nos grandes movimentos evangelísticos nos quais você trabalhava como valente soldado de Cristo.

Ivan, eu fui amigo de seu saudoso pai, o Rev. Augusto, e de sua mãe, fiel companheira ao lado do esposo e dos filhos.

Ivan, você se foi quando ainda era dia. Você tirou a mão do arado quando a seara estava pronta para ceifar! Vamos achar falta de sua alegria, de seu companheirismo. Você era um amigo fiel e mais chegado do que um irmão.

Quando você se foi ainda era dia, mas como diz a Palavra: “Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos nem os meus caminhos, os vossos caminhos...” (Is 55.8) Louvado seja o Senhor por tudo! Você nos precedeu na glória, mas nós também aí chegaremos, pois estamos no mesmo caminho, que é Cristo. [4]

6. A conquista do autossustento

1995

Ajuda do Exterior — Desde sua fundação, em 1948, a SBB contou com o apoio

administrativo e financeiro das Sociedades Bíblicas Unidas. Graças a essa ajuda, pôde oferecer a Bíblia a preços acessíveis e subsidiar programas de distribuição gratuita nas escolas, prisões, hospitais, favelas e regiões pobres do País. Essa ajuda do Exterior oscilou entre 200 a 300 mil dólares anuais até a década de 70. Na década de 80, chegou a meio milhão de dólares anuais e, nos primeiros anos da década de 90, ultrapassou um milhão de dólares anuais.

O plano de autossustento — Em 1987, como Secretário-Geral da SBB, apresentei à Diretoria um plano de autossustento, que consistia na formação, até o ano 2000, de um fundo próprio de 5 milhões de dólares; em uma segunda etapa, a renda resultante da aplicação desse fundo no mercado financeiro substituiria a ajuda recebida do Exterior. Esse plano foi aprovado e posto em execução. Por meio da redução de despesas, aumento das vendas, aumento das ofertas nacionais e recebimento de ajuda do Exterior, a SBB conseguiu ir formando ano a ano esse fundo. E, em 1994, um ano antes da fundação da Gráfica da Bíblia e seis anos antes do previsto no plano, o fundo atingiu a meta estabelecida, e a SBB alcançou seu autossustento, dispensando, a partir daquele ano, a ajuda que recebia das Sociedades Bíblicas Unidas.

Sociedade contribuinte — Em 1995, com o funcionamento da Gráfica da Bíblia, a SBB reduziu muito o custo de produção das Escrituras vendidas e consolidou sua situação financeira. Foi esse o quadro que permitiu à SBB dispensar o auxílio financeiro recebido do Exterior e passar a ajudar outras Sociedades Bíblicas. Essa ação missionária foi desenvolvida sem prejuízo da divulgação da Palavra de Deus no Brasil: a SBB continuou a oferecer a Bíblia a preços acessíveis e aumentou seus programas de distribuição gratuita no País. [5]

7. A Bíblia da Polícia Militar

1996

Desde o final de 1996, a Associação dos Policiais Militares do Estado de São Paulo (APMESP) passou a distribuir Bíblias especialmente produzidas para a Polícia Militar. Eram Bíblias de Afinidade com o logotipo da PM paulista gravado a ouro na primeira capa e a marca da APMESP na segunda capa.

Como surgiu — A ideia surgiu de um encontro do Tenente-Coronel Samuel Souza Ribeiro Filho, Comandante do 41º Batalhão da PM de São Paulo, com a Direção da SBB. As Bíblias foram distribuídas como presente de Natal, e a primeira tiragem de 3 mil exemplares esgotou-se rapidamente. A Associação também entregou exemplares da Bíblia ao Alto Comando da PM em São Paulo e às lideranças comunitárias. O Tenente-Coronel Samuel falou com entusiasmo sobre essa iniciativa:

Essa é uma iniciativa afinada com a filosofia do Comando Geral da PM, que adota o conceito do “policial cidadão”. A Bíblia é o melhor manual de cidadania e princípios éticos que alguém pode conhecer. Esta edição especial da Bíblia foi muito bem recebida dentro e fora da corporação. Dentro, porque o policial encontrou na Palavra de Deus um meio de manter o coração livre de angústia ou de ódio enquanto realiza seu duro trabalho nas ruas. Fora, porque o cidadão comum passa a associar a imagem do policial com a de alguém preocupado em se aprimorar espiritualmente

por meio do estudo da Bíblia. [6]

8. O Barco *Luz na Amazônia III*

1997

Os primeiros Barcos — O primeiro Barco, o *Luz na Amazônia I*, foi doado pela Sociedade Bíblica da Escócia, em 1962, e serviu à população da Amazônia até 1990, quando foi substituído pelo Barco *Luz na Amazônia II*, construído pela SBB em Belém com uma doação recebida da Sociedade Bíblica do Canadá.

O Barco *Luz na Amazônia III* — O Barco *Luz na Amazônia III* foi construído pela SBB em São Paulo, em 1997, e transportado por terra até Belém. É um barco moderno e bem equipado, construído com doações da Holanda, do Canadá e do Brasil. Com 26 metros de comprimento, o Barco *Luz na Amazônia III*, feito de aço naval, pode cruzar tanto rios quanto mares. Mesmo com lotação total, seu calado (parte do casco que permanece sob a superfície da água) chega a apenas 90 centímetros, permitindo que ele navegue em águas rasas.

A inauguração — A cerimônia de inauguração do novo barco, presidida pelo Presidente da SBB, Dr. Aldo da Silva Fagundes, foi realizada no dia 2 de agosto de 1997 no Iate Clube de Belém e contou com a presença de autoridades civis e religiosas e de ilustres convidados do Exterior. O Governo Estadual esteve representado pelo Secretário de Saúde, Dr. Vítor Manuel de Jesus Mateus. As Sociedades Bíblicas Unidas enviaram seu Secretário-Geral para as Américas, Rev. Saul Gómez; e a Sociedade Bíblica da Holanda esteve representada pela sua Secretária de Comunicações, Sra. Anja de Zeeuw. Participaram também da cerimônia, além do seu Presidente, o Vice-Presidente, Rev. Guilhermino Cunha, o Vice-Presidente, Pr. Samuel Câmara, o Diretor, Rev. Josué Bengtson, e o Secretário-Geral da SBB.

Impressões — A Sra. Anja de Zeeuw assim se manifestou a respeito da iniciativa da SBB:

O Projeto Luz na Amazônia apresenta uma rara combinação entre os projetos desenvolvidos pelas Sociedades Bíblicas, unindo auxílio espiritual e físico. E nós, holandeses, sabemos que é preciso conhecer e melhorar as condições de vida das pessoas de outros países.

O Secretário-Geral das Sociedades Bíblicas Unidas para as Américas, Rev. Saul Gómez, elogiou a iniciativa:

A Sociedade Bíblica do Brasil é hoje um modelo de administração de recursos em favor do povo e da missão de colocar a Palavra de Deus ao alcance de todos. E essa missão ganha relevo ainda maior quando agregada ao atendimento das necessidades físicas da população brasileira.

O Pr. Samuel Câmara, Vice-Presidente da SBB, líder da Assembleia de Deus na região amazônica, declarou:

Quando o assunto é o Projeto Luz na Amazônia, a gente se emociona porque ele é a iniciativa que melhor reflete o propósito da SBB. Trata-se do maior gesto de amor que podemos praticar em favor de uma população isolada e necessitada. Na

Amazônia, quem chega primeiro ganha o coração. E ficamos felizes em vermos que o amor e a Palavra do Senhor estão ganhando o coração dessas pessoas.

O Pr. Josué Bengtson, Deputado Federal e Presidente do Diretório Estadual no Pará fez a seguinte apreciação:

Não conheço nenhuma iniciativa federal, estadual ou municipal que faça o que está fazendo o Projeto Luz na Amazônia para esta Região. [7]

9. O Rev. Guilhermino Cunha é eleito Presidente

1997

A 15ª Assembleia Geral da SBB, reunida em Barueri, de 27 a 28 de agosto de 1997, elegeu para o cargo de Presidente da entidade o Rev. Guilhermino Cunha, ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

Líder presbiteriano — O Rev. Guilhermino Cunha é Bacharel em Direito e Teologia, Licenciado em Filosofia, Mestre em Teologia e Divindade pelo Seminário Teológico de Pittsburgh, na Pensilvânia, Estados Unidos. É pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e, desde 1968, pastoreou igrejas em Cachoeiro do Itapemirim, ES, Rio de Janeiro, RJ e em Pittsburgh, EUA. Em 1997, quando foi eleito Presidente da SBB, era pastor da 1ª Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, membro do Conselho de Curadores do Instituto Mackenzie e representante da IPB junto a essa instituição. Participava da direção de diversas entidades, entre elas a Associação Evangélica Beneficente (AEB) e a Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil (OMEB).

Cargos e Títulos — Em 2000, o Rev. Guilhermino Cunha foi reeleito Presidente da SBB e, em 2004, foi eleito Vice-Presidente das Sociedades Bíblicas Unidas, como representante das Américas. Em 1980, recebeu o título Cidadão do Estado do Rio de Janeiro; em 1989, o diploma de Honra ao Mérito do Rotary Clube do Rio de Janeiro; em 1992, a Medalha Tiradentes; e, em 1993, a Medalha Pedro Ernesto.

Realizações — Durante seu mandato de seis anos, de 1997 a 2003, a SBB celebrou seu Jubileu de Ouro, lançou o programa *A Fé Vem Pelo Ouvir*, lançou a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, inaugurou a Imprensa Braille, lançou a Bíblia em Braille-Português, recebeu a Ordem do Mérito Cultural, adquiriu a segunda rotativa para impressão de Bíblias, iniciou a exportação de Bíblias para a África e assumiu a liderança mundial em distribuição de Bíblias. [8]

10. A primeira Bíblia eletrônica em português

1998

A Bíblia Online — Em 1998, a SBB entrou na era digital, lançando sua Bíblia Online, um CD-ROM com mais de 80 obras. Com 47 Versões da Bíblia, em diversos idiomas, e mais de 40 volumes de comentários bíblicos em uma só publicação, esse CD-ROM foi a primeira biblioteca bíblica em CD-ROM publicada até aquela data no Brasil.

Conteúdo — Além das 47 Versões completas da Bíblia em português, inglês, espanhol, francês, italiano, alemão, holandês, russo, árabe, chinês e latim, o software trouxe o

Antigo Testamento Hebraico e o Novo Testamento Grego. Continha também 40 volumes de Comentários Bíblicos, escritos por importantes autores, como Spurgeon, Calvino, John Gill, Barnes, Matthew, Henry, Scofield e A. T. Robertson, que podiam ser consultados e comparados na tela do computador. [9]

11. A integração das Sociedades Bíblicas Lusófonas 1998-2005

Os países lusófonos — Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Annabon, Goa, Damon, Diu e Timor Leste, países e territórios situados na América do Sul, Europa, África, Índia e Indonésia, têm problemas sociais, políticos e econômicos distintos, mas falam a mesma língua, o português. Essa foi a motivação que levou as Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs) a promoverem o 1º Encontro Lusófono, que aconteceu de 2 a 5 de dezembro de 1998, na Sede Nacional da SBB, em Barueri, SP.

Primeiro encontro — Representantes da maioria das Sociedades Bíblicas que atuam em localidades de língua portuguesa estiveram presentes ao 1º Encontro Lusófono. O evento, que fez parte das comemorações do Jubileu de Ouro da SBB, contou com a presença de representantes das Sociedades Bíblicas que atuam em Angola, Brasil, Índia (Goa, Damon e Diu), Indonésia (Timor Leste), Moçambique e Portugal. Cada um relatou o trabalho que estava sendo desenvolvido, os obstáculos, as necessidades, os planos e as metas para o futuro.

A população lusófona — O Rev. Evariste Munyabarambe, Consultor de Relações Públicas das SBUs na África, informou no encontro que, em 1998, mais de 200 milhões de pessoas no mundo falavam português. Para ele, as boas ideias que surgiriam no encontro seriam aplicadas também nos países da África que falavam outras línguas.

Moçambique — O Secretário-Geral da Sociedade Bíblica de Moçambique, Rev. Amós Zitha, informou que, em 1998, 27% dos 18 milhões de habitantes de Moçambique falavam português. O país estava comemorando a paz, mas ainda sofria os efeitos da guerra. A pobreza era tão grande, que a Bíblia era dividida em partes para alcançar um número maior de pessoas. Sua esperança era que a colaboração entre os países lusófonos viesse melhorar essa situação.

Angola — O Secretário-Geral da Sociedade Bíblica de Angola, Rev. David J. M. Nkosi, relatou que a situação vivida pela população de Angola era semelhante à de Moçambique, com o agravante de que a guerra civil ainda perdurava no país. 70% dos quinze milhões de habitantes falavam português, mas 80% da população não tinham a Bíblia. A colaboração entre as Sociedades Bíblicas Lusófonas era uma nova esperança para a Sociedade Bíblica de Angola.

Índia — O Secretário-Geral da Sociedade Bíblica da Índia, Rev. B. K. Pramanik, informou que 2 milhões de pessoas falavam português na Índia. Eram os habitantes dos territórios de Goa, Diu e Damon. Lá, a maior dificuldade era o suprimento de Bíblias em português.

Portugal — O Secretário-Geral da Sociedade Bíblica de Portugal, Rev. Timóteo

Cavaco, afirmou:

Estamos dando o primeiro passo no sentido de tornar as Sociedades Bíblicas Lusófonas mais definidas. Com esse encontro, estamos conhecendo nossas diversidades e nossos pontos em comum. Não será uma atitude paternalista que irá resolver os problemas em nossos países, mas o desenvolvimento de projetos conjuntos. Nossas tradições e culturas são diferentes. Precisamos conservar aquilo que nos une, que é a língua, mas tendo em mente o fato de que temos de atender os anseios e necessidades dos habitantes dos nossos países.

Indonésia — O Secretário-Geral da Sociedade Bíblica da Indonésia, Rev. Supardan, informou no encontro que sua Sociedade também tinha uma Gráfica própria e cumprimentou a SBB pela grande produção de Bíblias em português. Disse que o grande desafio da Sociedade Bíblica da Indonésia era usar toda a capacidade produtiva de sua Gráfica e conseguir recursos para doar a Bíblia à população pobre de seu país. Disse ainda que, depois desse encontro, faria o possível para melhorar o suprimento de Bíblias em português aos moradores do Timor Leste.

Resultados — Um dos resultados imediatos do 1º Encontro Lusófono foi a resolução das Sociedades Bíblicas da Indonésia e de Portugal de publicarem uma Bíblia bilíngue nos principais idiomas de seus países. Outro resultado imediato foi a decisão de a SBB publicar a Agenda Anual de Oração em coedição com os demais países lusófonos.

Devido ao êxito do 1º Encontro Lusófono, foi marcado o segundo encontro para o ano de 2001, em Lisboa, Portugal. Nesse encontro, o Rev. Erní Seibert secretário de Comunicação Social da SBB, foi eleito Coordenador dos Encontros Lusófonos. Até 2005, foram realizados os seguintes encontros das Sociedades Bíblicas Lusófonas: o terceiro, em 2002, em Maputo, Moçambique; o quarto em 2004, em Luanda, Angola; e o quinto, em 2005, em Barueri, SP, Brasil. [10]

12. A celebração do Jubileu de Ouro

1998

A multidão — Mais de doze mil pessoas compareceram ao Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, na noite do dia 3 de junho de 1988, para a celebração do Jubileu de Ouro da SBB. O auditório, com capacidade para quatro mil pessoas, ficou pequeno para abrigar tanta gente. Para que mais pessoas pudessem assistir à celebração, foram espalhados telões fora do auditório. Mesmo assim, cerca de seis mil pessoas tiveram de voltar para casa sem assistirem ao momento especial de louvor a Deus pelos 50 anos de existência da SBB.

Os cânticos — O início do programa teve a participação do Pr. Adhemar de Campos e seu grupo musical. A seguir, apresentaram-se um coral de trezentas vozes e uma orquestra sinfônica de 95 músicos, sob a regência dos Maestros Raul Blum e Gilberto Massambani.

As mensagens — O programa foi conduzido pelo apresentador Fausto Rocha e pelo Coordenador da Comissão do Jubileu, Dr. Erní Walter Seibert. Os líderes evangélicos e autoridades civis estiveram presentes na tribuna de honra. O Presidente da SBB, Rev. Guilhermino Cunha, salientou em sua mensagem a importância da Bíblia para a vida das

pessoas. Como Secretário-Geral, apresentei um resumo histórico dos 50 anos da SBB. O Dr. Rudi Zimmer apresentou o trabalho de divulgação da Bíblia em braile aos deficientes visuais. E o pregador da noite, o pastor presbiteriano Rev. Caio Fábio pregou uma inspiradora mensagem sobre Hb 4.12a: “A Palavra de Deus é viva e eficaz.” O culto de Celebração do Jubileu de Ouro da SBB foi encerrado com o cântico dos hinos “Aleluia”, de Handel, e “Castelo Forte”, de Lutero. [11]

13. A Revista *A Bíblia no Brasil* completa 50 anos 1948-1998

50 anos de existência — Em junho de 1998, a Revista *A Bíblia no Brasil* completou 50 anos de publicação ininterrupta. Desde o princípio, a sua proposta foi manter os cristãos brasileiros bem informados sobre a divulgação da Bíblia no Brasil e no mundo. Durante meio século, ela teve apenas cinco editores: Edmond Machado Krischke (1949-1950), Ewaldo Alves (1950-1954), Leonor Raeder (1954-1975), Antônio Varizo Jr. (1975-1989) e Alice Helena Vassão Giraldi (1989-1998). Graças ao excelente trabalho desses consagrados servos da Deus, a Revista institucional da SBB conquistou milhares de leitores e tornou-se uma das revistas mais apreciadas pela comunidade evangélica no País.

A Redatora que inovou — De 1889 a 1998, a Jornalista Alice Helena Vassão Giraldi ocupou o cargo de Editora da Revista. Antes de iniciar seu trabalho na SBB, ela havia trabalhado como jornalista em diversas editoras, entre elas a Editora Abril, onde trabalhou na Revista Cláudia. Em suas mãos, a Revista *A Bíblia no Brasil* foi reformulada por meio de um novo projeto editorial e gráfico. Sua linguagem tornou-se mais atual, novas seções foram criadas, a diagramação passou a ser feita eletronicamente e a impressão em quatro cores. Nessa nova fase, a Revista deu ampla cobertura aos principais eventos ligados à divulgação da Bíblia no Brasil e manteve seus leitores bem informados a respeito da Obra bíblica no mundo. Esse salto de qualidade na linguagem, no visual e no conteúdo tornou a Revista mais comunicativa, mais bonita e mais informativa. Com isso, o número de leitores aumentou: sua tiragem, que em 1989 era de 40 mil exemplares, subiu em 1996 para 80 mil exemplares. Na década de 90, *A Bíblia no Brasil* ganhou prestígio internacional, e suas matérias começaram a ser solicitadas por outras Sociedades Bíblicas. Ao completar meio século de existência, suas reportagens eram traduzidas para o inglês e remetidas regularmente para 23 países. Sociedades Bíblicas do mundo todo solicitavam fotos e material informativo da Revista para publicarem em seus veículos de divulgação. Desde 1996, quando criou a Secretaria de Comunicação Social da Sociedade Bíblica do Brasil, a jornalista Alice Helena Vassão Giraldi iniciou um amplo projeto de divulgação da Obra das Sociedades Bíblicas junto aos leitores da Bíblia. Como titular dessa nova área, organizou o Banco de Informações e coordenou as atividades de Assessoria de Imprensa e Relações Públicas da SBB.

O novo Redator — Em janeiro de 1999, assumiu o cargo de Editor da Revista *A Bíblia no Brasil* o Dr. Erní Walter Seibert, Mestre em Teologia pelo Seminário Concórdia de São Leopoldo e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. Foi pastor no Rio Grande do Sul, deão e professor de Teologia no Instituto Concórdia de São Paulo e Vice-Presidente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Na SBB, ele colaborava com o Departamento de Publicações na criação de Porções e

14. O primeiro NT em áudio, dramatizado

1999

A Fé Vem Pelo Ouvir — Em 1999, a SBB lançou o Programa *A Fé Vem Pelo Ouvir*, com o propósito de proporcionar aos deficientes visuais mais um meio de conhecer a Bíblia e de promover o conhecimento da Bíblia nas igrejas. Para uso no Programa, foi gravada em CD e cassetes uma edição dramatizada do Novo Testamento. Na gravação foram usadas 33 vozes e uma trilha sonora exclusiva para o Programa.

Hosanna — O Projeto foi desenvolvido em parceria com o Ministério Hosanna, uma organização missionária especializada na gravação sonora da Bíblia. O Ministério Hosanna é uma organização cristã, sediada na cidade de Albuquerque, Novo México, USA, que trabalha em parceria com as Sociedades Bíblicas em mais de 50 países.

Promoção do uso — O objetivo do Programa *A Fé Vem Pelo Ouvir* é promover o conhecimento do evangelho através da audição da Bíblia. Sua estratégia é criar o hábito de se ouvir diariamente a Bíblia, partindo do princípio, de que se uma pessoa repete uma mesma coisa durante 20 dias seguidos, provavelmente criará o hábito de fazer aquilo. A proposta do Programa é levar os crentes a ouvirem todo o Novo Testamento em 40 dias, dedicando para isso trinta minutos por dia.

Promoção e resultados — Para promover o Programa *A Fé Vem Pelo Ouvir* no Brasil, a SBB organizou o Departamento de Marketing Direto, adquiriu um sistema de Market Force e contratou e treinou um grupo de doze promotores. Esses promotores trabalharam durante vários anos, oferecendo o programa FVPO a mais de cinco mil igrejas em todos os Estados do Brasil. Milhares de igrejas participaram do Programa “A Fé Vem Pelo Ouvir”, e dezenas de milhares de pessoas ouviram todo o Novo Testamento pela primeira vez em sua vida. [13]

15. A aposentadoria do funcionário mais antigo

1999

No início de 1948, Erasmo Dantas, um jovem de 15 anos, começou a trabalhar nas Sociedades Bíblicas Unidas, por influência de seu pai, que já trabalhava há muitos anos na Instituição. Começou fazendo pacotes e servindo café e, dois anos depois, foi promovido a Auxiliar de Contabilidade. Ele trabalhava de dia e estudava à noite.

Durante seus 51 anos de atividades na Sociedade Bíblica do Brasil, ele ocupou diversos cargos de responsabilidade: foi Contador, de 1960 a 1964, Secretário Regional em Belo Horizonte, de 1964 a 1967, Secretário Regional no Rio de Janeiro, de 1967 a 1970, Secretário de Finanças, de 1970 a 1985, e Auditor Interno, de 1985 a 1999.

Testemunha ocular de toda a história da SBB, Erasmo Dantas marcou sua passagem pela Instituição com seu belo exemplo de dedicação, lealdade, honestidade e amor à Causa da Bíblia no Brasil. [14]

16. A Nova Tradução na Linguagem de Hoje

2000

A Revisão da BLH — Logo após o lançamento da *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH), em 1988, a Comissão de Tradução da SBB começou a examinar as sugestões recebidas. Por outro lado, a própria Comissão de Tradução sentiu que o Novo Testamento precisava de uma revisão, pois tinha sido traduzido antes, quando os princípios de tradução ainda estavam em formação. Além disso, as mudanças ocorridas no idioma português naqueles doze anos exigiam uma revisão da tradução. As principais mudanças feitas na revisão da BLH foram:

O Novo Testamento foi revisado tanto do ponto de vista do sentido dos textos originais como em relação à língua portuguesa;

As construções gramaticais que ainda estavam complexas na 1ª edição foram simplificadas em toda a Bíblia;

A designação do nome de Deus no Antigo Testamento, “Deus Eterno”, ou “Eterno” foi mudada para “Senhor Deus”, “Deus, o Senhor” ou “Senhor”;

O Livro dos Salmos foi revisado a partir do original hebraico, sendo restaurada, sempre que possível, sua forma poética original;

Os textos que não se encontram em alguns dos melhores e mais antigos manuscritos e que apareciam no rodapé da BLH voltaram ao texto bíblico entre colchetes;

Foram acolhidas e incorporadas à tradução as boas sugestões recebidas das igrejas e dos estudiosos da Bíblia.

A Comissão de Tradução — A revisão foi feita por especialistas em hebraico, grego, português popular, linguística e gramática portuguesa. Entre os seis membros da Comissão de Tradução que trabalharam na preparação da NBLH, quatro haviam participado a tradução da BLH: o Dr. Robert G. Bratcher, o Dr. Werner Kaschel, a Profa. Selma Júnia Vassão Giraldo e o Rev. Josué Xavier.

Foram integrados a esse grupo mais os seguintes revisores:

Em 1991, o Dr. Rudi Zimmer, pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, nascido em Santa Rosa, RS, Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre, Licenciado em Letras pela Faculdade Porto-Alegrense de Ciências e Letras, Doutor em Teologia pelo Seminário Concórdia de Saint Louis, Missouri, EUA e professor de grego, latim, hebraico, alemão, Teologia e História das Religiões. Além de revisor, o Dr. Rudi Zimmer passou a exercer também, a partir de 1994, a função de Coordenador da Comissão.

Em 1999, o Dr. Vilson Scholz, pastor da Igreja Evangélica Luterana, foi convidado para fazer parte da Comissão de Tradução da SBB. O Dr. Vilson é Bacharel em Teologia pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre e Doutor em Teologia Exegética pelo Concordia Seminary, St. Louis, EUA. Foi pastor em igrejas do Rio Grande do Sul e professor de Teologia Exegética no Seminário Concórdia, em São Leopoldo, RS. Contratado pela SBB para a função de Consultor de Tradução, ele trabalhou na preparação do *Novo Testamento Interlinear* e foi o editor da *Bíblia de Estudo NTLH*.

O lançamento da NTLH — Entre os meses de outubro e dezembro de 2000, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) promoveu o lançamento da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH) em várias Regiões do País. No total, foram 18 encontros, que reuniram pastores, líderes de igrejas, professores e alunos de instituições teológicas. Nessas cerimônias de lançamento, foi apresentada a Conferência “A Bíblia — o livro mais traduzido, distribuído e lido do mundo”, pelo Dr. Rudi Zimmer, Coordenador da Comissão de Tradução da SBB.

No Rio de Janeiro, o lançamento foi feito no Palácio Guanabara, com a presença do Governador do Estado e de autoridades civis e eclesiásticas. No Nordeste, Centro-Oeste e Sul do País, a tradução foi muito bem recebida por todas as denominações cristãs.

Durante o lançamento em Belém, PA, o pastor da Assembleia de Deus, Samuel Câmara, Diretor da SBB, declarou:

Não tenho dúvida nenhuma de que será a Versão mais lida e a mais procurada em todo o País.

O Pr. Josué Bengtson, da Igreja do Evangelho Quadrangular, disse:

Era sempre necessário ter uma Enciclopédia Bíblica, uma Chave Bíblica para que se entendesse a Bíblia. A grande vantagem da Bíblia na Linguagem de Hoje é que ela já traz tudo isso simplificado.

Homenagem — No dia 29 de novembro de 2000, a Diretoria da SBB, em um ato solene realizado na Sede da SBB, descerrou uma placa em homenagem aos tradutores que participaram da tradução e da revisão da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. O Pr. Enéas Tognini, Vice-Presidente da SBB, representando o Presidente, Rev. Guilhermino Cunha, salientou o valor da tradução para a evangelização do povo brasileiro e agradeceu aos tradutores o importante trabalho realizado durante mais de 30 anos. O Dr. Robert G. Bratcher, falando em nome da Comissão, agradeceu a homenagem recebida e destacou a dedicação de todos para o êxito da missão. Essa placa, fixada na Sede da SBB, em Barueri, contém os seguintes dizeres:

“Homenagem da Sociedade Bíblica do Brasil aos membros da Comissão de Tradução, Revisão e Consulta, Rev. Josué Xavier, Rev. Luiz Antonio Giral di, Rev. Oswaldo Alves, Dr. Robert G. Bratcher, Dr. Rudi Zimmer, Profa. Selma Júnia Vassão Giral di e Dr. Werner Kaschel, por ocasião do lançamento da Bíblia Sagrada — Nova Tradução na Linguagem de Hoje, em reconhecimento à sua dedicação e ao seu talento no trabalho de tornar a Palavra de Deus mais compreensível ao povo brasileiro.”

“Assim, de maneira poderosa, a mensagem do Senhor era anunciada e se espalhava cada vez mais” (At 19.20). [15]

17. Liderança mundial na distribuição de Bíblias

1991- 2000

Em 1997, a SBB conquistou o primeiro lugar em distribuição de Bíblias entre as 139 Sociedades Bíblicas nacionais que operavam em mais de 200 países. Para alcançar essa posição, distribuiu 3 milhões e 45 mil Bíblias, ultrapassando pela primeira vez a

Sociedade Bíblica Americana, que circulou 3 milhões de exemplares. Em terceiro lugar ficou a China, com 2 milhões e 100 mil Bíblias, e, em quarto, a Sociedade Bíblica da Coreia, com 1 milhão e 100 mil exemplares.

O primeiro lugar em distribuição de Escrituras (Bíblias, Novos Testamentos, Porções e Seleções Bíblicas), conquistado pela SBB em 1985, foi mantido durante toda a década de 90.

Em 1997, a distribuição mundial de Bíblias realizada pelas Sociedades Bíblicas durante o ano chegou a 20 milhões de exemplares, sendo 2 milhões e 400 mil na Europa, 2 milhões e 600 mil na África, 6 milhões e 400 mil na Ásia e 8 milhões e 700 mil de exemplares na América.

Na década de 90, a SBB triplicou sua distribuição de Bíblias em relação à década de 80, e a circulação de Testamentos e Seleções Bíblicas cresceu 68%. A população evangélica duplicou, passando de 12 milhões e 900 mil em 1990 para 26 milhões em 2000, acompanhando de perto o aumento da distribuição de Bíblias. [16]

DÉCADA DE 1990					
ANO	BÍBLIAS	TESTAM.	PORÇÕES	SELEÇÕES	TOTAL
1991	1.219.124	74.621	1.665.203	139.480.794	142.439.742
1992	969.068	59.404	1.220.513	132.479.920	134.728.905
1993	1.228.554	57.808	1.642.096	155.589.780	158.518.238
1994	1.377.606	55.598	851.885	156.180.964	158.466.053
1995	1.803.028	63.806	1.030.378	164.851.596	167.748.808
1996	2.254.669	79.253	1.546.654	160.336.745	164.217.321
1997	3.045.479	278.000	1.494.981	168.440.804	173.259.264
1998	3.136.163	827.657	1.854.484	169.962.939	175.781.243
1999	3.359.460	701.633	1.828.069	168.225.086	174.114.248
2000	4.058.915	269.097	1.674.943	182.141.902	188.144.857
1991-2000	22.452.066	2.466.877	14.809.206	1.597.690.530	1.637.418.679
1981-1990	7.389.425	1.306.101	10.084.092	958.385.469	977.165.087
DIFERENÇA	204%	89%	47%	67%	68%

18. O fiel semeador

Nesse período, a Bíblia ganhou milhões de novos leitores no Brasil, e milhões de pessoas tiveram sua vida transformada através da sua leitura. Este belo testemunho, enviado pelo Rev. Severino Lyra, então Secretário Regional da SBB no Recife, e publicado na Revista *A Bíblia no Brasil* conta a história de um jovem vendedor que recebeu um exemplar da Bíblia de um freguês que comprou parafusos em sua loja:

Com uma maleta na mão, ele entrou mansamente na casa de ferragens. Seu andar cansado e vagaroso contrastava com os dias da mocidade quando, montado em uma motocicleta, percorria velozmente os sertões do Nordeste. Aproximou-se do balcão e comprou alguns parafusos. Depois abriu sua maleta e dali tirou uma Bíblia, que deu de presente ao jovem que o atendera. Disse algumas palavras e foi embora

calmamente.

Algumas semanas depois, ao passar pela loja, resolveu entrar novamente. A proprietária o reconheceu, chamou-o de lado e perguntou:

— O que foi que o senhor colocou dentro daquela Bíblia que deu ao meu balconista? Ele mudou tanto, nem parece a mesma pessoa...

— Eu não coloquei nada, minha senhora, respondeu o velho obreiro. A Bíblia é assim mesmo, tem o poder de mudar as pessoas que a leem.

Certo de que, mais uma vez, a semente plantada havia caído em boa terra, o velho pastor deu graças a Deus e continuou a sua semeadura silenciosa e incansável.

Muito tempo depois, em uma de suas costumeiras caminhadas pela cidade do Recife, foi abordado na rua por um rapaz que lhe perguntou:

— O senhor se lembra de mim, pastor? Eu sou aquele balconista da casa de ferragens. O senhor me deu uma Bíblia.

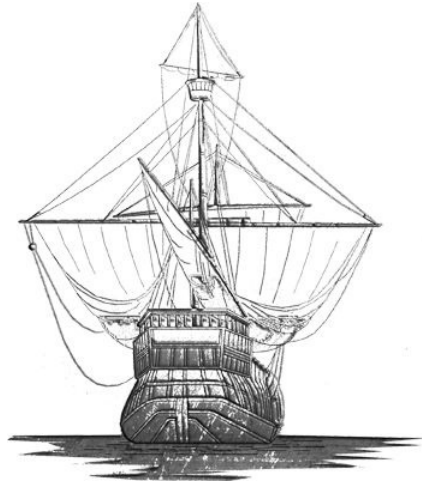
— É claro que me lembro, disse o pastor. Como é que você está? Ainda trabalha naquela loja?

— Não, senhor, respondeu o rapaz. Deixei de vender parafusos. Agora, sou evangelista.

O rapaz e o pastor se olharam em silêncio. E, por um momento, falaram a linguagem misteriosa dos que experimentam os segredos do amor e do poder de Deus. Depois, riram e se abraçaram fortemente.

Ainda hoje é possível encontrar, com bastante frequência, o velho Pr. Manoel Ferreira pelas ruas do Recife. Com sua maleta na mão, já perto dos 90 anos de idade, ele continua a semeadura. E, se algum dia tombar em uma de suas muitas caminhadas, dentro de sua maletinha certamente haverá uma Bíblia destinada a alguém, como uma última mensagem a seus companheiros de pastorado. [17]

CAPÍTULO XVII



A PRODUÇÃO PARA OUTROS PAÍSES

2006

1. As primeiras exportações

1982-1989

A Guerra das Malvinas — A primeira exportação de Escrituras feita pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) ocorreu durante a Guerra das Malvinas, em 1982. Durante esse conflito entre a Argentina e o Reino Unido pela posse das Ilhas Malvinas, iniciado no dia 2 de abril de 1982 e terminado no dia 14 de junho do mesmo ano, a Asociación Sociedad Bíblica Argentina (ASBA) ficou sem Escrituras, e a SBB resolveu ajudá-la. Para isso, imprimiu no Brasil 3 milhões e 500 mil Seleções Bíblicas em espanhol e as enviou para Buenos Aires. Esse lote de Escrituras foi enviado como doação à ASBA e despachado por via terrestre, porque os Portos daquele país estavam bloqueados durante a Guerra.

Bíblias com zíper — Naquela época, a SBB produzia Bíblias em português encadernadas com índice digital e zíper em uma pequena Encadernadora Comercial instalada em São Paulo. Em uma visita ao Brasil, o Secretário de Produção das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), Sr. Marco Antonio Herrera, viu essas Bíblias, gostou e resolveu encomendar um pequeno lote de Bíblias com índice digital e zíper em espanhol para alguns países da América Latina. A aceitação foi muito boa, e os pedidos aumentaram ano a ano. De 1982 a 1986, a SBB produziu centenas de milhares de Bíblias em espanhol, com índice digital e zíper, para todos os países de língua espanhola da América Latina e da Europa. Em 1986, aquela pequena Encadernadora Comercial fechou, e a SBB teve de organizar uma encadernadora própria, instalada no Município de Barueri, SP. Com essa pequena encadernadora, que produzia 30 mil Bíblias de luxo por mês, a SBB conseguiu manter sua exportação de Bíblias em espanhol por mais três anos. Durante o ano de 1988, foram exportadas mais de 350 mil Bíblias de luxo para os países da América Latina. Porém, em 1989, cresceu a distribuição de Bíblias de luxo em português, e, como a capacidade de encadernação da sua pequena Encadernadora era limitada, a SBB teve de suspender a exportação de Bíblias em espanhol.

2. A Gráfica da Bíblia produz Bíblias em espanhol

1996-2006

O recomeço — Em 1996, um ano depois da inauguração da Gráfica da Bíblia, a SBB retomou a exportação de Bíblias para os países da América Latina, interrompida em 1989. A primeira tiragem de Bíblias em espanhol da Gráfica da Bíblia aconteceu em novembro de 1996. Como a SBB não havia ainda recebido sua primeira rotativa, essas Bíblias foram impressas em uma gráfica comercial e encadernadas na Gráfica da Bíblia. Essa primeira exportação da Gráfica da Bíblia foi de 78 mil exemplares da Bíblia na tradução Reina-Valera, que foram despachados para a Bolívia, a Argentina, o México e o Paraguai. Em abril de 1997, a Gráfica da Bíblia produziu e enviou mais 70 mil Bíblias para a Argentina, a Costa Rica, a Guatemala, o México, o Panamá, o Paraguai e o Peru.

As primeiras reações — No início de 1997, o Gerente Geral da Gráfica da Bíblia, Célio Emerique, fez o seguinte comentário sobre as visitas de encarregados de produção de Sociedades Bíblicas da América Latina:

Técnicos de produção de quase todas as Sociedades Bíblicas da América Latina estiveram em novembro passado na Gráfica da Bíblia, participando de um Seminário, e ficaram entusiasmados com o que viram.

Até 1995, não havia na América Latina um parque gráfico capaz de atender toda a distribuição de Bíblias da Região, e o suprimento era feito pela Sociedade Bíblica da Coreia. Com a inauguração da Gráfica da Bíblia, o Brasil se tornou a melhor opção para os países latino-americanos.

Expectativas — No início de 1997, o Secretário de Produção da SBB, Sr. Edgar Dias Carvalho, em entrevista dada à Revista *A Bíblia no Brasil*, mostrou-se otimista em relação às possibilidades de produção para os países da América Latina, afirmando:

Até o final de 1998, a Gráfica da Bíblia deverá estar atendendo a 50% das necessidades de Bíblias das Sociedades Bíblicas da América Latina.

Vantagens — A Gráfica da Bíblia oferecia às Sociedades Bíblicas da América as seguintes vantagens em relação a outros Centros de Produção: a boa qualidade de impressão e encadernação, os preços competitivos e a proximidade geográfica. Em apenas uma semana, a SBB podia enviar Bíblias para os países do Mercosul, pois o transporte era feito por via terrestre. Já as Bíblias importadas de países mais distantes, como a Coreia, vinham de navio e demoravam de quatro a cinco meses para chegarem aos países da América Latina.

A SB Argentina — Em 1997, os representantes da Asociación Sociedad Bíblica da Argentina (ASBA), que já haviam recebido dois lotes de Bíblias produzidas pela Gráfica da Bíblia, estavam animados com as perspectivas abertas pelo novo centro produtor no Brasil.

Em 1998, o Diretor-Geral da ASBA, Sr. Marcelo Figueroa, expressou assim seu entusiasmo pela produção de Bíblias em espanhol no Brasil:

Para nós, a Gráfica da Bíblia é uma dose de oxigênio. A Asociación Sociedad Bíblica Argentina estava enfrentando dificuldades para importar Bíblias da Coreia. Os impostos pagos para importar Bíblias da Coreia eram muito altos. Importando do Brasil, não pagamos impostos porque há isenção de imposto para livros importados dos países do Mercosul. Além disso, as Bíblias produzidas no Brasil foram bem aceitas na Argentina. A qualidade de impressão e a encadernação são boas, e o preço é competitivo.

Em abril de 1997, a SBB acertou com a ASBA um fornecimento mensal de 10 mil exemplares, além das 30 mil Bíblias solicitadas no início do ano. Até o final de 1997, a Gráfica da Bíblia produziu 140 mil Bíblias para a ASBA, do total de 180 mil distribuídos por ela durante o mesmo ano.

Cresce a exportação — Em agosto de 2000, o Secretário de Produção da SBB, Sr. Edgar Dias Carvalho, informou à Diretoria da SBB que a Gráfica da Bíblia havia se tornado a principal fornecedora de Bíblias em espanhol e que o Departamento de

Produção da SBB estava visitando todos os seus clientes na América Latina:

O ponto culminante da Secretaria de Produção nos últimos 12 meses foi a produção e exportação de Bíblias em espanhol. Pela primeira vez, os pedidos de Bíblias em espanhol feitos à Sociedade Bíblica do Brasil foram superiores aos pedidos feitos à Sociedade Bíblica da Coreia. A cada ano, melhoramos a nossa qualidade de impressão e encadernação e o nosso atendimento aos clientes. No momento, nossos preços são menores do que os de outros Centros de Produção. A SBB passou a visitar os países da América Latina, através de seu programa de ajuda ao cliente, buscando atender as necessidades de cada Sociedade. Nesse período, visitamos os seguintes países: Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, República Dominicana e Porto Rico. [1]

3. A produção para a Nigéria 2001-2006

Início em 2000 — Durante a 5ª Assembleia Mundial das Sociedades Bíblicas Unidas (SBU), realizada em outubro de 2000, na cidade de Midrand, na África do Sul, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), representada naquele evento pelo seu Presidente e por seu Secretário-Geral, recebeu um apelo dos dirigentes das SBUs para colaborar no desenvolvimento das Sociedades Bíblicas da África. Atendendo esse pedido, os representantes da SBB em Midrand convidaram o Secretário-Geral da Sociedade Bíblica da Nigéria (SBN), Rev. Fred Odutola, para visitar o Brasil.

Primeira visita em 2000 — Em 2000, a Nigéria era o país mais populoso da África e sua população ultrapassava os 110 milhões de habitantes, sendo metade de cristãos e metade de muçulmanos. Apesar de ter uma população cristã tão elevada, de mais de 50 milhões de pessoas, a distribuição de Bíblias da SBN havia sido, em 2000, de apenas 276.809 exemplares. O Secretário-Geral da SBN aceitou o convite recebido e fez sua primeira visita ao Brasil em novembro de 2000, em companhia de dois representantes das Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs), os especialistas na área de produção, Anthony Harrop e Derek Hill. Os executivos da SBB, SBN e SBUs estudaram, durante vários dias, as possibilidades de cooperação entre as duas Sociedades.

O plano de crescimento — A SBN acreditava que podia aumentar sua distribuição de Bíblias e chegar, talvez, a um milhão de Bíblias anuais. Mas a SBN necessitava, para isso, de Bíblias bem baratas para atender a população do país. Até essa época, a Nigéria importava Bíblias da Europa, sendo que a mais barata lhe custava mais de dois dólares.

O primeiro pedido — Como a SBB já estava produzindo em 2000 Bíblias populares em espanhol ao custo de apenas um dólar, o Secretário-Geral da SBN, Rev. Fred Odutola, fez imediatamente um primeiro pedido de 50 mil Bíblias populares à Gráfica da Bíblia na língua iorubá, ao preço de um dólar. Essas Bíblias seriam entregues em 2001, e, se tudo desse certo, a SBN faria novos pedidos, não apenas de Bíblias em iorubá, mas também em outras línguas faladas no país, como hausá, igbô e inglês.

A segunda visita em 2001 — Em agosto de 2001, a Sociedade Bíblica da Nigéria enviou ao Brasil uma delegação formada por cinco executivos: David, Afolabi, Victor,

Ayo e Peter. Eles passaram uma semana na Sede da SBB estudando sua organização administrativa e suas atividades nas áreas de tradução, produção, publicação, distribuição, arrecadação, comunicação social e ação social. A 1ª edição de Bíblias em iorubá já estava pronta para ser embarcada. A qualidade da 1ª edição foi muito elogiada, e eles fizeram mais um pedido de 50 mil exemplares. Além disso, ficou acertado que a SBB iniciaria a composição de novas Bíblias em hausá, igbô e inglês e de uma edição da Bíblia bilíngue iorubá-ínglês.

A produção até 2006 — Em dezembro de 2001, a SBB embarcou o segundo lote de Bíblias para a Nigéria, completando 100 mil exemplares em seu primeiro ano de produção para um país da África. Nos anos seguintes, foram impressas Bíblias em hausá, igbô, inglês e iorubá-ínglês (bilíngue), e os pedidos aumentaram. Em 2002, a Gráfica da Bíblia produziu para a SBN 280 mil Bíblias, em 2003, 206 mil, em 2004, 493 mil, em 2005, 341 mil e, em 2006, 452 mil exemplares.

Cresce a distribuição — Com essa importação do Brasil a preços baixos, a Sociedade Bíblica da Nigéria começou a aumentar rapidamente sua distribuição de Bíblias em busca do alvo proposto de um milhão de Bíblias anuais. O crescimento foi surpreendente: em 2001, a distribuição de Bíblias da SBN duplicou em relação ao ano anterior, atingindo 525 mil exemplares; em 2002, foi de 816 mil, em 2003, de 830 mil, em 2004, de 943 mil, em 2005, de 916 mil e, em 2006, de 1.052.000. [2]

4. A produção em árabe para o Egito 2002-2006

Interesse — Em 2002, os executivos da Sociedade Bíblica do Egito (SBE) ficaram sabendo da produção feita pela Sociedade Bíblica da Nigéria no Brasil e se interessaram em fazer o mesmo. Eles também produziam suas Bíblias na Europa, pagando preços altos, e estavam interessados em produzir Bíblias mais econômicas na língua árabe, falada no Egito.

Aumento da distribuição — Em 2002, a SBE tinha conseguido aumentar a circulação das Escrituras Sagradas entre os muçulmanos, que são maioria absoluta no Egito, usando novos canais de distribuição. A SBE havia instalado sete pontos de venda em diferentes regiões do país, contratado uma equipe de promotores de venda e comprado caminhões para transportar as Escrituras. Tinha também expandido a rede de livrarias que comercializava seus produtos e estava participando de feiras do livro, vendendo a Bíblia em quiosques e investindo em publicidade.

Visita ao Brasil — No final de 2002, a Sociedade Bíblica do Egito (SBE) enviou ao Brasil dois executivos da área de publicações, o Gerente de Operações Ihab Tanas e o Gerente de Publicações Maged Fafain. Eles permaneceram na Sede da SBB durante vários dias, anotando com interesse e curiosidade informações sobre as atividades da SBB no Brasil. Em entrevista dada à Revista *A Bíblia no Brasil*, Ihab Tanas falou com entusiasmo sobre a distribuição de Escrituras em seu país:

A Sociedade Bíblica do Egito está sempre procurando novos meios de distribuir a Bíblia no país. Estamos usando agora o serviço Disk Bíblia. Basta um telefonema para receber em casa, no mesmo dia, edições impressas ou em áudio e vídeo. Com

essa forma agressiva de marketing, conseguimos aumentar a distribuição de Bíblias nos últimos anos.

O primeiro pedido — No final da visita, eles decidiram imprimir na Gráfica da Bíblia uma 1ª edição de 55 mil exemplares de uma Bíblia popular em árabe, no formato de bolso. O custo unitário de apenas um dólar era menos da metade do que estavam pagando na Europa. Fafain expressou assim suas expectativas de produção no Brasil:

Ficamos impressionados com a infraestrutura da SBB, o trabalho dos voluntários, o calibre dos profissionais e a solidez da entidade. Isso permite à SBB ter preços competitivos, flexibilidade, qualidade e grande variedade de produtos. Esse nosso primeiro projeto em parceria com a SBB irá revolucionar a distribuição de Bíblias no Egito. Teremos um produto de baixo custo e alta qualidade.

A 1ª edição de 55 mil Bíblias para o Egito foi despachada no mês de outubro de 2002. A Bíblia produzida no Brasil foi um sucesso no Egito, e, nos anos seguintes, a SBE aumentou seus pedidos. Em 2003, encomendou 75 mil exemplares, em 2004, 175 mil, em 2005, 57 mil e, em 2006, 182 mil exemplares. [3]

5. A produção para outros países

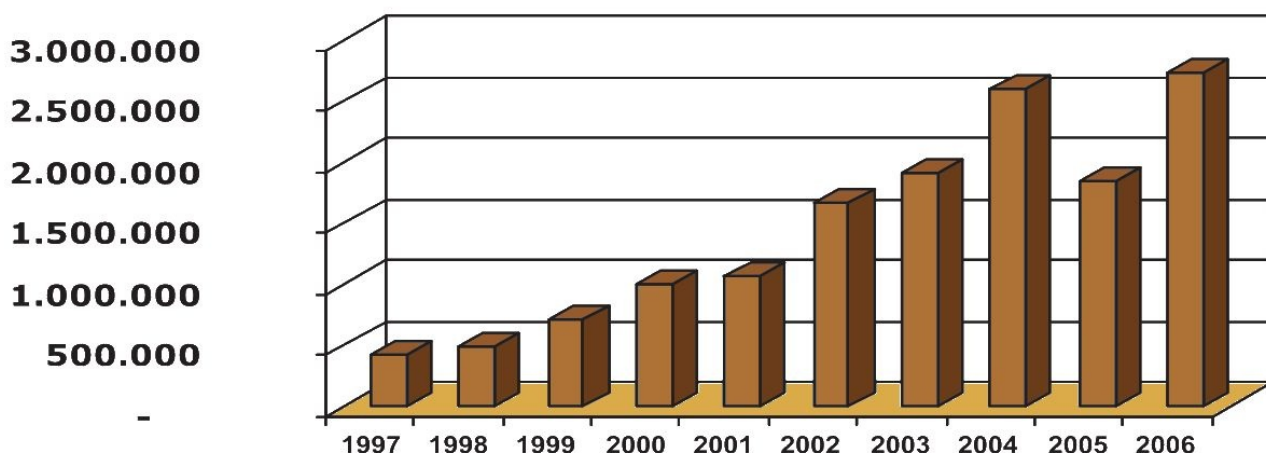
1997-2006

Muitos países — Nos primeiros anos do século XXI, graças à melhoria da qualidade de impressão e de encadernação, à pontualidade na entrega e aos preços competitivos, a SBB expandiu sua produção de Bíblias e Novos Testamentos a novos mercados. Passou a produzir Bíblias em diferentes formatos e tipos variados de encadernação em diversos idiomas, inclusive inglês e francês, para os Estados Unidos, Europa e África. No final de 2006, 97 países de todos os Continentes haviam utilizado os serviços da Sociedade Bíblica do Brasil, tanto na área de impressão e encadernação como na área de diagramação.

Dezessete idiomas — Entre as línguas nas quais a SBB já havia publicado Escrituras, estavam as seguintes: árabe, espanhol (Américas e Espanha), francês, grego, guarani (Paraguai), guarani mbyá (Brasil), hausá (Nigéria), hebraico, igbô (Nigéria), inglês (americano e britânico), iorubá (Nigéria), latim, português (Brasil e Portugal), surinam-tongo (Suriname) e wichí (Argentina).

Maior centro produtor — Durante dez anos, de 1997 a 2006, a Gráfica da Bíblia exportou 13 milhões e 300 mil Bíblias em dezessete idiomas. A quantidade exportada anualmente evoluiu de 416 mil em 1997 para 2 milhões e 700 mil em 2006. Com essa expressiva produção de Bíblias para outros países, a Sociedade Bíblica do Brasil tornou-se um dos dois maiores centros exportadores de Escrituras das Sociedades Bíblicas no mundo. Considerando a produção em português para distribuição no Brasil e para os demais países lusófonos, a SBB passou a ser, a partir de 2001, o maior centro produtor de Escrituras das Sociedades Bíblicas no mundo. [4]

EXPORTAÇÃO DE BÍBLIAS PELA SBB 1997 - 2006



6. Cumprindo sua missão 1948-2006

Motivos do sucesso da exportação — O crescimento da produção para outros países se deu em decorrência da boa qualidade de impressão e de encadernação, dos preços competitivos e da entrega rápida e pontual. E isso foi possível graças ao trabalho conjunto do Setor de Editoração, da Gráfica da Bíblia e do Departamento de Produção da SBB. O Setor de Editoração, dirigido pelo Rev. Paulo Teixeira, que foi promovido a Secretário de Tradução e Publicação a partir de 2006, modernizou o processo de editoração eletrônica da SBB e passou a oferecer, em outras línguas, Bíblias em novos formatos, bonitas e econômicas. A Gráfica da Bíblia, liderada pelo Sr. Célio Emerique, conseguiu produzir Bíblias de alta qualidade a preços econômicos. E o Departamento de Produção, dirigido pelo Sr. Edgar Dias Carvalho, ofereceu um tratamento personalizado aos clientes da SBB e reduziu os prazos de entrega. A produção de Bíblias populares ao preço de apenas um dólar, resultado do trabalho conjunto desses Departamentos, foi um fato inédito na história das Sociedades Bíblicas e teve repercussão mundial.

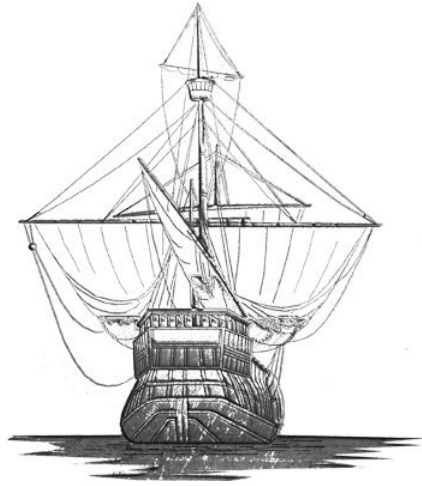
A missão — Desde a sua fundação, a Sociedade Bíblica do Brasil procurou ser fiel à sua missão de “difundir a Bíblia e a sua mensagem a todas as pessoas e a todos os grupos sociais como instrumento de transformação espiritual, de fortalecimento de valores éticos e moral e desenvolvimento cultural e social.”

No decorrer dos seus 60 anos de existência, ela fez o possível para tornar realidade o sonho dos seus fundadores de “*tornar a Bíblia o livro do Brasil*”. Para isso, distribuiu, desde a sua fundação, mais de 60 milhões de Bíblias completas e 4 bilhões de Escrituras.

E, agora, ao completar 60 anos de existência, produzindo cerca de 3 milhões de Bíblias por ano, em 17 idiomas, para 93 países, está participando efetivamente da Obra missionária de divulgação da Palavra de Deus no mundo e cumprindo a ordem de Cristo:

Portanto, vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores (Mt 28.19).

CAPÍTULO XVIII



OS PROJETOS SOCIAIS DA SBB

2006

1. Missão e natureza da SBB

2006

Missão — A Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), segundo seu Estatuto, é uma entidade sem fins lucrativos, de natureza religiosa, filantrópica, assistencial, educativa e cultural. Sua finalidade é traduzir, produzir e distribuir a Bíblia, um bem de valor inestimável, que deve ser disponibilizado a todas as pessoas.

A Bíblia é um instrumento de transformação espiritual e social e fonte de conhecimento e educação. É a base social e cultural do pensamento filosófico da civilização ocidental e contém valores éticos capazes de auxiliar na construção de uma sociedade justa e pacífica.

Tendo como base esses princípios, a SBB tem a missão de:

Difundir a Bíblia e a sua mensagem a todas as pessoas e a todos os grupos sociais como instrumento de transformação espiritual, de fortalecimento de valores éticos e morais e desenvolvimento cultural e social.

Desde 1962, quando inaugurou o Projeto *Luz na Amazônia*, a SBB criou e desenvolveu diversos programas sociais. Em 2001, foi organizado o Departamento de Ação Social, sob a direção da Jornalista Alice Helena Vassão Giraldi, para coordenar e promover os programas sociais em todo o País. Foram, então, criados novos programas, como *A Bíblia nos Hospitais*, *Ação Social pela Paz*, *Incentivo à Cultura* e *Inclusão do Deficiente Visual*.

Em 2006, a SBB desenvolvia em caráter permanente os seguintes Projetos Sociais:

2. Ação social nas escolas

2001-2006

Lei de Diretrizes e Bases — A Constituição Federal, de 1988, estabelece em seu parágrafo 1º, artigo 210, a inclusão do ensino religioso no programa de ensino nas escolas públicas. Em 1997, a lei nº. 9.475 deu nova redação ao artigo 33 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental, ficando assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa no Brasil e vedadas quaisquer formas de proselitismo.

Embora ainda polêmico, o ensino religioso recebe cada vez mais adesões no Brasil. Até o Estado de São Paulo, único do País que ainda não o havia adotado, aprovou a sua inclusão no currículo de suas escolas públicas a partir de 2002, através da Lei nº. 10.783.

Problemas sociais — No início do século XXI, a sociedade brasileira estava enfrentando graves problemas de violência urbana e decadência moral. E era consenso entre os educadores que esse cenário preocupante só seria mudado no futuro com uma

melhor educação das nossas crianças. E, para os cristãos brasileiros, tanto católicos quanto evangélicos, não havia nada melhor do que os ensinamentos da Bíblia para prover esses valores éticos às crianças brasileiras.

Nessa conjuntura, a SBB, inspirada no provérbio: “Eduque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele” (Pv 22.6), criou o Programa *Estudando com a Bíblia*, destinado a crianças e adolescentes que frequentavam as classes de Educação Infantil e de Ensino Fundamental.

Lançado em 2001, o Programa *Estudando com a Bíblia* começou a ser adotado por muitas escolas do País e recebeu o aval de educadores, pais e alunos. Para Rodrigo Bueno, Coordenador de Ensino Religioso do Colégio Batista de Brasília, DF, esse material veio preencher uma lacuna que existia na área do ensino religioso no Brasil:

Essa coleção é a espinha dorsal do conteúdo programático adotado por nós. Antes tínhamos de montar o material, que era uma verdadeira colcha de retalhos.

O Programa — O propósito do Programa *Estudando com a Bíblia* é proporcionar aos professores cristãos das escolas que têm em seu currículo o ensino religioso um método eficiente e objetivo de estudo da Palavra de Deus. O programa busca alcançar os seguintes objetivos: capacitar educadores para a implantação do ensino religioso, suprir a necessidade de material específico para essa disciplina, favorecer o resgate de valores éticos e espirituais entre crianças e adolescentes e contribuir para o fortalecimento da família. A vida em família, a preservação da natureza, a valorização de sentimentos de amizade, a tolerância e a cooperação quanto à responsabilidade social e pessoal do indivíduo são alguns dos pontos abordados pela coleção, que está pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e levou quatro anos para ser elaborada pela Comissão de Publicações da SBB.

O material didático — A SBB desenvolveu para uso nesse programa a coleção de cadernos bíblicos *Estudando com a Bíblia*, que compreende nove volumes, cada um deles voltado a uma faixa temática diferenciada, e também o Livro do Professor, que oferece sugestões para o uso do material na sala de aula.

A sequência das histórias para cada série e a escolha das ilustrações dos livros foram feitas de acordo com o nível de desenvolvimento psicológico, cognitivo e social da criança. A fim de acompanhar o currículo escolar, seu conteúdo é interdisciplinar. Cada volume compõe-se de 28 lições e exercícios de fixação diferenciados, como a carta enigmática, a palavras-cruzadas, o estudo de mapas, a interpretação de textos, a redação e caça-palavras, que motivam a criança a estudar outras matérias do ano letivo, como Matemática, Geografia, História e Português. O curso *Estudando com a Bíblia* é apresentado na seguinte ordem temática: criação (Educação Infantil), família (1ª série), pessoas da Bíblia (2ª série), discípulos (3ª série), vida de Jesus (4ª série), ensinamentos de Jesus (5ª série), povo de Deus (6ª série), mandamentos (7ª série) e resposta ao amor de Deus (8ª série).

Outro diferencial do programa é sua preocupação em evitar a discussão de questões doutrinárias particulares de cada igreja. Ele apresenta as histórias bíblicas de maneira a permitir aos alunos fazerem suas próprias reflexões e tirarem suas próprias conclusões sobre os ensinamentos das Escrituras.

A primeira experiência em Cuiabá — Valorizando a Vida para Viver Melhor foi o nome do Projeto-Piloto implantado, em 2001, nas escolas da Rede Pública Municipal de Cuiabá, no Mato Grosso. Desenvolvido pela SBB em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, ele envolveu 21 escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da região Oeste daquela cidade.

O Presidente do Diretório da SBB em Cuiabá, o pastor batista Lécio Dornas, falou sobre a organização do Projeto:

Os professores participaram de um encontro em fevereiro de 2001, no qual estudaram a literatura bíblica e os princípios de interpretação das Escrituras, bem como os pressupostos filosóficos e pedagógicos do Programa Estudando com a Bíblia. Com o convênio firmado entre as instituições, todos os alunos receberam o volume da coleção referente à série em que estavam matriculados. E cada professor, além da coleção, recebeu um exemplar da Bíblia na Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

Terminada a primeira fase do programa, o Sr. Joacir F. de Pinho, pai de um dos alunos beneficiados pelo Projeto opinou sobre sua importância para os alunos:

As aulas de Ensino Religioso, quando estudadas filosoficamente, sem discriminação de nenhuma religião, são importantes porque levam o aluno a refletir sobre importantes temas religiosos e adquirir novos conhecimentos bíblicos.

A Profa. Margareth Mello avaliou assim o material usado:

Os livros são interessantes e agradam aos alunos pelas belas ilustrações e facilidade de compreensão.

Na opinião do Prof. Genilson Rodrigues da Silva, o material usado era de excelente qualidade e havia ajudado os alunos a se envolverem mais no estudo durante as aulas.

Para o Pr. Lécio Dornas, a implantação do Projeto nas escolas de Cuiabá permitiu que a Palavra de Deus fosse estudada de forma mais didática, atrativa e interativa e elevou o nível de qualidade do ensino religioso na cidade. E ele previu um futuro auspicioso para esse Projeto de Ensino Religioso nas escolas:

Foi uma experiência positiva e inspiradora. E é só o começo. Tenho certeza de que muitos outros frutos virão desse fascinante ministério.

Depois da experiência bem-sucedida em Cuiabá, a SBB decidiu estender seu Projeto de Ação Social nas escolas às outras escolas públicas de Cuiabá e, mais tarde, a toda a rede pública do País. [1]

3. A Bíblia nos hospitais

1991-2006

Programa — Essa ação é desenvolvida por uma equipe de voluntários e ocorre em hospitais de diversas regiões do País. O Programa contribui para a humanização hospitalar, oferecendo apoio espiritual e emocional ao enfermo hospitalizado, à sua família, à equipe médica e aos demais funcionários das instituições de saúde beneficiadas. Ele inclui a distribuição gratuita de literatura bíblica fornecida pela Sociedade Bíblica do Brasil e a realização de encontros com as capelanias hospitalares. O atendimento leito a

leito abrange visitas diárias, preparo pré-cirúrgico, apoio pós-cirúrgico, acompanhamento dos pacientes terminais e consolo a famílias enlutadas.

Depoimento — A Sra. Zilda Hartke, paciente de um hospital na cidade de Brusque, no Estado de Santa Catarina, fez a seguinte apreciação sobre o atendimento recebido através desse programa:

Recebi as visitadoras no hospital, e foi muito fortalecedor. Como é bom não sermos esquecidos em uma hora dessas! Na bandeja do café da manhã, era maravilhoso receber uma mensagem das Porções Bíblicas da SBB. Cada manhã era uma mensagem diferente. Minha família é testemunha do quanto foi bom para a minha recuperação ser fortalecida na fé.

4. Ação social pela paz

1948-2006

O Programa — Esse Programa visa combater as causas da violência. Baseado em ações preventivas, é voltado a detentos, dependentes químicos e famílias em situação de risco social. Para atender especialmente a comunidade carcerária, é integrado pelo Projeto *Ação Social no Cárcere*, realizado em parceria com instituições que trabalham com o preso e com seus familiares. Por meio da distribuição de literatura bíblica, contribui para o desenvolvimento espiritual e fortalecimento dos valores éticos desses segmentos da população.

Depoimento — O Sr. Jailton Rosa, detento de uma prisão da cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, deu o seguinte depoimento sobre o atendimento recebido através desse Programa:

A Bíblia tem um significado profundo para mim, pois modificou minha vida. Tudo o que eu conheci de Deus através da Bíblia me deu um novo horizonte e é o que vai me ajudar quando sair da prisão. O que mais contribuiu para minha transformação foi a Palavra de Deus. Nos momentos de revolta, eu lia a Bíblia, e ela me trazia paz ao coração.

5. Ação social em situações de emergência

1948-2006

O Programa — Esse Programa oferece assistência espiritual e social a segmentos da população em situação de risco social, por meio de parcerias com organizações governamentais e não governamentais. Por meio dessas parcerias, é possível distribuir materiais bíblicos a essa população e doar Escrituras a comunidades atingidas por calamidades.

Depoimento — O Sr. José Roberto de Lima, Coordenador do *Projeto Vida* na cidade do Recife, Capital do Estado de Pernambuco, falou sobre sua experiência com as pessoas que vivem nas ruas atendidas por esse programa social:

A pessoa que vive na rua não está apenas desprovida de bens materiais. Ela perdeu os valores e, muitas vezes, não se vê com o direito à vida. Por isso, é preciso

alimentar o corpo e o espírito. É preciso dar alimento e mostrar a fé, direcionando essas pessoas a se recompoem tanto material como espiritualmente. Nesse sentido, a Bíblia é muito importante. Uma palavra de fé, de amor e de esperança pode fazer uma grande diferença para essas pessoas que estão vivendo uma situação de emergência.

6. Incentivo à cultura

2000-2006

O Programa — Esse Programa promove o desenvolvimento espiritual, cultural e educacional da população promovendo ações que facilitam o acesso ao livro por meio da criação de bibliotecas comunitárias, Projeto *Acervo Comunitário*, e ampliando acervos já existentes em comunidades de baixa renda.

Acervo Comunitário — O Projeto *Acervo Comunitário* prevê a implantação de caixas-estantes, com cerca de 200 títulos, em comunidades que não têm acesso a livros. Os títulos são selecionados a partir de entrevistas prévias com membros da comunidade, visando atender suas necessidades e preferências. O acervo é composto por publicações bíblicas, literatura portuguesa e brasileira, livros infanto-juvenis, literatura especializada, dicionários e Atlas. As bibliotecas são geridas por *Agentes de Leitura*, membros das comunidades capacitados pelo programa, que zelam pelo acervo, indicam leituras, monitoram os empréstimos e apontam as preferências dos leitores.

Depoimento — O Sra. Eliana Cross, da Comunidade Pereira da Silva, na cidade do Rio de Janeiro, beneficiária do programa, falou sobre a importância do programa para a sua comunidade:

Esse Projeto é muito importante para os jovens e as crianças da nossa comunidade. As agentes de leitura ensinam coisas boas para as crianças. Depois das aulas, elas não tinham opção. Aqui não tem lazer; então, elas ficavam pelas ruas, tendo contato com muitas coisas que as colocavam em risco. A biblioteca é o único lazer que temos, e as crianças se apoiam nela. Foi Deus que mandou esse programa para a nossa comunidade.

7. Inclusão do deficiente visual

1951-2002

O deficiente visual — Segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde, 1% da população do Brasil é formada por deficientes visuais ou 1 milhão e 700 pessoas. Mas dados do censo demográfico do ano 2000 apontam para números diferentes. De acordo com o estudo realizado pelo IBGE, há 11 milhões e 800 mil brasileiros com deficiência visual, dos quais cerca de 160 mil possuem incapacidade total de enxergar.

Obstáculos — O deficiente visual enfrenta inúmeros obstáculos em seu processo de inclusão na sociedade, sendo para ele ainda mais difícil o acesso à informação, educação, cultura e ao mercado de trabalho. Entre os fatores de exclusão social do deficiente visual, destaca-se a reduzida oferta de literatura em braile, que é o sistema de escrita e leitura que se ajusta às suas necessidades.

A Imprensa Braille — Em 2001, a SBB inaugurou sua Imprensa Braille. E, em 2002, lançou a Bíblia completa no sistema braille, como será visto no próximo capítulo.

O Programa — A Sociedade Bíblica do Brasil mantém, com a ajuda de contribuintes, o Programa *Inclusão do Deficiente Visual*, que consiste na entrega gratuita de volumes da Bíblia em braille e áudio e exemplares em braille da Revista *A Bíblia no Brasil* a mais de dois mil deficientes visuais. Seu objetivo é ampliar a oferta de literatura em braille e áudio para alcançar um número maior de deficientes visuais.

Depoimento — No primeiro trimestre de 2007, a Revista *A Bíblia no Brasil* publicou esta carta de Marcelo Monteiro Neves, beneficiário desse programa:

Estou muito contente e feliz por estar fazendo parte do Programa Inclusão do Deficiente Visual e por receber a Bíblia em braille. Vocês não imaginam a alegria que estou sentindo de agora poder ler a Palavra de Deus. Sou cego desde o meu nascimento, e esse material tem sido indispensável no meu trabalho como evangelista e de grande importância no meu ministério. [2]

8. Luz na Amazônia

1962-2006

O Programa — É um programa de assistência social e espiritual, criado em 1962, que tem como objetivo levar esperança e melhor qualidade de vida à população ribeirinha da Amazônia. O trabalho é desenvolvido por meio de um barco-hospital, o *Luz na Amazônia III*, que tem capacidade para realizar desde atendimentos de emergência até cirurgias de pequeno porte. O barco faz viagens periódicas, com roteiros definidos, beneficiando tanto as comunidades mais isoladas, distantes das cidades, quanto aos povoados próximos de Belém.

Depoimento — A Sra. Maria José Machado da Cruz, professora na Comunidade Ilha Grande, da cidade de Belém, PA, beneficiária do programa, falou sobre a importância do Programa para a sua comunidade:

O Programa mudou a nossa comunidade para melhor. Antes, não tínhamos um atendimento médico. Então, se alguém ficasse doente, tínhamos duas alternativas: se tivesse condições, ia para Belém; senão, morria aqui mesmo. Com o Programa, passamos a ter um atendimento que não tínhamos, pois a pessoa recebe o atendimento médico, leva para casa o remédio de que precisa e ainda tem o principal, que é a parte espiritual. O Programa Luz na Amazônia cuida da saúde, do corpo e da alma. [3]

9. Títulos recebidos pela SBB

1965-2002

Em 1965, através do Decreto nº. 57.171, o Governo do Brasil conferiu à SBB o título de Entidade de Utilidade Pública. Dois anos depois, ela recebeu do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social, sob o nº. 27.499, habilitando-se assim a receber benefícios governamentais. De 1967 até 2006, o CNAS sempre renovou esse certificado.

Em 2002, o Governo Federal do Brasil reconheceu a SBB como entidade cultural, concedendo-lhe a comenda da Ordem do Mérito Cultural, em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, em Brasília.

De 1965 a 2002, a SBB recebeu os seguintes títulos dos Governos Federal, Estadual e Municipal, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à sociedade brasileira nas áreas da cultura, educação e serviço social:

1965 — Título de Utilidade Pública Federal;

1966 — Título de Utilidade Pública do Estado do Rio de Janeiro;

1967 — Registro no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS);

1967 — Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social;

1998 — Título de Entidade de Utilidade Pública do Município de Barueri (SP), através do decreto nº. 4.291, de 14 de abril de 1998; [4]

1999 — Certificado de inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social de Barueri (SP);

1999 — Título de Entidade de Utilidade Pública do Estado do Pará;

2001 — Título de Utilidade Pública do Município de Belém (PA);

2001 — Certificado de inscrição no Conselho Municipal de Assistência Social de Recife (PE);

2002 — Ordem do Mérito Cultural. [5]

10. Uma bela lição de vida

2002

No dia 30 de novembro de 2002, a Sociedade Bíblica do Brasil lançou a primeira Bíblia completa em braile-português, tornando realidade um antigo sonho de milhares de brasileiros que não podiam ler a Palavra de Deus por serem deficientes visuais.

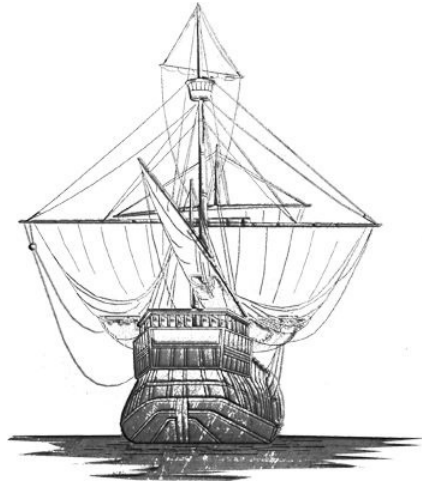
Entre essas pessoas estava Paula Regina França Ribeiro, uma jovem presbiteriana que havia perdido a visão quando tinha apenas quatro anos. Sua mãe, Umbelina Barroso de França, cuidou de sua filha com muito carinho e, mesmo sem recursos, fez de tudo para que ela voltasse a ver. Aos 21 anos, depois de várias cirurgias, Paula conseguiu recuperar parte da visão. Mas, aos 30, voltou a perdê-la e não recuperou mais.

Porém sua deficiência visual não abalou o seu amor a Deus e o seu amor à vida. Pelo contrário, foi um desafio para que ela se tornasse mais útil à sociedade e mais feliz. Primeiro, passou a cuidar de sua casa e a nadar nas horas vagas. Depois, dedicou-se à música e aprendeu a tocar violão, contrabaixo, flauta doce e flauta transversal. Começou, então, a participar de conjuntos musicais e a tornou-se voluntária em serviços comunitários.

Quando conheci Paula, no início da década de 90, ela já estava defendendo a grande causa de sua vida: a publicação da Bíblia completa no sistema braile. Na época, como Secretário-Geral da SBB, decidi apoiar o Projeto da Bíblia em Braile. Mas não tínhamos,

então, condições financeiras nem técnicas para realizar o Projeto. Em 1992, lançamos uma campanha nacional em favor do Projeto. Com os recursos arrecadados no Brasil e uma oferta recebida das Sociedades Bíblicas Unidas, foi encomendada a produção da Bíblia em braile dos Estados Unidos. Porém, depois de vários anos de espera, a tentativa fracassou. No final da década de 90, tentamos novamente produzir a Bíblia em braile no Brasil, mas não conseguimos. O tempo foi passando, e a Paula continuou a insistir: telefonava sempre para o meu escritório e para a minha casa, dando ideias, cobrando iniciativas e não deixando o projeto morrer. Isso continuou por vários anos, até que, finalmente, a SBB conseguiu inaugurar sua Imprensa Braile, em 2001, e lançar sua Bíblia em braile, em 2002. A Bíblia em braile foi uma grande realização da SBB, cuja missão é tornar a Palavra de Deus acessível a todas as pessoas. Foi uma grande vitória de milhares de deficientes visuais brasileiros, que, agora, podem ler a Bíblia sem a ajuda de outra pessoa. Mas foi também uma grande conquista de Paula Regina França Ribeiro, a verdadeira idealizadora e motivadora desse grande Projeto. [6]

CAPÍTULO XIX



A BÍBLIA NO SÉCULO XXI

2001-2006

1. O Brasil no século XXI

2001-2006

Política — Em 2002, Luís Inácio Lula da Silva foi eleito Presidente do Brasil. Seu Governo foi marcado pela continuidade da estabilidade econômica do Governo anterior, uma balança comercial com superávit e uma política exterior voltada para os países da América do Sul. A dívida externa foi reduzida, mas a dívida interna aumentou. O Governo Lula investiu boa parte do orçamento em programas sociais como a *Bolsa Família*, *Fome Zero*, *Luz para Todos* e outros programas que visaram melhorar a qualidade de vida da população mais pobre. Durante seu Governo, o risco Brasil atingiu o seu menor índice em toda a história brasileira. Porém seu Governo foi marcado por inúmeras crises, como a corrupção em empresas estatais e a queda de vários de seus ministros. Em 2006, Lula foi reeleito para um período de mais quatro anos.

Religião — No ano 2000, a população brasileira era de 169 milhões de habitantes e os evangélicos totalizavam 26 milhões ou 15,6% da população nacional. Desse total de evangélicos, 8,5 milhões de pessoas (32%) pertenciam às Igrejas históricas, e 17 milhões, (68%) às Igrejas pentecostais.

De 2000 a 2006, as denominações neopentecostais continuaram a crescer, bem como o movimento carismático católico. Em 2006, embora não houvesse sido feito um novo recenseamento, era estimada uma população brasileira de 187 milhões de habitantes e uma população evangélica de 40 milhões de pessoas.

2. O 1º Seminário de Ciências Bíblicas

2001

No Rio de Janeiro — Entre os dias 20 e 22 de novembro de 2001, a SBB realizou no Rio de Janeiro o 1º Seminário de Ciências Bíblicas. O local do evento foi o auditório da Convenção Geral das Assembleias de Deus, e as reuniões tiveram a participação de mais de 400 pessoas de diversas denominações evangélicas.

Conferencistas — Dividido em seis grandes painéis, o Seminário contou com os seguintes conferencistas: o Dr. Rudi Zimmer, especialista em hebraico e aramaico e Secretário de Tradução e Publicações da SBB; o Dr. Erní Seibert, especialista em Teologia e História e Secretário de Comunicação da SBB; o Rev. Paulo R. Teixeira, professor de Teologia na área de Bíblia e coordenador de Projetos de Publicações da SBB; e o Pr. Antônio Gilberto, pregador e assessor de Literatura Teológica da Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Temas — Voltado para pastores, seminaristas, líderes cristãos, obreiros e professores de escola bíblica, o Seminário abordou os seguintes temas: Formação do Cânon, História das Traduções da Bíblia, Nova Tradução na Linguagem de Hoje, Transmissão do Texto

Bíblico, Uso de Traduções na Preparação de Mensagens e As Escrituras e os Movimentos Missionários.

O objetivo do 1º Seminário de Ciências Bíblicas foi apresentar um modelo de estudo bíblico e motivar os participantes a prosseguirem no estudo da Palavra de Deus. As conferências foram muito apreciadas, especialmente porque analisaram as Escrituras Sagradas sob uma perspectiva não abordada pelos Seminários e Institutos Teológicos.

Depoimentos — O seminarista Walter Santos fez a seguinte avaliação do Seminário:

O Seminário foi de grande valia, pois levantou importantes questões teológicas, proporcionou o enriquecimento bíblico dos seus participantes e incentivou o estudo da Bíblia.

O Secretário-Adjunto da Convenção Geral das Assembleias de Deus, Pr. Jessé Adriano da Silva, destacou o quanto foi importante reunir, em um só evento, as várias denominações cristãs:

A Igreja do Senhor é uma só. As denominações são apenas opções para as pessoas seguirem a Cristo. E, nesse sentido, a Sociedade Bíblica do Brasil mostrou, mais uma vez, que é uma entidade de todas as denominações.

O Pr. Antônio Gilberto declarou:

A SBB acertou em cheio na coordenação e escolha dos temas. Os participantes do Seminário demonstraram grande interesse pelos assuntos estudados e manifestaram o desejo de continuarem a estudar a Bíblia.

E o Dr. Rudi Zimmer, Coordenador do Seminário, concluiu:

Em Seminários como este, podemos falar diretamente com os participantes, responder suas perguntas e entusiasma-los pela Causa da Bíblia no Brasil. Em 2002, pretendemos intensificar essa proposta, levando o estudo das Ciências Bíblicas à população cristã de diversas regiões do País.

O sucesso do 1º Seminário de Ciências Bíblicas animou a SBB a repetir a experiência em outras regiões do País. De 2001 a 2006, foram realizados Seminários e Fóruns de Ciências Bíblicas em quase todos os Estados do Brasil. Esses eventos contaram com a presença de numeroso público interessado em se aprofundar no estudo da Palavra de Deus. [1]

3. Décadas a serviço da Causa Bíblica 1962-2001

Durante quase quatro décadas, o casal Altamir Alves Aruda e Ester Prates Aruda serviu com competência, fidelidade e dedicação a Sociedade Bíblica do Brasil. Quando começaram a trabalhar na SBB, eram ainda solteiros. Ele iniciou sua carreira na SBB, em 1962, como Auxiliar de Expedição e aposentou-se como Secretário de Finanças. E ela começou, no mesmo ano, como auxiliar de escritório e aposentou-se como Secretária do Secretário-Geral da SBB. Por ocasião de sua despedida, ocorrida na reunião da Diretoria, no dia 30 de novembro de 2001, ambos manifestaram sua gratidão a Deus pela oportunidade de dedicarem sua vida à divulgação da Bíblia no Brasil. O cargo de Altamir

Alves Aruda na Secretaria de Finanças foi ocupado pelo Sr. Hélio Fudissaku, e o posto de Ester Prates Aruda, pela Srta. Carla Bettina Flor. [2]

4. A primeira Bíblia em braile-português

2002

A Imprensa Braile — Com o objetivo de oferecer aos portadores de deficiência visual materiais bíblicos em formatos adequados às suas necessidades, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) criou, em 2001, a Imprensa Braile. Integrada à Gráfica da Bíblia, ela reuniu equipamentos de última geração, importados da empresa norueguesa Braillo, especializada em máquinas de impressão em braile.

Com capacidade de impressão de mil e duzentas páginas por hora, esse equipamento imprime a Bíblia toda em apenas seis horas, com o acompanhamento de apenas um funcionário. O diferencial do equipamento adquirido pela SBB é sua capacidade de impressão sob demanda. O equipamento faz a impressão em braile sem matriz, direto no papel. Dessa forma, essa máquina pode imprimir apenas um exemplar da Bíblia completa, alguns volumes da Bíblia ou uma tiragem maior.

O equipamento é composto por uma impressora conectada a um computador e alimentada por bobina de papel. O programa transforma qualquer arquivo de texto em arquivo braile e envia para a impressora, que reproduz os pontos na folha, já com o acabamento finalizado. Após esse processo, basta encadernar com espiral ou capa dura.

A primeira Bíblia em braile-português — Em 2002, a SBB lançou a primeira Bíblia em português no sistema braile. Foi a realização de um antigo sonho dos brasileiros que não podem ver. Na ocasião do lançamento, vários deficientes visuais deram seu testemunho a respeito dessa grande conquista. Eni Alves Maia de Brito declarou:

Caminhamos com esse sonho por muito tempo. A Bíblia em braile é muito importante para nós. É uma conquista para a nossa caminhada com Cristo aqui na terra, tanto na área espiritual quanto à nossa inclusão social. [3]

5. Surgem novas Editoras de Bíblias no Brasil

2002

A tradução da JUERP — Desde 1944, a Imprensa Bíblica Brasileira publicava a Bíblia na tradução de João Ferreira de Almeida na Versão Revista e Corrigida e, a partir de 1967, também na tradução de Almeida na sua Versão “revisada de acordo com os melhores textos em hebraico e grego”. A Sociedade Bíblica Trinitariana (SBT) também publicava, desde a década de 50, a Bíblia na Versão Revista e Corrigida de Almeida. Até o final da década de 90, apenas essas três editoras, a SBB, a JUERP e a SBT, publicavam Bíblias de edição evangélica no Brasil. Porém, no final da década de 90, a Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, sucessora da Imprensa Bíblica Brasileira e da Casa Publicadora Batista, decidiu ceder os direitos de publicação de suas traduções da Bíblia em português a outras editoras nacionais interessadas em editá-las. Essas duas Versões da tradução de Almeida passaram, então, a ser publicadas por diversas Editoras brasileiras, mediante pagamento de direitos à JUERP. Com isso,

multiplicaram-se no Brasil as Editoras evangélicas de Bíblias.

Distribuição por Editora — Em uma pesquisa realizada no Brasil, em 2003, entre as Editoras evangélicas e católicas, a SBB constatou que, durante o ano de 2002, 21 Editoras evangélicas e cinco católicas haviam publicado no Brasil 7.229.146 exemplares da Bíblia. Desse total, 5.253.012 exemplares ou 73% tinham sido publicadas por Editoras evangélicas, e 1.976.134 exemplares ou 27%, por Editoras católicas.

A pesquisa mostrou também que os 3.380.060 exemplares das Sagradas Escrituras impressos pela SBB em 2002 correspondiam a 64% de todas as Bíblias de edição evangélica publicadas naquele ano no Brasil. No total de Bíblias impressas no Brasil em 2002, de edição evangélica e católica, a participação da SBB era de 47%. Foi este o resultado completo da pesquisa:

	EDITORA	BÍBLIAS PRODUZIDAS	%
1	SBB	3.380.060	47%
2	Ave Maria	987.636	14%
3	Paulus	809.000	11%
4	Alfalit – Ed.Pentecostal do Brasil	658.231	9%
5	Editora Vida	200.019	3%
6	Sociedade Bíblica Trinitariana	195.385	3%
7	Geográfica	159.873	2%
8	Rideel	134.954	2%
9	SBI	116.000	2%
10	CPAD	97.576	1%
11	Editora Loyola	84.863	1%
12	Atos	68.000	1%
13	Vozes	60.035	1%
14	King Cross	52.399	1%
15	Mundo Cristão	42.265	1%
16	Edelbra	41.190	1%
17	CPB	36.173	1%
18	Eclésia e Bom Pastor	35.000	0%
19	Editora Santuário	34.600	0%
20	Editou Vida Nova	21.522	0%
21	Hagnos	10.040	0%
22	ICP	3.366	0%
23	United Press	959	0%
24	Fecomex	0	0%
25	Edipar	0	0%
	TOTAL	7.229.146	100%

	EDITORA	BÍBLIAS PRODUZIDAS	%
1	Editoras Evangélicas	5.253.012	73%
2	Editoras Católicas	1.976.134	27%
	TOTAL	7.229.146	100%

	EDITORA	BÍBLIAS PRODUZIDAS	%
1	SBB	3.380.060	64%
2	Outras Editoras Evangélicas	1.872.952	36%
	TOTAL	7.229.146	100%

6. A oficialização do Dia da Bíblia

2002

Lei nº. 10.335 — No dia 19 de dezembro de 2001, o Presidente da República do Brasil em exercício, Fernando Henrique Cardoso, sancionou a Lei nº. 10.335, instituindo a celebração do *Dia da Bíblia* no segundo domingo de dezembro em todo o território nacional.

A celebração do Dia da Bíblia já vinha acontecendo há décadas no Brasil. No entanto, esse reconhecimento público foi resultado do encaminhamento de um projeto de lei à Câmara Federal pelo Deputado Federal Éber Silva, do Rio de Janeiro. O Deputado Éber Silva, que é também pastor batista e professor, encaminhou sua proposição em 27 de janeiro de 2000, com o objetivo de oficializar essa comemoração em todo o País. O projeto de lei permaneceu disponível por cinco sessões da Câmara Federal para receber possíveis emendas. Em seguida, passou pela Comissão de Educação, Cultura e Desporto, recebendo parecer favorável. Foi, então, encaminhado à Comissão de Constituição, Justiça e Redação, onde recebeu parecer favorável antes de ser sancionado pelo Presidente da República.

Justificação — O Deputado Éber Silva justificou o encaminhamento da proposição lembrando a importância dos ensinamentos de cunho ético contidos na Bíblia. Ele declarou:

A Bíblia goza do reconhecimento unânime da humanidade, sobretudo na tradição ocidental. É a obra que contém os pilares da lei moral individual e social tanto de judeus, através do Antigo Testamento, como de cristãos, por meio do Antigo Testamento e do Novo Testamento.

O Ministro da Cultura, Francisco Correa Weffort, analisou assim a aprovação do projeto:

Essa iniciativa nasceu do reconhecimento, por parte do Congresso Nacional e do Presidente da República, da importância fundamental da Bíblia como base moral da

civilização que estamos construindo neste país. [4]

7. A SBB recebe a Ordem do Mérito Cultural

2002

Reconhecimento oficial — No dia 17 de dezembro de 2002, o Governo Federal do Brasil concedeu à Sociedade Bíblica do Brasil a Ordem do Mérito Cultural, em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, em Brasília, DF. A insígnia foi entregue pelas mãos do próprio Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, ao Presidente da SBB, Rev. Guilhermino Cunha.

A insígnia — A Ordem do Mérito Cultural é uma insígnia instituída com o objetivo de tornar conhecido o trabalho de cidadãos e entidades que contribuíram significativamente para o desenvolvimento cultural do País. Com essa comenda, o Governo de Fernando Henrique Cardoso retomou uma antiga tradição brasileira que vem desde o Segundo Reinado e uma tradição portuguesa praticada desde o século XII. Ela é uma versão atual da cerimônia medieval estabelecida pelo rei Afonso VII, de Castela, de entrega da medalha de São Tiago da Espada em honra aos guerreiros cristãos que defenderam o túmulo de São Tiago, na Galícia, dos ataques dos mouros. Restabelecida em Portugal, a partir de 1862, com o título de “Ordem de São Tiago do Mérito Científico, Literário e Artístico”, a insígnia chegou ao Brasil com o nome de “Ordem de São Tiago”, já destinada, então, aos cidadãos que mais ativamente se dedicavam à cultura e às artes no País. Com a proclamação da República em 1889, essa comenda deixou de ser concedida.

A palavra do Presidente — Representada em Brasília por seu Presidente e por seu Secretário-Geral, a SBB foi agraciada juntamente com 34 personalidades e instituições brasileiras. O Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, declarou em seu discurso:

Costumo dizer que o Brasil traz consigo o paradoxo de ser um país ao mesmo tempo culturalmente integrador, socialmente injusto e até mesmo excludente. Queremos, com isso, ressaltar o desafio que essa questão traz a todos nós, governo e sociedade.

A palavra do Ministro — O Ministro da Cultura, Francisco Corrêa Weffort, fez a seguinte referência à Sociedade Bíblica do Brasil durante a cerimônia de entrega da comenda no Palácio do Planalto:

Um dos tesouros culturais contemporâneos que desejo mencionar é a Sociedade Bíblica do Brasil, uma instituição que produz cerca de 4 milhões de exemplares da Bíblia por ano em português, espanhol e até em iorubá. Não é só uma grande editora, mas também uma instituição cultural. [5]

8. O Pr. Enéas Tognini é eleito Presidente

2003

A 17ª Assembleia Geral da SBB, reunida na Sede da SBB, em Barueri, nos dias 27 e 28 de agosto de 2003, elegeu para o cargo de Presidente da entidade o Pr. Enéas Tognini, pastor da Igreja Batista Nacional.

Pastor e escritor — O Pr. Enéas Tognini nasceu na cidade de Avaré, SP, em 1914, fez o curso de Teologia no Seminário Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, e foi ordenado pastor em 1941. Pastoreou igrejas em Belo Horizonte e São Paulo, participou da fundação da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, onde exerceu, durante 14 anos, o cargo de Diretor. Durante 20 anos, viajou pelo Brasil e por países da América Latina em sucessivas campanhas de evangelização.

Em 2003, quando foi eleito Presidente da SBB, o Pr. Enéas Tognini era Presidente da Convenção Batista Nacional e professor de Novo Testamento e Teologia no Seminário Teológico Batista Nacional, em São Paulo. É autor de mais de quarenta livros, dirigiu programas de rádio e participou de programas de televisão. É um dos mais antigos colaboradores da SBB e participa da sua Diretoria há mais de 30 anos.

Mandato abençoado — Durante seu primeiro mandato, a SBB inaugurou o Museu da Bíblia, entregou Novos Testamentos às Forças Armadas, inaugurou o Centro Cultural da Bíblia, criou novos projetos sociais, organizou a Regional de Curitiba, criou o Centro de Distribuição de Belo Horizonte, lançou a Bíblia de Estudo NTLH, inaugurou a Biblioteca da Bíblia e expandiu a exportação de Bíblias. [6]

9. Novos Testamentos para as Forças Armadas 2003

NTs para os militares — A missão da Sociedade Bíblica do Brasil é colocar a Bíblia nas mãos de todos os brasileiros: homens e mulheres, jovens e idosos, pobres e ricos, civis e militares. Porém, até o início do século XXI, ela não havia ainda entregue a Bíblia ou o Novo Testamento a todos os militares do Brasil. Em 2003, finalmente, todos os membros das Forças Armadas do Brasil, Exército, Marinha e Aeronáutica receberam um belo exemplar do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*.

A parceria — Esse Projeto foi possível graças à parceria da Sociedade Bíblica do Brasil com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Banco Bradesco. O Bradesco patrocinou a produção de 200 mil Novos Testamentos, a SBB contribuiu com a cessão de sua Tradução na Linguagem de Hoje e com a impressão e encadernação dos Testamentos e a CNBB com a distribuição aos militares. O Projeto alcançou seus objetivos graças ao bom entendimento e o empenho das três organizações envolvidas. A participação da CNBB, através do Arcebispo Militar do Brasil, Dom Geraldo do Espírito Santo Ávila, permitiu que os Novos Testamentos chegassem às mãos de cada militar.

A impressão — A tradução da Bíblia escolhida em comum acordo entre a SBB e a CNBB foi a Tradução na Linguagem de Hoje, aceita tanto pelos militares católicos como pelos evangélicos, pois foi feita pela Sociedade Bíblica do Brasil e tem a recomendação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Foram entregues aos militares exemplares do Novo Testamento e não da Bíblia completa para evitar a divergência sobre o cânon do Antigo Testamento e para reduzir o custo do Projeto. O formato escolhido foi o de bolso, 8,4 por 11,7 cm, pequeno, leve e fácil de transportar. E as capas dos Novos Testamentos foram impressas em três modelos diferentes, com os brasões e as cores do Exército, da Marinha e da Aeronáutica.

A distribuição — O transporte dos Novos Testamentos até as corporações militares foi

feito pelas Forças Armadas do Brasil. E a entrega dos 200 mil Novos Testamentos a cada componente das Forças Armadas foi organizada e efetivada pela Capelania Militar da Igreja Católica, sediada em cada corporação militar. O sucesso do Projeto levou a SBB e a CNBB a pensarem em desenvolverem, futuramente, um projeto ainda maior e mais complexo: entregar um exemplar do Novo Testamento a cada componente das Polícias Militares Estaduais. [7]

10. O Centro Cultural da Bíblia

2004

História — Como já dissemos, em 1961, quando retirou seu Secretário Executivo do Brasil, a Sociedade Bíblica Americana doou para a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) o Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, situado à Rua Buenos Aires, 135, construído em 1947. Esse Edifício foi a Sede da SBB até 1975, ano em que a SBB transferiu sua Sede para o Edifício da Bíblia em Brasília, que havia sido inaugurado em 1972. De 1975 até 2003, o antigo Edifício da Bíblia, no Rio de Janeiro, funcionou como escritório, loja e depósito da Secretaria Regional do Rio de Janeiro. Com o passar do tempo e o crescimento do volume de distribuição de Escrituras, ele se tornou inadequado para abrigar a Secretaria Regional, por causa do espaço limitado para depósito e expedição de Escrituras. Por isso, em 2003, a Secretaria Regional foi transferida para um prédio alugado na Avenida Brasil, 12.133, Braz de Pina, na Zona Norte do Rio de Janeiro. E o Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro passou a exercer, então, uma nova e importante função, a de Sede do Centro Cultural da Bíblia.

A revitalização do edifício — Em 2003 e 2004, antes de assumir seu papel de Centro Cultural da Bíblia, o antigo edifício passou por um longo processo de revitalização. Ele foi inteiramente reformado, externa e internamente, e suas instalações foram adaptadas às exigências de sua nova função. Para financiar a reforma do prédio, a SBB promoveu uma campanha de arrecadação de fundos, que contou com o apoio entusiástico das Igrejas evangélicas do Rio de Janeiro.

O Centro Cultural — Quando foi inaugurado, o Centro Cultural da Bíblia ocupava cinco dos nove andares do edifício. No primeiro andar, havia sido montada uma bela e moderna livraria; no segundo, em forma de mezanino, estava o Museu da Bíblia; no terceiro, se encontravam a cafeteria e o auditório; no quarto, a Academia Evangélica de Letras; e, no quinto, a administração do Centro Cultural.

A inauguração — No dia 21 de setembro de 2004, foi realizada a cerimônia de inauguração do Centro Cultural da Bíblia. E, no dia 26 de setembro, foi celebrado um culto de ação de graças no templo da 1ª Igreja Batista do Rio de Janeiro. Autoridades, líderes religiosos, doadores e executivos da SBB prestigiaram os eventos, que contaram com a presença de cerca de 800 pessoas. A Governadora do Estado do Rio de Janeiro, Rosinha Matheus, presente na cerimônia de inauguração, apresentou um exemplar antigo das Escrituras, a Bíblia de sua família, que ela havia tomado emprestado de sua avó. Em seu discurso, ela destacou a importância do Livro Sagrado para a cultura dos povos, dizendo:

A Bíblia é importante para todas as culturas, porque ela é a lei de Deus, é a lei do

amor. E a nossa cidade maravilhosa, para ser realmente maravilhosa, precisa de espaços como este, onde nós podemos levar a única verdade, a verdade de Deus.

O Presidente de Honra da SBB e Vice-Presidente das Sociedades Bíblicas Unidas, Rev. Guilhermino Cunha, falou sobre a importância do Centro Cultural da Bíblia para a cidade:

Esse é um marco na cidade do Rio de Janeiro. Não somente teremos aqui eventos em torno da Bíblia, que é a Palavra de Deus, mas também em torno da cultura. [8]

11. A NTLHD recebe o imprimatur 2005

A recomendação do NTLH — Em 1974, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nomeou uma Comissão de especialistas para examinar o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* (NTLH) e dar seu parecer sobre sua fidelidade aos textos originais. Essa Comissão examinou o NTLH e deu parecer favorável ao seu uso pelos católicos de língua portuguesa. Em 1975, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) lançou uma edição do NTLH com uma recomendação da CNBB, datada de 4 de janeiro de 1975 e firmada pelo Bispo Mário Teixeira Gurgel, responsável, então, pelo Setor de Diálogo Religioso da CNBB. Esse *Novo Testamento na Linguagem de Hoje*, com a recomendação da CNBB, foi reeditado muitas vezes pela SBB.

A recomendação da NTLHD — Em 2002, a CNBB nomeou uma Comissão para examinar a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), publicada pela SBB, e também os livros deuterocanônicos na Linguagem de Hoje, traduzidos pelas Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs), e dar seu parecer sobre sua fidelidade aos textos originais. Essa Comissão examinou a Nova Tradução na Linguagem de Hoje com os livros deuterocanônicos (NTLHD) e deu parecer favorável ao seu uso pelos católicos de língua portuguesa. E, em 25 de março de 2003, o Bispo D. Francisco Javier Hernández Arnedo, OAR, responsável pela Dimensão Bíblico-Catequética da CNBB, recomendou o uso da NTLHD nos seguintes termos:

Esta tradução, além de manter uma fidelidade irrestrita aos textos originais, representa um significativo esforço por adequar-se à cultura e linguagem do homem contemporâneo, facilitando aos fiéis a compreensão dos conteúdos da Revelação de Deus e permitindo-lhes uma maior familiaridade com a sua Palavra (DV,24). Ao recomendar esta edição aos fiéis católicos de língua portuguesa, no Brasil e na África, expressamos nosso singelo desejo de que as Sagradas Escrituras sejam não só fonte perene de espiritualidade para todos os cristãos, mas, também, um lugar privilegiado de encontro e diálogo entre as Igrejas cristãs. É a palavra de Deus que nos pode dar a todos “a Sabedoria que leva à Salvação pela fé em Cristo Jesus “ (2Tm 3.15).

No mesmo ano, as Sociedades Bíblicas Unidas publicaram uma edição de dez mil exemplares da Nova Tradução na Linguagem de Hoje com os livros deuterocanônicos, com essa recomendação da CNBB, para distribuição em Angola e Moçambique.

O imprimatur da NTLHD — Em 2004, a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) foi procurada pela Paulinas Editora, interessada em publicar a Bíblia na Nova Tradução na

Linguagem de Hoje com os livros deuterocanônicos. Acontece que a SBB publica a NTLH apenas sem os livros deuterocanônicos. Os direitos de tradução dos livros deuterocanônicos em Linguagem de Hoje não pertencem à SBB, mas às SBUs. Sabendo disso, a Paulinas Editora solicitou licença das SBUs para publicar os livros deuterocanônicos na Linguagem de Hoje com a NTLH da SBB. A licença foi concedida, e, em 2004, a Paulinas Editora publicou no Brasil sua primeira edição da Nova Tradução na Linguagem de Hoje com os livros deuterocanônicos e com a recomendação da CNBB. E, em 10 de dezembro de 2004, Dom Eugênio Rixen, Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, concedeu o *Imprimatur* para a NTLHD, nos seguintes termos:

A leitura das Escrituras aquece o coração do ouvinte que se deixa conduzir pela força da Palavra.

É notório o empenho das editoras na difusão da Bíblia através de suas inúmeras traduções, como resposta aos apelos do Concílio Vaticano II, que recomenda o acesso às Sagradas Escrituras a todos os fiéis de todas as maneiras possíveis (cf. DV 22.25).

No dia 18 de novembro de 1965, foi promulgada, pelo Concílio Vaticano II, a Constituição Dogmática Dei Verbum. A partir daquela data, houve grande divulgação das Sagradas Escrituras. Hoje, a Bíblia está em quase todas as famílias.

Uma das grandes conquistas da caminhada bíblica em nosso país foi a descoberta de que a Bíblia é o mais importante livro para nossa ação evangelizadora. O contato com a Palavra de Deus deve ajudar a descobrir a mensagem atualizada para nosso tempo e provocar uma resposta generosa ao projeto de Deus.

Aconselhamos o estudo da Palavra de Deus a partir do contexto histórico-cultural da época em que foi escrita e com o olhar e os pés firmes na realidade atual. Ao olhar Deus agindo no passado, descobrimos, melhor, suas ações no hoje da nossa caminhada.

Ao recomendar esta edição aos fiéis católicos, desejamos que as Sagradas Escrituras sejam fonte de vida e de comunhão entre os cristãos, alimentem nossa vida de oração e favoreçam o diálogo entre as Igrejas cristãs.

Cumprimentamos a Paulinas Editora pela publicação da “Bíblia Sagrada — Nova Tradução na Linguagem de Hoje”. Apreciamos o esforço de traduzir a Sagrada Escritura em linguagem atual, acessível ao leitor contemporâneo e a sua cultura.

A partir de 2005, a Paulinas Editora passou a publicar regularmente a NTLH com o *Imprimatur* da CNBB, em diferentes formatos e em diversos tipos de encadernação. Como a Paulinas Editora não tem gráfica própria, ela produz suas Bíblias na Gráfica da Bíblia.

[9]

12. A SBB tem novo Diretor Executivo

2005

A cerimônia — No dia 19 de dezembro de 2005, foi realizada em um dos auditórios do Museu da Bíblia, em Barueri, SP, a cerimônia de posse do novo Diretor Executivo da Sociedade Bíblica do Brasil, Dr. Rudi Zimmer. O novo Diretor Executivo havia sido eleito

por unanimidade pela Assembleia Administrativa da entidade no dia 29 de agosto de 2005 pela sua brilhante atuação nas áreas de tradução e publicações e sua liderança no grupo de executivos da SBB. Estiveram presentes à cerimônia membros da Diretoria, representantes de diversas Sociedades Bíblicas, líderes evangélicos parceiros e funcionários da SBB.

Homenagem — Inicialmente, os representantes das Sociedades Bíblicas presentes à cerimônia, meus companheiros de muitos anos na Obra bíblica na América Latina, me prestaram uma comovente homenagem.

Agradecimento — A seguir, o Presidente Enéas Tognini, falando em nome da Diretoria da SBB, me agradeceu os serviços prestados à Causa Bíblica:

Em nome da SBB, quero fazer público o agradecimento por seu trabalho nesta instituição. Você cumpriu com fidelidade a missão que lhe foi confiada. Seu exemplo inspirou muitos, e seu trabalho resultou em bênçãos para milhões de pessoas no Brasil e no mundo.

Conselho — Em meu discurso de transmissão de cargo, dei ao novo Diretor Executivo da SBB, Dr. Rudi Zimmer, o mesmo conselho dado por Deus a Josué, quando ele iniciou sua missão de conquista da Terra Prometida:

Seja forte e muito corajoso. Tome cuidado e viva de acordo com o que ensina a Bíblia. Não se desvie dela em nada e você terá sucesso em qualquer lugar para onde for. Fale sempre do que está escrito no Livro da Lei. Estude esse livro dia e noite e se esforce para viver de acordo com tudo o que está escrito nele. Se fizer isso, tudo lhe correrá bem, e você terá sucesso (Js 1.7-8).

Agradecimento — Em seguida, agradei a Deus o privilégio de servir a Sociedade Bíblica do Brasil durante tantos anos:

Desde 1957, quando comecei a trabalhar na Sociedade Bíblica do Brasil, nunca pensei em mudar de atividade. Isso porque amo a Bíblia, e amo as pessoas, e acho que levar a Palavra de Deus ao meu próximo é a melhor coisa que posso fazer em minha vida. Sou agradecido a Deus por ter exercido esse cargo durante tanto tempo. Foi uma magnífica oportunidade que Deus me deu de servi-lo no ministério da Palavra escrita e de ajudar a levar a Palavra de Deus ao povo brasileiro.

O novo Diretor — Nascido em 1948, em Santa Rosa (RS), com apenas 22 anos de idade já se dedicava à tarefa de dar aula de latim e grego. Dois anos mais tarde, passou a atuar como pastor Assistente na Congregação Evangélica Luterana da Cruz. “A Bíblia sempre foi a minha paixão. Esse sempre foi o meu chão”, revela o Diretor Executivo. Formado em Teologia pelo Seminário Concórdia de Porto Alegre (RS), o Dr. Zimmer fez doutorado em Antigo Testamento no Seminário Concórdia de St. Louis, nos Estados Unidos. Em 2005, completou o programa de MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Instituto de Administração, ligada à Universidade de São Paulo.

Membro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, ele é casado com Dona Josete Maria Zimmer, tem quatro filhos e três netos. Na SBB, sua trajetória teve início em 1991, quando se tornou membro da Comissão de Tradução da SBB. Logo, passou a coordenar a Comissão e organizou a Secretaria de Tradução e Publicações, a qual dirigiu desde 1995. A partir de 2000, passou a ser membro da Junta Diretora Mundial e do Comitê de

Publicações das Américas e Presidente da Comissão de Políticas de Tradução das SBUs.

Responsabilidade — O Dr. Rudi Zimmer definiu sua vida profissional como uma sucessão de dádivas recebidas de Deus. E disse que o mesmo podia dizer sobre o cargo que acabara de assumir:

Evidentemente, esse cargo traz consigo um grande peso de responsabilidade. No entanto, tendo a humildade de saber que é Deus que coloca esse desafio e é ele quem me capacita e, ainda, tendo uma equipe consagrada, isso me deixa tranquilo. Estou convicto de que recebi um chamado para exercer essa função, um chamado de Deus. Portanto, a função que passo a exercer é uma dádiva divina.

Planos para o futuro — Em seu discurso de posse, ressaltou a fidelidade, o amor e a benevolência de Deus para com seu povo. E foi em nome desse amor que ele clamou ao Senhor por orientação no exercício de sua função:

Fundamentado em seu grande amor, ó Deus, e confiante na tua fidelidade, conforme exibida em toda a história, peço que me dê sabedoria na condução da Sociedade Bíblica do Brasil.

Com os olhos voltados para o futuro, o Dr. Zimmer traçou seu plano estratégico tendo como base cinco pilares básicos: inovação, com a melhoria no desenvolvimento de produtos e prestação de serviços; mensuração dos resultados, por meio da geração de uma base de dados confiável e frequente prestação de contas; dedicação à missão através do uso da Palavra como motivação e exemplo; maximização no uso dos recursos por meio da revisão dos processos e do treinamento e seleção dos recursos humanos; e abertura de novas frentes, promovendo principalmente uma aproximação ainda maior com as igrejas. O novo Diretor Executivo enfatizou em seu discurso de posse:

Os avanços na trajetória da SBB foram muitos. Quero consolidar tudo isso e enfatizar, entre outras coisas, o relacionamento com as igrejas. A SBB tem o propósito de difundir a Bíblia e ela o faz, primordialmente, através das igrejas. Por isso, servir as igrejas precisa receber a máxima prioridade. [10]

13. O sucesso das Bíblias de afinidade

1983-2006

Bíblia com logomarca — Desde que foi lançado pela SBB em 1983, o Projeto *Bíblia de Afinidade* tem sido aprimorado, tornando-se uma eficiente ferramenta de disseminação da Palavra de Deus no Brasil. Igrejas, empresas, organizações e até mesmo pessoas físicas têm à sua disposição um serviço que permite fazer uma edição da Bíblia ou do Novo Testamento com sua logomarca ou associada a alguma data especial. O pedido mínimo é de mil exemplares para Bíblias e de cinco mil para Novos Testamentos. O trabalho de criação é oferecido gratuitamente pela SBB, e cada exemplar tem um custo próximo ao do modelo de catálogo correspondente.

Modelos variados — O Projeto oferece a possibilidade de se escolher um modelo de Bíblia ou Novo Testamento do Catálogo da SBB e personalizá-lo. A SBB tem desenvolvido edições diferenciadas, esteticamente atraentes, para as mais variadas instituições. O Projeto permite o desenvolvimento de edições com capa personalizada e

encarte. A SBB dispõe hoje de mais de setenta modelos, com tamanhos e acabamentos variados.

Parcerias — Quando o interessado não possui recursos suficientes para pagar uma edição mínima, uma boa alternativa é buscar parcerias com outras Instituições para viabilizar o Projeto. Foi o que aconteceu no desenvolvimento de uma edição da Bíblia comemorativa do centenário do primeiro voo do *14 Bis*, avião criado por Santos Dumont. Essa Bíblia foi distribuída durante a Semana da Asa, celebrada em outubro de 2006. Para viabilizar o Projeto, a aeronáutica contou com o patrocínio do Instituto Presbiteriano Mackenzie, de São Paulo.

Grandes tiragens — A Igreja Internacional da Graça de Deus tem encomendado *Bíblias de Afinidade* da SBB desde 2004, ano em que fez seu primeiro pedido de 200 mil exemplares. No início, apenas a logomarca da denominação era impressa na capa da Bíblia. Depois, foram adicionados o hinário com músicas do Missionário R R Soares e uma página dedicatória. Na capa da edição de 2006, com tiragem de 400 mil exemplares, foi exibida na capa da Bíblia a foto de um evento realizado pela Igreja na Enseada do Botafogo, no Rio de Janeiro, que reuniu cerca de 300 mil pessoas.

A Sra. Odília Martins Melo, Gerente Geral da Igreja Internacional da Graça de Deus explicou porque a denominação prefere *Bíblias de Afinidade*:

Usamos fotos dos nossos melhores eventos no Brasil. Por isso, todos querem adquirir um exemplar. [11]

14. Os Gideões Internacionais

1898-2006

Missão — *Os Gideões Internacionais* é o nome da organização missionária que, a exemplo das Sociedades Bíblicas, tem como objetivo a difusão da Bíblia. Ela opera atualmente em 182 países e distribui Bíblias e Novos Testamentos em 84 línguas. Sua missão é colocar a Bíblia ou o Novo Testamento em cada quarto de hotel ou hospital.

História — Em 1898, John H. Nicholson, um homem de negócios, hospedou-se em um hotel, na cidade de Boscobel, no Estado de Wisconsin, nos Estados Unidos. Como não havia lugar para todos os hóspedes, ele teve de dividir o quarto com outra pessoa. Antes de dormirem, seu colega de quarto, que se chamava Sam Hill e também era comerciante, lhe perguntou se podia deixar a luz acesa para ler a Bíblia. Então, John, que também era cristão, pediu-lhe para ler a Bíblia em voz alta. Os dois se tornaram amigos e organizaram uma associação de homens de negócios, chamada *Gideões Internacionais*, com o objetivo de colocar uma Bíblia ou um Novo Testamento em cada quarto de hotel ou de hospital.

Os Gideões e a SBB — *Os Gideões Internacionais* cresceram muito no Brasil e, em 2006, distribuíram mais de 6 milhões de Novos Testamentos. Na década de 50, os Gideões e a Sociedade Bíblica do Brasil definiram suas áreas de atuação no Brasil: os Gideões distribuiriam Novos Testamentos nos hotéis e nos hospitais, e a Sociedade Bíblica do Brasil se encarregaria da produção e suprimento das Escrituras Sagradas às igrejas, livrarias e colportores. [12]

15. As Bíblias de Estudo

1984-2006

Sem notas — Quando as primeiras Sociedades Bíblicas foram organizadas, no início do século XIX, elas publicavam a Bíblia “sem notas ou comentários”. A Bíblia em português, na tradução de Almeida, publicadas pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no século XIX, não tinha referências. Já as Bíblias em português de edição católica, publicadas a partir do final do século XVIII, vinham acompanhadas de notas culturais e teológicas.

Com referências — Somente a partir do início do século XX, as Sociedades Bíblicas começaram a publicar Bíblias com referências, para facilitar a localização de passagens bíblicas. A primeira Bíblia em português com referências foi publicada pela SBBE em 1900. Foi a segunda edição da *Versão Revista e Corrigida* da tradução de João Ferreira de Almeida, publicada em Portugal com títulos nos parágrafos, referências, texto alternativo nas margens e mapas coloridos.

Bíblia com Chave-Bíblica — Em 1961, a SBB lançou sua primeira Bíblia com Chave-Bíblica, na *Versão Revista e Atualizada* de Almeida. E, 14 anos depois, em 1975, lançou sua primeira Concordância completa da Bíblia também na *Versão Revista e Atualizada* de Almeida.

Outras ajudas — A partir da década de 70, os leitores da Bíblia no Brasil se tornaram mais exigentes e começaram a solicitar Bíblias com outras ajudas, como notas históricas, culturais e interpretativas. Em 1973, a SBB lançou o *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* com introdução em cada livro, ilustrações a traço, mapas e dicionário.

Bíblias de Estudo — A partir de 1975, a SBB começou a lançar Bíblias de Estudo em coedição com outras Editoras. Até 2006, a ela havia lançado as seguintes Bíblias de Estudo, em coedição:

- Em 1975, a *Bíblia de Estudo Scofield, na Versão Revista e Atualizada da Tradução de Almeida, com notas e os comentários do Dr. C. I. Scofield*.
- Em 1976, a *Bíblia de Estudo Vida Nova, que mais tarde passou a ser chamada de Bíblia de Estudo Shedd, em coedição com a Editora Vida Nova*.
- Em 1991, a *Bíblia de Estudo Anotada, em coedição com a Editora Mundo Cristão*.
- Em 2000, a *Bíblia de Estudo de Genebra, em coedição com a Igreja Presbiteriana do Brasil*.
- Em 1995, a *Bíblia de Estudo Pentecostal, em coedição com a Casa Publicadora das Assembleias de Deus*.
- Em 2001, a *Bíblia de Estudo das Profecias, em coedição com a Editora Atos*.
- Em 2002, a *Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal, em coedição com a Casa Publicadora das Assembleias de Deus*.
- Em 2006, a *Bíblia do Estudante Aplicação Pessoal, em coedição com a Casa Publicadora das Assembleias de Deus*.

A Bíblia de Estudo Almeida — Como a SBB coopera indistintamente com todas as denominações cristãs, ela decidiu publicar uma Bíblia de Estudo que atendesse os anseios dos estudiosos da Bíblia, mas sem nenhuma tendência doutrinária. Em 1999, depois de

muitos anos de pesquisas e estudos, lançou a *Bíblia de Estudo Almeida*, que foi muito bem aceita pela comunidade evangélica no Brasil.

ANTLH de Estudo — Em 2005, a SBB publicou sua *Bíblia de Estudo na Linguagem de Hoje*, com 2 mil e 200 notas introdutórias, 14 mil notas de rodapé, uma concordância com 2 mil e 500 palavras e um dicionário com 2 mil e 700 palavras. Ela foi preparada pela Comissão de Tradução da SBB, composta pelo Dr. Robert G. Bratcher, o Dr. Rudi Zimmer, o Dr. Vilson Scholz e o Dr. Werner Kaschel.

Outras Bíblias de Estudo da SBB — De 2001 a 2006, a SBB publicou mais as seguintes Bíblias de Estudo:

- *Em 2001, a Bíblia para Jovens.*
- *Em 2001, a Bíblia de Estudo Plenitude.*
- *Em 2001, a Bíblia de Estudo Esperança.*
- *Em 2002, a Bíblia da Mulher.*
- *Em 2005, a Bíblia do Estudante.*
- *Em 2006, a Bíblia da Família.*
- *Em 2006, a Bíblia de Estudo Despertar.*
- *Em 2006, a Bíblia do Surfista.* [13]

16. Uma vida dedicada à tradução da Bíblia

1953-2007

Em 2007, o Dr. Robert G. Bratcher, depois de mais de meio século dedicado à tradução da Bíblia na língua portuguesa, continuava a ser uma presença indispensável na Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica do Brasil. Desde a década de 50, ele participou de todos os projetos de tradução da Bíblia realizados pela SBB. Na década de 50, foi membro da Comissão de Tradução da Versão Revista e Atualizada de Almeida (RA), lançada em 1959; fez parte da Comissão de Tradução do *Novo Testamento na Linguagem de Hoje* (TLH), lançado em 1973; foi membro da Comissão de Tradução da *Bíblia na Linguagem de Hoje* (BLH), lançada em 1988; participou da revisão da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH), lançada em 2000; e foi membro da Comissão de Tradução que preparou a *Bíblia de Estudo NTLH*, lançada em 2005. E, em 2007, 53 anos depois de haver participado do seu primeiro projeto de tradução da Bíblia em português e já com mais de 80 anos de idade, iniciou um novo projeto na língua portuguesa: a preparação de Manuais de Tradução da Bíblia. A Obra Bíblica no Brasil deve muito a esse notável tradutor da Bíblia, filho de missionários americanos, nascido no Brasil e brasileiro de coração.

17. O novo portal da SBB

2006

O começo — A partir de uma fase inicial modesta, que continha apenas as informações básicas, o site da SBB cresceu, incorporando serviços, áreas de atendimento e novas tecnologias. Em 2001, atenta às novidades tecnológicas, com base na experiência acumulada nos anos anteriores, a SBB lançou um novo site, desta vez com a dimensão de um portal de informação.

O novo Portal — Em 2007, com ferramentas mais modernas, conteúdos interativos e maiores possibilidades de atualização, o novo portal da SBB foi reconstruído a partir da experiência anterior e da incorporação de ferramentas mais modernas de navegação. O objetivo da SBB foi continuar a levar informações sobre o mundo da Bíblia por meio da Internet. Hoje, o portal da SBB tem um público fiel ao meio eletrônico, que se amplia a cada mês.

O Secretário de Comunicação Social da SBB, Rev. Erní Seibert, analisou assim o novo portal:

Estamos fazendo uma ampla reformulação e incorporando novas tecnologias que vão incrementar a oferta de informações. Ao mesmo tempo, ele terá mais dinamismo na atualização e novas áreas independentes. A ideia é utilizar essa tecnologia, que a cada dia se renova, a serviço da Causa da Bíblia no Brasil. O site atual é acessado, mensalmente, por mais de 40 mil pessoas.

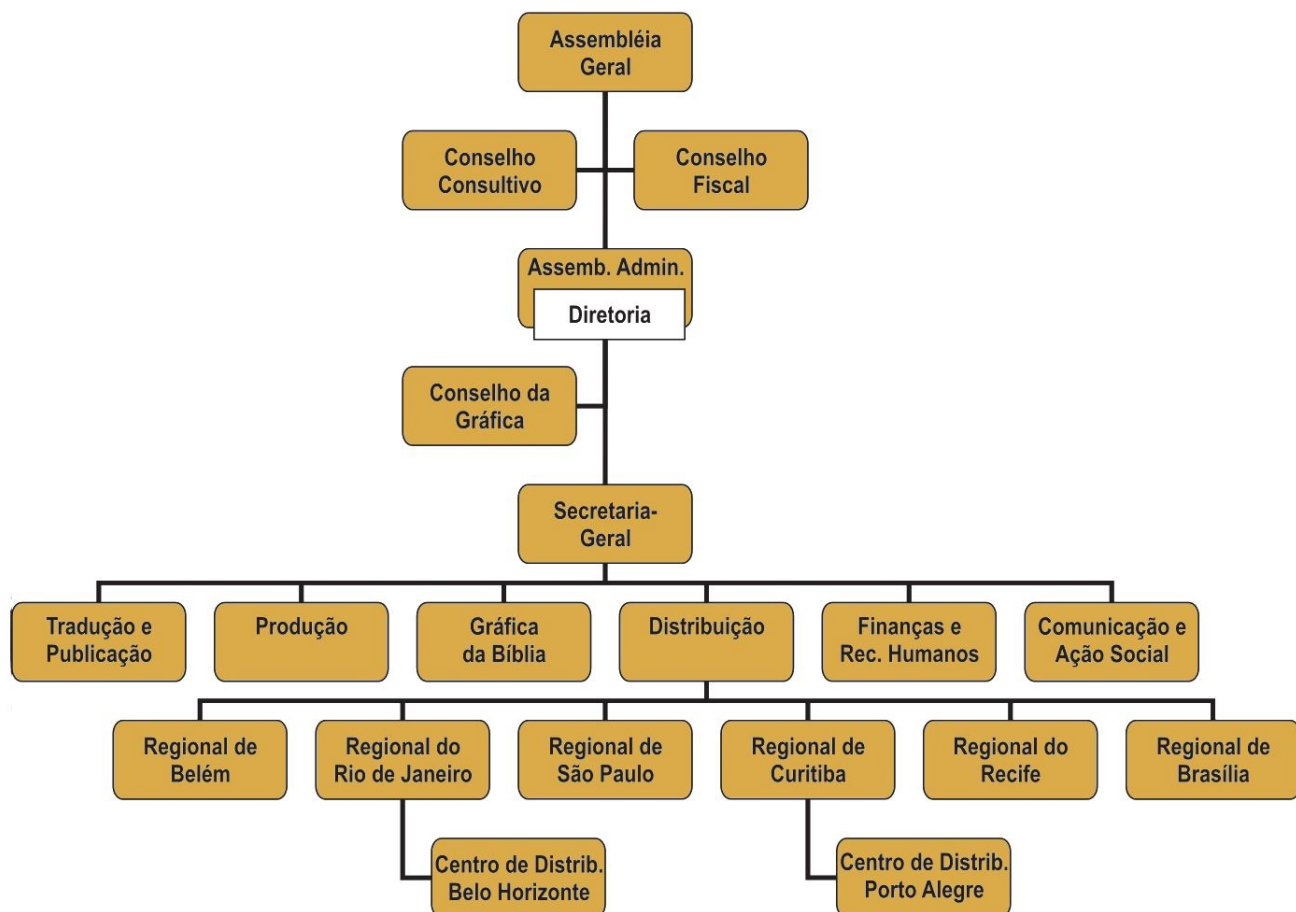
Dividido em dez áreas — Dividido em dez áreas, o novo portal da SBB aprimorou o conteúdo atual do site, agregando novas seções com o objetivo de informar o visitante sobre a divulgação da Bíblia.

- *Institucional* — informações sobre a história, administração, atividades e eventos da SBB.
- *Programas Sociais* — organização e notícias das atividades.
- *Cultura* — acesso aos sites do Museu da Bíblia e do Centro Cultural da Bíblia.
- *Traduções da Bíblia* — história das traduções e características de cada uma delas.
- *Bíblia Interativa* — consulta às três traduções da SBB: Almeida Atualizada, Almeida Corrigida e Nova Linguagem de Hoje.
- *Calendários de eventos*.
- *Produtos* — toda a linha de publicações da SBB.
- *Notícias* — as edições da Revista A Bíblia no Brasil e Boletim.
- *Interaja* — acesso a postais, sites selecionados e ao programa Parceiros do Site.
- *Contato* — Informações sobre a SBB e vagas disponíveis. [14]

18. O organograma da SBB

2007

Em 2007, era este o organograma da SBB:



19. A distribuição no início do século XXI

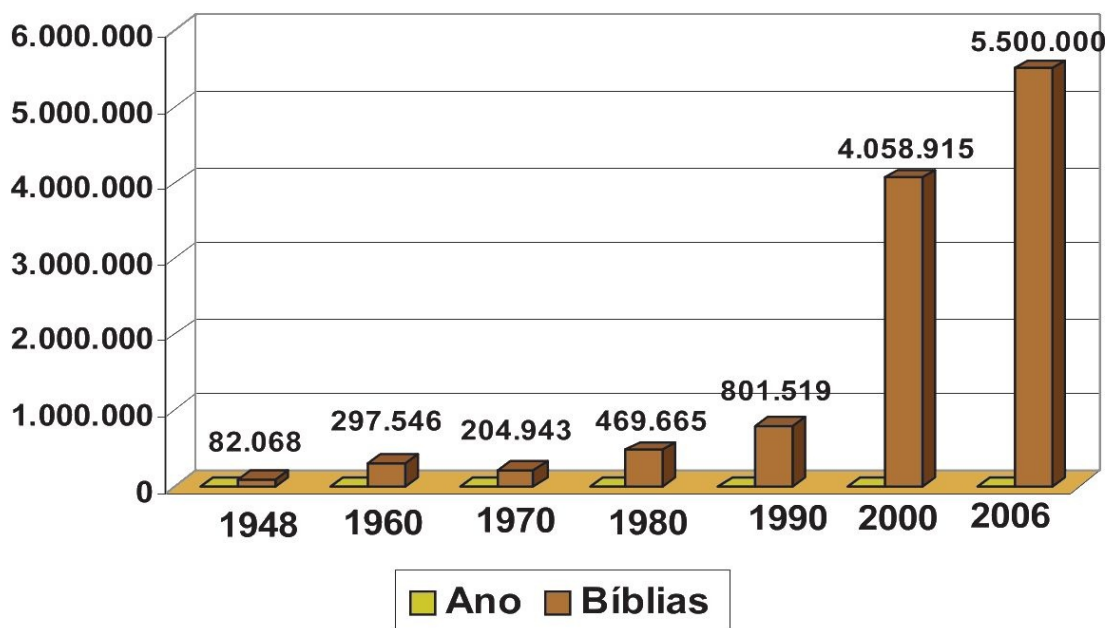
2001-2006

De 2001 a 2006, ou seja, em apenas seis anos, a distribuição de Bíblias foi 9% maior que em toda a década de 90. A circulação de Testamentos nos primeiros seis anos do século XXI foi 48% maior do que a circulação de toda a década de 90. Contribuiu para esse avanço a eficiente atuação do Pr. Antônio Antunes dos Santos na direção do Departamento de Distribuição da SBB.

DISTRIBUIÇÃO DE 2001 A 2006					
ANO	BÍBLIAS	TESTAM.	PORÇÕES	SELEÇÕES	TOTAL
2001	4.303.883	976.880	1.969.317	169.422.832	176.672.912
2002	4.019.519	1.458.019	1.502.268	196.472.387	203.452.193
2003	2.680.770	1.666.524	862.735	133.654.000	138.864.029
2004	3.789.040	295.400	846.629	144.939.000	149.870.069
2005	3.996.813	1.350.621	1.201.543	148.515.000	155.063.977
2006	5.588.105	380.429	1.514.916	158.080.000	165.563.450
2001 A 2006	24.378.130	6.127.873	7.897.408	951.083.219	989.486.630
1991 A 2000	22.452.066	2.466.877	14.809.206	1.597.690.530	1.637.418.679
DIFERENÇA	9%	148%	-47%	-40%	-40%

A distribuição anual de Bíblias realizada pela SBB desde a sua fundação em 1948 até 2006 foi a seguinte: [15]

DISTRIBUIÇÃO ANUAL DE BÍBLIAS PELA SBB 1948-2006

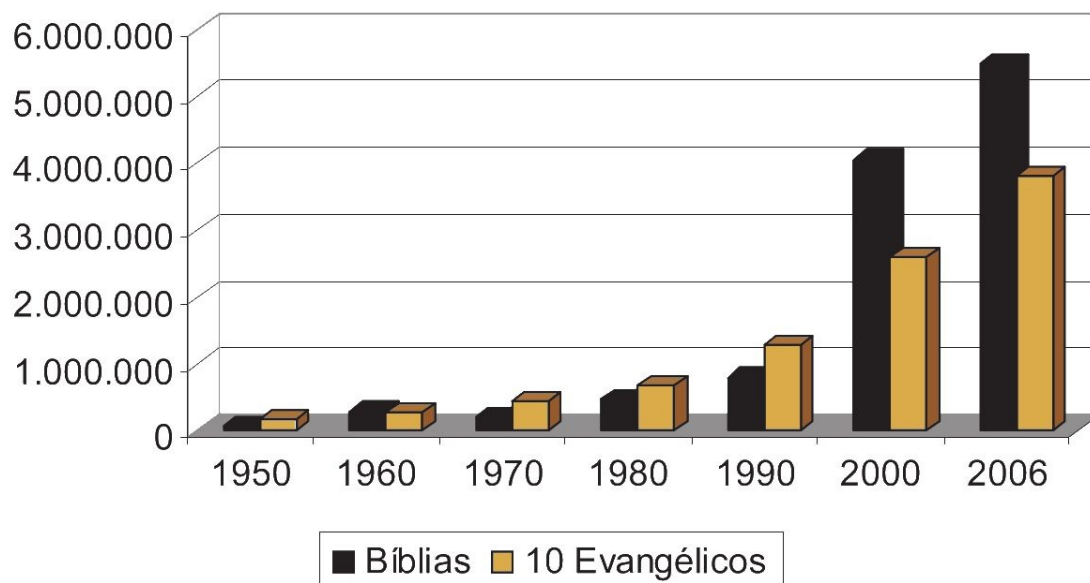


Em 2006, a distribuição de Bíblias foi recorde, superando, pela primeira vez a casa dos 5 milhões de exemplares. Em 2006, a SBB foi a primeira do mundo em distribuição de Bíblias e de Seleções. A partir de 1995, com a construção da Gráfica da Bíblia, a SBB deu um salto em sua distribuição de Bíblias.

20. Distribuição de Bíblias e população evangélica 1950-2006

Até 1990, a SBB distribuía anualmente menos de uma Bíblia por grupo de dez evangélicos. A partir de 1995, com a construção da Gráfica da Bíblia, a distribuição de Bíblias começou a crescer mais do que a população evangélica, e a SBB passou a circular mais de uma Bíblia por grupo de dez evangélicos. O crescimento dos evangélicos e a construção da Gráfica da Bíblia impulsionaram a distribuição de Bíblias a partir da segunda metade da década de 90:

BÍBLIAS E EVANGÉLICOS NO BRASIL



21. De detento a sócio-evangelizador 2007

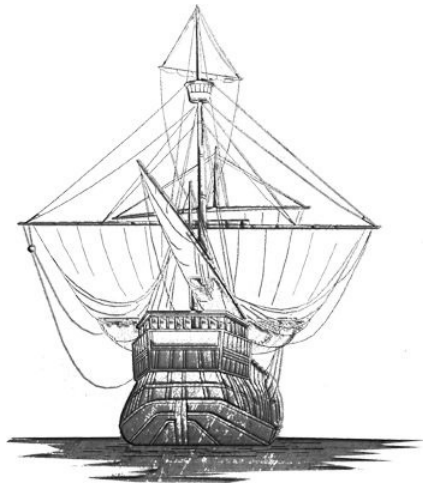
Nos primeiros anos do século XXI, o número de leitores da Bíblia continuou a crescer no Brasil, e muitas vidas foram transformadas pelo poder do evangelho. Um dos muitos testemunhos de mudança de vida recebidos pela SBB foi enviado pelo Sr. Antônio Luiz Capelo Jr. e publicado na Revista *A Bíblia no Brasil*, em julho de 2007:

Na minha infância, mamãe estava afastada dos caminhos do Senhor, meu pai era alcoólatra, e nosso lar foi crescendo desestruturado. Aos 12 anos de idade, conheci a maconha através do meu irmão mais velho. Comecei a fumar cada vez com mais intensidade. Com o tempo, não fazia mais efeito como antes, e passei a usar outras drogas, como lança perfume, bolinhas, cocaína, haxixe e, por fim, o crack, sendo este o último passo para eu cair num poço sem fundo. Trabalhava apenas para sustentar os meus vícios, pois era viciado em todos os tipos de drogas. Então, para conseguir dinheiro para me drogar, comecei a praticar pequenos furtos, traficar, me prostituir. Eu cheguei ao ponto de ser recolhido na FEBEM. Fui também motorista do tráfico de drogas na Zona Leste de São Paulo, me envolvendo cada vez mais com a criminalidade. Mas eu sabia que um dia iria brilhar uma luz no fim daquele túnel escuro em que eu estava. E, finalmente, essa luz, que é Jesus, brilhou em minha vida. Fui levado para uma casa de recuperação em Ribeirão Preto (SP), que se chama Vale da Bênção, onde o primeiro versículo que pude ler e que Deus me alertou sobre o que eu precisava foi João 8.32: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.” Então, eu me entreguei a Cristo de corpo, alma e espírito. Comecei a servir esse Deus Todo-Poderoso, trabalhando com dedicação na casa de recuperação, cuidando de mendigos de rua, homossexuais, viciados em drogas e álcool. Assim, o Senhor foi me abençoando. Passei 10 meses na casa de recuperação e fui batizado.

Enviado para São Paulo, comecei a congregar na Igreja Unida do Alto da Ponte Rasa, Zona Leste da cidade. Fiz cursos para exercer a diaconato. Nessa época, Jesus me deu uma casa, trabalho, carro, uma esposa linda e maravilhosa, que se chama Ester, e um filho, chamado Nathan.

Há alguns anos, sou sócio-evangelizador e intercessor da SBB e adquiero com frequência folhetos, Bíblias e materiais para realizar meu trabalho de evangelização. Estou cursando Teologia na Faculdade Betel de Suzano, onde pretendo me preparar para ser mais útil à Obra de Deus. Hoje, eu glorifico a Deus por todas as bênçãos que tenho recebido. [16]

CAPÍTULO XX



O MUSEU DA BÍBLIA

2001-2007

1. A história do Museu

1955- 2003

O início em 1955 — Em 1955, a Diretoria da SBB deu o primeiro passo para a criação de um Museu da Bíblia, dirigindo um apelo aos leitores da Revista *A Bíblia no Brasil* no sentido de doarem exemplares raros da Bíblia. A primeira Bíblia rara recebida foi um exemplar de uma Bíblia em miniatura, pesando apenas 12 gramas e medindo 4,5 cm de comprimento, 3 cm de largura e 1 cm de espessura. [1]

Organização em 1981 — Em 1981, a SBB criou o Museu da Bíblia e registrou seu nome no Ministério da Educação. No início, o Museu foi dividido em quatro seções. A primeira continha exemplares dos originais em hebraico e grego e as primeiras traduções: a Septuaginta, a Vulgata Latina, Almeida, Figueiredo e Brasileira; a segunda seção incluía as Versões da tradução de Almeida feitas nos séculos XIX e XX; na terceira, estavam as Edições publicadas pela SBB: Bíblias, Testamentos e livros da Bíblia; e, na quarta seção, encontravam-se as publicações em outras línguas. [2]

A formação do acervo — O Museu da Bíblia foi instalado inicialmente no Edifício da Bíblia no Rio de Janeiro, localizado na Rua Buenos Aires, 135, no centro da cidade, e lá permaneceu mesmo após a transferência da Sede da SBB para Brasília e, mais tarde, para o bairro de Tamboré, Barueri, SP. Ao longo de 50 anos, a SBB reuniu um bom acervo. Em 2003, o Museu já havia reunido cerca de 7 mil volumes.

2. A parceria com o Município

2002

Como surgiu — Em 1999, a SBB fez uma doação de 23 publicações bíblicas, entre elas a *Bíblia Online*, e de um computador a cada uma das seis Bibliotecas do Município de Barueri, SP. Durante a cerimônia de entrega desse material à Biblioteca situada na Avenida Ministro Raphael de Barros Monteiro, a Secretária de Ação Social da SBB, Alice Helena Vassão Giraldi, informou ao Assessor de Cultura do Município, Sr. João Palma, que a SBB tinha um Museu da Bíblia no Rio de Janeiro e poderia transferi-lo para Barueri caso dispusesse de um local adequado. O Sr. João Palma ficou muito interessado no assunto e apresentou-o imediatamente ao Prefeito de Barueri, Sr. Gil Arantes, que também estava ali. Terminada a cerimônia, o Prefeito me disse que a Prefeitura de Barueri estava interessada em apoiar o projeto e providenciar um local próprio para funcionamento do Museu. A partir daí, foram iniciadas as negociações entre a SBB e a Prefeitura para a transferência do Museu da Bíblia do Rio de Janeiro para Barueri.

Convênio de dez anos — Em 2002, a SBB firmou um convênio de parceria com a Prefeitura de Barueri para construção, organização e operação do Museu da Bíblia. A Prefeitura de Barueri construiria o edifício, e a Sociedade Bíblica do Brasil forneceria o acervo do museu. A Prefeitura ficou encarregada da segurança e da conservação do

edifício, e a SBB, da administração do Museu. A Prefeitura ficou responsável pela programação dos eventos não religiosos realizados no Centro, e a SBB pela programação dos eventos religiosos. O convênio foi firmado com duração de dez anos, com possibilidade de renovação.

O Projeto — Em 2002, a Prefeitura de Barueri preparou um anteprojeto do edifício do Museu e apresentou-o à SBB. O Museu seria construído em um terreno situado no Bairro Vila Porto e estaria integrado a um grande Centro de Eventos. O Museu ficaria localizado na ala frontal do Edifício do Centro de Eventos, e suas salas seriam climatizadas para melhor conservação dos livros.

Colaboração importante — Nas negociações com a Prefeitura de Barueri para a construção do Museu da Bíblia, duas pessoas tiveram participação relevante: o Ministro Antônio Cabrera, Diretor da SBB, que havia organizado um Museu da Bíblia na cidade de São José do Rio Preto, SP, e o Prefeito de Barueri, Sr. Gil Arantes, pertencente a uma família evangélica. Ambos visualizaram, imediatamente, a importância do Museu da Bíblia para o Centro de Eventos e para a população do Município.

3. A construção e a organização 2002-2003

O Edifício — O Edifício do Centro de Eventos foi construído durante os anos de 2002 e 2003, em um terreno localizado na Avenida Pr. Sebastião Davino dos Reis, 672, na Vila Porto, em Barueri, SP. Ao lado do Centro de Eventos seriam construídos a Universidade de Barueri, o Hospital Municipal, o Estádio Municipal, o Corpo de Bombeiros e o Centro Preparatório de Professores. O Edifício ocuparia uma área de 4.670 m² e incluiria: à frente, o salão de exposição do Museu da Bíblia, com área de 450 m², e a Biblioteca da Bíblia, com área de 225 m²; aos fundos, dois auditórios para 400 pessoas; ao centro, o salão de exposições; e, em volta do Edifício, o estacionamento para 200 carros.

O Museu — Para definir o projeto do Museu, o Secretário de Comunicação Social da SBB, Dr. Erní Seibert, foi buscar inspiração nos melhores Museus da Bíblia dos Estados Unidos e da Europa. Visitou Museus da Bíblia na Alemanha, Holanda, Escócia e Estados Unidos. A opção final foi por um estilo moderno e ao mesmo tempo informativo e interativo. O objetivo estabelecido foi promover o conhecimento da Bíblia, enfatizando os aspectos culturais, éticos e religiosos.

Administração — O Secretário de Comunicação Social da SBB, Dr. Erní Seibert, foi nomeado Diretor do Museu da Bíblia. Pastor luterano e Mestre em Teologia pelo Seminário Concórdia de São Leopoldo, o Dr. Erní é também Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. Ele foi Deão e professor de Teologia no Instituto Concórdia de São Paulo e Vice-Presidente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, no período de 1988 a 1992. O Dr. Erní Seibert era também Coordenador do Grupo de Sociedades Bíblicas Lusófonas.

Os deficientes — Dentro da proposta de levar a Bíblia a todas as pessoas e a todos os grupos sociais, o Museu foi concebido segundo o conceito de arquitetura inclusiva, a fim de receber pessoas com diversos tipos de deficiência. Para facilitar o acesso dos deficientes físicos, as escadas foram substituídas por rampas, e, para atender os deficientes

visuais, as legendas foram escritas também em braile.

Exposição didática — O acervo do Museu foi apresentado de maneira didática e agradável, em uma sequência de dez ambientes, que apresenta a história do Livro Sagrado através dos séculos. A exposição começa com a história da escrita e do livro, passa pela história da tradução da Bíblia, pela história da Bíblia no Brasil e no mundo, pela Bíblia falada, a Bíblia para crianças, novidades sobre a Bíblia e termina com um espaço reservado para exposições rotativas.

Atrações — Ao percorrerem os diversos ambientes do Museu, os visitantes, mais de mil pessoas por mês, encontram uma réplica da Prensa de Gutenberg, exemplares das Escrituras Sagradas em mais de mil idiomas e edições raras, como a Vulgata de 1583, a primeira Bíblia em português em um só volume, impressa em 1819, e diversas miniaturas, entre elas o menor livro do mundo.

Os Amigos da Bíblia — Com a finalidade de levantar fundos para as despesas de manutenção do Museu, a SBB criou a campanha *Amigos da Bíblia*. Os Amigos da Bíblia contribuem com uma oferta mínima de cinco reais, e seus nomes são inscritos no Memorial da Bíblia, um painel eletrônico instalado na entrada do Museu. [3]

4. A inauguração do Museu da Bíblia

2003

A cerimônia — No dia 9 de dezembro de 2003, a Sociedade Bíblica do Brasil inaugurou seu moderno Museu da Bíblia, concretizando um sonho acalentado desde a década de 50. Cerca de 250 pessoas, políticos, líderes religiosos e formadores de opinião estiveram presentes na cerimônia, realizada no Centro de Eventos. Usaram da palavra o Prefeito de Barueri, Sr. Gil Arantes, o Presidente da SBB, Pr. Enéas Tognini, o Secretário de Comunicação Social da SBB e Diretor do Museu da Bíblia, Dr. Erní Walter Seibert, e eu.

O Prefeito Sr. Gil Arantes destacou o valor do Museu para a população:

É muito importante mostrar não só para a população desta cidade, mas também para toda a população do Estado e do País a história desse grandioso livro que é a Bíblia.

O Presidente da SBB, Pr. Enéas Tognini, salientou a importância do Museu para a divulgação da Bíblia:

O Museu da Bíblia é para São Paulo, para o Brasil e para o mundo. A Bíblia é o que nos une, é o foco principal. A Bíblia é o nosso sustentáculo.

O Secretário de Comunicação Social da SBB e Diretor do Museu da Bíblia, Dr. Erní Walter Seibert, chamou a atenção sobre o valor do Museu para as gerações futuras:

O Museu da Bíblia é uma casa destinada a todos os amigos da Bíblia. A ideia de construir um Museu da Bíblia no Brasil é tão grande, que ultrapassa a todos nós e se estende por gerações afora.

Como Diretor Executivo da SBB, lembrei a importância da parceria com a Prefeitura de Barueri:

A feliz parceria da Sociedade Bíblica do Brasil com a Prefeitura de Barueri tornou possível a construção deste Museu moderno, bonito e interativo, com um acervo rico e variado. O Museu da Bíblia será um instrumento poderoso nas mãos de Deus para a divulgação de sua Palavra no Brasil.

Impressão dos visitantes — O Rev. Alberto Reyes, representante das Sociedades Bíblicas Unidas, declarou:

O Museu da Bíblia é importante não apenas pelo seu conteúdo, mas também como um exemplo para as Sociedades Bíblicas de todo o Continente.

O Secretário-Geral da Sociedade Bíblica de Portugal, Timóteo Cavaco, falou com entusiasmo sobre Museu:

Estou verdadeiramente deslumbrado. Trata-se de uma iniciativa única não só aqui no Brasil, mas também na Europa e até mesmo no mundo. [4]

5. As exposições permanentes

2003-2006

O Museu da Bíblia passou a apresentar, de maneira permanente, as seguintes seções:

A Bíblia e a História da Escrita — Nesse ambiente é traçado um panorama da história da escrita e sua relação com a Bíblia. Nele são expostas as diversas formas de escrita, manuscritos do texto bíblico de diversas civilizações antigas, além de textos bíblicos nas línguas originais: hebraico, aramaico e grego.

A Bíblia e a História da Tradução — Essa área exibe a história das primeiras traduções da Bíblia, como a Septuaginta e a Vulgata Latina. Apresenta também traduções do texto bíblico nas línguas modernas, entre elas, a alemã, a espanhola, a portuguesa e a inglesa. Por meio das obras expostas, é possível entender a diversidade de idiomas em que a Bíblia pode ser encontrada. Pelo menos um livro da Bíblia já foi traduzido hoje para mais de 2 mil e 400 idiomas.

A Bíblia e a História do Livro — Nesse espaço é possível perceber como a História da Bíblia se confunde com a História do Livro. Aqui é mostrada a trajetória do livro, desde o seu surgimento, por volta do século II d.C., até os dias de hoje.

A Bíblia Manuscrita — Nessa área, o conteúdo da Bíblia é apresentado de forma didática e interativa. Por meio de dois painéis, o visitante pode apreciar os principais destaques de cada livro da Bíblia e sentir perfumes dos tempos bíblicos. Pode também conhecer algumas peças arqueológicas e escrever com as próprias mãos a Bíblia Manuscrita.

A Bíblia Falada — Essa seção exibe materiais de áudio produzidos pela SBB e outras entidades, tendo como uma de suas finalidades o acesso do deficiente visual ao texto bíblico. Por meio de estações de escuta, a Palavra de Deus pode ser ouvida em dezesseis idiomas. E aquelas pessoas que não podem ouvir podem entender a mensagem bíblica através da Língua de Sinais, apresentada em uma televisão.

A Bíblia no Brasil — Essa seção mostra como a Bíblia foi traduzida para o português e para as línguas indígenas faladas no Brasil. Apresenta também uma síntese da atuação da

SBB e de outras Missões dedicadas à tradução da Bíblia e dá exemplos da influência da Bíblia na cultura brasileira.

A Bíblia no Mundo — Nesse espaço, o visitante encontra informações sobre a tradução, produção e distribuição da Bíblia em todo o mundo. Destaque especial é dado à produção das Escrituras Sagradas nos países de língua portuguesa. Nessa área, os visitantes podem também comparar os diferentes idiomas em que a Bíblia está escrita.

A Bíblia e a Criança — Esse é um espaço de lazer e educação, que apresenta o mundo bíblico à criança por meio de exposição de publicações infanto-juvenis com livre acesso para manuseio e leitura, sessões de vídeo, histórias e atividades interativas, como desenho, colagem e mural para exposição de desenhos. [5]

6. As exposições rotativas 2003-2006

Mary Jones e as Sociedades Bíblicas — Inaugurada em 9 de dezembro de 2003, essa exposição apresentou a história das Sociedades Bíblicas, seu desenvolvimento e impacto na produção e distribuição da Bíblia em todos os países e nas mais diversas culturas.

A Bíblia para os Povos Indígenas — Inaugurada em 19 de abril de 2004, essa exposição reuniu Porções Bíblicas em línguas indígenas, fotos e artesanato típico desses povos.

A Bíblia e a Criança — Nessa exposição, inaugurada em 2 de setembro de 2004, o público infantil teve a oportunidade de aprender sobre o livro mais lido, produzido e traduzido do mundo e, ao mesmo tempo, se divertir. Importantes informações foram preparadas de forma criativa e interativa, de maneira que a criança pudesse fazer um verdadeiro mergulho nos ensinamentos sagrados.

Os Manuscritos do Mar Morto — Inaugurada em 20 de abril de 2005, essa exposição proporcionou aos visitantes uma visita a uma reprodução da caverna onde foram encontrados os pergaminhos dos povos essênios, as mais valiosas relíquias do Antigo Testamento.

Valores Humanitários — Inaugurada em 18 de abril de 2006, essa exposição ofereceu aos visitantes informações sobre os valores humanitários contidos na Bíblia e sua importância para nortear a humanidade no resgate e preservação de seus valores essenciais, com o objetivo de tornar a sociedade mais justa, pacífica e harmoniosa.

A Bíblia e a Origem do Universo — Inaugurada em 10 de abril de 2007, a exposição *A Bíblia e a Origem do Universo* mostrou a complexa e rica arquitetura do Universo, mostrando a importância da preservação de toda forma de vida para que novas vidas sejam geradas. Para isso, foi desenvolvido um cenário com sete ambientes diferenciados e interativos, que remetem aos dias da criação e utilizam elementos cenográficos diversificados, como pinturas e esculturas, além de vídeos, poesias e textos bíblicos e científicos. [6]

7. A Biblioteca da Bíblia

Os Arquivos das SBUs — De 1964 a 2006, as Sociedades Bíblicas Unidas (SBUs) haviam mantido duas bibliotecas contendo cópias de todas as suas publicações. Uma dessas Bibliotecas estava localizada na Sede da Sociedade Bíblica Americana (SBA), em Nova Iorque, e a segunda, na Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em Cambridge, na Inglaterra. Durante todos esses anos, essas duas Bibliotecas receberam em nome das SBUs cópias de todas as publicações feitas pelas Sociedades Bíblicas no mundo e as mantiveram em custódia para as SBUs. As SBUs resolveram manter cópias de todas as suas publicações bíblicas em dois Continentes diferentes para garantirem a segurança dessas publicações em caso de uma nova guerra mundial.

A Proposta da SBA — Em 2004, após a inauguração do Museu da Bíblia, o Presidente Executivo da Sociedade Bíblica Americana (SBA), Dr. Eugene B. Habecker, visitou o Museu da Bíblia, em Barueri, ficou impressionado com o que viu e propôs à SBB a transferência dos arquivos das SBUs em Nova Iorque para o Museu da Bíblia no Brasil. A transferência seria oportuna para a Sociedade Bíblica Americana porque liberaria uma área valiosa em seu edifício, situado na Broadway, no centro da cidade de Nova Iorque. E para a Sociedade Bíblica do Brasil seria muito proveitosa, pois teria repercussão nacional e daria maior prestígio ao Museu da Bíblia.

O Convênio com as SBUs — Consultada as SBUs responderam que concordariam com a transferência, desde que a SBB prolongasse de 10 para 25 anos seu convênio de parceria com a Prefeitura de Barueri. A Prefeitura de Barueri concordou em prolongar o prazo do seu convênio com a SBB para 25 anos. Assim, em maio de 2005, a SBB firmou com as SBUs o convênio de transferência dos seus arquivos de Escrituras da Biblioteca da Sociedade Bíblica Americana, nos Estados Unidos, para a Biblioteca do Museu da Bíblia, no Brasil.

A inauguração — Inaugurada em 17 de outubro de 2006, a Biblioteca do Museu da Bíblia passou a reunir um acervo de mais de dezessete mil obras relacionadas com as Escrituras Sagradas. Ocupando uma área de 225 m², essa Biblioteca é a maior do gênero no Hemisfério Sul, igualando-se em importância à Biblioteca da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Ela foi criada com o objetivo de colocar a Bíblia em todos os idiomas à disposição de brasileiros e oferecer aos tradutores da Bíblia em atividade no Brasil um amplo e confiável centro de consulta e pesquisa para a elaboração de novas traduções das Escrituras no País.

Na opinião do Secretário-Geral das Sociedades Bíblicas Unidas, Dr. Miller Milloy, presente na cerimônia de inauguração, era muito apropriada a instalação do segundo arquivo oficial das SBUs no Brasil:

A Sociedade Bíblica do Brasil é a maior distribuidora de Bíblias entre todas as outras Sociedades Bíblicas. O Hemisfério Sul, em muitos aspectos, é o novo lar da fé cristã. E o Brasil sintetiza o crescimento e a vitalidade que servem de incentivo a todos nós.

[7]

O acervo — Nos primeiros meses de 2006, a Biblioteca do Museu da Bíblia recebeu cerca de dez mil obras que estavam guardadas na Biblioteca da Sociedade Bíblica Americana, em Nova Iorque. Com isso, o acervo da Biblioteca foi ampliado de 7 mil para

17 mil exemplares.

O trabalho de transferência das obras e dos arquivos contou com a participação preciosa da Sra. Jacquelyn Sapiie, Supervisora da Biblioteca da Sociedade Bíblica Americana. Ela coordenou o treinamento da equipe que iria cuidar do acervo no Brasil e manifestou sua confiança no bom funcionamento da Biblioteca no Brasil:

Estou muito feliz com o resultado desse trabalho e tenho a certeza de que a nova Biblioteca possui instalações adequadas e pessoas comprometidas com o seu bom funcionamento.

Na Biblioteca do Museu da Bíblia podem ser encontradas publicações bíblicas em mais de mil línguas, além de obras raras e acadêmicas, entre as quais se destacam a *Bíblia em Hebraico e Latim*, de 1546; a *Bíblia Sacra Vulgata*, edição de 1669; a *História das Línguas*, de 1911; e as *Atas da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira*, de 1804 a 1900, uma coleção de 55 volumes.

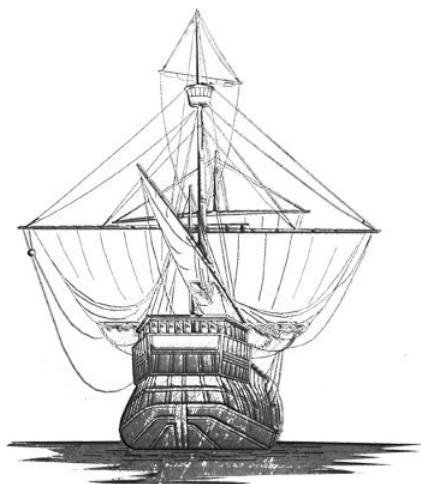
Além da Bíblia em centenas de idiomas, o acervo da Biblioteca do Museu da Bíblia é formado de outros itens, entre os quais, livros, periódicos, áudios, vídeos, CDs e fotos, sempre focados na Bíblia. O acervo da Biblioteca é composto também de obras de Teologia e de literatura devocional e de publicações de referência bíblica, como dicionários, enciclopédias, concordâncias e crítica textual.

Importância da Biblioteca — Desde o dia 17 de outubro, a cidade paulista de Barueri passou a dividir com Cambridge, na Inglaterra, a responsabilidade de abrigar um acervo completo de todas as edições da Bíblia. Cabe a essa Biblioteca a grande responsabilidade de guardar e preservar as traduções e versões da Bíblia feitas no passado e também aquelas que serão produzidas no futuro. A Biblioteca do Museu da Bíblia tornou o Brasil e o Estado de São Paulo um centro mundial de referência de estudos bíblicos e linguísticos.

Em seu discurso de inauguração da Biblioteca, o Dr. Rudi Zimmer, Diretor Executivo da SBB, ressaltou a relevância do evento:

Estamos neste momento realizando um evento singelo, porém de grande importância para o Cristianismo e para o panorama linguístico mundial. [8]

Apêndice



1. Índice de abreviaturas

ABNB	—	Revista A Bíblia no Brasil
a.C.	—	Antes de Cristo;
AEB	—	Associação Evangélica Beneficente;
ASBA	—	Asociación Sociedad Bíblica Argentina;
AT	—	Antigo Testamento;
BJ	—	Bíblia de Jerusalém;
BLH	—	A Bíblia na Linguagem de Hoje;
NTLHD	—	Nova Tradução na Linguagem de Hoje com os Livros Deuterocanônicos;
CCB	—	Centro Cultural da Bíblia;
CEHL	—	Centro de Estudos da História do Livro;
CNBB	—	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;
CNAS	—	Conselho Nacional de Assistência Social;
DO	—	Versão Revista e Corrigido da tradução de Almeida, de 1898;
EP	—	Editora Paulinas;
GB	—	Gráfica da Bíblia;

IBB	—	Imprensa Bíblica Brasileira;
JUERP	—	Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira;
LBAL	—	Revista La Bíblia en América Latina;
MB	—	Museu da Bíblia;
MS	—	Manuscrito das Escrituras Sagradas;
NT	—	Novo Testamento;
NTLH	—	Nova Tradução na Linguagem de Hoje;
OMEB	—	Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil;
PIB	—	Produto Interno Bruto;
RA	—	Versão Revista e Atualizada da tradução de Almeida;
RC	—	Versão Revista e Corrigido da tradução de Almeida de 1995;
SBA	—	Sociedade Bíblica Americana;
SBB	—	Sociedade Bíblica do Brasil;
SBBE	—	Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira;
SBE	—	Sociedade Bíblica do Egito;
SBM	—	Sociedade Bíblica do México;
SBN	—	Sociedade Bíblica da Nigéria;
SBP	—	Sociedade Bíblica de Portugal;
TB	—	Tradução Brasileira da Bíblia;
SBU _s	—	Sociedades Bíblicas Unidas;
TF	—	Tradução de Figueiredo;
TLH	—	Novo Testamento na Linguagem de Hoje.

2. Cronologia da história da Bíblia no Brasil

1557-2008

Linha do tempo

1557	Calvinistas franceses, liderados por Villegainon, trazem para o Brasil a primeira Bíblia (em francês).
1639	Calvinistas holandeses, liderados por Maurício de Nassau, conquistam Pernambuco, organizam Igrejas protestantes e trazem a Bíblia em holandês e espanhol.
1645	João Ferreira de Almeida inicia a tradução da Bíblia para o português.
1681	É publicado em Amsterdã, na Holanda, o primeiro Novo Testamento em português, na tradução de João Ferreira de Almeida.
1712	Navio holandês traz para o Brasil 150 exemplares do Evangelho de Mateus, na tradução de João Ferreira de Almeida.
1751	Publicada a primeira Bíblia em português na tradução de João Ferreira de Almeida.
1804	Fundada a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE).
1809	A SBBE publica seu primeiro Novo Testamento em português.
1816	Fundada a Sociedade Bíblica Americana (SBA).
1819	A SBBE publica sua primeira Bíblia completa em português, na tradução de João Ferreira de Almeida, versão 1773, em um volume.
1821	A SBBE envia 2 mil Novos Testamentos em português para a cidade do Recife. Diego Thompson, colportor da SBBE na Argentina, envia ao Brasil as primeiras Bíblias em português publicadas pelas Sociedades Bíblicas.
1838	O Rev. Daniel P. Kidder é nomeado primeiro representante da SBA no Brasil.
1839	A SBA propõe a doação de doze Novos Testamentos para cada escola primária da Província de São Paulo. A SBA publica sua 1ª edição do Novo Testamento em português na tradução de Almeida, Versão 1773.
1854	A SBA nomeia o Rev. James C. Fletcher seu representante no Brasil.
1856	A SBBE abre sua primeira Agência Bíblica no Brasil, sob a direção do Rev. Ricardo Corfield.
1857	A SBA envia o Rev. R. Nesbit para Belém, no Pará.
1859	O Rev. Simonton é nomeado representante da SBA no Brasil.
1865	O Rev. R. Holden assume a direção da Agência da SBBE no Brasil.

1872	O Sr. José de Carvalho assume a direção da Agência da SBBE no Brasil.
1876	O Rev. A. L. Blackford abre a primeira Agência Bíblica da SBA no Brasil.
1879	O Rev. João Gonçalves dos Santos assume a direção da Agência da SBBE no Brasil.
1882	O Rev. William Campbell Brown é nomeado representante da SBA no Brasil.
1887	O Rev. Hugh Clarence Tucker assume a direção da Agencia Bíblica da SBA no Brasil.
1898	A SBBE publica a 1ª edição da tradução de Almeida na Versão Revista e Corrigida.
1902	O Rev. G. Uttley assume a direção da Agência da SBBE no Brasil.
1908	As Sociedades Bíblicas publicam o Novo Testamento na Tradução Brasileira.
1910	Fundação da Congregação Cristã no Brasil. Fundação da Assembleia de Deus no Brasil.
1917	As Sociedades Bíblicas lançam a Bíblia na Tradução Brasileira. O Rev. Alexander Telford assume a direção da Agência da SBBE no Brasil.
1930	O Sr. Charles H. Morris assume o cargo de representante da SBBE em Manaus.
1930	Lançamento da tradução católica da Bíblia de Matos Soares.
1934	O Rev. Charles. W. Turner assume a direção da Agência Bíblica da SBA no Brasil.
1936	O Rev. James Innes assume a direção da Agência da SBBE no Brasil.
1942	O Sr. Charles H. Morris assume a direção da Agência da SBBE no Brasil. A SBA e a SBBE se unificam no Brasil sob o nome de Sociedades Bíblicas Unidas no Brasil.
1944	A Imprensa Bíblica Brasileira imprime no Brasil sua 1ª edição da Bíblia, na tradução de Almeida, Versão Revista e Corrigida.
1946	Fundada, na Alemanha, a fraternidade mundial de Sociedades Bíblicas, chamada Sociedades Bíblicas Unidas.
1947	O Rev. Lewis M. Bratcher Jr. assume a direção da Agência da SBA no Brasil.
1948	É criada a Revista “A Bíblia no Brasil”, órgão oficial da SBB. Em 10 de junho, é fundada a Sociedade Bíblica do Brasil O Rev. Egmont M. Krischke é eleito Secretário Executivo, e o Bispo César Dacorso Filho,

	Presidente.
1950	O Rev. Ewaldo Alves é eleito Secretário Executivo da SBB.
1954	É inaugurada a Secretaria Regional da SBB na cidade do Recife, PE.
1956	É inaugurada Secretaria Regional da SBB na cidade de São Paulo, SP. A SBB imprime sua primeira Bíblia no Brasil.
1957	O Dr. Oliver Nelson substitui o Rev. Lewis M. Bratcher Jr. como representante da SBA no Brasil. O Dr. Benjamim Moraes, ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, é eleito Presidente da SBB.
1959	É inaugurada a Secretaria Regional da SBB na cidade de Porto Alegre, RS. A SBB lança a Versão Revista e Atualizada no Brasil da tradução de João Ferreira de Almeida.
1960	É inaugurada a Secretaria Regional da SBB na cidade de Belém, PA. É inaugurada a Secretaria Regional da SBB na cidade de Belo Horizonte, MG.
1960	É inaugurada a Secretaria Regional da SBB na cidade de Goiânia, GO.
1961	As Sociedades Bíblicas retiram seus Secretários Executivos do Brasil, e a SBB passa a ser administrada pelo Secretário-Geral e três Assistentes brasileiros. A brasileira Iolanda Anversa é vencedora do Concurso Bíblico Internacional, realizado em Israel.
1962	A SBB cria, em Belém, PA, o Projeto “Luz na Amazônia” sob a direção do Rev. João Batista da Silva.
1965	O Governo Federal, através do Decreto nº. 57.171, confere à SBB o título de Entidade de Utilidade Pública.
1966	A SBB realiza seu primeiro Concurso Bíblico Nacional.
1967	O Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) concede à SBB o Certificado de Entidade de Ação Social, sob nº. 27.499.
1972	O pastor batista Rev. Davi Gomes é eleito Presidente da SBB. É inaugurado o Edifício da Bíblia em Brasília.
1973	A SBB lança o Novo Testamento na Linguagem de Hoje.
1975	A Sede da SBB é transferida para seu Edifício da Bíblia em Brasília.
1976	É inaugurado, em Marília, SP, o primeiro monumento à Bíblia. O Dr. Aldo Fagundes, líder leigo da Igreja Metodista, é eleito Presidente da SBB.

1979	A SBB cria o programa Sócios Intercessores.
1980	O Dr. João Batista Clayton Rossi, líder leigo da Igreja Adventista do 7º Dia, assume a presidência da SBB.
1982	A SBB produz as primeiras Bíblias em espanhol.
1984	A SBB cria o Projeto Sócio-Evangelizador. O Rev. Luiz Antonio Giraldi é eleito Secretário-Geral da SBB.
1985	O Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, pastor da Igreja Episcopal do Brasil, é eleito Presidente da SBB.
1986	A SBB é a primeira do mundo em distribuição de Escrituras, com a distribuição anual de 109.945.738 exemplares.
1987	Aposenta-se o Secretário-Geral da SBB, Rev. Ewaldo Alves. A Sede da SBB é transferida para Alphaville, Barueri, na Grande São Paulo.
1988	A SBB inaugura sua Encadernadora própria. A SBB lança a Bíblia na Linguagem de Hoje.
1990	A SBB inaugura o Barco <i>Luz na Amazônia II</i> .
1991	O Dr. Aldo Fagundes, líder leigo da Igreja Metodista, é eleito Presidente da SBB.
1994	A SBB deixa de receber ajuda do Exterior e passa a ser uma Sociedade Bíblica contribuinte.
1995	A SBB inaugura a Gráfica da Bíblia em Barueri, Grande São Paulo, SP.
1996	A SBB adquire sua primeira Impressora Rotativa.
1997	O Rev. Guilhermino Cunha, ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, é eleito Presidente da SBB. A SBB é líder mundial em distribuição de Bíblias.
1997	A SBB inaugura o Barco <i>Luz na Amazônia III</i> . A Gráfica da Bíblia reinicia sua produção de Bíblias para outros países.
1998	A SBB comemora seu Jubileu de Ouro. É criado no Brasil o grupo de Sociedades Bíblicas Lusófonas.
1998	A SBB lança a primeira Bíblia eletrônica em português.
1999	A SBB lança sua primeira Bíblia de Estudo, a Bíblia de Estudo Almeida. A SBB lança o Novo Testamento dramatizado em áudio.
2000	A SBB lança a Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

2001	A Gráfica da Bíblia inaugura sua Imprensa Braile. A Gráfica da Bíblia adquire sua segunda rotativa.
2001	A Gráfica da Bíblia produz as primeiras Bíblias em Iorubá para a SB da Nigéria. A SBB realiza no Rio de Janeiro seu 1º Seminário de Ciências Bíblicas.
2002	A SBB recebe do Governo Brasileiro a Ordem do Mérito Cultural. A SBB lança a primeira Bíblia em braile na língua portuguesa.
2002	A Gráfica da Bíblia produz as primeiras Bíblias em Árabe, para a SB do Egito. O Governo Federal oficializa a comemoração o Dia da Bíblia no Brasil.
2003	O Pastor Enéas Tognini, líder da Igreja Batista Nacional, é eleito Presidente da SBB. A SBB inaugura em Barueri o seu Museu da Bíblia.
2003	A SBB doa 200 mil Novos Testamentos às Forças Armadas do Brasil.
2004	A SBB lança o Novo Testamento Interlinear grego-português. A NTLH com os Livros Deuterocanônicos recebe o Imprimatur da CNBB.
2005	O Dr. Rudi Zimmer é eleito Diretor Executivo da SBB, em substituição ao Diretor aposentado Rev. Luiz Antonio Giraldi.
2006	A SBB inaugura a Biblioteca da Bíblia no Museu da Bíblia. A SBB adquire sua terceira rotativa.

3. Cronologia das traduções da Bíblia em português

1753-2008

Esta é a cronologia das principais edições da Bíblia completa publicadas na língua portuguesa:

Linha do tempo

1753	1ª edição da tradução de João Ferreira de Almeida, em 2 volumes.
1790	1ª edição da tradução católica do Padre Antônio Pereira de Figueiredo publicada em 23 volumes.
1804	Segunda edição revisada da tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo.
1819	Tradução de João Ferreira de Almeida, em um só volume.
1842	Tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revista e Reformada, em 25 volumes.
1875	Tradução de Almeida, em sua nova Versão Revista e Corrigida.

1894	Tradução de Almeida na Versão Revista e Corrigida, com revisão ortográfica feita pelo Sr. João Nunes Chaves.
1898	1ª edição da Versão Revista e Corrigida da tradução de João Ferreira de Almeida, em um só volume.
1900	Segunda Edição da Versão Revista e Corrigida da tradução de Almeida, em um só volume, com títulos nos parágrafos, referências Texto alternativo nas margens e mapas.
1904	Edição da tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, com novas notas do Padre Santos Farinha.
1917	1ª edição da tradução Brasileira da Bíblia.
1932	Tradução católica de Matos Soares.
1957	Bíblia católica Ave-Maria.
1959	Edição Revista e Atualizada da tradução de João Ferreira de Almeida. Tradução católica dos Monges Beneditinos.
1967	Tradução de João Ferreira de Almeida, Versão Revisada “de acordo com os melhores textos hebraico e grego”.
1968	Tradução católica dos Padres Capuchinhos.
1981	A Bíblia Viva, paráfrase traduzida do inglês. 1ª edição em português da Bíblia de Jerusalém, de edição católica.
1988	A Bíblia na Linguagem de Hoje.
1993	Tradução em português Corrente. Versão Revista e Atualizada, 2ª edição, da tradução de João Ferreira de Almeida.
1994	Tradução Ecumênica da Bíblia.
1995	Versão Revista e Corrigida, 2ª edição, da tradução de João Ferreira de Almeida.
1997	Bíblia Alfalit Brasil.
1998	Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Contemporânea.
2000	Nova Tradução na Linguagem de Hoje feita pela Sociedade Bíblica do Brasil.
2001	Bíblia Sagrada, tradução católica oficial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Nova Versão Internacional.

4. Bibliografia

- ABNB (Revista *A Bíblia no Brasil*), Museu da Bíblia, Barueri, SP, Brasil, 1948 a 2007.
- ATAS, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil.
- ATAS, Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Museu da Bíblia, Barueri, SP, Brasil.
- AZEVEDO, Dermi. *Religiões no Brasil*. São Paulo: USP, 2004.
- CANCLINI, Arnoldo. *La Bíblia em la Argentina*. Buenos Aires: Asociación Sociedad Bíblica Argentina, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2007.
- CEHL, CENTRO DE ESTUDOS DA HISTÓRIA DO LIVRO. *Uma Edição de Batávia em português no Último Quartel do Século XVII*. Lisboa: Edições Távola Redonda, 2002.
- BETTENCOURT, Dom Estêvão. *Os Estudos Bíblicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1950.
- BÍBLIA SAGRADA – Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Paulinas, 2005.
- BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: Metodologia da Pesquisa Textual*. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.
- DWIGHT, Henry Otis. *The Centennial History of the American Bible Society*. New York: Macmillan, 1916.
- ESPERANÇA, Augusto Almeida. *A Importância da Bíblia no Limiar do Novo Milênio*. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portugal, 1997.
- GIRALDI, Luiz Antonio. *Colportagem Bíblica*. São Paulo: Seminário Goiano, 1963.
- GOLDMAN, Frank P. *Os Pioneiros Americanos no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- HALLOCK E SWELLENGREBEL, Edgar F. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 2000.
- HAUCK, João Fagundes. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- JORQUERA, Laura. *La Iglesia Cristiana*. Ciudad de México: Casa Unida de Publicaciones, 1952.
- KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1972.
- LBAL (Revista *La Bíblia en América Latina*). Miami, 1947 a 2007.
- LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARIANO, Ricardo. *Estudos Avançados 52*. São Paulo: USP, Brasil.
- MARQUES, Leonardo Arantes. *História das Religiões*. São Paulo: Madras Editora, 2005.

- MEIN, John. *A Bíblia e Como Chegou até Nós*. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.
- MILLER & HUBER, *A Bíblia e sua História*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- MOHR. *Prefácio da Bíblia tradução de J. F. de Almeida, Edição 1773*. Londres: SBBE, 1809.
- NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1954.
- ROCHA, Isnard. *Histórias da História do Metodismo no Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1967.
- ROBERTSON, H. Edwin. *Taking the Word to the World*. Nashville: Thomas Nelson, 1996.
- SALVADOR, Rev. José Gonçalves. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982.
- SANTOS FERREIRA, G. L. *A Bíblia em Portugal*. Lisboa: Tipografia de Ferreira de Medeiros, 1906.
- SILVA JR. Ismael da. *Heróis da Fé Congregacionais — Vol. 1, biografia do Dr. Roberto Reid Kalley*. Rio de Janeiro: Igreja Congregacional Fluminense, 1972.
- SILVA JR, Ismael da. *Heróis da Fé Congregacionais — Vol. 2, biografia do Rev. João Manoel Gonçalves Santos*. Rio de Janeiro: Igreja Congregacional Fluminense, 1972.
- STEER, Roger. *Good News for the World*. Londres: Monarck Books, 2004.
- TUCKER, John T. *Compêndio de História de Missões*. Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação de Portugal, 1954.
- TUCKER, John T. *Reminiscências – 50 Anos no Brasil*. Manuscrito não publicado. Rio de Janeiro: Colégio Bennet, 1940.
- TURNER, Charles W. *La Biblia Construye en América Latina*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1954.
- SOCIEDADE BÍBLICA DE PORTUGAL. *Deus, o Homem e Bíblia – João Ferreira de Almeida*. Lisboa: SBP.

www.brasilimperial.org.br/dpedro2

www.cpad.com.br

www.educacional.com.br

www.ibnpaz.hpg.ig.com.br

www.ieclb.org.br

www.igrejaassembleiadedeus.org

www.mackenzie.com.br

www.portalmaranata.com.br

www.sbb.org.br

www.suapesquisa.com

5. Bibliotecas

American Bible Society, New York, EUA.

British and Foreign Bible Society, Swindon, England.

Cambridge University, Cambridge, Inglaterra.

Colégio Bennet, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Faculdade Teológica Batista, São Paulo, SP, Brasil.

Faculdade Teológica Batista, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Faculdade Teológica Metodista, São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

Faculdade Teológica Presbiteriana, Campinas, SP, Brasil.

Faculdade Teológica da Igreja Presbiteriana Independente, São Paulo, SP, Brasil.

Museu da Bíblia, Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil.

Museu Britânico, Londres, Inglaterra.

Nacional de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS, Brasil.

Sociedade Bíblica de Portugal, Lisboa, Portugal.

6. Índice de fotos ilustrativas

CAPÍTULO I — COMO A BÍBLIA CHEGOU AO BRASIL (54-1808)

1. O Códice Sinaítico, do século IV
2. Ilustração do Códice Amiatino — copista em seu *scriptorium* (séc. VII e VIII)
3. Réplica da Prensa de Gutenberg que imprimiu a primeira Bíblia, em 1546
4. A Bíblia de Martinho Lutero (século XVI)

CAPÍTULO II — A BÍBLIA NO BRASIL IMPÉRIO (1808-1889)

5. A Bíblia de D. João VI (1808)
6. Robert Reid Kalley, fundador da primeira Igreja Evangélica no Brasil, em 1858

CAPÍTULO III — D. PEDRO II E A BÍBLIA (1840-1889)

7. Resolução do Governo Imperial autorizando a colportagem bíblica no Brasil (1868)
8. Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, Agente da SBBE no Brasil (1879-1901)

CAPÍTULO IV — A BÍBLIA NO BRASIL REPÚBLICA (1889-1948)

9. Grupo de colportores das Sociedades Bíblicas, em 1904
10. Rev. Eduardo Carlos Pereira, presidiu a Tradução Brasileira da Bíblia (1903-1917)
11. Rev. Alexander Telford, Agente da SBBE no Brasil, de 1917 a 1936

CAPÍTULO VII — FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL (1948)

12. A primeira Diretoria da SBB (1948)
13. Bispo César Dacorso Filho, primeiro Presidente da SBB (1948)
14. Culto de fundação da SBB, na Igreja Batista do Rio de Janeiro, em 1948
15. Bratcher Jr., Morris, Tucker e Krischke, Secretários da SBA, SBBE e SBB (1948)

CAPÍTULO VI — O RENASCIMENTO DA COLPORTAGEM (1948-1960)

16. Edifício da Bíblia no Rio (1948)
17. Campanha de colportagem em Bauru, em 1959

CAPÍTULO IX — A VERSÃO REVISTA E ATUALIZADA DE ALMEIDA (1950)

18. Comissão Revisora da Tradução de João Ferreira de Almeida, na década de 1950

CAPÍTULO X — NASCE O PROJETO LUZ NA AMAZÔNIA (1961-1970)

19. O barco *Luz na Amazônia I* (1962-1989)

CAPÍTULO XI — CRISE E SUPERAÇÃO (1971-1980)

20. O Edifício da Bíblia em Brasília, inaugurado em 1972
21. O primeiro monumento à Bíblia, em 1976

CAPÍTULO XII — O NOVO TESTAMENTO NA LINGUAGEM DE HOJE (1973)

22. Capas da 1ª edição do TLH (1966-1973)

CAPÍTULO XIII — LIDERANÇA NA DISTRIBUIÇÃO DE ESCRITURAS

23. A primeira Bíblia personalizada (1983)
24. O barco *Luz na Amazônia II*, inaugurado em 1989

CAPÍTULO XIV — A BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE (1966-1988)

25. Início da tradução do Antigo Testamento na Linguagem de Hoje, em 1972

CAPÍTULO XV — A GRÁFICA DA BÍBLIA (1992-1997)

26. Lançamento da Pedra Fundamental da Gráfica da Bíblia, em 1993

27. Inauguração da Gráfica da Bíblia, em 1995

CAPÍTULO XVI — A CONQUISTA DO AUTOSSUSTENTO (1991-2000)

28. Edifício da Bíblia em Barueri, SP. (1995)

29. Primeira impressora rotativa da Gráfica da Bíblia (1997)

30. Celebração do Jubileu de Ouro da SBB, em 1998

CAPÍTULO XIX — A BÍBLIA NO SÉCULO XXI (2001-2007)

31. Lançamento da Bíblia em Braille-português, em 2002

CAPÍTULO XX — O MUSEU DA BÍBLIA (2001-2006)

32. Inauguração do Museu da Bíblia, em 2003

33. Inauguração da Biblioteca da Bíblia, em 2006

34. Edifício do Museu da Bíblia e da Biblioteca da Bíblia

35. Vista do interior do Museu

7. Diretorias da SBB 1948-2006

1948-1951

Presidente: Bispo César Dacorso Filho; Vice-Presidente: Rev. Mattathias Gomes dos Santos; Secretário de Atas: Dr. João Filson Soren; Tesoureiro: Dr. Ismael de França Campos; Vogais: Rev. Afonso Romano Filho, Rev. Antônio Varizo Jr., Rev. Azor Etz Rodrigues, Arcebispo Charles S. Neal, Rev. Hermann Dohms, Dr. James E. Ellis, Rev. L. F. Harris, Rev. Lewis Malen Bratcher, Rev. Manoel Avelino de Souza, Rev. Martin Begrich, Rev. Miguel Rizzo Jr., Arcebispo Nemésio de Almeida, Dr. Remígio Fernandes Braga, Rev. Rodolfo Anders, Dr. Sátilas do Amaral Camargo, Rev. Synésio P. Lyra, Rev. W. B. Forsyth, Dr. Waldir Trajano Costa, e Bispo William Thomas.

1951-1954

Presidente: Bispo César Dacorso Filho; Secretário de Atas: Sr. Emílio Conde; Tesoureiro: Dr. Remígio C. Fernandes Braga; vogais: Rev. Dr. A. Teixeira Gueiros, Rev. João F. Soren, Rev. Synésio Lyra, Arcebispo Nemésio de Almeida, Rev. Afonso Romano Filho, Rev. Dr. Manoel Avelino de Souza, Rev. Antônio Varizo Jr., Rev. Dr. Sátilas do Amaral Camargo, Rev. Azor Etz Rodrigues, Rev. Rodolfo Anders, Rev. Dr. Hermann Dohms, Dr. Luís Caruso, Dr. Flaminio Fávero, Dr. Lewis M. Bratcher, Rev. Rodolfo Hasse, Rev. Galdino Moreira, Revmo. Bispo Egmont Machado Kischke, Sr. Rafael A. Butler, Rev. William B. Forsyth, Rev. Munguba Sobrinho, Rev. Miguel Rizzo Jr.

1954-1957

Presidente: Bispo César Dacorso Filho; Vice-Presidente: Rev. Galdino Moreira; Secretário de Atas: Sr. Emílio Conde; Tesoureiro: Dr. Remígio C. Fernandes Braga; Vogais: Arcedíago Nemésio de Almeida, Rev. Rodolfo Anders, Rev. Rafael A. Butler, Dr. Sátilas do Amaral Camargo, Dr. Luiz A. Caruso, Dr. Hermann Dohms, Rev. William B. Forsyth, Dr. Antônio Teixeira Gueiros, Rev. Rodolfo Hasse, Bispo Dom Egmont Machado Krischke, Rev. Synésio Lyra, Rev. Miguel Rizzo Jr., Rev. Azor Etz Rodrigues, Rev. Afonso Romano Filho, Dr. Munguba Sobrinho, Dr. João F. Soren, Dr. Manoel Avelino de Souza, Rev. Antônio Varizo Jr., Rev. José Borges dos Santos Jr. e Rev. David Gomes.

1957-1960

Presidente: Rev. Dr. Benjamim Moraes Filho; Vice-Presidentes: Dr. Remígio de Cerqueira Fernandes Braga e Dr. Antônio Neves Mesquita; Tesoureiro: Tenente-Coronel Celson Daltro dos Santos; Secretário de Atas: Sr. Emílio Conde, Dr. Giscaldo Floro Dacorso, Professora Sarah M. Dawsey, Revmo. Bispo Isaías Fernandes Sucasas, Rev. Almir dos Santos, Rev. David Gomes, Dr. A. Ben Oliver, Dr. Rúbens Lopes, Rev. Albérico de Souza, Dr. Éder Accorsi, Rev. Rodolfo Anders, Dr. Antônio Teixeira Gueiros, Dr. Edílson Brasil Soárez, Rev. Azor Etz Rodrigues, Dr. Sátilas do Amaral Camargo, Rev. Aretino Pereira de Matos, Rev. Sebastião Gomes Moreira, Dr. Daso Coimbra, Dra. Donina de Andrade, Rev. Diocleciano Cavalcante, Rev. William B. Forsyth, Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, Revmo. Bispo Egmont Machado Krischke, Rev. Euclides Deslandes, Pr. José Pimentel de Carvalho, Rev. Synésio Pereira Lyra, Prof. Domingos Peixoto Silva, Sr. Rafael A. Butler, Dr. Rodolfo Hasse, Sr. Benno Kersten, Tenente-Coronel Gilbert Abadie e Sr. Wesley Archibad.

1960-1964

Presidente: Dr. Benjamim Moraes Filho; Vice-Presidente: Dr. Antônio Neves Mesquita e Dr. Remígio de Cerqueira Fernandes Braga; Secretário de Atas: Sr. Emílio Conde; Tesoureiro: Rev. David Glass; Vogais: Prof. Domingos Peixoto da Silva, Dr. Antônio Teixeira Gueiros, Rev. David Gomes, Rev. Richard Sturz, Rev. Rodolfo Anders, Rev. Albérico Alves de Souza, Rev. Synésio Pereira Lyra, Rev. Aretino Pereira de Matos, Dr. Daso Coimbra, Rev. Amantino Adorno Vassão, Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, Dr. Rodolfo Hasse, Dr. Jéter Pereira Ramalho, Cel. Gilberto Abadie, Sr. Haroldo Pereira Lobo, Rev. Euclides Deslandes, Revmo. Bispo Isaías Fernandes Sucasas, Dr. Edílson Brasil Soárez, Rev. Paulo Leivas Macalão, Revmo. Bispo Edmund Schervil, Rev. Charles Wesley Clay, Dr. Rui Ramos, Sr. Benno Kersten, Sr. Reynaldo Ribeiro, Rev. Almir dos Santos, Rev. Diocleciano Cavalcante, Rev. Djalma Antônio da Cunha e Silva, Rev. Daily Rezende França, Dr. Albérico Antunes de Oliveira, Rev. Valdívio de Oliveira Coelho, Rev. Nils Angelin.

1964-1968

Presidente: Dr. Benjamim Moraes; Presidente da Diretoria: Revmo. Bispo Isaías Fernandes Sucasas; Presidente da Comissão Executiva: Dr. Antônio Neves de Mesquita; Vice-Presidente da Mesa: Sr. Haroldo Pereira Lobo; Tesoureiro: Rev. David Glass;

Secretário de Atas: Dr. Aloysio Marques de Araújo; Vogais: Dr. Antônio Teixeira Gueiros, Salustiano Pereira César, Alair Villaça Simões, José Tavares de Souza, Nicéa Moreira Bussinger, Paulo Leivas Macalão, Domingos Peixoto da Silva, Geraldino dos Santos, Janos Apostol, Ernest Schlieper, José Pinto de Oliveira, Silas Marques Serra, Jair Pereira Ramalho, José Coelho Ferraz, João Misuque, Pedro Mendes, Synésio Pereira Lyra, Bernard Johnson, Rodolfo Garcia Nogueira.

1968-1972

Presidente: Dr. Benjamim Moraes; Presidente da Diretoria: Sr. Haroldo Pereira Lobo; Vice-Presidente: Prof. Domingos Peixoto da Silva; Secretário de Atas: Rev. Salustiano Pereira César; Tesoureiro: Dr. Aloysio Marques de Araújo; Vogais: Dr. José Tavares de Souza, Rev. João Arantes Costa, Sra. Alair Villaça Simões, Dra. Nicéa Moreira Bussinger, Sra. Zélia Macalão, Dr. Edílson Brasil Soárez, Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, Rev. Pedro Mendes, Rev. Silas Marques Serra, Pr. José Pinto de Oliveira, Dr. José Coelho Ferraz, Rev. Hercílio Arandas, Rev. Valdívio de Oliveira Coelho, Bispo Almir dos Santos, Pr. Enéas Tognini, Deputado Levi Tavares, Rev. Adiel de Figueiredo, Rev. Alcebíades Pereira Vasconcelos, Rev. Paulo Hasse e Rev. Isnard Rocha.

1972-1976

Presidente: Rev. David Gomes; 1º Vice-Presidente: Rev. Isnard Rocha; 2º Vice-Presidente: Sra. Zélia Brito Macalão; 3º Vice-Presidente: Sr. Haroldo Pereira Lobo; Secretário de Atas: Rev. Rodolfo Garcia Nogueira; Tesoureiro: Dr. Aloysio Marques de Araújo; Vogais: Prof. Domingos Peixoto da Silva, Sra. Alair Villaça Simões, Dra. Nicéa Moreira Bussinger, Dr. José Coelho Ferraz, Pr. Enéas Tognini, Rev. Alcebíades Pereira Vasconcelos, Rev. Paulo Hasse, Rev. Valdívio de Oliveira Coelho e Rev. Sérgio Paulo Fredi.

1976-1979

Presidente: Dr. Aldo Fagundes; Vice-Presidentes: Dr. J. B. Clayton Rossi, Ministro Esdras Gueiros e Dr. Joanir de Oliveira; Tesoureiro: Prof. Luiz Antônio P. Ribeiro; Secretário de Atas: Rev. Rodolfo Garcia Nogueira; Vogais: Sra. Dayse Calmon, Prof. Esaú de Carvalho, Rev. José Tavares de Souza, Professora Zélia Brito Macalão, Rev. Herbert Hoerlle, Dra. Nicéa Moreira Bussinger, Pr. Alcebíades Pereira Vasconcelos, Rev. Valdívio de Oliveira Coelho, Dr. Karl Gottschald, Dr. José Fernandes Machado, Pr. Enéas Tognini, Dr. Manoel Ferreira, Rev. Éber Vasconcelos, Dr. Hildebrando de A. Guimarães, Pr. Venâncio Rodrigues dos Santos.

1979-1982

Presidente: Dr. Aldo Fagundes; Vice-Presidentes: Ministro Esdras Gueiros, Rev. Éber Vasconcelos e Dr. João Batista Clayton Rossi; Tesoureiro: Prof. Luiz Antônio Patrício Ribeiro; Secretário de Atas: Rev. Rodolfo Garcia Nogueira; Vogais: Professora Daisy L. Calmon, Dr. Joanyr de Oliveira, Dr. José Tavares de Souza, Professora Zélia Brito Macalão, Prof. Raimundo de Oliveira Coelho, Professora Nicéa Moreira Bussinger, Pr. Alcebíades Pereira Vasconcelos, Rev. Jairo Gomes de Miranda, Rev. Jonan Joaquim Cruz,

Pr. Enéas Tognini, Prof. José Hygino de Azevedo, Sr. Karl Gottschald, Dr. Hildebrando de A. Guimarães, Cel. Abelardo de Sá Filho e Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira.

1982-1985

Presidente: Prof. Dr. João Baptista Clayton Rossi; Vice-Presidentes: Ministro Esdras da Silva Gueiros, Prof. Dr. José Hygino de Azevedo e Revmo. Arcipreste Rodolfo Garcia Nogueira; Secretária de Atas: Professora Luci Gueiros Leite; Tesoureiro: Prof. Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira; Vogais: Rev. Prof. Abival Pires da Silveira, Rev. Adail Carvalho Sandoval, Rev. Alcebíades Pereira Vasconcelos, Dra. Alda Villas Boas Teixeira de Carvalho, Rev. Prof. Deneci Gonçalves da Rocha, Rev. Elizeu Menezes de Oliveira, Pr. Enéas Tognini, Prof. Galdino Moreira Filho, Rev. Dr. Guilhermino Silva da Cunha, Deputado Dr. Igo Losso, Prof. Dr. João Dias de Araújo, Prof. Dr. Joaquim Beato, Rev. Dr. Johannes Gedrat, Dr. José Júlio dos Reis, Rev. Dr. José Tavares de Sousa, Rev. Juracy José Sias Monteiro, Rev. Dr. Karl Gottschald, Prof. Raimundo de Oliveira Coelho, Rev. Rodolfo Jacob Schneider, Rev. Dr. Waldicir Rosa da Silva e Professora Zélia Brito Macalão.

1985-1988

Presidente: Revmo. Arcipreste Rodolfo Garcia Nogueira; Vice-Presidentes: Rev. Adail Carvalho Sandoval, Dr. Waldicir Rosa da Silva e Desembargador Ney de Mello Almada; Secretária de Atas: Professora Luci Gueiros Leite; 1º e 2º Tesoureiros: Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira e Dr. Carlos Wesley; Vogais: Rev. Abival Pires da Silveira, Dr. José Júlio dos Reis, Rev. Dr. Joaquim Beato, Rev. Alcebíades Pereira Vasconcelos, Dra. Alda Villas Boas Teixeira de Carvalho, Rev. Elizeu Menezes de Oliveira, Pr. Enéas Tognini, Rev. Dr. Guilhermino Silva da Cunha, Rev. Dr. Johannes Hermann Gedrat, Prof. Dr. José Hygino de Azevedo, Rev. Dr. Juracy José Sias Monteiro, Dr. Karl Gottschald, Prof. Raimundo de Oliveira Coelho e Professora Zélia Brito Macalão.

1988-1991

Presidente: Revmo. Arcipreste Rodolfo Garcia Nogueira; Vice-Presidentes: 1º: Rev. Abival Pires da Silveira e 2º: Rev. Dr. Guilhermino Silva da Cunha; Secretária de Atas: Professora Luci Gueiros Leite; Tesoureiro: Prof. Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira; Vogais: Rev. Adail Carvalho Sandoval, Pr. Enéas Tognini, Ministro Dr. Aldo da Silva Fagundes, Rev. Assir Pereira, Dr. Josué Silvestre da Silva, Rev. Irland Pereira de Azevedo, Rev. Dr. Johannes Hermann Gedrat, Rev. José Wellington Bezerra da Costa, Rev. Dr. Karl Gottschald e Rev. Dr. Waldicir Rosa da Silva.

1991-1994

Presidente: Ministro Dr. Aldo da Silva Fagundes; Vice-Presidente: 1º: Rev. Antônio Gilberto Silva e 2º: Rev. Abival Pires da Silveira; Secretária de Atas: Professora Leda da Silva Falcão; Tesoureiro: Rev. Prof. Lourenço Stelio Rega; Vogais: Rev. Guilhermino Silva da Cunha, Prof. Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira, Rev. Adail Carvalho Sandoval, Pr. Enéas Tognini, Dr. José Júlio dos Reis, Rev. Samuel Câmara, Rev. Huberto Kirchheim, Desembargador Dr. Ney de Mello Almada, Rev. Leopoldo Heimann e Rev. Ernesto

Taconi; Suplentes: 1º: Saulo Marques da Silva 2º: Rev. João Dias de Araújo, 3º: Sra. Luci Gueiros Leite: 4º: Rev. Irland Pereira de Azevedo e 5º: Dra. Lourdes Lemos Almeida.

1994-1997

Presidente: Ministro Aldo da Silva Fagundes; Vice-Presidentes: 1º, Rev. Antônio Gilberto da Silva, e 2º, Rev. Guilhermino Silva da Cunha; Secretária de Atas: Professora Leda da Silva Falcão; Tesoureiro: Prof. Lourenço Stelio Rega; Vogais: Rev. Abival Pires da Silveira, Rev. Adail Carvalho Sandoval, Rev. Enéas Tognini, Prof. Ruy Carlos de Camargo Vieira, Rev. Assir Pereira, Rev. Samuel Câmara, Rev. Huberto Kirchheim, Dr. Antônio Cabrera Mano Filho, Rev. Leopoldo Heimann e Rev. Martinho Arnaldo de Campos Carmona; Suplentes: 1º: Rev. Othoniel Silva Martins, 2º, Dra. Maria Geralda Salles, 3º, Rev. Saulo Marques da Silva, 4º, Rev. Archimedes Peres Maranhão, e 5º, Sr. Woldemar Kinas.

1997-2000

Presidente: Rev. Guilhermino Silva da Cunha; 1º Vice-Presidente: Rev. Samuel Câmara; 2º Vice-Presidente: Rev. Enéas Tognini; Secretário de Atas: Rev. Adail Carvalho Sandoval; tesoureiro: Prof. Ruy Carlos de Camargo Vieira; Vogais: Rev. Abival Pires da Silveira, Dr. Antônio Cabrera Mano Filho, Pr. Antônio Gilberto da Silva, Dr. Carlos Wesley, Professora Eleny Vassão de Paula Aitken, Rev. Humberto Kirchheim, Pr. José Wellington Bezerra da Costa, Rev. Josué Bengtson, Professora Leda da Silva Falcão, Rev. Leopoldo Heimann, Dra. Lourdes Almeida e Bispo Paulo Ayres de Matos; Suplentes: 1º: Dr. Ney de Mello Almada, 2º: Pr. Peniel Pacheco, 3º: Professora Sabina Guiomar Skiet, 4º: Dr. Waldicir Rosa da Silva, 5º: Sr. Woldemar Kinas.

2000-2003

Presidente: Rev. Guilhermino Silva da Cunha; 1º Vice-Presidente: Pr. Samuel Câmara; 2º Vice-Presidente: Pr. Enéas Tognini; Secretário de Atas: Rev. Adail Carvalho Sandoval; tesoureiro: Prof. Ruy Carlos de Camargo Vieira; Vogais: Dr. Antônio Cabrera Mano Filho, Rev. Assir Pereira, Bispo Carlos Alberto Rodrigues Pinto, Profa.. Eleny Vassão de Paula Aitken, Dr. Euclides Schlottfeldt Fagundes, Rev. Huberto Kirchheim, Pr. Jabes Guedes de Alencar, Rev. Josué Bengtson, Rev. Leopoldo Heimann, Dra. Lourdes Lemos Almeida, Pr. Luiz Carlos Pinto e Dr. Waldicir Rosa da Silva; Suplentes: Pr. Carlos Alberto de Quadros Bezerra, Pr. Lécio Dornas, Rev. Nestor Beck, Dr. Ney de Mello Almada e Sr. Woldemar Kinas.

2003-2006

Presidente: Pr. Enéas Tognini; 1º Vice-Presidente: Rev. Adail Carvalho Sandoval; 2º Vice-Presidente: Pr. Jabes Alencar; Secretária de Atas: Dra. Lourdes Lemos de Almeida; Tesoureiro: Dr. Carlos Wesley; Vogais: Dr. Antônio Cabrera Mano Filho; Rev. Assir Pereira; Bispo Carlos Alberto Rodrigues Pinto; Pr. Davi Rodrigues; Sr. Euclides Schlottfeldt; Fagundes; Pr. Fausto Aguiar Vasconcelos; Professora Juny Boechat Leite; Pr. Lécio Dornas; Pr. Leopoldo Heimann; Bispo Manuel Ferreira; Sr. Ronaldo Rodrigues de Souza; Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira; Pr. Samuel Câmara; Rev. Walter Altman;

Suplentes: Pr. Luiz Carlos Pinto; Sr. Clarindo Aparecido da Silva; Professora Simoni Bausells Piragine; Dr. Ney de Melo Almada; Pr. Carlos Alberto de Quadros Bezerra.

2006-2009

Presidente: Pr. Enéas Tognini; 1º Vice-Presidente: Rev. Adail Carvalho Sandoval; 2º Vice-Presidente: Rev. Leopoldo Heimann; Secretária de Atas: Dra. Lourdes Lemos de Almeida; Tesoureiro: Dr. Carlos Wesley; Vogais: Dr. Antônio Cabrera Mano Filho; Rev. Assir Pereira; Pr. Ageo Silva; Dr. Almir dos Santos Gonçalves Júnior; Sr. Euclides Schottfeldt; Fagundes; Dr. Gottfried Brakemeier; Dr. Ney de Mello Almada; Pr. Lécio Dornas ; Sr. Clarindo Aparecido da Silva Filho; Professora Eleny Vassão de Paulo Aitken ; Sr. Ronaldo Rodrigues de Souza; Dr. Ruy Carlos de Camargo Vieira; Pr. Valdir Agnello; Professora Simoni Bausells Piragine; Pr. Vitor Hugo Mendes Sá; Suplentes: Pr. Luiz Carlos Pinto; Dr. Joaquim Beato; Dr. Waldicir Rosa da Silva; Prof. Wilson Matos; Pr. Martinho A. Carmona.

8. Mensagens dos Oradores na Cerimônia de Fundação da SBB

Rev. Rúbens Lopes

Presidente da Convenção Batista Brasileira

Nem as conquistas da inteligência, nem o esplendor material deste século, em razão disso, sem dúvida, o mais categorizado da História, eliminaram, até agora, a necessidade de uma Revelação.

Se, apesar de todo equipamento que o progresso lhe oferece, o homem nenhum resultado positivo alcança quando pretende incursionar sozinho pelo mundo sobrenatural. Então, é fora de qualquer dúvida que, deixado a si mesmo, reduzindo somente aos recursos de seu engenho, sem as luzes divinas, jamais poderá ele apreender as verdades que estão além do horizonte sensível da vida.

Disso resulta a necessidade de uma Revelação, vale dizer, a necessidade da Bíblia.

Porque a Bíblia é essa Revelação.

Eis aqui, senhores, em síntese, o que os batistas pensam sobre a Bíblia.

À semelhança do que acontece com todos os cristãos genuínos, os batistas acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus; Palavra inspirada, portanto, integralmente inspirada. É Deus falando ao homem, pondo-o ao corrente daquilo que lhe não poderia chegar ao conhecimento por outros meios, fosse através da natureza, fosse através da consciência moral.

Posta nesses termos, a Bíblia se faz um livro completo.

É o livro da inteligência, do coração e da consciência.

Livro da inteligência, porque é doutrina, teologia, erudição. É a cátedra do Espírito divino. É o roteiro que ensina o caminho do Céu. Por isso, há nele o essencial sobre Deus e o homem, o tempo e a eternidade.

Livro do coração, porque é conforto, e estímulo. Um cordial para o espírito humano nas horas de seus desfalecimentos. Nessas ocasiões, e não há quem não as tenha na vida, a Bíblia dispõe sempre de uma palavra a propósito, que desencanta em flores os espinhos do sofrimento.

Livro da consciência, referimo-nos à consciência moral, porque oferece aos seus leitores um padrão perfeito dos valores morais da vida.

Sem ser uma casuística, ela informa ao homem os princípios normativos de uma vida em ascensão para Deus. Ao mesmo tempo que desperta nele o sentido de culpa, tranquiliza-o indicando-lhe o caminho de reabilitação. Por isso mesmo, aceitamo-la como a última instância de opinião, diante da qual o nosso espírito se desarma para ouvir e crer.

Um livro assim não se lê apenas; estuda-se. Não se estuda só, mas difunde-se na maior escala possível. Não poderia, pois, deixar de ter a mais ampla repercussão nos círculos batistas brasileiros o acontecimento que esta solenidade assinala. Trata-se de lançar no País uma Agência para a divulgação desse livro incomparável, destinado a marcar época na vida nacional.

É uma fortuna, como se vê, para uma nação ainda pobre de Cristo.

Ao lado da Sociedade Bíblica do Brasil, para prestigiá-la, estarão, por certo, os batistas brasileiros e, com eles, todos crentes de boa vontade.

Pela redenção do Brasil e para a glória de Deus!

Rev. Elias Escobar Gavião
Representante da Igreja Metodista do Brasil

Tenho a honra de representar neste solene ato o Revmo. Bispo da Igreja Metodista do Brasil, Isaías Fernandes Sucasas, e sua Região Eclesiástica, a Região do Sul. Apresento-vos sua saudação muito fraternal e seu sentimento de desprazer por não poder desfrutar a bênção de tão inspiradora solenidade. Colocando-me, pois, em seu lugar, falarei sobre o assunto que lhe fora confiado, a Sociedade Bíblica do Brasil e minha Igreja.

Nesta Pátria querida e amada, laboram forças que se aproximam e se confundem em razão de seu ideal. Representam a concretização da vontade suprema do Criador, no esforço providencial de semear nos corações o símbolo da fé cristã e o germe da salvação através dos raios luminosos da Verdade Eterna.

Nesse plano divino de redenção e salvação, como forças cristãs arregimentadas para o serviço dos ideais supremos de Deus, eu vejo a Sociedade Bíblica do Brasil e a minha Igreja, a Igreja Metodista do Brasil. A primeira, como riquíssimo acervo da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e da Sociedade Bíblica Americana, surgindo como símbolo de uma nova era para o evangelismo nacional, oferecendo como fonte inesgotável aos milhares e aos milhões o livro-chave da civilização cristã, a Bíblia Sagrada. A segunda, como belíssima expressão do ideal de John Wesley, Fundador do Metodismo, que dizia: “O mundo é a minha paróquia.”

Por essa razão, neste solene momento de tão profunda repercussão nos corações cristãos e de tão elevado sentido para a felicidade dos brasileiros, eu louvo a Deus pela inauguração da Sociedade Bíblica do Brasil, rogando de sua bondade infinita bênçãos

incessantes que determinem a sua prosperidade, sua segurança e sua vitória completa e gloriosa.

A Igreja Metodista do Brasil, como serva obediente do Mestre dos Mestres, levará aos corações sedentos a água pura que jorra abundante de seu Livro divino, dará o pão da vida aos famintos no espírito, agradecendo sempre a Deus o grande e inesgotável Celeiro repositório do Livro dos livros, a Sociedade Bíblica do Brasil.

Que o grande ideal de Cristo, em sublime afinidade espiritual, seja o elo inquebrantável que unirá minha Igreja, A Igreja Metodista do Brasil, à Sociedade Bíblica do Brasil, hoje, dia de sua inauguração, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Rev. Salustiano Pereira César

Representante da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil

No Livro da eternidade encontram-se, gravadas pela mão de Deus, palavras áureas representadas por símbolos celestes, nas quais, com o sublime alcance visual do espírito, nós descobrimos esta inscrição: Em 12 de junho de 1948, cria-se no Planeta terrestre, entre os homens pecadores e para a felicidade dos mesmos, a Sociedade Bíblica do Brasil.

Que magnífica visão, prezados ouvintes! Uma empresa firmada na Terra com o beneplácito divino e merecedora dos registros do Senhor do mundo! A Sociedade Bíblica do Brasil é realmente uma Obra poderosa cujo fim se impõe e se sobrepõe a todas as conveniências do ser humano!

Sim, caros ouvintes, a Biblioteca Divina, a Palavra de Deus, esse tesouro inesgotável, a Bíblia, tem tido, em cada Agência até então existente no Brasil, uma depositária zelosa e uma distribuidora fidedigna a serviço de todos os que desconhecem a verdadeira sabedoria.

O testemunho das Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil a respeito dessas agências é longo demais para ser apresentado nos reduzidos momentos de que dispomos neste feliz programa; mas nós nos comprazemos em declarar que as nossas forças espirituais estão sobre o altar da fé, prontas para qualquer arremetida, por amor dos pecadores.

A mensagem do evangelho de Cristo, mensagem de vida e de paz, de justiça e de, amor, aflora aos nossos lábios num verdadeiro anseio de pregar a toda criatura.

Distribuindo Evangelhos, Porções Bíblicas e exemplares completos das Sagradas Escrituras, a minha Igreja está certa de bem cumprir a gloriosa missão que lhe foi outorgada por nosso Senhor Jesus Cristo; e, para tanto, se sente coadjuvada e disposta na sua tarefa pela segurança com que ela encara a ação futura que, de hoje em diante, será reafirmada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Rev. Antônio Corrêa Rangel de Alvarenga

Presidente do Sínodo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

Hoje, aqui estamos reunidos em torno da Bíblia, esse monumento eterno, firmado na Terra pelas próprias mãos de Deus. Grandes maravilhas tem realizado a Bíblia.

Foi a Bíblia que, em poucos séculos, conduziu os bárbaros do Norte da Europa à vanguarda da civilização.

Foi a Bíblia que fez a grandeza material e espiritual do povo suíço e dos povos anglo-saxões.

Muito se tem falado sobre os três grandes problemas do Brasil: transporte, saneamento e instrução; mas, ao lado de qualquer desenvolvimento econômico e financeiro, se torna necessária a formação moral do caráter nos moldes preconizados por Deus nas páginas luminosas da Bíblia. Torna-se ela, assim, imprescindível a todos os povos da Terra. Sem a Bíblia, não houve e não haverá civilização na exata significação do termo, porque o progresso material e mesmo cultural não pode fazer a felicidade do gênero humano. É, pois, a Bíblia a Pedra Fundamental da civilização.

Só uma coisa os brasileiros estão aguardando para, libertos de seus preconceitos, apressarem o desenvolvimento de todas as suas admiráveis possibilidades materiais, morais e espirituais: Bíblias, milhões de Bíblias para o Brasil!

Igreja pioneira, Igreja genuinamente nacional, Igreja que, em sua árdua caminhada histórica, desde 31 de julho de 1903, tem posto diante de si o grande alvo de ganhar o Brasil para Cristo, a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, com estas minhas palavras, vem trazer à Sociedade Bíblica do Brasil os protestos de sua irrestrita solidariedade. Vem congratular-se convosco, apresentando-vos os mais efusivos parabéns e votos de prosperidade. Vem trazer-vos a garantia de sua efetiva cooperação, para a glória de Deus e maior progresso do Reino de Cristo em nossa querida Pátria.

Brigadeiro Ricardo Christensen
Secretário-Geral do Exército de Salvação no Brasil

O Exército da Salvação no Brasil congratula-se por ser inaugurada oficialmente, esta noite, a Sociedade Bíblica do Brasil, e prometemos a nossa cooperação leal e dedicada aos dirigentes desta Casa, para que a Bíblia seja espalhada mais e mais entre o povo brasileiro.

A Bíblia tem alguma semelhança com o muro que certo irlandês construiu em redor de sua propriedade e que tinha um metro de altura e um metro e meio de espessura. Quando os vizinhos principiaram a rir por ser o muro dele mais largo do que alto, o irlandês explicou que a vantagem estava que, quando o vento derrubasse o muro, este ficaria ainda mais alto.

Assim sucede também com a Bíblia. Apesar de todas as tempestades e tufões da crítica e do ateísmo que investiram contra ela, ocupa hoje, de todo ponto de vista, no conceito das nações, um lugar mais elevado que nunca.

Contudo, Satanás continua esforçando-se para destruí-la. Quanta leitura perniciosa ele tem inventado! Quantas revistas imorais que são vendidas nas bancas de jornais aqui nesta cidade, revistas que destroem o caráter da nossa juventude e desmoralizam tudo quanto é puro e sagrado nos lares!

Tudo quanto podemos fazer para espalharmos as Sagradas Escrituras entre o povo será pouco, considerando a grande necessidade existente. Nos lares onde a Bíblia é lida, dissipam-se as trevas da ignorância, e a luz da Palavra de Deus purifica de todo o pecado.

Esta noite, louvamos a Deus por mais um corpo de artilharia pesada que é inaugurado, a Sociedade Bíblica do Brasil, e antecipamos grandes vitórias para a Causa do Reino de Deus quando ela entrar em ação, pois essa artilharia há de demolir as posições fortificadas do Inimigo e ajudar-nos muito a ganharmos o Brasil para Cristo.

Sr. R. A. Butler

Representante da Igreja Adventista do Sétimo Dia

As Sociedades Bíblicas Unidas, de maneira abnegada, e que Deus as abençoe por isso, põem a Bíblia ao alcance dos membros de minha Igreja; mas, para que essas almas por ela se interessem, devo eu mesmo estar nela interessado. Para despertar profundo amor por seu estudo, devo amá-la. A instrução que dou terá apenas a importância de influência que eu lhe empreste pelo meu próprio exemplo e espírito.

As grandes forças incentivadoras da alma são a fé, a esperança e o amor; e é para estas que apela o estudo da Bíblia bem dirigido. A beleza exterior da Bíblia, a beleza das imagens e expressões, não é, por assim dizer, senão o encaixe de seu tesouro real, a beleza da santidade. No relato que apresenta sobre os homens que andaram com Deus, podemos apanhar os lampejos de sua glória. Naquele que é “totalmente desejável”, contemplamos o Ser de quem toda a beleza na Terra e no Céu é apenas um pálido reflexo.

O verdadeiro conhecimento das Escrituras só se pode adquirir pelo auxílio daquele Espírito, pelo qual a Palavra de Deus foi dada. E, a fim de obtermos esse conhecimento, devemos viver por ele. A tudo que a Palavra ordena urge obedecer. Tudo quanto promete podemos reclamar. A vida que recomenda é a que, pelo seu poder, somos capazes de viver.

Rev. D. Hermann Dohms

Presidente do Sínodo Riograndense da Igreja Evangélica

A Igreja Evangélica no Rio Grande do Sul e os Sínodos Evangélicos no Brasil, coirmãos, neste ato solene de inauguração, saúdam cordialmente a Sociedade Bíblica do Brasil, formulando ardentes votos para que o Deus Todo-Poderoso ricamente abençoe a sua Obra, dedicada inteira e exclusivamente à difusão da Palavra Eterna, que, neste mundo incerto, é o único fundamento firme para a existência do homem e da humanidade.

Lutero, cujos ensinamentos a Igreja Evangélica quer seguir e realizar no presente, em uma das suas 95 teses disse: “O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho de Deus soberano e misericordioso.” E a Confissão Agostiniana ratificou a seguinte doutrina: “Ensinamos que, por todos os tempos, há de existir e permanecer uma santa Igreja Cristã, que é a congregação dos crentes na qual o evangelho é pregado com pureza e os sacramentos são administrados de conformidade com a Palavra de Deus.”

Obedecendo às diretrizes da Reforma, a Igreja Evangélica no Brasil tem diante de si esta única tarefa: pregar e difundir a Palavra de Deus, a qual, por Obra do Espírito Santo, cria e sempre renova a comunhão dos crentes, que é a Igreja de Cristo.

Essa confissão e essa tarefa obrigam a Igreja Evangélica em nosso país a cooperar decididamente com todos aqueles que formam a Sociedade Bíblica do Brasil ontem constituída.

A grande Obra da difusão das Escrituras Sagradas terá o nosso inteiro apoio. Trabalharemos e não deixaremos de orar ardorosamente para que a Palavra de Deus permaneça entre nós e com ela permaneça a Igreja de Cristo, nosso Salvador, Redentor do mundo e da humanidade.

Revmo. Bispo William M. M. Thomas
da Igreja Episcopal Brasileira

A Igreja Episcopal Brasileira, como toda a Comunhão Anglicana, aceita as Sagradas Escrituras como a história da própria revelação de Deus ao homem e da resposta que o homem formulou à divina revelação. Esta é a base primordial da autoridade das Escrituras. O fato de ter a Igreja, sob a orientação do Espírito Santo, recebido a Bíblia como canônica reveste-a na sua inteireza de um caráter de suprema autoridade para todo cristão. E essa autoridade torna-se ainda mais válida pela experiência contínua do povo cristão através da história.

A Bíblia possui unidade interior por ser a história do preparo especial para o advento de Cristo, para a redenção do homem pela vida, morte, ressurreição e ascensão de nosso Senhor e para a dádiva do Espírito Santo.

Tanto no Antigo como no Novo Testamento, é proclamado o Reino de Deus, e a vida eterna é oferecida à humanidade em Cristo Jesus, único Mediador entre Deus e o homem.

A Bíblia sempre foi e ainda é, para a Igreja Cristã, o supremo padrão de seu ensino e a fonte principal de direção para a vida. Contém toda a doutrina requerida para a salvação pela fé em Jesus Cristo.

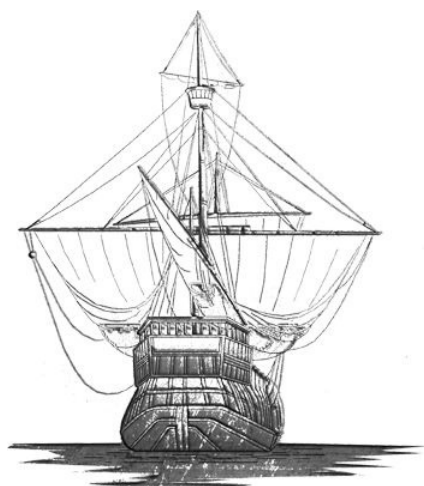
A leitura e a pregação da Palavra de Deus são indispensáveis na vida e no culto da Igreja.

É, pois, por todas essas razões que os membros da Igreja Episcopal possuem e leem suas Bíblias, todas elas fornecidas pelas Sociedades Bíblicas e sempre na língua do povo. No seu ritual, as passagens bíblicas compõem dois terços do Livro de Oração, sendo as Epístolas e Evangelhos para os domingos e outros dias santos do Ano Cristão, extraídos da Tradução Brasileira da Bíblia.

Essa tradução, como se sabe, foi feita por iniciativa das Sociedades Bíblicas, feita por brasileiros para os brasileiros, com base nos originais em grego e em hebraico.

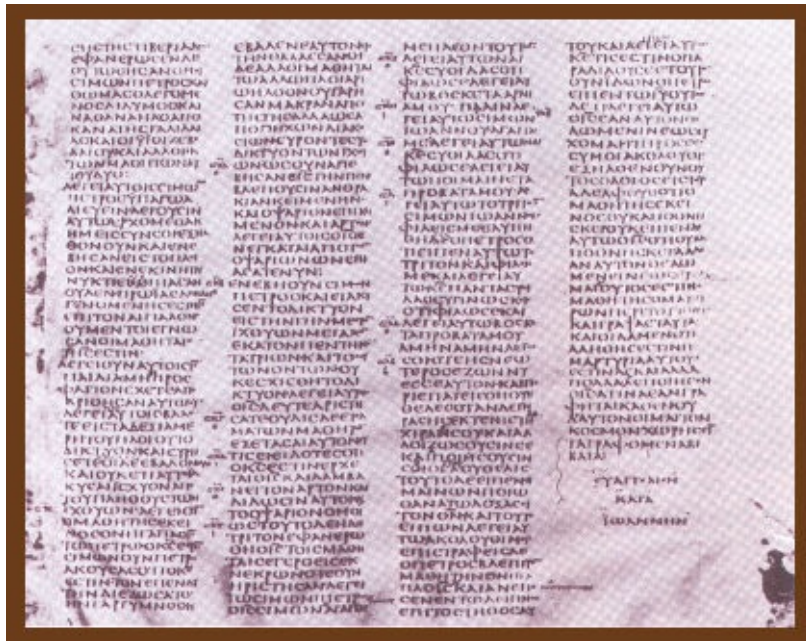
A Igreja Episcopal, com o indispensável auxílio prestado pelas Sociedades Bíblicas, põe nas mãos de todos os eclesianos a Palavra Divina, Regra de Fé, para que lhes ministre a necessária instrução em tudo o que respeita às suas obrigações para com Deus e para com o próximo.

História da Bíblia no BRASIL



Fotos

1. O Códice Sinaítico, século IV



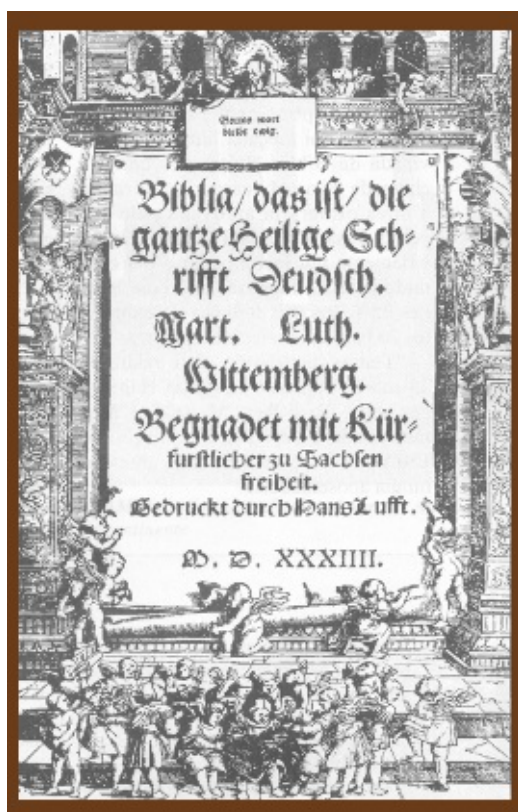
2. Ilustração do Códice Amiatino copista em seu *scriptorium* (séc. VII ou VIII)



3. Réplica da Prensa de Gutenberg que imprimiu a primeira Bíblia, em 1546



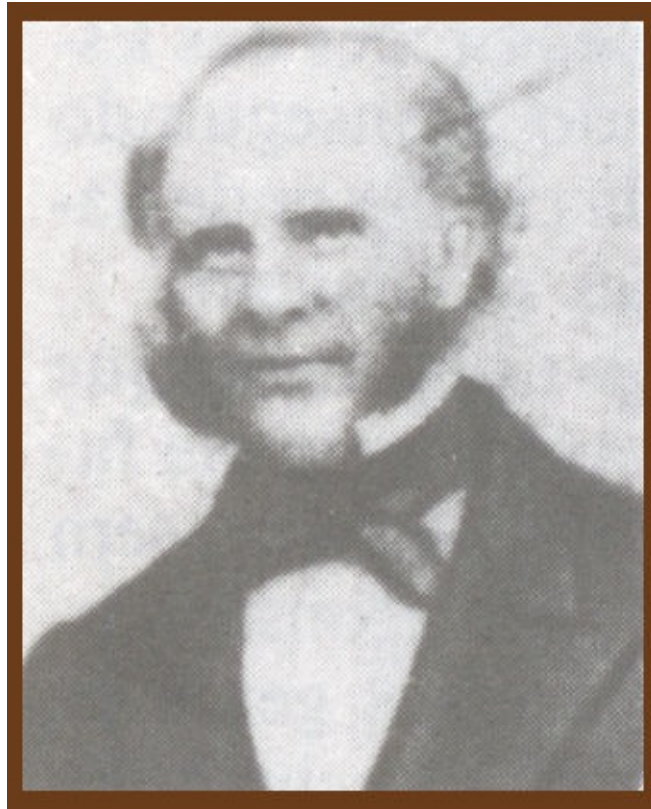
4. A Bíblia de Martinho Lutero (século XVI)



5. A Bíblia de D. João VI (1808)



**6. Robert Reid Kalley, fundador da primeira Igreja Evangélica no Brasil,
1858**



7. Resolução do Governo Imperial autorizando a colportagem bíblica no Brasil (1868)



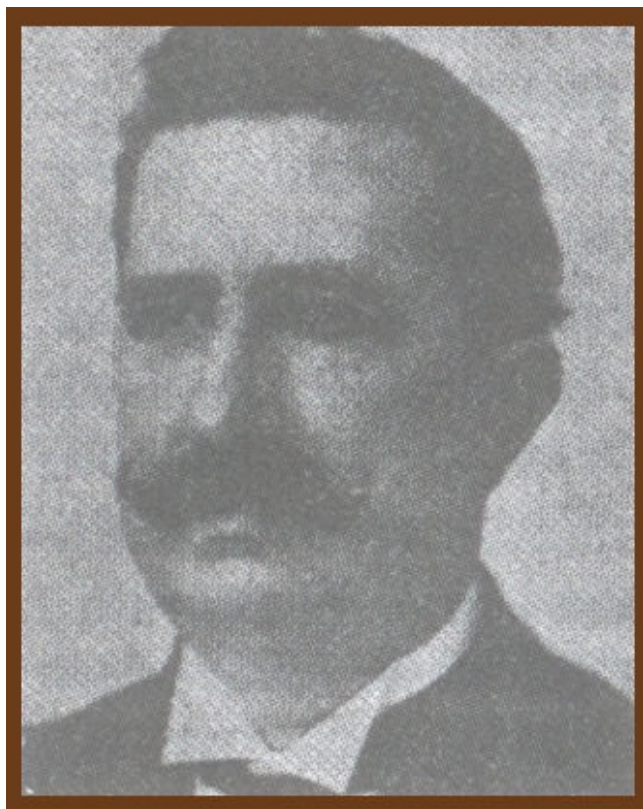
**8. Rev. João Manoel Gonçalves dos Santos, Agente da BFBS no Brasil
(1879-1901)**



9. Grupo de Colportores das Sociedades Bíblicas, em 1904



**10. Rev. Eduardo Carlos Pereira, presidiu a Tradução Brasileira da Bíblia
(1903-1917)**



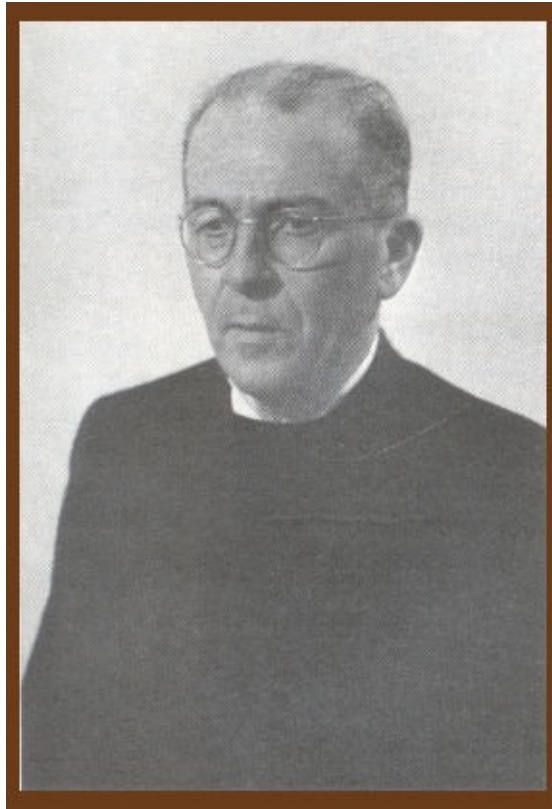
11. Rev. Alexander Telford, Agente da SBBE no Brasil, de 1917 a 1936



12. A primeira Diretoria da SBB (1948)



13. Bispo Cézar Dacorso Filho, primeiro Presidente da SBB (1948)



**14. Culto de fundação da SBB, na Igreja Batista do Rio de Janeiro, em
(1948)**



15. Bratcher Jr., Morris, Tucker e Krischke, Secretários da SBA, SBBE e SBB (1948)



16. Edifício da Bíblia no Rio (1948)



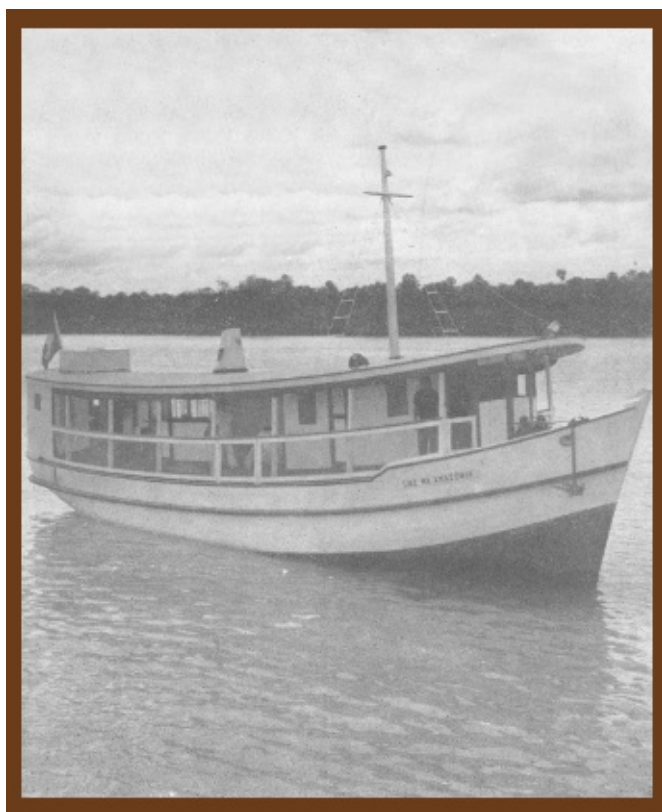
17. Campanha de colportagem em Bauru, em 1959



18. Comissão Revisora da Tradução de João Ferreira de Almeida, na década de 1950



19. O barco *Luz na Amazônia I* (1962-1989)



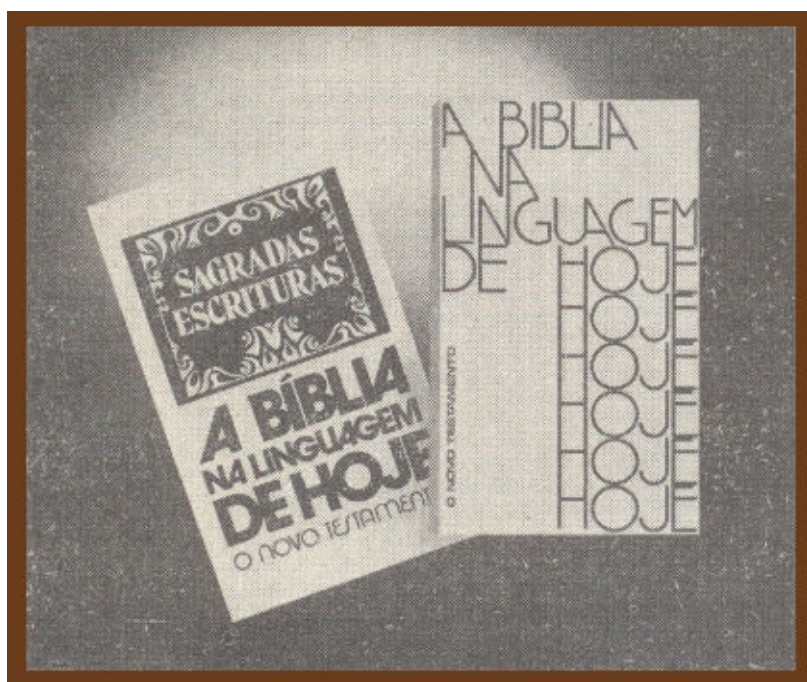
20. O Edifício da Bíblia em Brasília, inaugurado em 1972



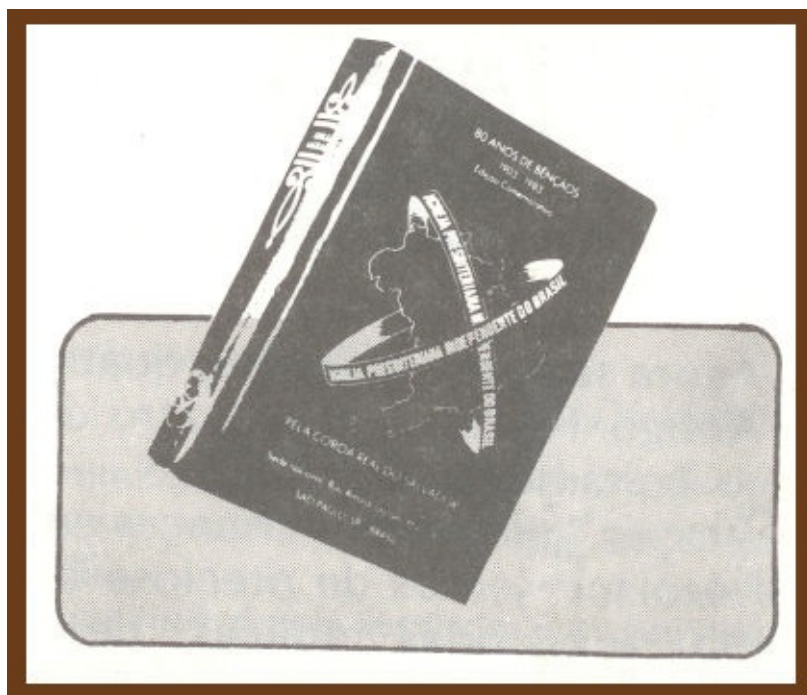
21. O primeiro monumento à Bíblia, em 1976



22. Capas da 1ª edição do TLH (1966-1973)



23. A primeira Bíblia personalizada (1983)



24. O barco *Luz na Amazônia II*, inaugurado em 1989



25. Início da tradução do Antigo Testamento na Linguagem de Hoje, em 1972.



**26. Lançamento da Pedra Fundamental da nova Sede Nacional da SBB
em Barueri, SP. 1993.**



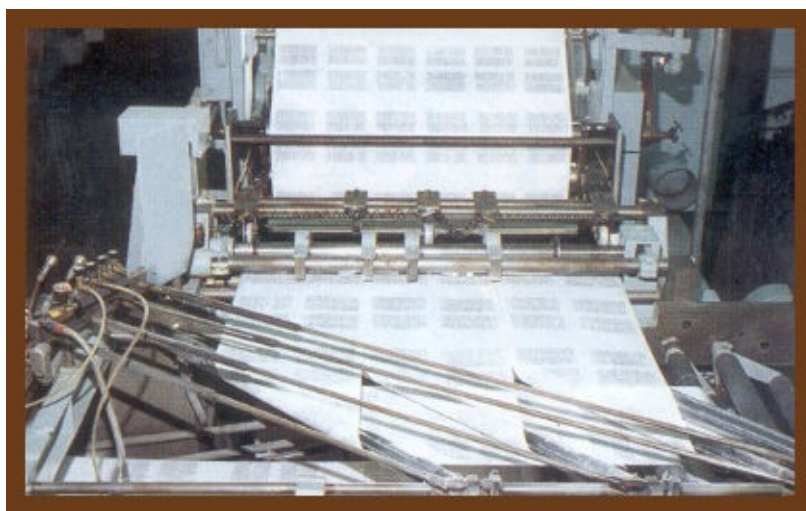
27. A inauguração da Gráfica da Bíblia, setembro de 1995.



28. Edifício da Bíblia em Barueri, SP. (1995)



29. Primeira impressora rotativa da Gráfica da Bíblia (1997)



30. Celebração do Jubileu de Ouro da SBB, em 1998



31. Lançamento da Bíblia em Braille-português, em 2002



32. Inauguração do Museu da Bíblia, em 2003



33. Inauguração da Biblioteca da Bíblia, em 2006



34. Edifício do Museu da Bíblia e da Biblioteca da Bíblia



35. Vista do interior do Museu



Notas do Capítulo I

- [1] MEIN. *A Bíblia e como Chegou até Nós*, p. 51.
- [2] ABNB, nº. 77, p. 10.
- [3] MILLER & HUBER. *A Bíblia e sua História*, pp. 95.
- [4] *Ib.*, p. 97.
- [5] ABNB, nº. 115, p. 29.
- [6] *Ib.*, nº. 158, p. 20; NICHOLS. *História da Igreja Cristã*, pág.44.
- [7] MILLER & HUBER. *A Bíblia e sua História*, p. 121.
- [8] ABNB, nº. 115, p. 14.
- [9] www.wikipedia.org.
- [10] NICHOLS. *História da Igreja Cristã*, pág.118.
- [11] HALLOCK. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 180.
- [12] MILLER & HUBER. *A Bíblia e sua História*, p. 158.
- [13] NICHOLS. *História da Igreja Cristã*, pág.44; MILLER & HUBER. *A Bíblia e sua História*, p. 170.
- [14] ABNB, nº. 166, p. 20.
- [15] HALLOCK, *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 141; TUCKER, *Reminiscências — 50 Anos no Brasil*; p. 16, ABNB, nº. 157, p. 20.
- [16] www.educacional.com.br; SOUTO MAIOR, *História do Brasil*, p. 118; MEIN, *A Bíblia e como Chegou até Nós*, p. 90.
- [17] ABNB, nº. 43, p. 3; nº. 23, p. 3.
- [18] *Ib.*, nº. 160, p. 14.
- [19] BITTENCOURT, *O Novo Testamento*, p. 166.
- [20] ABNB, nº. 126, p. 10.
- [21] *Ib.*, nº. 164, p. 20.
- [22] MILLER & HUBER. *A Bíblia e sua História*, p. 197; www.uucab.com.br.

Notas do Capítulo II

- [1] LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*, p. 41.
- [2] HALLOCK. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 137.
- [3] LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*, p. 43; www.wikipedia.org.
- [4] *Atas da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE)*, 1809, Museu da Bíblia; HALLOCK. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 186; MILLER & HUBER, *A Bíblia e sua História*, p. 202.
- [5] HALLOCK. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 186.
- [6] *Atas da Sociedade Bíblica, Britânica e Estrangeira (SBBE)*, 1821, Museu da Bíblia; CANCLINI, *La Bíblia en Argentina*, p. 53.
- [7] www.wikipedia.org; www.ieclb.org.br; ABNB, nº. 157, p. 20; TURNER, *La Bíblia Construye en América Latina*, p. 15; www.mackenzie.br; MEIN, *A Bíblia e como Chegou até Nós*, p. 90-91; HALLOCK. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 187.
- [8] KIDDER, *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*, pp. 108, 111 e 269; HALLOCK. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 187; DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 473; ABNB, nº. 157, p. 21.
- [9] DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 473; ABNB, nº. 84, p. 8.
- [10] www.gilsonsantos.com.br
- [11] ABNB, nº. 157, p. 21; www.portalmaranata.com.br; www.ipb.org.br; DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, pp. 224, 304, 396 e 473.
- [12] *Atas da SBBE*, 1856, 1865, 1869, 1872, 1879, Museu da Bíblia.
- [13] ABNB, nº. 157, p. 16.

Notas do Capítulo III

- [1] www.brasilimperial.org.br/dpedro2.
- [2] CARVALHO, D. *Pedro II*, p. 223.
- [3] TURNER, *La Bíblia Construye en América Latina*, p. 16.
- [4] *Ib.*, p. 15; CARVALHO, D. *Pedro II*, p. 158.
- [5] CARVALHO, D. *Pedro II*, p. 151
- [6] CARVALHO, D. *Pedro II*, p. 157, www.brasilimperial.org.br/dpedro2.
- [7] ABNB, nº. 171, p. 25.
- [8] CARVALHO, D. *Pedro II*, p. 157; www.brasilimperial.org.br/dpedro2.
- [9] ABNB, nº. 63, p. 11.
- [10] TURNER, *La Bíblia Construye en América Latina*, p. 15; Atas da SBBE, 1881, Museu da Bíblia.

Notas do Capítulo IV

- [1] www.suapesquisa.com; www.mackenzie.com.br.
- [2] HALLOCK, *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 137; ABNB, vol. 1, n.º. 1, p. 5.
- [3] DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 224; HALLOCK, *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 189.
- [4] ABNB, n.º. 159, p. 20.
- [5] *Ib.*, n.º. 178, p. 27.
- [6] www.ibnpaz.hpg.ig.com.br; ABNB, n.º. 65, p. 10.
- [7] www.igrejaassembleiadedeus.org; www.cpad.com.br.
- [8] SILVA JR., *Heróis da Fé Congregacionais* - Vol. 1, 1972.
- [9] ABNB, n.º. 113, p. 2; *Ib.*, n.º. 18, p. 3.
- [10] *Ib.*, n.º. 113, p. 2.
- [11] BITTENCOURT, *O Novo Testamento: Metodologia de Pesquisa*, pág.173.
- [12] ABNB, n.º. 120, p. 17.

Notas do Capítulo V

- [1] DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 224, ABNB, nº. 146, p. 7; TUCKER, *Reminiscências — 50 Anos no Brasil*, p. 42 e 43.
- [2] TUCKER, *Reminiscências — 50 Anos no Brasil*, p. 42.
- [3] DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 224.
- [4] Atas da SBBE, 1898 e 1900, Museu da Bíblia; HALLOCK, *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 188.
- [5] DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 224.
- [6] www.metodistaonline.kit.net/hctucker.htm.
- [7] TUCKER, *Reminiscências — 50 Anos no Brasil*, p. 41.
- [8] DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 473; ABNB nº. 18, p. 3.
- [9] ABNB, nº. 129, p. 23.

Notas do Capítulo VI

- [1] ABNB nº. 31, p. 2.
- [2] MEIN, *A Bíblia e como Chegou até Nós*, p. 103.
- [3] *Ib.*, p. 101.
- [4] ABNB, vol. I, nº. 1, p. 3; *Ib.*, vol. 1, nº. 1, p. 5.
- [5] HALLOCK, *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, p. 138.
- [6] ABNB, nº. 162, p. 9.

Notas do Capítulo VII

- [1] ABNB, vol. I, nº. 1, p. 6.
- [2] Ib., vol. I, nº. 1, p. 3.
- [3] Ib., vol. I, nº. 1, p. 4.
- [4] Ib., vol. I, nº. 1, p. 3.
- [5] Ib., vol. I, nº. 1, p. 4.
- [6] Ib., vol. I, nº. 1, p. 4.
- [7] Ib., vol. I, nº. 1, p. 5.
- [8] Ib., vol. I, nº. 1, p. 6.
- [9] Ib., vol. I, nº. 1, p. 10.
- [10] Ib., vol. I, nº. 1, p. 8; a palavra dos demais representantes das Igrejas encontra-se no apêndice deste livro, p. 267.
- [11] Ib., vol. I, nº. 1, p. 12.
- [12] Ib., vol. I, nº. 1, p. 15.
- [13] Ib., nº. 103, p. 10.

Notas do Capítulo VIII

- [1] MARIANO, *Estudos Avançados* 52, p. 121; www.mackenzie.com.br.
- [2] ABNB, vol. III, nº. 1, p. 8.
- [3] *Ib.*, vol. IV, nº. 3, p. 2.
- [4] *Ib.*, nº. 38, p. 7.
- [5] *Ib.*, nº. 32, p. 8.
- [6] *Ib.*, nº. 36, p. 3; nº. 37, p. 11.
- [7] *Ib.*, nº. 132, p. 1.
- [8] GIRALDI, *Colportagem Bíblica*, p. 12.
- [9] DWIGHT, *The Centennial History of the American Bible Society*, p. 224.
- [10] ABNB, nº. 179, p. 13.
- [11] GIRALDI, *Colportagem Bíblica*, p. 9.
- [12] ABNB, nº. 39, p. 13, nº. 43, p. 10.
- [13] *Ib.*, nº. 42, p. 6; nº. 61, p. 6.
- [14] GIRALDI, *Colportagem Bíblica*, p. 6.
- [15] ABNB, nº. 47, p. 4, nº. 153, p. 16
- [16] *Ib.*, nº. 28, p. 14.

Notas do Capítulo IX

- [1] ABNB, vol. I, nº. 2, p. 10.
- [2] Ib., vol. I, nº. 2, pp. 9-12.
- [3] Ib., nº. 24, p. 10; nº. 27, p. 8; e nº. 105, p. 7, Ib., nº. 118, p. 1.
- [4] Ib., nº. 47, p. 8 e nº. 136, p. 20.
- [5] ABNB, nº. 57, p. 9.
- [6] Ib., vol. III, nº. 4, p. 10.
- [7] Ib., vol. III, nº. 2, p. 7 e nº. 35, p. 5.
- [8] Ib., nº. 28, p. 6 e nº. 34, p. 9.
- [9] Ib., nº. 34, p. 12.
- [10] Ib., nº. 34, p. 5.
- [11] Ib., nº. 46, p. 8 e Ibid., nº. 48, p. 8; Ib., nº. 126, p. 8.
- [12] Ib., nº. 126, p. 8.

Notas do Capítulo X

- [1] ABNB, nº. 55, p. 6; www.mackenzie.com.br.
- [2] ABNB, nº. 53, pp. 4 e 6; *Ib.*, nº. 53, p. 2.
- [3] *Ib.*, nº. 53, p. 8.
- [4] *Ib.*, nº. 55, p. 8, nº. 63, p. 6.
- [5] *Ib.*, nº. 157, p. 3.
- [6] *Ib.*, nº. 60, p. 10.
- [7] *Ib.*, nº. 59, p. 5, nº. 84, p. 8.
- [8] *Ib.*, nº. 157, pág.14.
- [9] www.sbb.org.br.
- [10] ABNB, nº. 73, p. 10.
- [11] *Ib.*, nº. 55, p. 5, nº. 58, p. 14.
- [12] *Ib.*, nº. 124, p. 22. *ib.*, nº 55, p. 5; *ib.*, nº 58, p. 14.
- [13] *Ib.*, nº. 124, p. 22.

Notas do Capítulo XI

- [1] MARIANO, *Estudos Avançados* 52, p. 121; www.mackenzie.com.br.
- [2] ABNB, n.º. 88, p. 10; n.º. 89, p. 8; n.º. 91, pp. 8 e 12.
- [3] *Ib.*, n.º. 82, p. 6.
- [4] *Ib.*, n.º. 84, p. 3.
- [5] *Ib.*, n.º. 83, p. 7.
- [6] *Ib.*, n.º. 82, p. 6, n.º. 94, p. 1.
- [7] *Ib.*, n.º. 153, p. 16.
- [8] *Ib.*, n.º. 124, p. 1.
- [9] *Ib.*, n.º. 101, pp. 1, 9 e 10.
- [10] *Ib.*, n.º. 109, p. 5.
- [11] *Ib.*, n.º. 102, p. 22, n.º. 144, p. 24.
- [12] *Ib.*, n.º. 105, p. 10; n.º. 144, p. 14; n.º. 146, p. 1, n.º. 109, p. 29.
- [13] *Ib.*, n.º. 156, p. 7.
- [14] *Ib.*, n.º. 115, p. 24.

Notas do Capítulo XII

- [1] ABNB, n.º. 72, p. 9.
- [2] Ib., n.º. 93, p. 3.
- [3] Ib., n.º. 99, p. 3.
- [4] Ib., n.º. 94, p. 18
- [5] Ib., n.º. 99, p. 3.
- [6] Ib., n.º. 101, p. 7
- [7] Ib., n.º. 100, p. 20.
- [8] Ib., n.º. 101, p. 7.

Notas do Capítulo XIII

- [1] www.gracamusic.com.br.
- [2] BÍBLIA DE JERUSALÉM, apresentação; www.mackenzie.com.br.
- [3] ABNB, n.º. 122, p. 9, n.º. 156, p. 7 e n.º. 192, p. 21.
- [4] *Ib.*, n.º. 125, p. 10.
- [5] *Ib.*, n.º. 124, p. 2.
- [6] *Ib.*, n.º. 128, p. 3.
- [7] *Ib.*, n.º. 146, p. 9, n.º. 154, p. 3.
- [8] *Ib.*, n.º. 127, p. 18.
- [9] *Ib.*, n.º. 148, p. 20, n.º. 159, p. 11.
- [10] *Ib.*, n.º. 137, p. 12.
- [11] *Ib.*, n.º. 155, p. 9.
- [12] *Ib.*, n.º. 143, p. 1.
- [13] *Ib.*, n.º. 145, p. 24, n.º. 122, pp. 1 e 14.
- [14] *Ib.*, n.º. 144, p. 3.
- [15] *Ib.*, n.º. 145, p. 2.
- [16] *Ib.*, n.º. 144, p. 2; n.º. 148, p. 4.
- [17] *Ib.*, n.º. 147, p. 9, n.º. 148, p. 4.
- [18] *Ib.*, n.º. 148, p. 4.
- [19] *Ib.*, n.º. 156, p. 12.
- [20] *Ib.*, n.º. 157, p. 11.
- [21] *Ib.*, n.º. 155, p. 16.

Notas do Capítulo XIV

- [1] HALLOCK. *A Maior Dádiva e o Mais Precioso Tesouro*, pp. 184-191.
- [2] ABNB, nº. 174, p. 18.
- [3] *Ib.*, nº. 118, p. 1, nº. 47, p. 8 e nº. 136, p. 20.
- [4] *Ib.*, nº. 174, p. 18.
- [5] *Ib.*, nº. 145, p. 12.
- [6] *Ib.*, nº. 145, p. 6.
- [7] *Ib.*, nº. 149, p. 6, nº. 166, p. 16.
- [8] *Ib.*, nº. 149, p. 13, nº. 151, p. 2.

Notas do Capítulo XV

- [1] ABNB, nº. 167, p. 11.
- [2] Ib., nº. 166, p. 11.
- [3] Ib., nº. 168, p. 7.
- [4] Ib., nº. 172, p. 14.
- [5] Ib., nº. 172, p. 5, nº. 176, p. 15 e nº. 192, p. 27.
- [6] www.sbb.com.br.
- [7] ABNB, nº. 166, p. 11.

Notas do Capítulo XVI

- [1] ABNB, n.º. 159, p. 5.
- [2] Ib., n.º. 162, p. 7.
- [3] Ib., n.º. 168, p. 22.
- [4] Ib., n.º. 211, p. 24; Ib., n.º. 212, p. 9.
- [5] Ib., n.º. 172, p. 30.
- [6] Ib., n.º. 177, p. 8.
- [7] Ib., n.º. 178, p. 14.
- [8] Ib., n.º. 178, p. 22.
- [9] Ib., n.º. 180, p. 26.
- [10] Ib., n.º. 182, p. 13.
- [11] Ib., n.º. 180, p. 9.
- [12] Ib., n.º. 182, p. 25.
- [13] Ib., n.º. 181, p. 9.
- [14] Ib., n.º. 184, p. 18.
- [15] Ib., n.º. 189, p. 9; Ib., n.º. 191, p. 11; Ib., n.º. 190, p. 17.
- [16] Ib., n.º. 181, p. 13;
- [17] Ib., n.º. 155, p. 17.

Notas do Capítulo XVII

- [1] ABNB, n.º. 181, p. 20.
- [2] Ib., n.º. 207, p. 50.
- [3] Ib., n.º. 197, p. 27.
- [4] www.sbb.org.br — Institucional.

Notas do Capítulo XVIII

- [1] ABNB, n°. 193, pág.15.
- [2] Ib., n°. 198, p. 16, n°. 214, p. 33.
- [3] www.sbb.org.br - Projetos Sociais da SBB.
- [4] ABNB, n°. 181, p. 21.
- [5] www.sbb.org.br - Institucional.
- [6] ABNB, n°. 198, p. 17.

Notas do Capítulo XIX

- [1] ABNB, n.º. 194, p. 25.
- [2] Ib., n.º. 195, p. 27.
- [3] Ib., n.º. 198, p. 16, n.º. 214, p. 33.
- [4] Ib., n.º. 196, p. 26.
- [5] Ib., n.º. 199, p. 9.
- [6] Ib., n.º. 201, p. 25.
- [7] Ib., n.º. 200, p. 17, n.º. 201, p. 23.
- [8] Ib., n.º. 205, p. 24.
- [9] BÍBLIA SAGRADA — Nova Tradução na Linguagem de Hoje, Ed. Paulinas.
- [10] ABNB, n.º. 210, p. 16.
- [11] Ib., n.º. 214, p. 20.
- [12] www.gideoes.org.br.
- [13] Ib., n.º. 187, p. 26, n.º. 193, p. 29.
- [14] Ib., n.º. 214, p. 10.
- [15] Ib., n.º. 194, p. 19.
- [16] Ib., n.º. 216, p. 23.

Notas do Capítulo XX

- [1] ABNB, nº. 30, p. 6.
- [2] Ib., nº. 122, p. 2.
- [3] Ib., nº. 201, p. 19.
- [4] Ib., nº. 203, pág.1 e 10.
- [5] www.sbb.com.br, Museu da Bíblia.
- [6] Ib.
- [7] ABNB, nº. 214, p. 19.
- [8] Ib., nº. 213, p. 10.